

J u l i a n a D a n t a s

O QUE
ESCOLHEMOS

esquecer



J u l i a n a D a n t a s

O QUE
ESCOLHEMOS
esquecer

Copyright © 2019 por Juliana Dantas

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou os produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia.

Título Original: O que escolhemos esquecer

Capa: Jéssica Gomes

Revisão: Sheila Mendonça

Sumário

UM

DOIS

TRÊS

QUATRO

CINCO

SEIS

SETE

OITO

NOVE

DEZ

ONZE

DOZE

TREZE

QUATORZE

QUINZE

DEZESSEIS

DEZESSETE

DEZOITO

DEZENOVE

VINTE

VINTE E UM

VINTE E DOIS

VINTE E TRÊS

VINTE E QUATRO

VINTE E CINCO

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

*A felicidade é uma borboleta
Tento capturá-la todas as noites
Ela escapa das minhas mãos, para o luar*

Happyneess is a butterfly – Lana Del Rey

Parte I

Esquecimento

Um

Escuridão.

Por que tudo estava tão escuro? Abri os olhos e por um instante pontos negros contrastaram com a luz muito brilhante. Pisquei desorientada, lutando contra a dor na têmpora que aquela luz me causava.

Movi-me, e tudo doeu.

Serrei as pálpebras com força gemendo e de repente ouvi uma movimentação ao meu redor. Voltei a abrir os olhos e desta vez consegui focalizar além da luz forte. Um teto branco e limpo.

Virei a cabeça, ainda sentindo as leves pontadas, e paredes brancas me cercavam. Respirei uma longa golfada de ar e senti o cheiro de éter inconfundível de um hospital.

Hospital?

O que eu estava fazendo em um hospital?

— Ella?

Minha atenção foi capturada por uma voz desconhecida a minha direita. Alguns passos foram dados em minha direção até que um homem de jaleco branco se colocou no meu campo de visão.

— Como se sente?

O médico colocou uma lanterna nos meus olhos e gemi virando a cabeça.

— O que... — Minha voz saiu pastosa e grossa, como se eu não a usasse há muito tempo e minha garganta queimou, mas forcei a fala. — Onde estou?

— Em um hospital.

— Por quê? — Tentei me lembrar... O que teria acontecido para eu

estar num hospital?

— Não se lembra?

Ele continuou a me examinar, passando um negócio gelado por meu pé, que me fez encolher a perna, me surpreendendo com a dor de novo. Eu me sentia como se tivesse levado uma surra.

— Ella, preciso que me diga o que se lembra.

Fechei os olhos e puxei minha memória. Comecei a ficar seriamente perturbada. Eu sabia que meu nome era Ella Brooke. Morava em Aberdeen com meus pais. Tinha dezoito anos e estava me formando no Aberdeen High School. E a última coisa que me lembrava...

— Uma entrevista de emprego. — Lembrei de repente. — Eu estava viajando de carro para fazer um teste. Estava chovendo... — Soltei um gemido, a dor de cabeça se intensificando enquanto tentava lembrar mais coisas sem conseguir — Eu sofri um acidente? — indaguei começando a entender.

— Sim, sofreu.

— Ah não! — Isso queria dizer que eu estava terrivelmente atrasada. — Eu tenho que ir... — balbuciei tentando levantar, mas minha cabeça rodopiou e caí de novo ao mesmo tempo que o médico me pressionava contra a cama. — Tenho que fazer a entrevista...

— Não se mova. Seus ferimentos externos não foram graves, mas ainda está bastante dolorida e com algumas contusões.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Três dias.

— O quê? — gritei. Ou era para ser um grito, porém não passou de um sussurro engasgado.

— Não fique agitada. Vou fazer algumas perguntas, pode me responder?

— E minha família? — Preocupei-me com o estado que meus pais deviam ter ficado. Minha mãe estaria louca.

— Não se preocupe com isso. Ele está aí fora.

— Toby? — Pensei que meu namorado também devia estar preocupado.

O médico pareceu confuso.

— Apenas responda às perguntas.

Respirei fundo tentando ficar calma.

— Tudo bem.

— Qual o seu nome?

— Ella Marie Brooke.

— Onde você mora, Ella?

Ele perguntou meu endereço e eu dei o dos meus pais, em Aberdeen. Perguntava-me agora se eu ainda teria chance de mudar meu endereço para Seattle, como vinha sonhando desde que fora chamada para a entrevista de emprego na St. James Corporation. Era apenas um cargo de recepcionista, mas o salário era muito bom e eu poderia me mudar para Seattle. Meu pai não estava muito feliz com isso. Ele queria que eu fizesse faculdade, mas além de não termos dinheiro suficiente para ir a Yale como ele sonhara, eu também não estava certa que carreira queria seguir.

E não via problema nenhum nisso. Eu era jovem e tinha todo o tempo do mundo para me decidir.

O médico perguntou quem são meus pais e onde estudei e comecei a ficar impaciente com aquele monte de pergunta besta.

— Para onde estava indo quando sofreu o acidente?

— Eu já disse! Uma entrevista de emprego... Eu tinha que estar lá, senão... Oh droga, devo ter perdido a chance de conseguir o trabalho! — murmurei angustiada.

O médico me fitou com um olhar preocupado.

— Ella, em que ano nós estamos?

Oh Deus. O que aquele médico estava pensando? Que eu era uma louca ou algo assim?

— 2012 — respondi sem pestanejar.

Ele ficou em silêncio por alguns instantes, depois retirou os óculos e escreveu algo em sua prancheta, com o semblante muito grave.

— Quando eu vou poder sair daqui? — insisti impaciente.

— Ainda teremos que fazer alguns exames e... — Antes que ele terminasse, a porta do quarto se abriu e alguém entrou.

— Ella!

A voz desconhecida tinha um tom ao mesmo tempo preocupado e aliviado. Os passos se aproximaram da cama e eu o vi. Ele me fitava com um olhar que condizia com sua voz. Alívio e preocupação toldavam os olhos verdes e seu rosto cansado tinha uma barba por fazer de dias, talvez, calculei. Os cabelos escuros estavam bagunçados como se tivessem sido castigados por dedos impacientes e sua roupa amarrotada parecia que não era trocada há dias. E ele me olhava como se me conhecesse. E me chamara pelo nome, mas...

— Quem é você?

O desconhecido riu. Era um riso grave e bonito. Mesmo estando contundida e confusa eu tive que reconhecer.

— Ella? — Estendeu a mão para tocar a minha, mas a puxei, assustada, encarando o médico que suspirou tocando o braço do estranho.

— Preciso falar com você. Melhor deixá-la descansar.

— Mas... Ela está bem? — o estranho indagou ao médico me encarando sem mais o olhar de alívio. Agora era pura preocupação.

— Lá fora.

O estranho parecia que não ia ceder. Passou os dedos pelos cabelos, exasperado e então, lançando-me um último olhar consternado, seguiu o médico.

Assim que saíram, me senti estranhamente só. E ao mesmo tempo aliviada. Quem era aquele cara? Eu devia conhecê-lo? Claro que não. Nunca o tinha visto na vida.

Fechei os olhos, sentindo-me impaciente e aflita. Precisava ver um rosto conhecido. Qualquer um servia. Meu pai, minha mãe, Toby, quem quer que fosse. Alguém para me explicar o que diabos estava acontecendo.

Apesar de toda impaciência, acho que acabei adormecendo, pois despertei com o quarto envolvido em uma suave penumbra.

Alguém se movimentou do meu lado.

— Ella?

Era ele. O estranho bonito de cabelos escuros. O que ele estava fazendo ali ainda? Eu gemi quando uma pontada de dor traspassou minha cabeça.

— Está sentindo dor? Vou chamar o médico...

— Não... Eu só... Será que poderia dizer quem é você?

Ele aproximou-se da cama. Era alto. E parecia maior ainda parado ali enquanto eu permanecia indefesa. Quase ri desse pensamento.

— Você realmente... Não se lembra?

Havia dor na sua voz? Ou era impressão minha?

— Me lembro do quê?

— O médico me disse que você não se lembrava...

— Do que eu tenho que me lembrar?

— De mim. — Seus olhos sondaram meu rosto com uma expressão angustiada.

Oh Deus. Será que havia alguma ala psiquiátrica no hospital e ele

tinha fugido de lá?

— Olha, não sei quem é você, ou o que está fazendo aqui, mas parece uma boa ideia chamar o médico agora... ou melhor, deve ter alguém da minha família aqui ou o Toby...

— Sua família não está aqui, Ella. Nem o... Toby. — Sua voz se tornou sombria.

— Por que não? O médico disse que estou aqui há três dias!

— Sim, está.

— Eles não sabem que eu acordei? É isso?

— Ella, me escuta. Você precisa entender... As coisas que se lembra, ou melhor, que não se lembra...

Comecei a ficar verdadeiramente irritada.

— Escuta você... Será que pode me deixar em paz? Chama o médico, por favor...

— Ella...

Ele tentou tocar minha testa, mas dei um tapa na sua mão.

— Não ponha a mão em mim!

Ele parecia irritado agora também. Mais que isso. Parecia estar sofrendo. E algo dentro de mim se agitou. Culpa? Eu nem o conhecia, caramba! Respirei fundo, tentando me acalmar.

— Olha, me desculpa. Não queria ser rude, mas isso tudo está muito esquisito e estou ficando com medo! Não gosto nem um pouco desse tipo de situação que me deixa no escuro!

— Eu sei. — Ele sorriu, para meu assombro.

Talvez não fosse um maluco perigoso. Talvez se conversasse educadamente, me deixasse em paz. Seja lá quem fosse.

— Qual seu nome?

— Luke.

— Certo. Luke. — O nome não me dizia nada. — Será que poderia chamar o médico para mim?

— Sim, eu irei. Mas antes precisamos conversar. Quero ter certeza... Do quanto você não se lembra.

Eu revirei os olhos impaciente. De novo aquela história?

— Por que insiste nisso?

— Porque você realmente esqueceu.

— Esqueci do quê?

Ele respirou fundo.

— Ella... Se eu te dissesse que essa não é a primeira vez que nos vimos?

— Eu diria que você é maluco, eu nunca te vi antes.

— Mas nós nos vimos.

— É alguma piada?

— Quem dera que fosse... — Ele passou os dedos pelos cabelos, com um sorriso sem humor.

— Certo. Então, segundo você, nós nos conhecemos?

— Sim.

— E por que eu não me lembro de você?

— Porque, segundo o médico, está com alguma espécie de amnésia.

Eu ri. Mas ele permaneceu sério.

— Está brincando, não é?

— Não, não estou.

— Não pode ser verdade! — Droga, eu não poderia estar acreditando nele. Era surreal demais.

— Ella, quando o médico perguntou em que ano estávamos você respondeu...

— 2012.

— Nós não estamos em 2012.

— Ah não?

— Não.

— Certo, em que ano nós estamos então?

— Já se passaram sete anos.

— Você é mesmo maluco — murmurei.

Mas em resposta ele se levantou, pegou um jornal esquecido em cima de uma mesa e colocou na minha frente. Olhei a data e senti uma vertigem. Não podia ser!

Eu o encarei, empalidecendo.

— Mas como...

— Ella, você esqueceu sete anos da sua vida.

Engoli em seco. Começando a acreditar em tudo aquilo. Por mais bizarro que fosse.

Sete anos.

Sete anos!

Meu estômago começou a revirar e minha cabeça a doer em busca de respostas.

— Eu não estava indo fazer a entrevista?...

— Não. Você estava dirigindo, mas não era a entrevista.

— O que aconteceu?

— Você bateu o carro.

— E fiquei em coma...

— Três dias.

Fechei os olhos com força, tentando conter o nó na minha garganta e o apavoramento que ameaçava me engolfar. E quando o abri, o encarei com uma nova ótica.

— Nós realmente nos conhecemos?

— Sim.

— Há quanto tempo?

— Sete anos.

— Sete anos... — Eu o conhecia há sete anos e não me lembrava. Era simplesmente surreal demais para mim.

— E o que você significa... para mim? — sussurrei, como se a resposta estivesse em mim mesma. Mas dentro de mim era só o vazio. Não havia nada.

— Isso, teremos que descobrir — respondeu suavemente.

E me senti de novo sendo tragada pela escuridão.

Dois

Quando acordei de novo, me recusei a abrir os olhos. Minha mente registrando os últimos acontecimentos insólitos. E, por um momento, achei que tivesse sonhado. Que estava no meu quarto, na minha casa e a qualquer momento meu pai entraria dizendo que eu estava atrasada para a aula, ou que havia alguma ligação do Toby a minha espera.

Mas mesmo antes de abrir os olhos, eu sabia, bem lá no fundo, que não adiantava me enganar.

Aquela realidade não fazia mais parte da minha vida.

Há sete anos.

Casa, família, Toby.

Senti um aperto no peito. Tudo ficou perdido nos sete anos que minha mente apagou misteriosamente. E no lugar havia apenas um estranho de cabelo escuro, olhos verdes intensos e beleza deslumbrante. Que dizia me conhecer todo esse tempo. E sabe Deus de que tipo de conhecimento estava falando!

Antes que eu conseguisse achar uma saída na minha mente obscura para aquela confusão, a porta se abriu e o mesmo médico que havia conversado comigo ontem entrou.

— Olá, Ella, como se sente?

— Perdida.

Ele sorriu complacente.

— Eu entendo. Mas estou aqui para tentar ajudá-la.

— Estou mesmo com... amnésia?

— A partir do momento que não se lembra de nada que aconteceu durante sete anos da sua vida, sim, está.

— E isso é... permanente?

— Não temos como saber. Você pode lembrar as coisas aos poucos, ou tudo de uma vez, ou lembrar apenas algumas coisas. Ou até mesmo...

— Nunca lembrar — murmurei.

— Sim, é possível. A mente humana ainda é um total mistério. Mas a boa notícia é que não há nenhuma sequela física. Está com algumas escoriações e vai se sentir dolorida por mais alguns dias. Estará nova em folha em pouco tempo.

— E sem lembrar de nada.

— Ainda lembra quem é... Algumas pessoas nem isso.

Então devia me sentir grata por ainda saber meu nome e lembrar dezoito anos da minha vida?

Suspirei, desalentada.

Deus, eu não tinha mais dezoito anos! Aquilo era muito, muito estranho. Quantas coisas mais eu perdi? O que tinha acontecido na minha vida durante aqueles sete anos? Por mais que tentasse havia apenas um buraco negro na minha mente. E nada mais.

No entanto, eu podia perguntar, não podia? Alguém iria me contar. A imagem do estranho me veio à mente. Seria ele a única pessoa que poderia me dar as respostas?

Antes que eu seguisse minha linha de raciocínio, uma enfermeira entrou no quarto.

— Olá, já se sente bem? Acho que gostaria de tomar um banho?

Eu sorri agradecida. Banho. Coisas normais. Acho que ia fazer me sentir melhor. A enfermeira me ajudou a ir até o banheiro e percebi o quanto estava debilitada. Eu mal consegui me apoiar nas minhas pernas.

Enquanto ela me ajudava a ficar de pé e tirar a horrível camisola do hospital, mirei minha imagem no pequeno espelho na parede e o reflexo de

algo azul no meu braço chamou minha atenção.

— O que é isso? — Abaixei o olhar para meu ombro e perdi o fôlego ao ver uma borboleta azul pousada sobre minha pele.

Uma tatuagem.

Que eu sequer me recordava de ter feito.

— O que foi, algum problema? — a mulher perguntou solícita e engoli a súbita vontade de chorar.

— Eu apenas não me lembro disso — sussurrei e notei a pena em seu olhar enquanto me levava para o chuveiro.

Depois que voltei para o quarto, com minha nova camisola de hospital, me perguntei onde estariam minhas coisas. E onde estaria minha família? Por que eles ainda não estavam ali?

— Por favor, será que você pode conseguir um telefone? — indaguei estranhando que não houvesse um no quarto. Mas aí me lembrei que estava em coma. Na certa concluíram que eu não precisava de um.

E sabe Deus onde estaria meu celular. Se é que eu tinha um.

— Claro que sim. Eu já volto.

Assim que a enfermeira saiu, ele entrou. O estranho.

Prendi a respiração ao vê-lo. Parecia mais bem recomposto do que no outro dia. Havia trocado de roupa e feito a barba.

— Olá. — Sorriu meio inseguro e me vi sorrindo de volta, da mesma forma insegura.

Era esquisito que, no intervalo de poucas horas, ele houvesse meio que se transformado no meu único porto seguro. Ao menos até alguém que eu realmente conhecesse aparecesse. Esse pensamento me fez ficar séria novamente.

— O que está fazendo aqui? — Não consegui evitar o tom meio afrontoso da minha voz.

Ele ficou sério também. De novo notei um lampejo de angústia em seu rosto e me senti culpada.

— Me desculpe. É que é tão... esquisito. Sei que me disse que nos conhecemos, mas... ainda preciso me adequar a isso tudo.

— Eu sei. Não quero que se preocupe.

Eu sorri sem humor.

— Impossível. Acordei de um coma achando que estou com dezoito anos quando na verdade sete anos se passaram. Sete anos dos quais eu não me recordo de nada!

— Você vai se lembrar.

Havia convicção em sua voz.

— Vou? — Não consegui conter a ironia. — O médico disse que há a possibilidade de eu nunca... — Me calei, respirando fundo. A dor que aquilo me causava era enorme.

— Ella...

Meu nome saiu de sua boca com pesar e tive a impressão que queria me tocar, mas se continha, é que isso era difícil para ele.

E o pior era me dar conta que havia uma parte minha, talvez aquela parte inconsciente dentro de mim, a parte que se lembrava, que também ansiava por isso. E de novo eu me perguntei quem era ele. Eu podia perguntar de novo. Podia exigir respostas. Mas tive medo. Medo do que eu iria ouvir. Medo de não gostar do que eu ia ouvir.

— É... Luke, não é?

— Sim. — Ele riu.

E senti algo se mexendo dentro de mim com aquele riso.

— Certo... Luke. Eu queria saber... Eu preciso, na verdade. Falar com a minha família. Por que eles não estão aqui? — De repente um medo cego me tomou. — Está tudo bem com eles? Minha mãe? Meu pai? — Deus, tanta

coisa acontecia em sete anos...

— Sim, estão bem.

Respirei aliviada.

— Então por que não estão aqui?

— Porque eles estão longe.

— Como assim? Estamos em Seattle? Não é tão longe assim.

— Ella, estamos em Nova York.

— Que diabos eu estou fazendo em Nova York?

Antes que respondesse eu segurei a cabeça com as mãos.

— Como eu posso não me lembrar? O que estou fazendo aqui é só uma das perguntas, não? Tem tantas outras! Eu não sei nem quem eu sou mais!

— Você ainda é a mesma Ella.

— Não tenho mais dezoito anos... — lamentei.

— Algumas pessoas achariam isso bom. — Ele sorriu.

— Eu quero falar com a minha família. Não importa que esteja em Nova York. Eu sofri um acidente! Eles têm que estar aqui!

— Eles virão, assim que possível.

— Eu falarei com eles por telefone então. Eles devem querer saber como eu estou.

— Eu já falei com eles.

— Você conhece minha família?

— Sim.

Mordi os lábios com nervosismo. Estava na hora de fazer a pergunta. Aquela que eu temia.

— Luke... quem é você? — indaguei num fio de voz.

— Meu nome é Luke St. James.

St. James? Ele disse St. James?

— Eu estava indo fazer uma entrevista para a St. James Corporation...
— Eu o encarei, arregalando os olhos. — Você é um St. James da St. James Corporation?

— Sim, Ella.

— Então... Oh meu Deus, eu consegui o emprego?

Ele sorriu, parecendo divertido.

— Sim.

— Então foi lá que nos conhecemos... — murmurei tentando forçar a minha mente a lembrar, mas não havia nada.

Eu não me lembrava de ter conseguido o emprego. E muito menos de ter conhecido aquele homem. Mas antes que pudesse continuar com minhas perguntas a enfermeira entrou no quarto e disse que precisava tirar minha pressão. Eu concordei de má vontade.

— Onde estão minhas coisas?

Ela sorriu para Luke. Era impressão minha ou ela parecia... deslumbrada? Revirei os olhos, irritada, sem nem saber por que.

— Eu trouxe suas coisas, Ella, não se preocupe — ele respondeu.

Certo. Luke St. James tinha acesso as minhas coisas. Era perturbador, para dizer o mínimo.

— Quando irei embora daqui?

— O médico disse que terá alta em poucos dias.

Respirei aliviada.

Sim. Teria alta e voltaria para Aberdeen.

— Está se sentindo melhor? — a enfermeira indagou solícita.

— Sim, bem melhor. Gostaria de vestir algo meu.

Ela sorriu complacente.

— Claro.

— E onde está o telefone que eu te pedi?

Ela trocou um olhar com Luke e franzi os olhos ao vê-lo sacudir a cabeça afirmativamente.

— Eu já vou buscar.

Ela saiu do quarto.

— O que foi isso?

— Isso o quê?

— Ela te pediu permissão?

— Claro que não.

A enfermeira voltou minutos depois e me deu o telefone.

Hesitei antes de ligar. Será que ainda era o mesmo número? Disquei ligeiramente trêmula.

Ninguém atendeu. Tentei não me desesperar, quando liguei o número do celular da minha mãe. Era mesmo muito estranho que eu me lembrasse de coisas tão triviais e outras simplesmente estavam se escondendo dentro de mim.

Senti grande parte da tensão indo embora quando ouvi a voz conhecida do outro lado do telefone.

— *Chloe.*

— Mãe!

— *Ella! Você está bem, querida?*

— Claro que não! Como é que eu sofro um acidente e vocês nem estão aqui?

— *Estávamos tentando! Mas estamos em meio a um caos aqui, com o tornado e tudo mais. E Luke nos tranquilizou hoje quando disse que já acordou...*

— Tornado? Em Aberdeen?

Minha mãe hesitou do outro lado da linha.

— *Querida, não estamos em Aberdeen.*

— Onde estão?

— *Em Moçambique.*

— Na África? Meu Deus, o que diabos estão fazendo aí?

— *Oh Deus, claro que você não sabe! Luke nos contou que está com a mente confusa. Ella, eu e seu pai nos mudamos há alguns anos para a África, para trabalhar com o Médicos sem Fronteiras.*

Fiquei sem fala por um momento.

Meus pais eram médicos e até onde eu sabia, trabalhavam no hospital de Aberdeen. Meus pais sempre tiveram o sonho de se juntar aos Médicos sem Fronteira, mas com meu nascimento, eles adiaram este sonho. Sempre achei que eles tinham desistido, mas aparentemente estava enganada.

— *Estamos tão aliviados que tenha acordado! Está muito difícil conseguir sair daqui, no momento! Mas iremos voltar assim que possível. Como está se sentindo?*

— Péssima — murmurei com vontade de chorar. — Não consigo me lembrar dos últimos anos, mãe... Nem sequer me recordo que foram para a África.

— *Não fique assim. Isso é passageiro. Vai se lembrar de tudo, tenho certeza.*

— Mãe, é sério este negócio de sete anos? — Eu ainda tinha a impressão que tudo fosse uma grande brincadeira, ou algo assim.

— *Eu sinto muito, Ella. Você sabe que é. E eu também acho que sua mente só está confusa. Daqui a poucos dias tudo passa.*

— É tão horrível, mãe...

— *O importante é que está fora de perigo. Nós iremos em poucos dias ver você.*

— Mas eu preciso saber tanta coisa! O que eu estou fazendo aqui para começo de conversa!

— *Por que não pergunta ao Luke? Tenho certeza que ele responderá todas as suas questões, até que a sua amnésia passe.*

Meu olhar cruzou com o dele, tensos.

— Porque eu não o conheço — sussurrei querendo que ele não ouvisse meus temores. Mas é claro que ele tinha ouvido.

Desviei o olhar. Minha mãe deu um suspiro cansado.

— *Ella, confie nele, ok? Tudo vai ficar bem.*

— Eu o conheço mesmo há sete anos?

— *Conhece sim.*

Queria perguntar mais, mas não na frente dele. Quando fosse embora, eu podia ligar para minha mãe de novo.

— Tudo bem. Eu esperarei. O médico disse que terei alta em poucos dias.

— *Isso é ótimo. Agora preciso desligar. Deve descansar.*

— E, mãe...

— *Sim?*

Lá vinha a questão mais difícil.

— E o Toby? Eu... nós ainda?...

— *Não, Ella. Você pode não se lembrar agora, mas já se passaram sete anos e muita coisa mudou.*

Fechei os olhos com força. Sabia que Luke me fitava, mas não queria ver o olhar dele.

— Desde quando? — questionei, mas já sabia a resposta, antes mesmo de minha mãe responder.

— *Sete anos.*

Toby não era mais meu namorado. Fazia sete anos. Era estranho pensar que ele não estava mais na minha vida.

— Tudo bem — murmurei, mas nada estava bem.

— *Amo você, querida, tudo vai se resolver.*

Eu desliguei. Não iria discutir mais. Não na frente “dele”.

Minha mãe dissera para confiar. Mas era difícil confiar sem saber de nada. Não, nada ia ficar bem. Eu queria voltar no tempo. Só isso. Queria esconder o rosto entre as mãos e chorar.

Mas engoli o nó na garganta.

— Se sente melhor agora? — Luke indagou. Havia suavidade em sua voz.

Eu o fitei incisivamente.

— Eu quero que me diga, agora, sem rodeios. O que você é para mim? Por acaso eu e você... nós... nós temos algum tipo de... relacionamento?

— Sim, nós temos.

Então meus temores eram verdadeiros. Este cara que eu nunca tinha visto na vida, não só me conhecia há anos, não só fazia parte da minha vida há anos. Nós tínhamos um relacionamento.

— É... esquisito. Eu não... não me lembro de você. Como pode? — sussurrei. — Se nós somos... de alguma maneira... íntimos... por que eu não me lembro?

— Acha que eu também não gostaria de saber? Acha que é fácil para mim? Ficar aqui olhando você me tratar como um estranho?

De novo aquela dor. Era quase insuportável.

— Sinto muito — eu me vi dizendo. E realmente sentia. De repente eu queria saber tudo. Tudo o que tinha perdido. Cada detalhe daquela história. Da nossa história. — Você vai me dizer? Vai me contar o que aconteceu nesses sete anos?

— Não.

— Por que não? Não é justo! Eu posso nunca me lembrar!

— Eu sei. Mas tenho que acreditar que você vai lembrar.

— Então é assim? Vai me deixar no escuro até que eu me lembre? Se é que eu vou me lembrar um dia?

— Não. Eu a ajudarei a lembrar.

Eu me recostei nos travesseiros, de repente me sentindo muito cansada para entender aquela lógica.

— Você precisa descansar.

Sim, eu já sentia minhas pálpebras se fechando.

— Você vai embora?

— Eu não vou a lugar algum.

E me senti bem com aquilo. Eu não queria que Luke se fosse. Não ainda. Não quando eu não sabia quem ele era para mim.

Três

Quando acordei, Luke St. James não estava mais no quarto. Outra enfermeira sorridente apareceu e abriu as cortinas. O dia estava chuvoso e frio. “*Nova York.*”, pensei com desgosto. Ainda queria saber o que eu estava fazendo ali. Mais uma pergunta para quando Luke aparecesse.

E se Luke não voltasse? Isso me deixou com certo pavor. Eu podia não me lembrar dele, mas atualmente era a única pessoa que podia me ajudar. Era só por esse motivo que estava sentindo aquele vazio ao pensar que ele poderia desaparecer para sempre.

Mas nós tínhamos “algo”. Ele mesmo afirmou. Eu me senti curiosa. Será que eu me lembraria de tudo?

Algum tempo depois, o médico entrou para me examinar e me fez várias perguntas para as quais eu não tinha resposta.

— Ainda nada, não é? — Eu me senti desanimada.

— Precisa ter paciência e não ficar ansiosa.

— Como se fosse fácil...

A enfermeira entrou logo em seguida e perguntei se poderia colocar alguma roupa e sair da cama.

— Sim, acho que posso ajudá-la.

Ela saiu do quarto e retornou com uma mala contendo algumas coisas e eu sinceramente não me lembrava de nada daquilo. Sim, pareciam as roupas que eu usava. Mas não eram as mesmas, definitivamente. “*Claro que eu não teria as mesmas roupas de sete anos atrás.*”, pensei irônica fazendo uma careta de dor enquanto ela me ajudava a vesti-las. E depois me deu um espelho.

— Talvez queira arrumar os cabelos.

Eu nunca fui muito ligada em aparência nem nada disso, mas estava meio ansiosa quando peguei o espelho e dei um suspiro de alívio ao ver que eu não tinha mudado absolutamente nada. Até meus cabelos continuavam os mesmos, talvez um pouco mais compridos.

— Não mudei nada — murmurei como se fosse para mim mesma, tentando ajeitar as ondas do meu cabelo castanho ondulado.

— Não mesmo.

Levantei a cabeça assustada ao ouvir a voz inconfundível. Luke me fitava com um sorriso contido.

Eu fiquei vermelha.

— Oi — falei meio apalermada dando o espelho para a enfermeira.

— Oi, Ella.

— Onde estava? — Oh droga, estava mesmo o questionando? De onde saíra aquilo?

— Precisava resolver umas coisas, mas planejava estar aqui quando você acordasse.

— Claro que sim. Deve ter uma vida. Não precisa ficar me pajeando vinte e quatro horas por dia.

— Vejo que encontrou suas roupas.

— Sim, embora não pareçam minhas roupas.

A enfermeira aproximou-se novamente.

— Você disse que gostaria de sair da cama.

— Eu queria mesmo. Sinto-me uma inválida deitada aqui.

A enfermeira se posicionou para me ajudar, mas Luke a dispensou.

— Deixe que eu a ajudo.

Luke me pegou no colo e meu rosto ficou a centímetros do dele. Ele tinha olhos verdadeiramente lindos.

Passei o braço em volta do seu pescoço, para minha surpresa,

apreciando aquele contato.

Era tão... natural. Quase fácil demais, ficar ali, fitando seu rosto tão próximo do meu, seus braços em volta de mim. E de repente sentir um calor repentino se espalhando por meu corpo e uma fraqueza quase absurda. Mas durou muito pouco, ele me colocou no sofá e voltei a sentir frio. Estremeci.

— Está com frio?

Sacudi a cabeça afirmativamente.

— Não gosto muito de frio... Estamos no inverno? — Era estranho não saber nem em que estação do ano estávamos.

— No outono.

— Preciso te fazer algumas perguntas.

— Se eu puder responder...

— Como assim "se puder responder"?

— Eu conversei com o médico, e ele acha que você ainda está bastante confusa e se encher sua cabeça com muita informação de uma vez pode ser pior.

— Isso é ridículo! Eu preciso saber!

— Você precisa lembrar.

— Quer dizer que ficarei no escuro até que me lembre, é isso?

— Não, eu ajudarei você a lembrar.

Isso me deixou frustrada, mas tentei me controlar.

— Certo. Então vamos ver o que pode me responder.

— Pergunte.

— Por acaso nosso relacionamento é... — sabia que estava ficando vermelha e me senti ridícula, mas tinha que perguntar — relacionamento amoroso?

Luke fitou o chão por alguns minutos, o rosto pensativo e então me encarou muito sério.

— Como você se sente sobre isso?

Oh. Então a resposta era mesmo afirmativa?

— Muito estranha. Eu não conheço você. Na minha mente eu ainda estou namorando outra pessoa — murmurei me lembrando de Toby.

O que teria acontecido com ele nesses sete anos? Há quanto tempo não estávamos mais juntos? Quando foi que o troquei por esse cara na minha frente? Se é que eu tinha pulado de um para o outro. Poderia ter vários outros caras no meio da história.

Esse pensamento me perturbou e sacudi a cabeça para afastá-lo. Já bastava ter que lidar com Luke. Não dava para lidar no momento com mais gente desconhecida. Eu queria perguntar sobre Toby, mas me calei. Ele estava bem sério me fitando daquele jeito que parecia estar com o peso do mundo nas costas.

— E nós trabalhamos juntos na St. James?

— Sim.

— E você é um St. James, então... — Tento me lembrar o que tinha pesquisado sobre a empresa na internet. O CEO era Anthony St. James. Lembro de ter ficado impressionada com sua foto. Era um homem distinto de cinquenta e poucos anos muito bonito.

Será que Luke era parente de Anthony?

— Sim, eu sou um St. James — Luke respondeu pacientemente esperando que eu concluísse meu pensamento.

Era quase como se esperasse que eu achasse as respostas dentro de mim. Mas não havia nada na minha mente, por mais que tentasse.

— Eu me lembro de ter pesquisado sobre Anthony St. James...

— Sim, meu pai.

— Oh! — Fiquei impressionada. Então Luke era o filho do dono da empresa. Como diabos eu tinha me envolvido com ele? — E nós... Bem, me

lembro que eu realmente tinha um namorado. Então como foi que isso... — fiz um gesto abrangendo nós dois — aconteceu?

Ele não respondeu.

— Oh, pergunta proibida? Você não está ajudando muito!

— Eu vou responder suas perguntas, se você não se lembrar.

— E qual é o meu prazo?

— Até sair do hospital.

— Quando vou sair daqui? — Eu me enchi de esperança.

— Talvez alguns dias.

— Ainda bem!

De repente um celular tocou. Ele pegou do bolso e franziu a testa.

— Me desculpe, preciso atender.

Saiu do quarto e eu mordi a língua, louca de vontade de perguntar quem era. Mas ele voltou rapidamente. Parecia... tenso.

— Eu preciso ir.

— Claro. — Tentei parecer despreocupada e refrear a vontade de implorar para ele ficar.

Eu não me lembrava de ser tão carente antes. Será que eu era assim agora, ou apenas por causa da situação que vivia?

— Você ficará bem?

— Tão bem quanto uma pessoa que não se lembra de nada pode ficar — respondi triste.

— Eu voltarei à noite.

— Não precisa — respondi rápido.

— Ella... — Ele parecia estar prestes a repreender uma criança.

— É sério, Luke. Não precisa ficar aqui me vigiando. Eu ficarei bem.

“Tentando forçar a minha mente lembrar onde você se encaixa na minha vida, já que não quer me dizer!”, pensei um tanto frustrada.

— Certo. — Ele olhou o relógio. — Eu voltarei amanhã, tenho mesmo que trabalhar...

— Trabalhar? Aqui em Nova York? — Eu me senti curiosa.

— Sim. Agora eu preciso mesmo ir.

E sem aviso, ele se inclinou e beijou minha testa. Foi rápido e inesperado. Fechei os olhos na fração de segundos que durou o contato de seus lábios contra minha pele e quando abri, Luke já tinha desaparecido.

Naquela noite, Luke realmente não apareceu e, sozinha, eu me perguntava se não tinha sido precipitada em dispensá-lo.

Sentindo-me sozinha, liguei para meu pai.

Era como eu me lembrava.

Na minha mente havíamos conversado antes de eu sair para ir para Seattle. Uma viagem de duas horas. Ele estava preocupado que eu iria dirigir para tão longe pela primeira vez. Não parecia contente que eu fosse trabalhar em vez de ir para a faculdade como ele e minha mãe queriam. Eu o havia tranquilizado. Tinha garantido que seria cuidadosa. Que estaria de volta em pouco tempo e implorado para que ele e mamãe estivessem em casa para o jantar, para que pudéssemos conversar sobre como seria minha vida a partir de então, me mudando para outra cidade. Eu estava confiante que ia conseguir aquele emprego. Estava ansiosa para minha nova vida.

Uma nova vida que tinha perdido em minha memória agora.

— Pai, por que não está aqui? — choraminguei como uma menininha.

— *Sua mãe te explicou, querida. Estamos passando por um grande desastre. Muita gente precisa de nós...*

— Eu preciso de vocês!

— *Mas você estava fora de perigo e Luke achou melhor...*

A menção de Luke tomando conta de tudo me irritou.

— Claro, Luke. O cara que eu nem sei quem é!

— *Não fale assim. Você apenas não se lembra. Mas é temporário...*

— E se não for? — externei meu maior medo.

— *Tenho certeza que é sim. Não fique preocupada, não te fará bem.*

— Eu me sinto sozinha...

— *Não está sozinha. Luke está cuidando de tudo...*

Meu Deus, por que todo mundo achava que Luke era a solução para todos meus problemas? Será que ninguém percebia que ele não era nada para mim?

— Eu quero voltar para Aberdeen. Vem me buscar, pai...

— *Querida, não faça isso. Eu sei que é difícil entender, mas confie no Luke...*

— Eu não conheço o Luke! Por que estão fazendo isso comigo? Eu sei que já passou sete anos e...

— *Sim, e você é adulta e tem sua vida, Ella. Tudo vai ficar bem, precisa apenas se acalmar e tratar de melhorar para que sua memória volte...*

— Certo, eu entendi. Parece que mais coisas mudaram nesses sete anos do que eu imaginava... — Desliguei sem me despedir me sentindo mais confusa e sozinha do que nunca.

Eu não era mais aquela adolescente que dependia dos pais para viver. Eu era uma adulta agora. Só não sabia como aquilo tinha acontecido.

Luke voltou na manhã seguinte e por mais que eu pedisse que conversasse comigo, ele se negava. Então, eu o mandei embora e pedi também que não se desse ao trabalho de voltar.

— Ella, não seja infantil.

— Eu posso ser infantil! Na minha cabeça eu tenho dezoito anos e

então posso muito bem agir assim! — gritei sabendo mesmo que estava sendo ridícula, mas frustrada demais com os buracos na minha mente para agir de outra maneira.

— Tudo bem. Você está nervosa. Amanhã nós conversaremos.

Eu não respondi e ele se foi.

Naquele dia eu chorei pela primeira vez. Sentindo-me péssima por toda aquela confusão da minha mente.

Como prometido, no dia seguinte, Luke voltou. E eu o tratei friamente e ele não falou nada. Apenas ficou no quarto me observando enquanto eu lia um livro, que a enfermeira tinha me arranjado depois que eu pedi que ela me trouxesse alguma coisa para me distrair antes que eu enlouquecesse.

Depois, acho que ele se cansou e foi embora. Levantei o olhar do livro e suspirei tristemente. Nos dias que se seguiram, aconteceu a mesma coisa. Luke aparecia, eu o tratava como se não o conhecesse — e não conhecia mesmo, pensei irônica — e ele se cansava e partia.

Ao final de uma semana, eu já me sentia muito melhor e comecei a ficar ansiosa para ir embora. Voltar para Aberdeen. Voltar para minha vida. Embora isso me deixasse um pouco apreensiva. Para que vida eu voltaria? Eu não sabia. Mas pelo menos eu podia insistir que minha família me contasse o que tinha acontecido comigo em sete anos. Porque eu ainda não me lembrava de absolutamente nada. E cada dia que passava mais angustiada eu ficava.

Meus pais ainda não conseguiam saber quando sairiam da África. E pareciam muito tranquilos por eu estar melhorando. Só que eles não entendiam que fisicamente eu podia estar quase perfeita, mas emocionalmente eu estava destruída.

Angustiada, coloquei o livro que tentava ler de lado e me levantei, agora já podia me locomover sozinha sem achar que ia desmaiar ou sentir

muita dor. Ainda me sentia meio estranha, mas tudo bem. Caminhei pelo quarto e me sentindo confinada saí para o corredor.

E se eu saísse do hospital, alguém me barraria? Eu quase fiz isso, mas iria para onde? Nem sabia onde estava minha bolsa, documentos... Então parei. Claro, como eu era idiota. Por que não perguntara antes? Eu devia ter uma bolsa. E podia fuçar e ver se descobria alguma coisa.

Estava voltando para o quarto para chamar a enfermeira, quando vi um jornal em cima de um banco. Eu o peguei, curiosa. Melhor me atualizar. Afinal, estava sete anos atrasada!

Voltei para o quarto, folheando o jornal e então uma chamada de matéria me chamou atenção e parei, sentindo uma vertigem.

Toby estava no jornal.

Havia uma foto dele ao lado de outros dois homens. A matéria era sobre o mercado financeiro e dizia que Toby trabalhava numa tal empresa chamada AJ Investments.

Eu li rapidamente a matéria. Não falava muita coisa, na verdade era só uma nota.

O que Toby estava fazendo ali, em Nova York também?

Eu senti meu coração disparar no peito com a possibilidade de encontrá-lo. Não podia ser só uma coincidência! Toby morava e trabalhava ali em Nova York e eu estava aqui agora também. Lembrei-me que minha mãe dissera que Toby e eu não estávamos mais juntos, mas não era possível que não tivéssemos nenhum contato! E se ele estava ali na mesma cidade que eu, por que não viera me ver no hospital? Será que não sabia do meu acidente?

De repente uma ideia me ocorreu.

Algum tempo depois, entrava em um táxi me sentindo meio insegura

do que estava fazendo. Mas pela primeira vez, desde o dia em que acordara naquele hospital, sentia que podia haver uma saída. Toby era uma pessoa do meu passado. O passado que para mim não estava há sete anos e sim a poucos dias de distância. E agora eu ia falar com ele.

Assim que tomei a decisão de ir vê-lo, chamei a enfermeira e pedi que trouxesse a minha bolsa. Ela parecera meio insegura quando saiu do quarto, mas depois de alguns minutos retornou com uma pequena bolsa preta.

Joguei tudo em cima da cama, ansiosa, mas não havia nada demais.

Um bolo de chaves, onde constava a chave de um carro, uma carteira com minha identidade apenas e algum dinheiro.

Eu nunca fora de andar com a bolsa cheia de quinquilharia como muitas mulheres e agora isso se voltava contra mim! Mas aquilo bastava. Peguei o telefone e liguei para o serviço telefônico e solicitei o endereço da tal AJ Investments. Não foi difícil.

Sem pensar duas vezes, peguei a bolsa e saí do quarto e para minha sorte, ninguém me barrou até que eu chegasse à rua e pegasse o táxi.

— Aonde vamos? — o motorista perguntou.

Informei-lhe o endereço e fiquei olhando as ruas movimentadas pelas quais passávamos, torcendo a mão nervosamente.

— É aqui. — O motorista parou em frente a um bonito prédio envidraçado.

— Obrigada.

Desci do carro e caminhei resoluta, indiferente ao vento frio que me cortava o rosto. Algumas pessoas me olhavam curiosas quando entrei no prédio e fui até a recepção.

— Por favor, onde posso encontrar Toby Nelson? — indaguei a uma moça com uniforme azul.

Ela sorriu para mim.

— Olá, senhora, não esperava vê-la por aqui.

Eu franzi o rosto.

— Nos conhecemos?

Ela riu meio sem graça, ficando vermelha.

— Não, mas quem não te conhece!

Eu franzi ainda mais o cenho, sem entender. Mas eu tinha coisas mais urgentes para tratar naquele momento.

— Certo. Pode me dizer onde o Toby está?

— Claro. Ele está no vigésimo andar.

Ela me indicou o caminho para os elevadores e segui em frente.

No vigésimo andar, saí do elevador sem saber para onde ir, mas segui pelo elegante corredor até que ouvi a voz conhecida.

— Ella!

Eu me virei e lá estava ele. Toby Nelson.

Eu sorri, sentindo um alívio no peito.

— Toby! — Fui a sua direção notando que ele estava um tanto diferente do que eu imaginava. Ele usava agora os cabelos loiros mais curtos do que antes e sua pele não tinha mais aquele bronzeado de quem passava muito tempo ao ar livre. E em vez dos jeans e camiseta, usava um terno bem cortado, mas ainda era o mesmo Toby das minhas lembranças.

— Ella, o que faz aqui? — Seu semblante era grave e surpreso.

— Oi! — Eu me aproximei. Tentando lembrar que aquele ali não era mais meu namorado. Mas aquele era o cara que eu namorava desde os meus dezesseis anos. Meu primeiro e até onde eu sabia, único namorado.

— O que está fazendo aqui?

Eu dei de ombros, me obrigando a controlar minha ansiedade.

— Preciso conversar com você.

— Não acho uma boa ideia, Ella.

— Olha, sei que faz sete anos, mas aconteceram algumas coisas, eu sofri este acidente e...

— Eu sei. Você está bem?

— Você sabia? — Tentei conter a mágoa por ele saber que eu estava hospitalizada e nem ir me ver.

— Sim, sabia.

— E nem foi me visitar!

Ele deu um riso nervoso.

— Me disseram que você estava bem, e você sabe por que não era boa ideia...

— Sei? Olha, Toby, você precisa saber de uma coisa. Sei que deve estar ocupado agora, mas preciso mesmo, muito, conversar com você, eu não me lembro... — Percebi os rostos curiosos das pessoas que passavam pelo corredor — Droga! Será que a gente podia conversar com calma em algum lugar, por favor?

— Eu não sei... Eu não quero mais problemas, da última vez que estive aqui... Você sabe o que aconteceu. O Luke pode não gostar de vê-la aqui na minha companhia.

— Luke? — Um alarme soou na minha mente.

— Quem mais? Seu marido parece não gostar muito que converse comigo...

Senti uma vertigem me cegando e tive que me segurar na parede para não cair.

— Marido? — sussurrei, horrorizada. Como assim “marido”? Ele estava querendo dizer que eu era casada com aquele homem que mal conhecia? Comecei a sentir que realmente podia desmaiar.

— Ella?

Ouvi a voz agora conhecida atrás de mim e me virei, ainda tonta.

Luke me encarava com o semblante furioso, mas de repente mudou para preocupado.

— Você está bem?

— Não... — murmurei sentindo tudo girando ao meu redor.

E a última coisa que me lembro antes de desmaiar é de braços protetores me apoiando para que eu não fosse ao chão.

Quatro

Acordei atordoada, abri os olhos e olhei ao redor. Onde estava? Parecia um... Escritório?

— Você está bem?

A voz vinha do outro lado do escritório e eu a reconheci. Estava me tornando craque em reconhecê-la agora. Eu o fitei, aturdida, enquanto me sentava no sofá onde estava deitada, de repente me lembrando por que tinha desmaiado. E meu coração se apertou.

Não. Não. Não.

Não podia ser verdade. Podia? Era surreal demais.

— É verdade? — indaguei num fio de voz, querendo que ele risse e dissesse que era tudo uma brincadeira.

Mas seu semblante grave dizia que nada daquilo era brincadeira.

— Sim, é.

Fechei os olhos com força e quando os abri o encarei com raiva.

— Eu passei mais de uma semana naquele hospital e você me viu todos os dias, quando é que pretendia me contar esse pequeno detalhe?

— Você não estava preparada para ouvir isso.

— E estaria quando? — Quase gritei me levantando e senti uma tontura de novo.

Luke se aproximou rápido e segurou meu braço, mas o repeli.

— Não ponha a mão em mim!

Ele me soltou sem reclamar e eu cobri o rosto com as mãos.

— Isso não pode estar acontecendo...

— Ella, eu sei como deve ser difícil...

Levantei a cabeça, o encarando com pesar.

— Difícil é uma palavra bem moderada para explicar o que estou sentindo agora...

Luke respirou fundo, pude perceber que estava se contendo para não explodir.

— Você precisa se acalmar. Vou levá-la de volta para o hospital.

— Não quero e nem preciso voltar para lá. Já estou bem. Quero ir para minha casa. Quero ir para Aberdeen.

— Você não mora mais em Aberdeen — Luke falou isso com uma compaixão na voz, como se estivesse sentindo muito pelo que eu estava passando agora.

E eu estava mesmo à beira de um colapso.

Se já não fosse ruim demais saber que eu tinha perdido sete anos da minha vida, ainda teria que lidar com a novidade insana de que eu era casada. E com uma pessoa que nem conhecia. Fechei os olhos novamente, tentando forçar as lembranças, mas nada aconteceu e me senti exausta. Física e emocionalmente. As lágrimas vieram fáceis e um soluço cortou minha garganta.

Desta vez eu não o empurrei quando senti seus braços em volta de mim e deixei que me abraçasse enquanto chorava por toda aquela confusão a minha volta. E então percebi, enquanto encharcava sua camisa e sua mão acariciava meus cabelos, que não adiantava nada fugir. A realidade era aquela ali na minha frente. E por mais que eu quisesse voltar no tempo, seria impossível.

Eu tinha que me esforçar para aceitar... e lembrar.

— É mesmo tudo verdade, não é? — sussurrei quando parei de soluçar.

— Eu sinto muito que não se lembre, Ella.

— Eu também — murmurei. — Eu queria tanto lembrar... — Minha

voz não passava de um sussurro amedrontado.

— Eu prometo que vou te ajudar... eu preciso que se lembre... de mim.

Afastei-me um pouco para olhar seu rosto. E pela primeira vez, me pus em seu lugar. Se tudo fosse mesmo verdade, e eu já estava me resignando que era, então devia ser horrível para Luke que eu não me lembrasse de nada. De nenhum dos nossos momentos juntos.

Eu nem me lembrava dele!

— Sinto muito... por não lembrar... Desculpe por estar agindo assim com você... deve ser horrível.

Ele sorriu.

— Não é culpa sua.

— Acha mesmo que vou me lembrar?

— Tenho que acreditar que sim.

— E se eu não lembrar?

Luke levantou a mão e seus dedos tocaram meu rosto, enxugando algumas lágrimas que ainda estavam por ali.

— Então teremos que fazer novas lembranças.

Luke me convenceu a voltar ao hospital e não me opus. Estava exausta demais para discordar.

— Eu quero apenas saber se está mesmo bem, então eu te levo para casa — disse enquanto dava partida no carro.

Casa.

Uma palavra muito abstrata para mim no momento.

De repente algo me ocorreu.

— O que faz aqui?

— Eu trabalho aqui.

— Como assim? No mesmo lugar que o Toby?

— Sim — respondeu laconicamente, como se não quisesse mais falar do assunto e não insisti, pois começava a me sentir muito cansada e com dor de cabeça.

Chegamos ao hospital e tinha uma enfermeira me esperando com uma cadeira de rodas e por mais que eu insistisse que podia muito bem andar, fui obrigada a sentar naquilo.

— Aí está a fujona — o médico falou bem-humorado e fez uma careta.

— Não sabia que era uma prisioneira — resmunguei enquanto ele me examinava.

— A boa notícia é que você já pode ir para casa. Mas terá que voltar na semana que vem, para que eu a examine novamente.

Eu não sabia se ficava feliz ou apreensiva com aquela notícia. O médico saiu e Luke o acompanhou.

A enfermeira me encarou.

— Você nos deixou preocupados.

— Me desculpe — falei envergonhada.

Ela me ajudou a arrumar minhas coisas e insistiu que eu voltasse para a cadeira de rodas.

— Isso é exagero.

— Seu marido falou que estava com tontura.

Disfarcei um arrepio. A palavra marido ainda me causava arrepios de horror.

E a pessoa que falava que era casada comigo voltou e sorriu para mim.

— Pronta para ir para casa?

Senti-me nervosa.

Pronta? Para o quê? Para começar a aceitar que eu dividia a minha vida com ele? Eu não sabia se um dia estaria pronta para tanto, mas forcei a cabeça num gesto afirmativo.

O silêncio no carro era quase opressivo. Preferia assim. Sentia um nó na boca do estômago, um medo do desconhecido. No fundo, tinha vontade de implorar que Luke me levasse de volta para Aberdeen, mas não podia. Eu era adulta agora, não era? Tinha que enfrentar aquela situação. Com um pouco de sorte, eu me lembraria logo de tudo.

Pior era que eu tinha medo do que eu ia lembrar também.

— Descanse. — Ouvi sua voz e o fitei. — Ainda vamos demorar a chegar.

Olhei em volta e reparei que as ruas da cidade tinham ficado para trás e que agora estávamos numa estrada.

— Estamos saindo da cidade?

— Sim.

— Para onde estamos indo?

— Hamptons.

— Nós moramos lá?!

Ele sorriu, fitando a estrada.

— Também.

Não falei mais nada. Havia tantas coisas que eu queria saber, mas que tinha certo medo de perguntar. Fechei os olhos, sentindo-me sonolenta. Acordei com o carro parando. A tarde findava e deixei meu olhar vagar em volta, atordoad.

— Chegamos?

— Sim.

Luke saiu do carro e deu a volta, abrindo a porta para mim,

estendendo a mão. Eu a segurei e saltei olhando com os olhos arregalados para um mar não muito longe.

— Uau! — balbuciei e ele riu.

— Você disse a mesma coisa a primeira vez que veio aqui.

Eu o encarei, curiosa.

— E quando foi isso? — arrisquei.

— Algum tempo atrás.

Revirei os olhos, meio irritada pela resposta dúbia e Luke bateu a porta do carro e para minha exasperação, me pegou no colo.

— Eu posso andar! — reclamei entredentes, mas ele ignorou e me carregou para dentro.

A mim não restou nada a não ser passar o braço por sua nuca e me perguntar se ele tinha feito o mesmo quando chegamos ali pela primeira vez.

Luke abriu a porta e eu olhei em volta, curiosa, enquanto ele subia uma escada em caracol. Era uma casa bonita, clara. Só que não ostentativa.

— Nós moramos mesmo aqui?

— Às vezes.

— Como assim?

— Nem sempre podemos ficar aqui. Mas é onde gostamos mais de ficar.

Ele me levou para um quarto muito bonito em tom de azul-claro e deduzi que aquele devia ser nosso quarto. Limpei a garganta, quando me colocou no chão.

— Você não espera que nós... nós... — Não conseguia nem olhar para cama. — Espero que entenda que não posso dormir com você.

— Não ia forçá-la a nada, Ella.

— Só queria deixar bem claro — expliquei. — Então, acho melhor me levar para outro quarto.

— Fique aqui. Eu durmo em outro quarto.

Dei de ombros, tentando não dar muita importância àquele assunto.

— Tudo bem.

Caminhei pelo quarto, olhando tudo, tentando reconhecer aquele lugar como meu. Era tão... elegante.

Definitivamente não parecia meu quarto e eu ri.

— O que é engraçado?

— É tudo muito elegante e fino... Não consigo me imaginar escolhendo esses móveis, essas cortinas... — confessei e ele sorriu também e mais uma vez reparei em como ele tinha um sorriso delicioso.

Delicioso? Eu tinha mesmo pensado isso? Esperava não estar ficando vermelha.

— E você tem... quer dizer, nós temos... — Forcei o *nós* a sair pela minha boca. Ainda era muito estranho. — Uma empregada para arrumar tudo ou algo assim? — Aquela casa parecia enorme e trabalhosa.

— Sim. Ela não mora aqui, mas vem sempre.

— Oh... — Não sabia se gostava ou desgostava daquela informação. Significava que estávamos absolutamente sozinhos naquele lugar a ermo... Tentei não pensar muito nisso. Não era como se estivesse com um estranho era? Afinal ele era meu... meu... Eu nem conseguia pronunciar direito, mas enfim, ele era o que era, apesar de meus medos. E teria que conviver com aquele fato.

Passei a mão em cima da penteadeira tão arrumada, nada ali parecia meu. Abri a porta de um enorme closet e havia muitas roupas, que não pareciam minhas também.

— Estas coisas são minhas?

— São.

— Eu mudei tanto de estilo em sete anos? Parece tão... clássico!

Ele riu e fechei a porta rápido quando constatei que havia roupas masculinas ali também.

— Então é isso — falei sem saber o que fazer agora.

— Vou deixar você descansar — Luke disse, talvez reparando como eu estava tensa.

Eu não queria descansar. Tinha passado toda uma semana no hospital sem fazer nada, mas não discuti. Era melhor mesmo agora ficar sozinha.

— Tudo bem.

Ele saiu do quarto e fui até a janela. Anoitecia e um vento frio agitava as ondas. Era um lugar lindo e me senti curiosa sobre o que deveríamos fazer ali. Coisas que eu tinha esquecido. Talvez eu devesse ir atrás dele e fazer as perguntas que me afligiam. No entanto, estava também com medo de perguntar. De encarar o desconhecido. Suspirei e fui até o banheiro e de novo comecei a fuçar em tudo, mas nada ali parecia familiar. Resolvi tomar um banho e depois tentei achar uma roupa mais parecida comigo.

Coloquei um jeans e um suéter, e tentei pentear meus cabelos molhados. Não havia nenhuma escova à vista e comecei a abrir as gavetas. Nada. Fui para a gaveta do criado-mudo e então uma coisa me chamou a atenção. Um porta-retratos. Eu o peguei e parei de respirar ao ver a minha foto e de Luke. Eu coloquei a mão na boca, tentando voltar a respirar. Era a primeira prova realmente concreta de que nos conhecíamos antes. Não dava para ver onde estávamos, era uma *selfie* de nossos rostos, e nos beijávamos sorridentes. Felizes.

Sentindo um aperto no peito, coloquei a foto de novo dentro da gaveta com cuidado e a fechei. Como se tivesse fechando meu passado ali. Um passado desconhecido. Então me perguntei o que aquele porta-retratos estaria fazendo dentro da gaveta. Não deveria estar em cima de algum móvel?

Saí do quarto, disposta a fazer algumas perguntas. E me dei conta que

não conhecia nada da casa e não fazia ideia de onde Luke estaria. Desci as escadas e ouvi sua voz e fui naquela direção.

Ele estaria falando com alguém? Eu o encontrei numa cozinha espaçosa, ao telefone. Assim que me viu murmurou uma despedida e desligou.

Parecia tenso ou era impressão minha?

— Está tudo bem? — perguntou forçando um sorriso.

— Com quem estava falando? — indaguei desconfiada.

— Com a minha mãe.

Oh. Claro que ele tinha uma mãe.

— Ela queria saber se você estava bem.

— Certo...

— Está com fome? — perguntou e eu reparei que parecia que ele estava cozinhando alguma coisa e meu estômago roncou, me lembrando de que eu não tinha comido nada o dia inteiro.

— Sim... Você cozinha? — indaguei curiosa e ele sorriu encabulado.

— Não tão bem quanto você... — Ele me jogou um sorriso antes de voltar a atenção às panelas e ruborizei, sentindo um calor repentino.

— Posso te ajudar? — perguntei timidamente.

— Não é melhor sentar?

Revirei os olhos, irritada.

— Eu estou bem, quantas vezes tenho que repetir? — falei mexendo nos armários e colocando alguns pratos na mesa.

Ele apenas riu e não falou nada. Nós comemos num estranho silêncio, ouvindo as ondas arrebitarem na praia.

— Está com sono? — perguntou quando acabamos.

— Não.

— Quer dar uma volta?

Eu fiz que sim e o segui para fora da casa, a noite estava um tanto fria, mas era agradável.

— Nós não estamos no inverno, né? — Tentei me lembrar.

— Não, no outono, eu disse.

— É esquisito... não saber nem o mês que estamos.

— Setembro.

— Certo... Eu achei uma foto nossa — falei de repente —, só não entendi por que estava numa gaveta e não em cima de algum móvel por aí.

Luke parecia estar pensando para responder e desconfiei.

— Foi de propósito? Você escondeu tudo o que dizia respeito a nós dois?

— Não...

— Então o que a foto estava fazendo guardada?

— Não faço ideia.

— Nós estávamos... nos beijando na foto — murmurei ficando vermelha.

— É o que costumávamos fazer — Luke resmungou, num tom meio irritado, fazendo o caminho de volta para casa e eu o segui, incerta.

Minha mente agora estava cheia de perguntas. Dúvidas que até aquele momento não tinha passado pela minha cabeça.

Como seria beijá-lo?

Senti um frio no estômago ao pensar nisso. Era como pensar em beijar um estranho.

Mas ele não era um estranho.

— Luke?

Eu parei, com uma ideia se formando na minha cabeça.

Luke me encarou.

— Eu quero testar uma coisa. — E ficando nas pontas dos pés eu o

beije.

Foi estranho como os primeiros beijos. Ele não reagiu enquanto eu passava meus lábios no dele até que me afastasse, sentindo meu rosto queimar.

— Me desculpe — murmurei dando meia-volta, lamentando aquela ideia idiota.

Mas de repente, Luke agarrou meu braço com uma mão e a outra puxou minha nuca, a boca descendo sobre a minha. Arfei surpresa.

A boca dele deslizava sobre a minha com vontade, obrigando-me a abrir os lábios para a suave invasão de sua língua. Eu perdi o prumo. Perdi a razão. Perdi o ar.

E a pergunta de como seria beijá-lo foi respondida.

Eu não sabia como eram nossos beijos antes, mas aquele era quente como o inferno. E então algo soou dentro da minha mente. Algo familiar e me agitei em seus braços, que agora, eu reparava, me apertavam contra ele. E Luke me soltou.

— Me desculpe. — Foi sua vez de dizer, passando a mão pelos cabelos.

Eu o fitei confusa e ofegante, ainda sentindo meu coração disparado no peito, os lábios formigando e um calor abrasador queimando meu corpo.

— Tudo bem — respirei fundo em busca de ar —, eu vou... dormir.

Quase corri pelas escadas até chegar ao quarto e fechar a porta atrás de mim, me encostando nela. Eu tinha me lembrado de alguma coisa? Fechei os olhos com força, buscando na minha mente algo familiar. Mas nada. Eu não tinha me lembrado de nada. Talvez fosse apenas o beijo. Afinal, se éramos casados, óbvio que já teríamos nos beijado um milhão de vezes. Talvez o meu corpo fosse capaz de algo que minha mente não era. Talvez o meu corpo reconhecesse o dele. Suspirei pesadamente, passando os dedos por

meus lábios, rememorando a sensação do beijo e estremeci.

Não fora uma boa ideia, afinal.

Porque aquele desejo que eu sentia agora era totalmente inesperado.

E eu não fazia ideia de como lidar com ele.

Cinco

Luke estava deitado num jardim. Havia flores por todos os lados e o sol impingia um brilho quase dourado em seus cabelos naturalmente escuros. Sua camisa estava aberta e meus olhos correram famintos por seu peito perfeito, onde uma tatuagem de borboleta descansava. Eu me senti esquentar e não era de calor. Passei a língua pelos lábios subitamente ressequidos quando ele me fitou e sorriu. Joguei de lado o livro que tinha em mãos e me levantei, indo em sua direção, como se estivesse obedecendo a um chamado silencioso. Parei na sua frente e me sentei em seu colo, lançando os braços em volta do seu pescoço e atraindo sua boca para minha. Num segundo, suas mãos estavam sobre mim. Em meu rosto, meus cabelos, minhas costas, meus quadris, me atraindo para mais perto e gemi mordendo seus lábios. Ele riu baixinho, separando a boca da minha, para morder minha garganta.

— Au — gemi de dor, mas ele já estava beijando o local mordido e agora eu gemi de prazer, meu corpo derretendo devagar contra o dele.

Beijando seus ombros, deslizei as mãos pelo peito forte enquanto movia meus quadris contra os dele e ele soltou um grunhido, me apertando mais. Ele estava excitado. E isso me excitou ainda mais.

Pousei meus lábios na sua tatuagem.

— Quero uma igual?

Luke riu.

— O quê?

— Quero fazer uma como a sua. Uma borboleta. — Eu o encarei.

Suas mãos retiraram minha blusa.

— Onde?

Ele beijou meu ombro.

— *Aqui ficaria bom...*

— *Acho que deveria fazer na minha barriga.*

Luke riu me encarando.

— *Por quê?*

— *Porque é onde eu as sinto sobrevoando quando me olha assim.*

Com um gemido, ele me beijou de novo.

— *Eu quero você agora mesmo — murmurei.*

— *Aqui? — Seus dedos se embaraçavam em meus cabelos.*

— *Que seja...*

E ataquei sua boca novamente. Eu pouco me importava com a hora ou lugar. Dentro de mim existia apenas aquele sentimento sublime que era estar com ele. Aquela necessidade maravilhosa e ao mesmo tempo assustadora. De novo eu estava perdendo todo o senso. Mas acho que Luke ainda tinha algum, pois se levantou comigo no colo, ainda me beijando e caminhou comigo em direção a casa. Eu senti um arrepio de antecipação...

E acordei.

Sentei na cama, ofegante e confusa. E olhei em volta do quarto ainda estranho. Minha vida ainda era estranha. E eu estava sonhando com Luke. Ou me lembrando?

Será mesmo que aquele sonho era uma lembrança? Fechei os olhos com força, rememorando o sonho.

Não foi uma boa ideia. Lembrar-me de como ele me beijara, me tocara, de que estávamos prestes a fazer... Eu gemi desalentada. Não podia ser uma lembrança. Devia ser fruto da minha mente confusa. Era tudo culpa daquele beijo. Minha mente devia estar me pregando uma peça e agora eu estava tendo sonhos eróticos com Luke.

Joguei as cobertas para o lado e tomei um banho no enorme banheiro da suíte. Ao passar pelo espelho, toquei a tatuagem. No sonho, Luke tinha

uma parecida, mas no peito largo e bonito. Minha boca ficou seca com a lembrança. Irritada, sacudi a cabeça para parar com aqueles pensamentos. Abri o armário, de novo caçando alguma roupa. O tempo lá fora estava nublado, mas não parecia estar tão frio. Quando abri a porta do quarto e desci as escadas, comecei a me sentir subitamente nervosa de encará-lo.

Parei na porta da cozinha. Luke estava sentado com um laptop sobre a mesa, lendo alguma coisa e uma xícara de café ao seu lado. Parecia tão compenetrado e por um instante eu fiquei ali, apenas o observando até que o sonho voltou a minha mente, fazendo meu rosto esquentar.

As imagens na minha cabeça eram tão nítidas como se fossem... uma lembrança. Ofeguei, assustada e ele levantou a cabeça me fitando.

— Você está aí.

Foram palavras simples com um arremedo de sorriso. Algo na minha expressão deve ter me denunciado, pois Luke franziu a testa em seguida.

— Está tudo bem?

Eu me obriguei a relaxar.

— Sim, está tudo bem... Bom dia. — Dei um passo para dentro e então estaquei, meio que sem saber o que fazer.

— Está com fome?

Sacudi a cabeça negativamente.

— Mas aceitaria um pouco deste café.

Luke apontou para uma cafeteira e eu me servi, sentando a sua frente.

Ele voltou ao laptop. E eu fiquei o observando.

— Você não deveria estar trabalhando ou algo assim?

— Sim, deveria.

— Então por que está aqui? Eu realmente não quero te atrapalhar de alguma maneira...

— Ella, eu quero estar aqui. Isso está fora de discussão.

— Mas o seu trabalho é tão importante, não parece natural que esteja aqui em vez de... — De repente eu parei. De onde vinham aquelas considerações?

Como eu sabia que o trabalho de Luke era importante para ele?

Eu não fazia ideia. Porém, intuía de alguma maneira que Luke era um homem que colocava o trabalho acima de tudo.

E ele me encarava como se soubesse o que ia à minha cabeça e de repente ficou sério.

— Sim, meu trabalho é importante. Mas estar tão perto de te perder me fez reavaliar algumas prioridades. Você é mais importante agora.

Desviei o olhar. Era perturbador encará-lo quando ele ficava assim tão... intenso. Era mais fácil manter a conversa leve e longe das zonas de perigo.

— Certo... — Tamborilei os dedos sobre a mesa, enquanto ele voltava a digitar, ignorando sua declaração anterior. — Se você está trabalhando naquela empresa... A AJ Investments... Não está mais na St. James? — Tentei entender.

— Não mais.

— Desde quando?

— Alguns anos. — Continuava digitando enquanto respondia distraído e aproveitei para continuar o interrogatório.

— Não é ruim que esteja aqui e não trabalhando? Isso não pode prejudicá-lo?

— Não se preocupe. Eles entendem.

— Eu duvido. Isso é muito... irresponsável!

— Ella, é sério. Está tudo sob controle.

— Tem certeza? Você pode... voltar para Manhattan... Eu não me importo...

— Eu me importo. — Ele agora estava sério e até meio... irritado.

E me perguntei o que teria dito para deixá-lo assim.

— Você pode não se importar... ou não se lembrar por que preciso ficar aqui, mas entenda que isso não vai mudar.

Oh, então foi isso. Luke ficou irritado porque falei que não me importava de ele estar ali comigo, enquanto deveria estar trabalhando em Manhattan. Mas não foi isso que eu quis dizer. Não mesmo. E essa constatação meio que me chocou.

— Eu posso não me lembrar, mas não quer dizer que não me... importe. O que eu quis dizer é que eu entendo a necessidade do seu trabalho. E eu me sinto... um pouco culpada de estar atrapalhando você.

Respirei depois da avalanche de palavras. Luke ficou em silêncio por um instante, apenas me fitando e então começou a rir.

— Você não sabe mesmo o que está dizendo... — comentou voltando a digitar, mas segurei seu pulso.

— Então me explica. Você prometeu me explicar tudo quando eu saísse do hospital!

Luke olhou para minha mão em cima da sua e eu corei retirando rápido, como se tivesse levado um choque. Ele soltou um palavrão e passou a mão pelos cabelos.

— Que diabos... Eu prometi mesmo, não é?

— Sim, prometeu.

— Mas não posso, Ella. Não acho que apenas... fazer um relatório de toda nossa vida vai te ajudar.

— O quê? Não...

— Está tudo dentro da sua mente. Você tem que querer lembrar.

— Não é justo! — resmunguei levantando e lavando a xícara que eu usei. Olhei através da janela e o dia ainda estava nublado e as ondas

arrebentavam na praia. A quietude era incrível. E de repente me dei conta de que éramos só nós dois ali. Longe de tudo...

— Temos vizinhos?

— Sim, mas as casas não são próximas.

— E aquela tal empregada que você falou?

— Ela estará aqui daqui a pouco.

— Ela vem todo dia?

— Às vezes.

Eu me virei.

— Certo. Eu vou deixar você ler em paz. Acho que vou... dar uma volta.

— Eu vou com você.

— Não! Eu vou sozinha.

— Ella...

— Não vou me perder nem nada disso. Vou apenas à praia. — E saí antes que ele me impedisse.

Caminhei pela praia sem rumo e pensei de novo no sonho. Eu podia ter perguntado para Luke, mas só de pensar em descrever o que eu tinha sonhado já sentia meu rosto esquentar de vergonha. Tudo bem que éramos casados. Só que isso na minha mente era “teoria” e não “prática”.

E se fosse realmente uma lembrança? Queria dizer que eu estava começando a lembrar? E quando me lembraria de mais? Havia tanta coisa perdida. Tantas questões não respondidas...

Mas Luke dissera que me ajudaria a lembrar. E até agora ele não fizera nada nesse sentido. Estava na hora de cobrá-lo. Voltei para casa decidida a exigir algumas respostas e encontrei uma senhora ruiva de meia-idade na cozinha em vez de Luke.

— Olá, Ella. — Sorriu como se me conhecesse.

Oh, claro. Ela devia me conhecer. Senti-me meio nervosa. Ela só poderia ser a tal empregada.

— Oi — eu a cumprimentei, incerta, e então ela bateu na própria testa.

— Oh, me desculpe. O Luke me contou o que aconteceu. Eu realmente lamento.

— Não mais que eu — falei irônica e ela riu dando alguns passos em minha direção e limpando a mão no avental que usava.

— Meu nome é Megan, eu cuido da casa para vocês.

Segurei sua mão. Megan tinha um aperto firme e um olhar sereno que transmitia confiança.

— Muito prazer, Senhora Megan.

Ela voltou para a pia fazendo um gesto de descaso com a mão.

— Sem formalidades.

— Me desculpe. Esqueço que nós... nos conhecemos — gaguejei.

Ela riu.

— Não se sinta culpada. Você vai lembrar.

Suspirei cansada.

— Onde está Luke?

— Pedi que fizesse algumas compras... mas você sabe como ele é... vai trazer tudo errado.

Não, eu não sabia como ele era. Mas não falei nada.

— Vá descansar. E não se preocupe comigo. Sou quase invisível.

Eu sorri e me afastei. E então me dei conta que não conhecia a casa. Curiosa, eu comecei a perambular pelos cômodos claros e me surpreendi ao gostar do que via, apesar de ser enorme e de algumas portas estarem trancadas, mas o quarto ao lado do meu estava aberto e deduzi que era o quarto de Luke. Ou melhor, o quarto que estava usando, porque eu disse que

não podia dormir com ele.

Sentindo-me uma intrusa, saí dali e fui para o meu próprio quarto.

De repente me sentia muito sozinha e confusa, e decidi ligar para meus pais.

— Oi, pai!

— *Ella, você está bem?*

— Estou... quer dizer... estou tentando.

— *Luke me disse que já saiu do hospital.*

— Sim, ontem... espera, ele te ligou?

— *Claro que sim. Ele sabe que queremos saber como você está.*

— Sei... estão tão preocupados que nem para me avisarem de um pequeno detalhe insignificante como, por exemplo, eu ser casada com ele!

— *Ella, nós apenas achamos que fosse melhor...*

— Como pode ser melhor? Sabe o susto que eu tomei? Eu fui ver o Toby!

— *Luke me contou isso também.*

Eu comecei a ficar irritada com aquele papo de “Luke me disse para cá, Luke me disse para lá”. Não era uma coisa natural para mim, ligar aquele quase estranho ao meu pai.

— Eu ainda estou muito brava com vocês por isso.

— *Ella, não aja como uma pirralha adolescente, por favor!*

— O quê? Quer que eu aja como? Na minha mente eu sou mesmo uma pirralha!

— *Pois tem que se lembrar de que não tem mais dezoito, e sim vinte e cinco.*

— Certo. É difícil quando as pessoas ficam escondendo detalhes da sua própria vida de você.

— *Você precisa se esforçar para lembrar.*

— Eu estou de saco cheio desse papo. Eu preciso que me contem o que aconteceu comigo nesses sete anos! Poxa, eu me casei e ninguém nem para me contar!

— *O Luke acha que é melhor assim. É muita informação para quem não se lembra de nada...*

— Espera aí. Foi o Luke que pediu para você não me contar nada?

— *Ella...*

— Foi ele?

— *Sim, foi.*

— Eu não acredito! Como ele pôde?

— *Ella, para de ser irracional. Está lutando contra algo que é irremediável. Ele está com você agora e tem que confiar nele.*

— Como eu posso confiar em alguém que esconde coisas de mim e ainda envolve minha própria família? — Eu sabia que estava agindo como uma criança mimada, mas não conseguia evitar. Eu estava muito brava com o Luke.

— *Ella...*

E ouvi um barulho de um carro chegando.

— Preciso desligar.

E sem mais, desliguei na cara do meu pai. Talvez eu me arrependesse desse comportamento depois, mas no momento eu queria sangue.

Corri para a janela e vi Luke cheio de sacolas e Megan conversando com ele ainda lá fora. Nossos olhares se encontraram e meu rosto deve ter denunciado algo.

— Ella... — Ele fitou Megan e não soube dizer se estava alarmado ou preocupado. Mas não esperei para saber, eu disparei pelas escadas.

— O que aconteceu? — ele indagava.

— Eu não sei... — Megan balbuciava confusa quando os alcancei.

— Ela se lembrou?

Foram as palavras estranhas de Luke e eu me aproximei, o empurrando. As sacolas caíram de suas mãos.

— Seu imbecil! — Eu o empurrei mais uma vez.

— Hei... o que deu em você?!

— Pediu para meu pai não me contar nada! Como pôde?

— Era para seu bem — respondeu comedido, como se falasse com alguma criança malcriada e isso me irritou ainda mais.

— Você não tinha o direito!

— Ella, acalme-se.

— É melhor eu ir ver o almoço — Megan murmurou e se afastou rapidamente.

Era bom mesmo que ela se afastasse, porque eu estava tão nervosa que podia sobrar para qualquer um.

— Não quero me acalmar — gritei. — Estou cansada de ficar no escuro!

— Eu sei que deve ser horrível para você...

— Horrível? Essa situação é no mínimo irreal! Eu não conheço você, eu não conheço essa casa! Estou cansada de tentar entender. Quero ir embora daqui. Quero ir para minha casa! — desabafei.

Luke passou a mão pelos cabelos num gesto que eu já tinha aprendido identificar nele, como algo a ver com frustração ou nervoso. E quando ele me fitou seu olhar estava carregado de angústia.

— Sua casa é aqui.

— Ah é? Então me prove! Prove que somos realmente um casal, prove que eu vivo mesmo com você, porque eu não sinto isso! — eu gritava como se para mim mesma. Estava frustrada comigo mesma. — Como eu posso ter certeza que é o que realmente diz ser?

— Você falou com sua mãe. E seu pai. Acha que eles iam mentir para você? Acha que sua família a deixaria aqui comigo se não fosse verdade?

Eu engoli em seco. Mas é claro que não. No fundo eu sabia que era tudo verdade. Mas não lembrar era tão irritante que eu tinha que descarregar em alguém. Eu estava mesmo sendo irracional. Respirei fundo, tentando me acalmar.

— Você tem que me contar. Por favor — implorei —, ou existe algum motivo para não me contar? — De repente esse pensamento se formou na minha mente vindo de não sei onde. Era isso? Haveria algo a esconder de mim?

— Eu quero que você lembre, Ella.

— Eu me lembrei de algo. — Soltei de repente e Luke ficou alerta.

— Se lembrou? Do quê? — indagou ansioso e me senti culpada por ter achado que ele não quisesse que eu me lembrasse.

— Eu não sei... Se foi uma lembrança... ou apenas um sonho... — Comecei a me sentir vermelha e desviei o olhar.

— Conte-me.

Mordi os lábios tentando começar a falar, mas fomos interrompidos.

— O almoço está pronto.

Respirei aliviada ao ouvir a voz de Megan, mas Luke soltou uma imprecisão.

— Agora não, Megan.

— Será que podemos falar sobre isso depois? Estou realmente com fome.

Ele parecia que ia insistir, mas assentiu.

— Tudo bem. Você me conta depois.

— Combinado.

Seis

Almoçamos em silêncio e comecei a me sentir nervosa. Como é que eu ia contar para Luke sobre aquela memória quase... erótica? Eu estava morrendo de vergonha, o que era completamente irracional. Éramos casados, droga!

Mas era estranho, já que eu não me lembrava desse detalhe.

— Luke, telefone para você. — Megan entrou na sala e anunciou.

Luke se afastou para atender.

— Quem era? — perguntei como quem não quer nada para Megan.

— Era do trabalho — ela respondeu desviando o olhar e tive a nítida impressão que estava mentindo.

Por quê?

— Perdi o apetite — resmunguei e me levantei.

— Aonde vai?

— Fale para o Luke que fui para meu quarto. — Eu não ia falar nosso quarto. Porque agora não era mais nosso quarto mesmo.

— Você está bem? — Megan indagou.

— Estou com dor de cabeça.

— Tome um comprimido.

— Não, não quero. Eu só preciso... Fechar os olhos.

Subi as escadas e então ouvi a voz de Luke baixinho no telefone. E me deu vontade de voltar e ficar escutando atrás da porta, mas contive minha curiosidade. Mesmo porque minha cabeça estava mesmo começando a doer.

Entrei no quarto e depois de fechar as cortinas, sentei na cama e, abrindo a gaveta, peguei a foto de nós dois. Deitei-me e fiquei olhando para aquela foto, como se algo pudesse sair da minha mente. Como se eu pudesse

me lembrar do dia que ela fora tirada. Mas nada saiu. Fechei os olhos com força, largando a foto na cama e deitando de bruços, lutando contra o nó na minha garganta e o vazio no meu peito. Mas mesmo assim, sentia lágrimas quentes rompendo meu controle e enterrei a cabeça no travesseiro.

Não sei dizer quanto tempo depois eu ouvi a porta abrir e passos se aproximando. Dedos mornos tocaram meu rosto retirando os fios de cabelo da minha face eu abri os olhos.

— Você está bem? — Luke perguntou baixinho.

Os dedos dele permaneciam em meu rosto, como se fosse algo muito natural estar ali e senti um aperto no peito. Provavelmente era natural. Eu apenas não me recordava. E esse pensamento me encheu de angústia de novo. Sentei na cama e uma parte de mim quase lamentou quando ele retirou a mão do meu rosto.

— Estava chorando?

Forcei um sorriso.

— Estou com dor de cabeça — murmurei.

Ele estendeu um copo para mim e um comprimido.

— Megan me falou. Tome isso.

— Eu não...

— Tome, o médico falou que é normal sentir alguma dor, enquanto...

— Estiver com a amnésia — completei mordaz.

— Sim.

Peguei o comprimido e o copo. Luke se sentou a minha frente enquanto eu ingeria.

— Não finja que está tomando.

— Não me trate como criança.

Ele riu.

— Às vezes você parece criança.

E o fitei curiosa, enquanto tomava o comprimido.

— Eu tinha dezoito anos quando nos conhecemos... Quase criança mesmo. Quantos anos você tinha?

— Vinte e cinco.

— Um tanto mais velho... Isso soa meio pervertido — brinquei.

Ele sorriu. Aquele era um sorriso de tirar o fôlego e com certeza tirou um pouco do meu. Mordi os lábios desviando o olhar e vi a foto. Ele pegou o porta-retratos.

— Quando tiramos isso?

— Há alguns anos.

— Quando nos conhecemos?

— Não. Não éramos assim... Quando nos conhecemos.

— Conte-me — pedi quase ávida —, conte-me como foi que... nos conhecemos.

Ele passou a mão pelos cabelos, como se não quisesse falar, mas insisti.

— Por favor... Eu sei que a última coisa que me lembro era de estar indo fazer um entrevista de emprego na St. James. A empresa da sua família.

— Nos conhecemos na St. James.

— Como foi?

— Você trabalhou para mim — respondeu evasivo.

Eu arregalei os olhos.

— Você era tipo... O meu chefe?

— Algo assim.

— Oh... Isso de alguma forma soa mesmo pervertido — murmurei tentando imaginar como tudo tinha começado.

Eu tinha me envolvido com o chefe? Não parecia muito profissional.

Mas olhando para Luke agora... Eu podia imaginar a tentação que

devia ter sido para a Ella de sete anos atrás.

Porém... E Toby? Eu tinha um namorado, como é que aquilo tinha acontecido?

— O que está pensando? — ele perguntou suavemente e fiquei vermelha.

Queria perguntar de Toby, mas sabia que não seria nada bom fazer perguntas sobre meu ex-namorado para o meu atual marido.

— Não parece algo da minha natureza... Me envolver com o chefe.

Ele sorriu devagar, como se estivesse se lembrando de algo.

— Realmente não era.

— Então o que aconteceu?

— Talvez eu tenha ficado um tanto... Seduzido por você.

— Oh... — O vermelho do meu rosto se intensificou. Senti algo quente e novo se alastrando dentro de mim, fazendo meu coração disparar e o ar tornar-se rarefeito e apertei o copo com força.

— E?...

Ele deu de ombros, ficando sério.

— Você tinha um namorado.

— Oh... Toby — pronunciei o nome dele com pesar. Era estranho que há alguns dias eu achasse que ele era o cara na minha vida. Como sempre foi. E agora, já não sentia aquela necessidade. Seria conformação? Eu me conformara que Toby não mais fazia parte da minha vida? Não como namorado pelo menos? Como será que eu o troquei por Luke?

— Bom, deve ter muito mais nessa história se chegamos até aqui.

— Muito mais... — Luke parecia meio irritado, como se lembrasse de coisas desagradáveis.

Eu sentia uma curiosidade insana de saber.

— Você disse que ia me contar.

— Não. Você disse que ia me contar seu sonho.

— Ah... — Desviei o olhar. — Podia me contar como foi que nos envolvemos primeiro — insisti.

— Não. Se você se lembrou de algo, preciso saber.

— Eu nem sei se é uma lembrança, é mais possível que seja um sonho maluco mesmo.

— Me conte e eu te digo.

Ainda meio envergonhada, senti numa necessidade fremente de me afastar. De botar alguma distância entre nós.

Levantei-me e abri as cortinas, deixando a claridade do fim de tarde entrar no quarto.

— Como foi que decidimos ficar juntos? — questionei num fio de voz.

— Decidir acho que não é bem a palavra.

— E qual usaria?

— A gente apenas... andou em círculo por um tempo.

— Por causa do Toby?

Era muito ruim pensar que eu traí o Toby com Luke, mas tudo levava a crer que era o que tinha acontecido.

— Também havia... Outros fatores.

— Você também tinha uma namorada? — Senti-me curiosa.

Sim, Luke bem poderia ter alguém com ele na época. E me choquei por essa constatação me deixar irritada. Eu não poderia estar com ciúmes. Era ridículo.

— Não, eu não tinha.

— Então o maior problema era meu namorado — afirmei.

Eu quase podia imaginar. Eu era uma garota racional. Que racionalmente escolhera namorar um cara confiável e seguro. E então

conhecia um cara como Luke. Ele deve ter virado meu mundo do avesso. Sorri comigo mesma.

— Eu imagino que não foi mesmo nada fácil. Eu não consigo me imaginar apenas largando tudo e ficando com você.

Ele sorriu também, com uma ponta de pesar.

— Sim, você não largou tudo.

— E o que você fez?

— Eu lutei... E esperei.

— Me esperou — murmurei.

— Sim.

— E valeu a pena... esperar?

— Sempre vale a pena esperar por você.

Desviei o olhar para as ondas que batiam na praia. Uma dor comprimindo meu peito.

— Acha que vai valer a pena esperar agora?

— Eu devo esperar? — A pergunta pairou no ar perigosamente.

Ele podia esperar por mim? Esperar que minha memória voltasse e eu me lembrasse de como era ser apaixonada por ele?

— E se eu nunca me lembrar?

— Você disse que se lembrou de algo.

Respirei fundo me preparando para falar.

— Estávamos num jardim. Era um lugar bonito, ensolarado — eu gaguejei e lutei para continuar —, eu me aproximei e... Sentei no seu colo e começamos a... nos beijar... e...

— E a carreguei para dentro de casa — ele continuou.

— Como sabe que... — Tapei a boca com as mãos. Era verdade então. Não fora um sonho. — Eu acordei... E não me lembro do resto — sussurrei.

Ele me fitou com os olhos verdes intensos.

— Nós fodemos — ele completou o sonho. Simples assim.

Ele não usou a palavra fazer amor ou algo mais juvenil como transar. Eu desviei o rosto sentindo meu corpo se aquecendo com a lembrança do sonho. De como fora sentir suas mãos sobre mim, sua boca... E de como eu lamentara ter acordado e não ter lembrado a parte em que... Ele me fodia, como tinha dito. E agora eu sabia que nós tínhamos terminado. Eu quis desesperadamente me lembrar.

— Onde estávamos? — murmurei.

— Estávamos em Aberdeen.

— Quando foi?

— Uns seis anos.

— Estávamos juntos então.

— Sim. Nós finalmente paramos de andar em círculo.

— E nós ficamos juntos desde aquela época até agora?

— Sim.

— E quando nos casamos?

— Alguns meses depois.

— Parece bem... Simples.

Ele riu, mas não havia muito humor ali.

— Nada nunca é simples com a gente.

— Claro, olhe para nós agora. Eu não me lembro de nada por mais que me esforce. Eu só queria... saber.

— Me desculpe — ele murmurou de repente.

— Por o quê?

— Por não te ajudar. Por não ser capaz de fazê-la lembrar.

— Não é culpa sua.

— Eu não posso... vê-la sofrer e não fazer nada.

— Você está fazendo. Você está do meu lado.

Sim, eu estava sendo sincera. Naquele momento, percebia que qualquer outra pessoa já teria me largado sozinha com minha estupidez. Mas não Luke. Ele esperaria.

— Vai esperar novamente, não vai?

— O quanto for preciso.

— Então basta.

Sete

Por um momento ficamos apenas nos olhando e foi como se o tempo tivesse parado e tudo mais deixado de existir a nossa volta.

Ele ia me beijar?

Eu quase podia sentir como se um ímã o trouxesse para meu lado e uma força compulsória me mantivesse no lugar. Se ele me beijasse de novo eu me lembraria? Eu podia tentar, não podia?

Mas e depois? Era estranho demais saber que existia uma intimidade entre nós que eu não me lembrava. Porque era como se não existisse. E eu senti aquele vazio horrível por dentro e desviei o olhar, dando um passo atrás.

E lá estava de novo. Aquele olhar. Que deixava meu peito apertado de uma dor desconhecida e estranha. Era uma espécie de culpa por não ser capaz de me lembrar de nada que me ligasse a ele. Era triste.

Em algum lugar da casa uma porta bateu.

— Deve ser Megan.

Nós saímos juntos do quarto e Megan apareceu no *hall* de entrada.

— Eu estou indo. Volto depois de amanhã.

— Você não vem todo dia? — indaguei meio preocupada. Era bom tê-la ali. Era mais fácil do que ficar sozinha com Luke.

— Não é preciso.

— Entendi.

Então ela fez algo que me surpreendeu. Aproximou-se e tocou meus cabelos.

— Não se preocupe, está tudo aí, dentro da sua cabeça.

— Eu não tenho tanta certeza.

— Apenas as deixe saírem.

E se foi. Olhei em volta, à procura de Luke, mas ele não estava mais ali. Era melhor.

Naquela noite nós jantamos a comida que Megan tinha deixado. Eu queria perguntar mais coisas para ele, mas era tanta coisa que eu nem sabia por onde começar. Então fiquei em silêncio, perdida em meus próprios pensamentos.

— O que quer fazer agora? — ele perguntou depois.

— O que costumávamos fazer antes?

Ele pensou antes de responder.

— Por que tem que pensar na resposta?

— O que você quer fazer hoje? — jogou a pergunta para mim.

— Por que não diz o que costumamos fazer quando estamos aqui?

— Não tem grandes segredos nisso, Ella... — Ele deu de ombros. —

Às vezes eu trabalho. Você lê um livro. Ou vê um filme...

— Podemos ver um filme? — De repente queria apenas me distrair e não ficar pensando em como as coisas deveriam ser.

Nós fomos para a sala e deixei Luke escolher um filme qualquer. Comecei a me sentir sonolenta e acabei pegando no sono, pois acordei quando ele me pegava no colo e o sofá desapareceu debaixo de mim.

— O quê?...

— Shi...

Eu me aconcheguei mais junto a ele, enquanto subíamos a escadas, e Luke me colocava na cama e me cobria. Ele apagou a luz e saiu do quarto, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

E na minha sonolência eu não pude entender o instinto de chamá-lo de volta. Porque não era natural ele estar saindo do meu quarto.

De onde vinha aquele pensamento? Eu não consegui continuar pensando. E naquela noite eu não sonhei.

No dia seguinte, acordei e desci as escadas para encontrá-lo numa sala que parecia um escritório. Ele ria ao telefone enquanto rabiscava num papel distraído, quando me viu. Ficou sério, murmurou algumas palavras e desligou.

— Bom dia.

— Bom dia. — Reprimi a vontade de perguntar com quem ele estava falando.

— Está com fome?

— Um pouco.

— Vou fazer café para você.

— Você é sempre assim tão... Prestativo, ou é porque eu estou, digamos, convalescendo?

— Tente se lembrar — respondeu sorrindo e se afastou para a cozinha.

Eu abri a boca para contestar, mas acabei rindo. E entrei no escritório, curiosa. Meus olhos recaíram sobre o papel onde ele rabiscava. E ali eu vi uma letra R.

R? R do quê?

Luke chamou meu nome e fui para a cozinha, sorrindo em agradecimento quando ele colocou uma xícara de café fumegante em minha mão e pediu que eu sentasse para me servir panquecas.

— Sabe que está sendo muito evasivo comigo não sabe? — Resolvi recomençar meu interrogatório.

— O que quer saber?

Eu o fitei, meio irritada.

— O que eu quero saber? Tudo, oras! Você fica prometendo me ajudar, mas quando eu pergunto fica com essas meias respostas e esse sorriso torto no rosto.

Ele sorriu.

— Está vendo... Está fazendo de novo! Está me distraíndo para que eu não pergunte mais.

— Eu te distraio?

— Ah! — Tarde demais, percebi o que tinha dito. Mas que se danasse mesmo.

— Você deve saber que sim, já que deve fazer isso há sete anos!

Ele passou a mão pelos cabelos, rindo. Deus, era irritante e era... Irresistível. Como é que ele fazia isso? Apertei minhas mãos na xícara que segurava com força, tentando conter aquela quase necessidade de passar eu mesma os dedos no seu cabelo bagunçado. E respirei fundo, desviando o olhar.

— Tudo bem — ele disse por fim.

— Tudo bem o quê? — Ainda estava meio irritada.

— Eu posso te dar algumas respostas.

Senti-me nervosa. Alguma coisa na minha mente me deixou estranhamente com medo. Como se eu não quisesse saber. Seria possível? Eu tinha que saber.

Tudo que eu queria era lembrar. Lembrar-me dele. E da vida que tínhamos juntos. Então deixei de lado aqueles medos infundados e sorri devagar.

— Quando nos casamos?

— Mais ou menos um ano depois que nos conhecemos.

— Um ano depois que nos conhecemos? E quanto tempo ficamos juntos antes?...

— Oficialmente?

— Teve extraoficialmente?

— Digamos que sim.

— Ah... Você me disse algo ontem sobre andarmos em círculo... O que quis dizer?

— O que acha que eu quis dizer?

Sustentei seu olhar. O que estava fazendo? Queria que eu especulasse? Ou que me lembrasse? Bem, ele teria que se contentar com as especulações.

— Acho que você me seduziu... A pobre menina inocente de dezoito anos...

Ele riu e eu ri também.

— Você não era inocente, Ella.

— Então como foi se não foi assim? Eu seduzi você?

Eu fiquei extremamente curiosa. Seria isso? Será que fui eu que fui atrás dele? Mesmo tento um namorado? Eu me senti mal de repente e fiquei séria.

— Eu fiz isso? Eu traí o Toby, não é?

Era estranho, porque já tinham se passado sete anos, mas eu sentia como algo recente. Toby ainda era recente para mim. E pensar que eu o traíra fazia com que me sentisse muito mal.

— Não se culpe, Ella — Luke falou sério.

— Oh meu Deus. Foi assim então? Eu fui uma... vadia?!

Ele riu de novo.

— Não colocaria nesses termos.

— E colocaria em quais, alguém que namora há quase dois anos e se joga em cima do chefe?

— Eu chamo de amor — ele falou simplesmente, com aquele sorriso de lado, lindo e irritante.

Eu engoli em seco. O fôlego preso na garganta. Amor. Eu achava que amor eu sentia pelo Toby. Meus pensamentos se voltaram para meu ex-

namorado. Para o tipo de relacionamento que tínhamos. Era ótimo. Confortável e certo.

Oh. De repente eu entendi.

— Se eu me apaixonei por você... por que não larguei o Toby imediatamente?

— Isso só você sabe.

— Um dia eu resolvi mudar de ideia? Foi... simples assim?

— Simples? — Ele coçou o cabelo. — Não foi nada que se possa chamar de simples.

— Mas nós ficamos juntos mesmo assim.

— Não tinha outra saída para nós.

— E eu troquei de namorado. — Era uma afirmação.

— Sim. — Ele sorriu.

— Eu queria saber... — respirei fundo — como ele assimilou tudo.

O sorriso de Luke desapareceu.

— Ele era um ótimo namorado — continuei com tristeza — Um cara legal. Me diga, por favor, que não fui uma vaca e nem me importei em como ele se sentia. Porque ficarei bem decepcionada comigo mesma!

— Não. Você se preocupou sim — ele respondeu irônico e me perguntei se o meu relacionamento com Toby irritava Luke ainda.

Lembrei-me das palavras de Toby lá em Manhattan, algo sobre Luke não gostar de me ver conversando com ele.

— Você tem... ciúmes do Toby? — Não consegui deixar de perguntar.

— Você acha que eu deveria ter algum ciúme dele?

Eu o fitei incrédula.

— O que está dizendo? O que está insinuando? — Luke desviou o olhar, tenso, e parecia que só agora ele tinha percebido o que tinha

perguntado. — Talvez eu devesse te fazer essa pergunta? Porque a pessoa com amnésia aqui sou eu. Não faço ideia do que o Toby significa, se é que ainda significa alguma coisa, depois de quase sete anos fora da minha vida.

— Ele não está fora da sua vida.

— Nós somos amigos então?

— São sim.

— Eu gostei disso. De saber que ainda somos amigos — murmurei e Luke ficou ainda mais tenso.

Certo. Ele não precisava responder a pergunta sobre o ciúme. Ele tinha sim. Eu queria pegar sua mão, que mexia tão febrilmente nos cabelos e dizer que não havia nada para se preocupar.

Mas como eu podia fazer isso se não sabia? Uma vez eu havia traído Toby com ele. Será que eu seria capaz de fazer o inverso?

Eu não queria nem pensar nisso. Então desviei o foco da conversa.

— Como foi nosso casamento? Foi... Tradicional? Ou nós fugimos para Vegas ou algo assim?

Luke voltou a rir, menos tenso e quase respirei aliviada.

— Não fugimos para Vegas.

— Eu queria... Lembrar. Me diga como foi... É estranho demais, nunca pensei em mim mesma me casando.

Ele se levantou.

— Vem comigo.

Eu o segui de novo para o tal escritório e ele tirou uma caixa de um armário.

— O que é isso?

— Abra.

Eu abri e prendi a respiração.

Eram fotos.

Fotos nossas. Fotos minhas vestida de noiva. Eu sentia como se tivesse num episódio de além da imaginação, ao me encostar à mesa e pegar aquelas fotos... O vestido, eu tinha que dizer, era bonito. Simples e bonito. Havia uma foto com minha mão em foco usando uma bela aliança.

— Eu não deveria usar uma aliança? — indaguei olhando para meu dedo nu.

— Tiveram que tirar... No dia do acidente.

— Onde ela está agora?

— Em Nova York.

— Ah... E você não usa uma também? — Eu peguei sua mão, curiosa e lá estava. Como eu não tinha reparado ainda. Ele usava mesmo uma aliança simples. Passei o dedo sobre o metal dourado, distraída, e depois voltei a atenção para as fotos.

Agora estávamos juntos. Mas não eram fotos oficiais. Era como se nós mesmos estivéssemos tirando.

Nós sorríamos. Muito. Senti um nó na garganta.

— A gente parece... Feliz — murmurei e sem poder mais ver aquilo coloquei tudo dentro da caixa e larguei num canto me levantando.

— Acho que por ora basta de... respostas.

— Ella... você está bem?

Tentei sorrir, mas saiu forçado.

— Não muito. Mas vou ficar. Eu só preciso... assimilar tudo isso. — E me afastei para a praia sem olhar para trás.

Ele não foi atrás de mim. E eu nem sei quanto tempo fiquei sentada na areia olhando o mar.

Como uma hora podia estar tudo bem. No meu carro, indo para entrevista de emprego. Com dezoito anos. E no outro não havia mais normalidade. Apenas um estranho de cabelos escuros e sorriso irresistível que

se transformara no centro de tudo. De tudo que eu nem sequer lembrava.

Não. Eu me lembrara de algo. Fechei os olhos. As imagens dançando na minha mente. E me deitei sobre a areia fina deixando aquelas lembranças únicas e fugidias dominarem minha mente. Revivendo o calor na minha pele causado pelo sol e pelas suas mãos em mim. O gosto da pele dele na minha língua, a voz rouca em meu ouvido, o toque firme e ao mesmo tempo suave de seus dedos contra meus seios... E então a imagem foi mudando.

Não estávamos mais no jardim. Ao invés disso eu sentia a areia pinicar minhas costas e o peso do seu corpo sobre mim. Os lábios estavam nos meus, num beijo quente, molhado, intenso. As mãos retiravam minhas roupas com certa impaciência. Eram roupas demais. Abri os olhos e o céu nublado estava sobre mim e um vento frio ondulava as ondas na praia. Mas eu não estava com frio. Estava queimando, em cada parte que suas mãos tocavam. As mãos foram substituídas pelos lábios e gemi alto, me contorcendo sob suas carícias. A língua quente e úmida contornou meu umbigo e desceu mais um pouco. Eu tremi em antecipação e então tudo desapareceu.

Eu me sentei, trêmula e ofegante. Olhando em volta para me certificar que estava mesmo sozinha. Que estava mesmo... o quê? O que fora aquilo? Eu estava imaginando? Tendo fantasias em cima das lembranças do sonho? Ou essa era mais uma lembrança perdida dentro da minha mente obscura?

Eu me levantei e corri para a casa. Só havia uma pessoa que podia responder.

Oito

Corri de volta para a casa com a firme intenção de perguntar para Luke se estes meus últimos devaneios eram mais algum tipo de lembrança, mas quando entrei na sala iluminada eu parei, respirando fundo. Luke tocava um violão distraído e levantou a cabeça quando ouviu meus passos.

E emudeci. Como é que eu ia perguntar aquilo para ele de novo? E se fosse só mais uma fantasia idiota?

— Tudo bem? — perguntou num tom preocupado colocando o violão de lado.

Dei um passo à frente, passando a mão pelos cabelos que só agora percebia estar cheio de areia. Aliás, toda minha roupa estava cheia de areia.

— Droga! — resmunguei e ele riu.

— Estava rolando na areia, Ella? — Fiquei vermelha, porque lembrei no que eu estava pensando lá e desviei o olhar.

Luke franziu a testa.

— Ainda está mal com as fotos do casamento? Eu quis ir atrás de você, mas achei que preferia ficar sozinha.

— Não... Sim... Quer dizer. Não estou mais... Não é por causa daquilo, e sim, eu precisava mesmo ficar sozinha. É muita... Informação para processar.

— Eu sei, por isso que eu falei que não ia te contar nada. Eu sabia que ia ficar assim.

— Eu preciso saber! E horrível não saber nada sobre a própria vida!

— Mas você vai lembrar. Já lembrou alguma coisa...

— Ah tá, se ficar lembrando coisas de sexo toda hora conta...

Ele me encarou.

— Você lembrou mais alguma coisa?

Eu podia sentir meu rosto queimando.

— Eu não sei... Talvez... Dessa vez estávamos na praia, acho que nessa praia mesmo, e estava soprando um vento frio... E bem... Você estava me beijando e me... Despindo... Isto aconteceu?

— Muitas vezes — respondeu suavemente.

— Oh... — Acho que fiquei mais vermelha ainda.

Será que tinha alguma coisa errada com minha mente? Por que diabos eu só me lembrava de sexo?!

Eu quis falar isso em voz alta, mas me calei. Era melhor nem prosseguir com aquela conversa. Eu não sei em que ficar lembrando aquele tipo de coisa ia me ajudar.

Para mudar de assunto, peguei o violão.

— Não me contou que tocava.

Comecei a dedilhar distraidamente e então percebi que estava realmente tocando uma música qualquer e parei de repente o encarando surpresa.

Ele sorriu para mim.

— Parece que você também toca.

— Como pode isso?

— Eu te ensinei.

Eu ri, adorando aquilo.

— Legal! — E continuei tocando e então parei o fitando. — Não é esquisito? Que eu me lembre disso, de uma coisa tão banal e não lembre nada de mais importante?

Por um momento Luke apenas me fitou como se quisesse comentar algo, mas não falou nada.

— Vou fazer alguma coisa para você comer. Deve estar com fome.

— Eu vou subir e tomar um banho, preciso retirar esta areia do corpo.

Subi quase correndo e entrei no chuveiro, ainda pensando sobre o que eu tinha falado lá embaixo. Por que eu tinha esquecido? Fora apenas pelo acidente? De repente estaquei. Por que Luke nunca me falara do acidente? Desliguei o chuveiro e me vesti apressada e desci atrás dele.

Já tinha anoitecido quando entrei na cozinha. E lá estava ele, de novo ao telefone. Mas desta vez não ria. Seu perfil era sério, enquanto escutava o que a pessoa dizia do outro lado do telefone. De repente ele passou a mão pelos cabelos, como se estivesse nervoso. Eu dei um passo para trás, para que não me visse. Sabia que era horrível escutar atrás da porta, mas não consegui me conter.

— Não adianta insistir. Nada vai mudar!

Mudar? Do que estava falando?

Ele soltou um suspiro profundo enquanto seu interlocutor falava novamente.

— Você pode fazer como quiser. Eu não me importo. — E desligou.

Eu ainda fiquei ali por mais um momento antes de entrar.

Luke me fitou distraído.

— Vamos comer.

Eu sentei à mesa. Devia perguntar com quem ele estava falando? Seria o tal R? Ou a tal R? Eu ardia de curiosidade. E por que ele estava tão sério? Podia não ser a mesma pessoa de ontem e hoje. Era melhor eu me ater ao meu plano principal. Perguntar do acidente. Mas em vez disso quando abri a boca me vi perguntando.

— Quem é R?

— O quê? — Ele me fitou ainda distraído.

— R. Ontem quando você estava rabiscando, ao telefone, rabiscou a letra R.

— Por que R tem que ser alguém? — comentou divertido.

— Porque as pessoas costumam fazer isso às vezes... Escrever o nome de quem está falando ou uma letra. — Eu comecei a me sentir ridícula. Sim, quem me garantia que R era uma pessoa?

Mas que pergunta mais idiota! Ele continuava a rir e fiz um movimento com as mãos.

— Esquece... Foi idiota. — Mudei de assunto. — Eu queria saber como foi meu acidente.

Ele me encarou, agora sério.

— O que quer saber?

— Como foi? Onde eu estava indo?

— Estava indo para Manhattan.

— Vindo de onde?

— Daqui.

— Daqui? Sozinha?

— Sim.

— E eu estava sozinha aqui ou com você?

— Comigo.

— E por que eu voltei sozinha?

— Porque precisava voltar.

Precisava voltar? Isso não era resposta!

E de novo aquela sensação estranha de que ele queria me esconder algo. Ou muitas coisas.

— Por que estava aqui? Não tinha que trabalhar?

— Era fim de semana.

— E você não voltou?

— Não.

Eu me irritei. Ele ia ficar dando aquelas respostas monossilábicas?

Era óbvio que tinha mais ali do que queria me mostrar.

— E você ficou sozinho aqui?

— Sim.

— E como foi o acidente?

— Você perdeu a direção do carro, porque estava chovendo.

— Oh... Estava chovendo muito?

— Sim.

— E mesmo assim você me deixou ir sozinha?

— Você devia se conhecer um pouco mais. Se decidiu ir sozinha, não iria te impedir.

Bem, ele tinha razão. Eu era mesmo assim. Mas ainda tinha a sensação de que havia algo que não se encaixava.

— Por que temos portas fechadas aqui?

— O quê?

— Portas fechadas. Eu vi várias delas. Por quê?

— É uma casa grande. Não precisamos de todos os quartos.

— Eu quero ver. Os quartos. Agora. — E me levantei não deixando dúvidas que não iria aceitar meias respostas.

Ele começou a rir.

— Ella, eu nem sei onde estão as chaves.

Eu bati na mesa.

— Não me interessa! Nem que você tenha que arrombar, elas vão abrir!

Ele ficou impaciente.

— Você acha que eu escondo o que lá dentro? Por acaso algum cadáver?

— Se não tem nada para esconder, não tem por que não as abrir! — Virei as costas. — Estou te esperando lá em cima.

Subi as escadas, enfurecida. Eu realmente não fazia ideia no que podia me esperar atrás daquelas portas, mas intuía que era algo que podia mudar tudo.

Luke subiu uns dez minutos depois com um molho de chaves na mão.

— Não disse que não sabia onde estava? — ironizei.

— Eu liguei para a Megan.

— Ah! — Sabia que estava agindo meio irracionalmente, mas não me importava. — Abra — ordenei em frente à primeira porta e ele a abriu.

Dei um passo para dentro, acendendo a luz e nada. Era um quarto comum, com uma cama de casal.

— Pelas minhas contas ainda temos mais quatro destes. — E segui em frente.

Luke abriu a segunda porta e era um quarto idêntico ao primeiro.

— Mais três! — Os outros dois eram um pouco diferentes e tinham duas camas de solteiro.

Mas no penúltimo eu me surpreendi.

Estava totalmente vazio.

— Por que este está vazio?

— Como eu disse, muitos quartos.

— Mas se os outros estão decorados...

Ele deu de ombros.

— Acho que faltou este.

Ele sorriu e estendeu a mão, como se eu não estivesse quase fora do controle há alguns minutos.

— Satisfeita? Podemos descer?

Segurei sua mão, me sentindo meio envergonhada pela cena. E totalmente estafada emocionalmente.

— Me desculpe... por isso.

— Não se desculpe. Deve ser horrível se sentir assim.

— É horrível sim. — Larguei sua mão. — Eu preciso... ficar sozinha.

— Ella...

— Por favor, não me siga.

Desci as escadas e me virei de novo para o mar. Eu ia chorar. Sentia o nó se formando na minha garganta e não queria que ele visse. Não desta vez.

Estava tão cansada de viver no escuro. Tudo o que eu queria era lembrar. Se nós tínhamos uma vida antes daquele maldito acidente, eu queria lembrar. De alguma maneira, ao forçá-lo a abrir aquelas portas, achava que haveria algum grande segredo revelado. Como se dentro de mim, eu soubesse, bem lá no fundo, que havia algo que eu estava deixando passar. Algo vital.

O vazio por dentro quase me corroeu.

Sem pensar, andei para o mar e entrei.

A água ensopando minha roupa, meus cabelos. Mergulhei e quis que o mar levasse toda minha angústia.

E minutos depois eu me senti realmente melhor. Não totalmente bem. Mas já não sentia aquele vazio horrível. Então de repente eu percebi que não estava sozinha. Luke estava ao meu lado.

— Ficou louca? — ele quase gritou, a voz cheia de um terror mal contido.

— O que foi?

— Eu vi você entrando no mar, de roupa e tudo...

— Me deu vontade — respondi simplesmente.

Ele estava de frente para mim agora, a água batia em nossos ombros.

— É perigoso. Eu temi por você.

E então eu me senti culpada. Luke realmente parecia preocupado

comigo.

— Me desculpe. Eu apenas segui um impulso.

— Eu achei... Que estava perdendo você de novo.

Sua voz não passava de um sussurro contra a água e senti meu coração disparando e um tremor percorrer meu corpo e não era do frio da água. Estava escuro, mas eu podia ver seus olhos brilhando em direção aos meus e foi como se uma força estranha e inexorável me ligasse a ele. E me aproximei através da água, até que estivéssemos apenas há alguns centímetros de distância.

— Me beija — pedi mirando seus lábios tão perto dos meus — me faz lembrar de novo, de como é quando está comigo? — murmurei quase em desespero, me aproximando ainda mais, roçando meu corpo no dele, o hálito quente banhou meu rosto e senti seu gosto em minha língua. — Eu quero lembrar... De como é amar você... — meus braços subiram como se tivessem vontade própria para sua nuca — e eu não quero que seja apenas uma lembrança, eu quero que seja real... — Minhas palavras foram engolidas por seu beijo.

Eu gemi, derretendo por inteiro, seus braços me rodearam e me apertaram e passei as pernas em volta de seus quadris. Era melhor que em meus sonhos. Era melhor que qualquer lembrança confusa. Era quente, quase palpável. Era real. E enterrei os dedos nos cabelos espessos e molhados, entregando-me às sensações. Os lábios deixaram os meus para trilhar um caminho de puro fogo por meu rosto, minhas pálpebras fechadas, minha têmpora. Eu apenas ofegava presa num redemoinho de excitação tão grande que achava que derreteria e me fundiria com as ondas caso Luke me soltasse. As mãos masculinas percorriam minhas costas, meus quadris por cima das roupas molhadas, como se já conhecesse meu corpo de cor e salteado.

E ele conhecia. E de alguma maneira, eu conhecia o dele também.

Não era algo racional. Mas puro instinto. Meu corpo reconhecia o dele. Era simples assim. As mãos em meus quadris me apertaram mais e gemi, perdida, ao sentir sua ereção. E a excitação dele me deixou ainda mais consciente da minha própria excitação, do calor úmido e pulsando entre minhas pernas.

— Abra os olhos, Ella — pediu e eu obedeci.

Nós ofegávamos sobre a água, tão juntos e ao mesmo tempo tão distantes.

— Olhe nos meus olhos se você puder se lembrar... Você se lembra? — perguntou num murmúrio rouco, as mãos se imiscuindo para baixo da minha camiseta, tocando minhas costas — Você se pergunta por que se lembra sempre disso... Eu digo que é porque é quando nada mais importa a não ser eu e você.

Meu coração falhou uma batida e encostei a testa na dele, fechando os olhos.

E agora? Teria Luke razão? Seria sexo a chave de tudo? Das minhas memórias? Será que se eu transasse com ele, eu me lembraria de algo? E se não me lembrasse? E depois? Seria possível continuar de onde paramos, de onde eu nem me lembrava. Ser um casal de novo?

Eu senti um frio por dentro e fiquei tensa.

— Eu não tenho certeza... Se isso é o que devemos fazer agora. — Eu me sentia uma grande fraude. Há poucos segundos estava totalmente pronta para tirar as roupas dele e deixar que fizesse sexo comigo ali mesmo na água. E agora eu estava recuando. — Eu sei que não adianta nada falar que eu não quero. Porque eu quero. Muito. Mas eu nem sei quem é você... eu não sei... o que sinto por você. — Eu me atropelava nas palavras querendo que ele me entendesse e não me odiasse.

Luke ficou em silêncio por alguns instantes e então me soltou. Eu quase lamentei, mas havia um lado meu que achou um alívio. Porque eu não

saberia dizer se resistiria se ele insistisse.

— Tudo bem, Ella. Talvez seja precipitação mesmo.

Tentei entender o que se passava na mente dele. Se estava com raiva de mim. Porque eu não queria que ficasse bravo comigo. O que era ridículo. Mas eu não conseguia decifrá-lo.

— Está bravo comigo?

Luke esboçou um pequeno sorriso, os dedos passando pelos cabelos, algo que eu já reconhecia como tão típico dele.

— Eu não consigo ficar bravo com você por muito tempo.

Eu sorri também, aliviada.

— E costuma durar quanto tempo?...

— Isso depende. Mas sempre é menos tempo do que dura sua raiva comigo.

Nós ficamos em silêncio por um momento, perdidos em pensamentos.

— E o que a gente faz agora? — indaguei num fio de voz.

— Vamos voltar.

Nós nadamos de novo até sairmos da água e eu me sentia cansada. Sem aviso, Luke me pegou no colo e eu protestei.

— Não precisa!

— Não importa — respondeu sorrindo, me levando para dentro da casa, subindo as escadas até que estivéssemos no banheiro.

Minhas roupas pingavam no chão e um tremor de frio traspassou minha espinha.

— Está congelando — Luke falou preocupado enquanto me colocava no chão do banheiro e como algo muito natural, levou a mão a minha blusa molhada para tirá-la, mas parou no meio do movimento ao perceber o que estava fazendo. Nós nos encaramos e ele soltou a blusa —, me desculpa, acho que foi... instintivo.

Eu mordi os lábios. Havia uma nova realidade entre nós e lutei por um instante para entender o que era. Sim, eu me sentira estranha, mas ao mesmo tempo não me parecera absurda sua atitude. Fora realmente como algo... Normal. Eu me enchi de um doce reconhecimento. Não era uma lembrança, mas já era alguma coisa. E sentei sobre o vaso fechado, levantando os braços.

— Estou mesmo com frio.

Por um instante, achei que Luke fosse recuar, mas ele riu e ajoelhou-se na minha frente, levando a mão a minha blusa ensopada e a tirando por minha cabeça. Eu usava um sutiã, não era como se estivesse pelada, mesmo assim, meu primeiro instinto foi levar a mão aos seios e cobri-los.

Mas eu não o fiz. Ele já devia ter me visto nua, um milhão de vezes, embora eu não me lembrasse. Mas se eu queria dar um passo para o desconhecido, tinha que deixar fluir.

Então era isso? Eu queria deixar fluir? Eu queria aceitar que tínhamos uma vida juntos? Sim, eu queria. Nossos olhares se encontraram e sorri para Luke enquanto minhas calças seguiam a blusa. Ele se afastou e encheu a banheira de água quente. E quando se voltou eu o fitei.

— Sabe o que eu descobri hoje? Que eu quero que isso dê certo. Quero que me mostre como somos juntos. Acho que podemos ir... Devagar, um passo de cada vez?

— Como se estivéssemos nos conhecendo de novo?

— Sim... Você faria isso?

— Eu faço qualquer coisa por você, Ella.

De novo aquela intensidade desconcertante que me deixava desarmada. Mas dessa vez eu queria. Queria que ele fizesse isso por mim.

— Não será por mim apenas. Será por nós.

Fiquei de pé na sua frente e, levando a mão às costas, tirei o sutiã. Era

para ser algo natural, normal. Mas não tinha nada de normal no olhar que Luke me lançou. E preendi a respiração, sentindo-me esquentar de dentro para fora, o tremor de frio sendo substituído pelo tremor de desejo.

Ele olhava para meus seios como se fosse algo comestível. E eu quase podia sentir a ponta de sua língua tocando meu mamilo, que se entumeceu. Foi preciso um esforço muito grande para lembrar minhas convicções.

Devagar. Devagar. Devagar.

— Devagar — repeti em voz alta, como uma advertência. O que talvez servisse mais para mim do que para ele.

Luke prendeu o olhar no meu, um risinho de lado.

— De onde você tira o poder de me fazer prometer coisas absurdas, Ella?

Eu dei de ombros.

— Eu não sei de nada... não me lembro — falei com falsa inocência.

O ar entre nós agora era cheio de uma sutil sedução. Ele passou a mão pelos cabelos molhados.

— Acho que não quer ajuda para tirar o resto?...

O resto era minha calcinha e eu me arrepiei só de imaginar ele a tirando de mim. Sacudi a cabeça negativamente e ele riu.

Um riso baixo, rouco, delicioso que arrepiou todos os pelos do meu corpo.

E se não tivesse saído do banheiro e fechado a porta atrás de si, eu teria mandado para o inferno minhas ideias sobre “ir devagar”.

Entrei na banheira quente e fechei os olhos. Minutos depois, com minha mente mais clara e longe de Luke, consegui pensar racionalmente. Eu precisava mesmo ir devagar. Porque não sabia só do futuro. Eu não sabia do passado. Eu precisava lembrar, ou ao menos entender toda nossa história. Só então seria capaz de seguir em frente.

Depois de um tempo, saí da banheira e me enxuguei. Havia um grande espelho e me encarei. Ainda havia alguns hematomas bem claros sobre minha pele branca, mas muito pouco. Franzi a testa ao olhar para meu corpo. Estava... Levemente diferente. Não era nada visível, mas eu sabia que estava mudado. Eu ainda continuava bem magra, mas meus seios pareciam ligeiramente maiores e meu quadril também.

Talvez fosse imperceptível para os outros, mas eu sentia as mudanças. Ok, não tinha mais dezoito anos. Com certeza meu corpo mudaria.

Passei de novo os dedos pela tatuagem no meu braço, ainda era estranho vê-la ali.

Assim como era estranho o novo desejo que eu sentia pelo meu estranho marido.

Suspirei e voltei para o quarto, colocando um pijama.

Luke bateu na porta.

— Entra — pedi.

Ele também tinha tomado banho e seu cabelo estava molhado e bagunçado. E me deu vontade de me aproximar e passar os dedos para tentar arrumar, embora eu achasse que fosse impossível.

— Está tudo bem?

— Sim, está.

— Quer tomar alguma coisa?

— Não. Estou com sono.

— Certo.

Nós ficamos ali, parados por um instante, meio constrangedor.

— Boa noite, Ella.

Ele por fim se virou para sair e sem pensar eu o chamei.

— Luke... por que você... não fica?

— O que aconteceu com o ir devagar?

— Estou falando de dormir — corrigi rápido.

— Não sei se é uma boa ideia, Ella.

— Pelo amor de Deus! Você já deve ter transado comigo um milhão de vezes! Não é como se não pudesse passar a noite comigo sem isso!

— É injusto você usar argumentos quando nem sabe o que está dizendo.

— Eu sei. Eu só... acho que se quisermos que dê certo... acho que podemos começar com isso... Por favor? Eu prometo não te forçar a nada, Luke — brinquei.

— Você já descobriu que eu não digo não para você, não é? — falou com um sorriso indo para um lado da cama e eu fui para o outro. Nossas mãos foram juntas para tirar a colcha que a cobria.

— Ah é? É bom saber — comentei enquanto nos deitamos lado a lado.

Ele apagou a luz e nós ficamos em silêncio no escuro. Por um instante achei que não fosse uma boa ideia mesmo, mas eu estava realmente cansada e comecei a sentir minhas pálpebras pesando.

— Eu não mereço um beijo de boa noite? — Luke indagou divertido e levantei o braço, batendo em seu peito.

— Isso sim não é uma boa ideia.

— Não pode culpar um homem por tentar.

— Eu posso te bater de novo. — Bocejei.

— Não costumava ser tão violenta assim.

— Acho que não acredito em você...

Virei me sentindo muito sonolenta para me preocupar de estar encostada nele. Senti seus braços automaticamente a minha volta, me puxando para seu peito.

— Durma, Ella — falou contra meus cabelos.

E eu deixei o sono me dominar, me perguntando se naquela noite, eu sonharia com ele.

Nove

Acordei devagar, sentindo-me totalmente desorientada. O quarto estava iluminado quando abri os olhos. Tentei me mexer, mas algo prendia meu cabelo.

Espera. Não era só meu cabelo. Havia um braço em volta da minha cintura e uma perna por sobre a minha.

E me lembrei.

Luke estava ali comigo.

Eu me virei devagar, tentando não o acordar, mas ele acordou e me fitou com um sorriso preguiçoso.

E então eu senti. Uma sensação de déjà-vu.

Não era como se lembrar de algo. Mas era como se eu tivesse certeza que já tinha vivido aquilo antes. Sentei rápido e Luke sentou ao meu lado.

— O que foi?

Eu o fitei, tirando o cabelo do olho.

— Foi como um... déjà-vu. Não exatamente uma lembrança, mas algo muito forte.

Ele passou os dedos por meu rosto.

— Sua mente está começando a se abrir.

Sim, era o que parecia. Era como se baixando a guarda para Luke e aceitado que ele fazia parte da minha vida, minha mente começasse a cooperar. Sorri e ele sorriu de volta. Mas não era exatamente um sorriso igual ao meu, de alívio e satisfação. Era como um sorriso... Triste?

Ou era impressão minha?

Antes que eu pudesse questioná-lo, um telefone tocou. Luke saiu da cama e atendeu.

— Oi. — Ele ouviu o que a outra pessoa estava falando e sorriu. — Espera um minuto — e então me fitou. —, vou atender lá embaixo.

Senti-me irrequieta. Por que ele não podia falar ali? Seria o tal R? Ou a tal R? Saí da cama e me vesti, pensando naquilo. Quando ele voltou, eu já estava arrumada.

— Me desculpe. Era importante.

— Quem era? — indaguei como quem não quer nada.

— Minha mãe.

— Está tudo bem?

— Está sim. O que quer fazer hoje?

Ele mudou de assunto ou era impressão minha?

Eu dei de ombros.

— A gente podia sair.

— Sair?

— É... Eu não me lembro de conhecer a região. Podíamos dar uma volta.

Ele sorriu.

— Pode ser uma boa ideia.

Nós percorremos de carro as estradas sinuosas da região e admirei a paisagem.

— Por que decidimos vir para cá?

— Porque era bonito. Longe o suficiente para ficarmos tranquilos, mas perto o suficiente de Manhattan.

— Por que não moramos em Seattle?

— Nós moramos lá... Por um tempo.

— E quando viemos para Nova York?

— Faz um tempo. — Sua resposta pareceu evasiva.

— Eu gosto daqui — murmurei olhando pela janela.

Ele sorriu.

— Você sempre gostou.

Ele parou o carro num desfiladeiro e nós descemos. A paisagem era de tirar o fôlego, com o mar arrebatando nos recifes abaixo.

Luke parou atrás de mim e pareceu tão natural eu me encostar nele e ficar ali, por um longo tempo, sem necessidade de palavras.

— Fazia muito tempo que não vínhamos aqui — comentou de repente e me virei, mas não me desencostei dele.

— Por quê?

— Não sei. — Ele deu de ombros, com aquele sorriso irresistível no rosto e senti um arrepio na espinha.

— Você pode me beijar? — pedi sem pensar.

Ele riu, os braços em volta da minha cintura.

— O que aconteceu com o ir devagar?

— Você pode me beijar devagar, eu não ligo — respondi ficando na ponta dos pés e ele abaixou a cabeça, os lábios encontrando os meus.

E foi devagar, intenso, delicioso. Era gostoso demais beijá-lo sem pressa, sem necessidade de provar nada, apenas deixar nossas línguas se encontrarem e se acariciarem em beijos molhados.

Cedo demais, ele parou, mas o beijo durou tempo suficiente para me deixar derretida e querendo mais. E eu percebi que também era bom ficar assim, junto dele, mesmo sem estarmos nos atracando. Não que eu não preferisse que ele voltasse a me beijar e continuar de onde paramos. Mas havia tanta coisa que eu queria dele. Tanta coisa que eu sentia que ele podia me dar.

E pela primeira vez realmente senti que podia me apaixonar por Luke. De novo. E tive vontade de rir feito louca e sair dando piruetas.

— Do que está rindo?

Suspirei e meus dedos agarraram sua blusa.

— Vamos voltar — decidi de repente.

— O quê?

— Vamos voltar para Nova York, ou então... Podemos ir para Aberdeen, quero ver minha casa, quer dizer, a casa dos meus pais! E eles devem estar voltando também, não?

Ele recuou, não exatamente na mesma onda que a minha.

— Luke, eu acho que não precisamos ficar mais aqui. Eu sinto que vou me lembrar, já me lembrei de algumas coisas, não é?

— Você disse que coisas sexuais não adiantavam nada.

Soltei um riso.

— E daí? Talvez eu lembre porque seja algo importante e se eu não lembrar... — suspirei pesadamente. Não queria ficar daquele jeito para sempre, mas tinha que encarar que era bem possível. — Nós faremos novas lembranças, você mesmo disse.

Ele passou a mão pelos cabelos, nervoso. E franzi a testa.

O que estava acontecendo? Meu entusiasmo começou a se arrefecer. E eu sentia os muros se erguendo de novo. O que havia de errado?

— Por que não quer que voltemos? Não podemos ficar aqui eternamente! Eu já entendi que tem coisas da minha vida, muitas coisas, que estão perdidas. Eu preciso encarar a realidade!

— Não precisa ter pressa. — Seus dedos tocaram meu rosto. — Ir devagar, não é? — Ele agora sorria, como se o momento anterior não tivesse acontecido.

Eu quis discutir. Quis exigir que ele me dissesse... O quê? Eu nem sabia se havia algo a ser dito. Respirei fundo, tentando manter a calma.

— Tudo bem. Mais uns dias. Mas você sabe que não posso me esconder para sempre.

— Eu sei. Vamos voltar para o carro. Está ficando frio.

Nós voltamos, mas paramos para comer num restaurante bem legal na beira da estrada, com uma vista espetacular para o mar. Quando entramos seu celular tocou.

— Vai indo. — pediu e eu entrei sem discutir.

De onde eu estava, dava para vê-lo falando. Não parecia nada feliz.

“*R de novo?*”, eu me perguntei.

Eu precisava parar com aquilo, já estava ficando obcecada. Ele desligou e se aproximou, sentando a minha frente, o celular ficou sobre a mesa.

— Está tudo bem?

Ele parecia meio aborrecido, mas sorriu.

— Está sim. Porque não pede, eu vou ao banheiro.

Ele se afastou e então meu olhar recaiu sobre o celular. Hesitei, olhando para onde Luke tinha desaparecido. Meus dedos coçavam de curiosidade. Não era legal fazer aquilo. Meus dedos tamborilavam na mesa.

— Ah que se dane! — E peguei o celular.

Últimas informações de chamadas. Havia um número de celular de alguém que se chamava Ramona.

Quem diabos era Ramona? Eu olhei as outras. Não havia mais nenhuma ligação dela. A palavra “mãe” aparecia várias vezes. A ligação de hoje de manhã fora mesmo da casa dos pais dele possivelmente. Algumas de uma pessoa chamada Laurel. Algumas de Chloe, minha mãe, e de Paul, meu pai. E alguns números desconhecidos. Coloquei o celular no mesmo lugar a tempo de ouvir seus passos se aproximando. Luke se sentou a minha frente.

— Pediu?

Eu neguei.

— Estava te esperando.

O garçom se aproximou e sorriu ao me ver.

— Oi, Ella.

Bom, com certeza ele devia me conhecer.

— Oi — respondi sem graça.

— Faz tempo que não há vejo, hein?

— Pois é — respondi sem saber o que falar.

— Vão querer o quê?

Eu olhei o cardápio e pedi qualquer coisa e Luke fez o pedido dele. Quando o garçom se afastou eu respirei aliviada.

— Acho que você tem razão. É muito estranho as pessoas falarem comigo e eu não fazer ideia de quem são.

— Eu imagino.

Nosso prato chegou e nos ocupamos com a comida. O tempo inteiro eu me lembrava do que tinha feito, fuçando no seu celular. Eu devia confessar? Foi uma coisa ridícula, mas me sentia culpada. Quando terminamos, seguimos para casa em silêncio e quando chegamos lá, eu não aguentei mais.

— Posso te fazer uma pergunta? — indaguei quando entramos na sala.

— Claro — respondeu distraído.

— Quem é Ramona?

Luke me fitou surpreso e minha cara deve ter me denunciado.

— Você fuçou no meu celular.

— Me desculpe... Sei que não devia, mas você o deixou ali. Eu fiquei curiosa.

Ele passou a mão pelos cabelos.

— E o que quer saber?

— Quem é essa tal de Ramona? — Tentei perguntar novamente. Na

minha mente eu já tinha feito a associação de Ramona com o R no papel. Embora não houvesse mais nenhuma ligação dela marcada.

— É sua amiga.

— Minha amiga? Não conheço ninguém com esse nome.

— Você a conheceu na St. James.

— E ela te ligou por quê?

— Para saber como você está.

— Por que não ligou para mim?

— Porque se não se lembra, não está com seu celular.

— E onde ele está?

— Estragou no acidente.

— Por que não passou o telefone para mim então?

— Porque, como você mesma disse, não se lembra dela.

— Ela sabe da minha amnésia?

— Sabe.

— Ela está em Seattle?

— Não faço ideia. Pode ser.

Ramona. O nome não me dizia nada. Quantas pessoas mais tinham entrado na minha vida em sete anos? Pessoas que eu nem sabia da existência agora?

Eu me sentei.

— Eu me sinto mal. Por não me lembrar dessa... Ramona... E de tantas outras pessoas.

Luke se aproximou e sentou ao meu lado.

— Não se sinta, a culpa não é sua.

Eu o fitei, angustiada.

— Mais uma vez você tem razão, não é? Talvez não seja hora de voltar.

— Eu quero apenas que você fique bem. Já é difícil demais ver você assim.

— Nós somos muito próximas? Eu e essa Ramona?

— Um dia foram muito amigas.

— E não somos mais?

— Não.

— Que pena... — Eu deitei a cabeça em seu ombro. Havia algo ali. E eu não sabia o que era.

Era como a sensação de déjà-vu de hoje cedo. Mas não era bom, definitivamente. Era uma sensação ruim. Comecei a sentir minha cabeça latejar.

— Minha cabeça está doendo — murmurei.

— Você precisa descansar. — E sem aviso, Luke me pegou no colo e me levou para a cama. — Quer que eu traga um comprimido?

— Não. Quero apenas que fiquei comigo.

Ele deitou ao meu lado e me abraçou.

— Luke?

— O quê?

— Por que eu sinto algo ruim em relação a essa Ramona?

Eu pude sentir a tensão emanando dele.

— Não pense nisso.

Mas eu queria pensar. Mais que isso. Eu queria lembrar.

— O R que você rabiscava... Era ela?

Desta vez ele riu.

— Por que seria?

— Não sei...

— Não tem nada a ver.

— Então quem é esse R?

Ele não falou nada e eu levantei a cabeça para fitá-lo. E eu senti como se ele fosse dizer algo. Como se quisesse dizer algo, mas apenas sorriu e beijou minha testa.

Suspirei pesadamente e voltei a deitar a cabeça em seu peito. Tudo bem. Ele não iria dizer.

Mas eu iria descobrir. Fechei meus olhos com força e dormi. E então o sonho veio.

Forte e límpido como uma lembrança. E desta vez não era um sonho bom.

Dez

Ouvi a gritaria do corredor. Meu coração se apertou para depois disparar no peito enquanto eu prosseguia pelo caminho até a sala. Reconhecia aquelas vozes. Eu tinha previsto que algo assim estava prestes a acontecer. Que a tensão que vinha se formando uma hora explodiria.

Não conseguia distinguir o que eles falavam. Ou melhor, gritavam, até chegar à porta da sala.

— Você me usou para chegar nela o tempo inteiro!

— Pense o que quiser, você é louca!

Eu entrei e olhei para Ramona e Luke se encarando como dois cães de briga.

— O que está acontecendo aqui, estão malucos? Dá para ouvir a gritaria do corredor!

Luke soltou uma imprecação e passou a mão pelos cabelos, nervoso. Ramona respirou fundo e forçou um sorriso.

— Estávamos apenas tendo uma conversinha!

— Conversinha? Vocês estavam gritando!

Luke voltou-se para Ramona.

— Vá embora daqui. Suma da minha frente, porque se continuar aqui eu nem respondo por mim!

— Luke! — exclamei meio chocada. Nunca tinha visto ele tão nervoso.

— Eu vou sim — Ramona respondeu —, já percebi que estou sobrando. Aliás, vou embora desta empresa! Não tenho mais nada para fazer aqui!

— Demorou para você se mandar mesmo...

— Parem com isso! — Tentei intervir.

— Não, Ella. Deixa! Agora ele me trata assim, porque já conseguiu o que queria! — Ela encarou Luke com raiva. — Pois saiba que também não faço a menor questão de manter qualquer contato com você! Graças a Deus estou indo embora desse lugar. O melhor para mim é ficar longe de você! — Ramona virou-se para mim e estendeu a mão.

— Você deveria vir comigo, Ella.

Eu a encarei e por um instante não soube o que fazer. Mas a dúvida durou apenas alguns segundos.

— Não.

Ramona pareceu não acreditar na minha recusa por um momento.

— Vai continuar com isso?

Sacudi a cabeça afirmativamente.

— Certo. Fique! Estrague a sua vida! E depois não diga que não avisei. Ah, e o Toby vai adorar saber o que você anda fazendo por aqui...

— Ramona! — exclamei chocada.

— Não. Não vou correr e contar para ele. Porque eu tenho pena! Acho que você mesma devia tomar vergonha na cara e contar! — E com estas palavras ela saiu da sala batendo a porta atrás de si.

Um silêncio tenso se abateu sobre nós com sua saída tempestuosa.

Luke se sentou passando os dedos pelo cabelo nervosamente.

— Devia ter ido — falou tenso.

— Eu não quero ir — sussurrei.

Luke não falou nada. Eu me sentia andando numa corda bamba, como sempre me sentia quando estava com ele. Era assustador.

Talvez Ramona tivesse razão e eu precisasse sair dali. Ficar longe dele. Sem pensar muito, eu me virei para sair, mas Luke segurou minha mão.

Nossos olhos se encontraram e ele sussurrou:

— *Fica.*

Eu acordei suando e levou uns segundos para perceber que estava tendo outro sonho. Ou melhor: outra lembrança. Porque eu tinha certeza que aquilo era uma lembrança. E agora Ramona já não era apenas um nome e sim um rosto. Uma garota bonita, de pele morena, cabelos negros encaracolados e olhos exuberantes.

Virei-me para o lado automaticamente procurando Luke, mas a cama estava vazia. Olhei em volta, o quarto estava mergulhado na penumbra e já tinha anoitecido. Eu me levantei e então percebi a porta de uma sacada aberta. Caminhei até lá e Luke estava sentado numa espreguiçadeira olhando o mar.

— Me deixou sozinha.

Ele se virou e sorriu culpado estendendo a mão.

Isto me fez me lembrar do sonho.

— Eu me lembrei de mais uma coisa — murmurei sentando ao seu lado.

Luke me fitou com os olhos brilhando de uma maneira perigosa que me deixou arrepiada.

— Não. Não foi esse tipo de lembrança.

Ele ficou sério.

— O que foi então? — indagou preocupado.

— Estávamos em um escritório e você discutia com a Ramona.

— Sobre o que discutíamos?

Eu dei de ombros.

— Não ouvi muita coisa, mas vocês estavam muito bravos um com o outro e você pediu que ela sumisse da sua frente. Ela queria que eu fosse com ela, mas eu fiquei. Por que estavam brigando?

— Você não sabe?

— Não... É como... Algo sem começo e sem fim. Não faz muito sentido.

— Vocês eram muito amigas. E quando começamos... a sair, ela foi contra.

— Por que eu tinha um namorado?

— Também.

— Por que mais ela seria contra? A Ramona disse algo sobre você a estar usando para chegar até mim. O que ela quis dizer?

— Ela também era minha amiga. Mas se alguém usava alguém ali, era a Ramona.

— Você não gosta dela. — Era uma afirmação não uma pergunta. Eu não fazia muita ideia do que tinha acontecido antes daquela briga. Ou de como tínhamos ficado depois, mas era nítida a animosidade de Luke em relação a ela.

— Isto não importa mais — Luke respondeu e se levantou. — Vamos comer alguma coisa. Melhorou da dor de cabeça?

Eu o segui para fora do quarto.

— Melhorei sim.

Nós descemos e o ajudei a preparar alguma coisa para comer. Quando terminamos, eu o fitei.

— Como terminou aquela noite? — perguntei de repente.

— Até onde você lembra?

— Você estava bravo, depois que ela foi embora e você disse que era melhor eu ter ido também. E eu fiquei mal e realmente me levantei para sair, mas você pediu para eu ficar. E aí acordei.

Ele deu de ombros, o pensamento longe.

— Eu te levei para jantar e depois te levei para casa.

— Para sua casa?

— Não, para o apartamento que você dividia com Ramona.

— Eu morava com a Ramona?

— Sim, morava.

— Mas parecia que estávamos bravas uma com a outra... Por que não me levou para sua casa? Por que eu não passei a noite com você?

— Porque ainda não passávamos a noite juntos.

Eu arregalei os olhos.

— Espera... A gente ainda não tinha...

— Não.

— Oh... Eu achei que...

— Você ainda tinha um assunto não resolvido... Toby.

Ouvi-lo falar o nome de Toby com tanta angústia fez algo se quebrar no meu peito e de repente eu soube que não era a primeira vez que eu sentia aquilo.

Então eu arfei quando uma enxurrada de lembranças inundou minha mente...

Eu estava num apartamento estranho e olhava o dia nublado pela janela. Alguém se aproximou por trás de mim e eu fiquei tensa me virando.

— A gente podia dar uma volta? — pedi a Toby que apenas assentiu. Será que ele já sabia o que ia dizer? Talvez já soubesse, já esperasse. Acho que ele tinha mais ideia do que eu do que estava acontecendo.

Porque eu não sabia direito. Eu apenas seguia a força compulsória que me arrastava para o outro lado. Um lado totalmente contrário dele. E nesse momento, enquanto nós caminhávamos pelas ruas de Seattle, suas mãos segurando as minhas, eu tentava achar coragem para dizer o que deveria ser dito, eu me lembrei de outras palavras. Na verdade de um

ultimato.

Luke me encarara muito sério no seu carro há apenas alguns dias, enquanto eu praticamente implorara para que ele me levasse com ele.

— Por favor...

— Não posso mais ficar nessa situação, Ella. Não quero dividir você com seu namorado.

O que eu podia dizer quanto aquilo? Ele tinha razão. Eu já passara tempo demais em cima do muro.

— Eu vou... — respirei fundo — terminar tudo.

— Então quando você fizer isso me avise.

E ele abriu a porta do carro para mim. Senti meus olhos marejados, mas saí, o deixando ir embora.

Eu o vi partir sentindo como se uma parte de mim também estivesse indo.

E agora, enquanto outro cara segurava minha mão, eu só pensava que não era com ele que eu queria estar.

Meu coração estava em outro lugar.

— Você está diferente. — Toby me encarou quando sentamos num banco do parque.

— Toby, eu tenho uma coisa para dizer...

E eu disse.

Algumas horas depois eu caminhei pelo corredor e abri a porta com a chave que ele tinha me dado.

O apartamento estava frio e fuzei no meio da bagunça dele e achei uma blusa de frio e a coloquei. Ainda tinha o cheiro dele nela e eu sorri, me enroscando no sofá. E esperei. Luke chegou horas depois, o semblante cansado de quem tinha ficado cinco horas num voo desde Nova York.

Levantei-me ao vê-lo e ele me encarou surpreso.

— Ella?

— Eu terminei com o Toby — falei atropelando as palavras como sempre fazia quando ficava nervosa.

Por um momento, ele não falou nada. Ficou ali me encarando e o som das batidas do meu coração era o único som que eu ouvia.

E então ele sorriu. E eu sorri de volta. Com poucos passos, ele estava na minha frente, os dedos no meu rosto, a boca sobre a minha no melhor beijo que já tinha me dado. Não havia mais nada entre nós. Nada que nos detivesse.

Eu tinha finalmente decidido. A gente ria e se beijava, enquanto nossas mãos retiravam as roupas no caminho e Luke me deitou no tapete, nus, nossas peles se tocando e se arrepiando. Por um momento não fizemos nada. Apenas nos olhamos e eu levantei a mão e toquei seus cabelos eternamente bagunçados.

— Eu amo você — eu me sentia ridiculamente com vontade de chorar.

Porque eu estivera a um passo de perder aquilo que eu mais queria sem nem me dar conta.

Ele sorriu. Não precisava dizer o mesmo.

Porque ele já tinha dito há muito tempo. Eu senti meu coração disparando e um desejo quente percorrer meu sangue. A mão dele deslizou por toda a lateral do meu corpo, arrepiando até minha alma e eu quis mais do que tudo que ele estivesse dentro de mim e afastei meus joelhos num convite mudo, sentindo meu corpo derretendo de uma excitação pulsante. E Luke me beijou de novo e não parou...

Abri os olhos votando à realidade.

Eu estava me lembrando da primeira vez que ele transou comigo!

E sabia que eu me lembraria de tudo daquela noite. Estava ali, dentro da minha mente. Mas de repente eu não queria me lembrar.

— O que foi? — Luke indagou ao meu lado.

Eu me virei o fitando.

Devia estar vermelha e a respiração era difícil na minha garganta.

— Eu me lembrei... daquela noite, em que você voltou de Nova York, quando eu terminei com Toby.

Os olhos dele se iluminaram de entendimento. Sim, ele também se lembrava.

— Lembrou-se de tudo?

— Está aqui dentro, mas eu não quero lembrar agora. — Respirei fundo e me levantei. — Quero que você me mostre. Quero que faça amor comigo, como da primeira vez.

E estendi a mão para ele.

Onze

Eu esperei.

Minhas próprias palavras reverberando pela cozinha. Luke me fitava com os olhos verdes intensos, cheios de um receio, de uma dúvida. Parei de respirar por alguns instantes, esperando, ansiando. Então ele segurou na minha mão estendida e sorriu, ficando de pé, os dedos entrelaçando nos meus. E me puxou para fora da cozinha, meu coração batendo desesperado no peito, enquanto o seguia.

Mas quando passamos pela sala, eu parei e Luke me fitou sem entender.

— Acho que o quarto está muito longe — falei sem ar.

Luke riu, aquela risada que fazia tremer tudo dentro de mim.

— Você lembrou-se do tapete...

Eu me aproximei.

— Me lembrei de alguma coisa, mas não quero me lembrar de mais, quero que me mostre como terminamos.

Meus dedos trêmulos abriram os botões de sua camisa. Luke prendeu o olhar carregado de eletricidade em mim e eu podia ter derretido ali mesmo, tamanho foi o calor que passou por minha pele, arrepiando todos os poros, minha mente girando. O ar tornou-se rarefeito e eu me atrapalhei nos últimos botões. Ele riu, me ajudando e a camisa foi para o chão.

Meu olhar se prendeu em uma tatuagem em seu peito. Uma borboleta azul. Como a minha. Passei os dedos pelo desenho, fascinada, querendo perguntar a história delas, mas Luke já me beijava, um beijo melhor que em minhas lembranças, levando a mão a minha blusa, a tirando. O resto de nossas roupas seguiu o mesmo caminho. Eu fiquei na ponta dos pés, a outra

mão passando por sua nuca, e Luke me empurrou para o chão, o beijo incendiando, consumindo, excitando. Passei os dedos por suas costas, seus ombros, braços, querendo me fundir a ele. Quando o beijo terminou Luke me fitou.

— Eu não conseguia acreditar que você estava ali, e que finalmente podia ser minha... eu sonhei com você desde o primeiro momento que olhou para mim, com estes olhos cinzas incríveis.

— Eu queria lembrar... de como foi... de quando falou comigo pela primeira vez...

Suas mãos enquadraram meu rosto.

— Você vai lembrar — garantiu com a determinação tão firme que eu realmente acreditei.

Acho que naquele momento acreditaria em tudo o que me dissesse.

Tudo era tão certo, tão... predestinado. Eu podia não me lembrar de quase nada de antes, mas sabia que não havia nada melhor e mais perfeito do que sentir suas mãos em mim, queimando por onde passavam, o hálito quente banhando minha pele, os lábios deslizando por meu pescoço, meus seios, meu umbigo. As coisas sem sentido que ele dizia em meu ouvido, carregadas de erotismo, os dedos no interior das minhas coxas, deslizando para dentro de mim, mais fundo, até que um soluço escapasse de minha garganta, minhas unhas cravando nos seus ombros.

Tudo se misturava na minha mente agora. Antes e o agora.

E as lembranças daquele dia a tanto tempo fazia aumentar ainda mais meu desejo.

— Eu quero você dentro de mim agora... — sussurrei contra sua boca, deslizando a mão entre nossos corpos e o tocando e guiando para dentro de mim.

— Sim... — murmurou roucamente, me preenchendo total e

absolutamente.

Pode-se sentir o coração batendo numa pequena veia, na parte mais escondida do corpo? Fechei os olhos, a mente parando de funcionar. Tudo se concentrava naquele pequeno ponto que nos unia, as investidas do corpo dele, de novo, e mais forte, até a estocada final, doce, quente, explosiva, me tirando o ar e me fazendo gritar seu nome num orgasmo perfeito.

Eu abri os olhos tempos depois para encontrar os dele me fitando, preguiçosos, os dedos acariciando meus cabelos.

— Foi melhor que a primeira vez — murmurei.

Luke me olhou em dúvida.

— Eu não sei...

Eu bati em seu ombro e ele riu, e me beijou acabando com meus protestos.

E eu teria ficado de bom grado ali o resto da noite se o telefone não tivesse tocado.

Luke parou de me beijar e soltou um palavrão.

Eu ri. Estava numa bolha de felicidade tão grande que nada me abalava.

O telefone continuava a tocar insistentemente e ele me encarou meio tenso.

— Acho que eu preciso atender.

— Vá em frente — falei destravando meus braços que ainda estavam em volta dele.

Luke levantou colocando a calça e se afastou.

Eu me sentei e procurei entre as roupas no chão, colocando a camisa dele. Podia ouvir sua voz muito baixa através da parede e algo me ocorreu. Por que ele não atendera ao telefone ali?

Senti um mal-estar, como se algo ruim estivesse acontecendo além de

minha vontade. Mas sacudi a cabeça, tentando afastar aquela perturbação. Ele voltou minutos depois, mas estava diferente. Estava tenso.

— Eu preciso voltar para Nova York.

— O quê? Para Nova York? Agora?

Ele passou a mão pelos cabelos, num gesto nervoso enquanto mexia nas teclas do celular.

— Preciso ir. É urgente.

— O que aconteceu?

— Uma emergência no trabalho...

— Oh... Talvez não devesse ter se afastado mesmo...

— Não, eles sabiam que eu ia ficar afastado, mas aconteceram uns problemas, preciso estar lá para resolver.

— Não pode ir amanhã? Já está tarde.

— Não, eu tenho que ir hoje.

Disfarcei meu desapontamento. Querendo não parecer tão desesperada para que ele ficasse.

Luke se aproximou e tocou meus cabelos.

— Eu não queria ir, Ella.

— Então não vai — sussurrei, sem conseguir me conter, encostando-me nele.

Ele riu baixinho.

— Eu ficaria, se realmente não fosse importante.

Eu suspirei, me sentindo meio idiota. O que seria tão importante para ele sair no meio da noite, me deixando sozinha ali? Seria mesmo trabalho? Eu tentei não ser paranoica. Não havia motivos. Ou eu achava que não havia.

Respirei fundo.

— Ok, acho melhor se arrumar para ir então, senão fica mais tarde.

Ele se afastou subindo as escadas e eu fui atrás, olhando ele se

movimentar apressado, vestindo qualquer roupa rapidamente.

— A Megan vai ficar com você.

— Não precisava.

— Não quero deixar você aqui sozinha.

Eu dei de ombros e desci as escadas pegando as roupas do chão e as vestindo, já que Megan estava vindo.

Quando Luke desceu, eu o acompanhei até o carro. Seus dedos acariciaram meu rosto.

— Mais alguma lembrança?

Eu sacudi a cabeça negativamente.

O carro de Megan se aproximou na estrada.

— Megan sabe onde me encontrar, caso precise.

— Quando você volta?

— O mais rápido possível.

— Tudo bem — sorri forçadamente e ficando na ponta dos pés o beijei —, lembre-se de mim quando estiver em Nova York.

Ele riu.

— Ella, você é a desmemoriada aqui e não eu.

E com um último sorriso, ele entrou no carro.

Eu fiquei olhando o carro se afastar, de novo com aquele sentimento estranho. Megan se aproximou e passou os braços a minha volta.

— Vamos entrar, está frio aqui.

Eu sorri para ela e nós entramos.

Naquela noite, eu mal dormi. Alguma coisa estava me incomodando e eu não fazia ideia do que era.

Mas quando finalmente amanheceu, eu soube qual era o problema.

Eu sabia que alguma coisa estava errada. Havia alguma coisa sendo escondida de mim. Não sei de onde vinha essa ideia. Talvez um sexto

sentido, talvez do meu subconsciente. Mas tinha certeza disso.

Desci as escadas silenciosamente. Megan ainda estava dormindo. Entrei no escritório e liguei o computador. Não foi difícil achar o telefone da AJ na internet.

Quando a telefonista atendeu, eu pedi para falar com Luke.

— Um momento, por favor... — Eu esperei até que outra voz feminina atendeu.

— Escritório da diretoria, em que posso ajudar?

Diretoria?

— É, eu... queria falar com o Luke St. James...

— Quem gostaria?

— Olá, aqui é a Ella... Brooke — Eu me perguntei se teria mudado de nome, mas agora era tarde.

— Oi Ella, tudo bem, está melhor?

Eu mordi os lábios. E agora?

— É... sim, estou sim.

— Que bom!

— Olha, eu liguei para saber se o Luke já chegou por aí?

— Luke? Não, ele não apareceu por aqui não. Achei que fosse ficar afastado com você umas duas semanas.

— Sim, ele ia, mas ligaram ontem e pediram para ele voltar, acho que tinha algum problema.

— Problema? Mas está tudo bem aqui, que eu saiba. E claro, eu sou sua primeira assistente, saberia se tivesse algo errado, não é?

— Claro que sim — falei entredentes. Minha mente girando. — Eu posso ter me enganado. Tem certeza que ninguém daí ligou para ele, assim, ontem à noite?

— Não havia ninguém trabalhando ontem à noite.

— Claro. — Consegui balbuciar alguma coisa antes de desligar.

Se não foi do trabalho, quem diabos ligara para ele?

Minha mente rodava cheia de uma amarga desconfiança. Do que eu não sabia. Será que ele tinha um caso? A tal R seria um caso? Por isso ele não dizia quem era?

De repente outras coisas começaram a me atormentar. Por que eu tinha ido embora sozinha dali antes do acidente? Seria por causa de alguma briga? Eu sentia um terror frio me dominar.

Aquele vazio horrível na minha mente. O não saber de nada, estar totalmente no escuro tinha voltado.

Luke mentira ontem à noite. Alguém ligara. Alguém importante o suficiente para ele largar tudo.

Largar-me e ir atrás. E precisar mentir.

Eu respirei fundo. Só havia um jeito de saber.

Liguei de novo para a AJ. A própria recepcionista não ofereceu resistência quando eu pedi o endereço da casa de Luke. Da nossa casa, corrigi. Obviamente acho que a moça não sabia do meu problema de amnésia, então eu inventei que estava numa loja e queria apenas confirmar o número para a entrega de uma encomenda.

Munida desta informação, subi para o quarto e coloquei uma roupa. Não foi difícil achar as chaves do carro de Megan.

Enquanto dirigia, minha mente girava cheia de considerações e dúvidas.

Eu e Luke nos conhecemos na St. James em Seattle. Nós trabalhamos juntos lá e foi lá que eu me apaixonei por ele e deixei Toby.

Em algum momento nós havíamos nos casado e nos mudado para Nova York. E Luke agora era diretor ou algo assim de uma empresa chamada AJ.

E Toby trabalhava lá também. Como diabos isso tinha acontecido?

Teria algum sentido, meu ex e o atual no mesmo lugar? E aquilo que Toby dissera quando eu fui lá, que Luke não gostava de me ver ali com ele. E se Luke não gostava de Toby, por que o empregava em sua empresa? Eu queria desesperadamente entender.

Eu tentava manter minha mente sob controle, mas era difícil.

Por que Luke tinha mentido? Será que fora encontrar com alguém? Eu senti meu coração se apertando com aquela possibilidade.

— Mas que merda! — Bati meus punhos no volante, sentindo as lágrimas queimando nos meus olhos.

Eu nem o conhecia, não é? Eu não podia ter sentimento nenhum por ele, se levasse em conta que o meu conhecimento sobre ele era apenas alguns *flashes* de lembranças desconexas. Era ridículo estar sentindo aquela dor, aquele aperto no peito, pela possibilidade de ele estar com outra pessoa.

Eu não o conhecia. Não totalmente. Havia tanta coisa perdida, tanta coisa que eu queria muito saber sobre ele...

Olhei em volta ao ouvir uma buzina e percebi que estava entrando em Nova York. Meu coração disparou enquanto eu seguia o GPS até o endereço informado.

Eu não sabia se Luke estaria lá, mas era um bom lugar para começar.

De repente eu entrei numa rua que havia uma praça à direita e brequei o carro bruscamente quando vi alguém muito parecido com Luke adiante.

Ele falava ao telefone e passava os dedos pelos cabelos, parecendo tenso.

Não havia dúvidas agora. Era Luke!

Olhei pelo retrovisor, tentando me acalmar. Ele desligou o telefone e desapareceu da minha vista. Eu saí do carro sem pensar e fui atrás.

Não era uma praça, era uma espécie de parque infantil. Eu parei ao

vê-lo ao lado de uma espécie de tronco, onde uma menina se equilibrava, tentando atravessá-lo. E Luke estava ao seu lado, a acompanhando, os braços estendidos, mas sem a tocar, como se fosse segurá-la a qualquer momento, caso ela precisasse.

E ele sorria. Eu não consegui me mexer. Fiquei ali, vendo aquela cena sem entender. A menina acabou e pulou pelo chão. Devia ter uns quatro ou cinco anos com longos cabelos castanhos.

Ela comemorou o feito e correu para outro brinquedo. E foi quando Luke me viu.

Seus olhos se arregalaram e ele veio em minha direção.

— Ella!

— Quem é essa criança, Luke? — indaguei fixando os olhos nela de novo.

Mas antes que ele respondesse a criança me viu e seus olhos azuis se iluminaram enquanto ela corria em minha direção e se atirava nos meus braços. Eu segurei aquela criança desconhecida totalmente confusa, meus olhos se encontrando com o de Luke através de sua cabeça. Ele tinha os olhos tão atormentados que eu de repente paralisei, antes mesmo que a menina começasse a dizer entre meus cabelos.

— Mamãe! Mamãe! Você voltou!

Meu coração parou de bater.

Doze

Era como um sonho. Como se sentir desprendida do próprio corpo e olhar a realidade de outro ângulo. E mesmo assim se sentir despedaçando por dentro.

Eu comecei a tremer.

— Riley. — Luke puxou a menina dos meus braços a afastando de mim.

Eu a olhava agora, sem conseguir desprender os olhos de sua pequena figura. Era como olhar para mim mesma. Não que fosse igual a mim. Era uma mistura de minhas feições com a de Luke. Se havia alguma dúvida, ela se desfez naquele momento.

Eu tinha uma filha.

E o mundo escureceu a minha volta e eu desmaiei.

Talvez não fosse bem um desmaio. Eu apenas não tinha mais controle sobre meus membros.

Ouvi como de muito longe um grito infantil e braços conhecidos me segurando. Eu nem cheguei ao chão. Deixei que Luke me pegasse e murmurasse alguma coisa para a criança que chorava. Mas não lutei contra o entorpecimento. Este era bem-vindo. Separava-me da realidade. Senti que ele me largava no banco do couro de um carro.

— A mamãe está doente de novo, papai? — A voz ansiosa perguntou.

— Ela ficará bem, querida — Luke a tranquilizou.

Oh Deus. Não fora um sonho. Porque a menina continuava a me chamar de mãe. Mas eu ainda me sentia como num pesadelo. Não conseguia formular nem em pensamento a realidade na minha frente. A realidade que eu desconhecia totalmente.

O carro entrou em movimento.

— Nós vamos para a casa da tia Laurel?

— Você vai.

— Mas eu quero ficar com a mamãe!

— Riley, a mamãe não está passando bem, lembra do que conversamos?

— Que ela precisa ficar longe por um tempo, se recuperando.

— Isso mesmo.

— Mas ela voltou!

— Porém continua doente.

— Por isso ela desmaiou?

— Sim. — A tensão em sua voz era quase palpável.

O carro parou e Luke saiu. Eu senti pequenas mãos quentes no meu rosto numa suave carícia.

— Fique boa logo, mamãe.

Meu coração se apertou de algo estranho e desconhecido.

Oh Deus, oh Deus, oh Deus.

Eu senti que estava sozinha e só então as lágrimas começaram a jorrar dos meus olhos firmemente fechados.

Os soluços sacudindo meu corpo. Era tudo horrível demais. De repente a porta do carro se abriu e Luke estava do meu lado, com os braços me envolvendo.

— Shi... vai ficar tudo bem... vai ficar tudo bem.

Mas até para mim as palavras pareciam que eram para ele mesmo. Talvez ele mesmo tivesse dúvida de que tudo ficaria bem um dia. O abismo que se formara na minha mente era bem maior agora. Era gigantesco. Não havia apenas Luke na minha vida. Havia outra pessoa. Uma pessoa que aparentemente saía de dentro de mim. E eu nem me lembrava de sua

existência. Uma pessoa que ria, falava e respirava por aí há uns cinco anos. Sem que eu tivesse noção disso.

Há algumas semanas ela não existia para mim. Como é que eu ia consertar aquilo agora? Eu não a conhecia. Deus, uma parte de mim ainda achava que tinha dezoito anos!

Eu tinha aceitado que os anos passaram. Que Toby era passado na minha vida. Que havia outro homem no meu mundo. Mas nunca, nem no meu pesadelo mais louco, eu ia adivinhar que havia mais alguém importante. Uma filha.

Respirei fundo, parando de chorar e encarei Luke.

— Como é possível? Como... eu posso ter... ter... — Não conseguia nem pronunciar as palavras. — Essa criança... como ela pode existir, como... como eu posso ter esquecido?

— Ella, se acalme.

— Por que não me falou? Por que escondeu isso de mim? — Era uma pergunta cheia de acusações.

— Justamente pelo estado que está agora. Você mal aceitava que eu fazia parte da sua vida, se eu contasse que nós tínhamos uma filha de cinco anos...

— Cinco anos, oh Deus! — Eu me virei, escondendo o rosto entre as mãos. — Eu me sinto num pesadelo...

— Eu sei.

Eu o fitei com raiva.

— Você não sabe nada! Não faz ideia de como eu me sinto! Sabe o que é perder sete anos da sua vida? E descobrir do nada que tem uma filha e um marido que mente o tempo inteiro?

— Ella, eu nunca quis mentir para você, eu apenas omiti alguns fatos para seu próprio bem...

— Você mentiu ontem à noite!

— Por isso está aqui?

— Sim, eu descobri. Eu sabia que havia alguma coisa errada e liguei lá na sua empresa hoje de manhã e qual não foi a minha surpresa ao descobrir que você mentiu descaradamente ontem à noite!

— Eu não podia contar...

— Sobre essa criança? Você veio por causa dela?

— Sim, ela adoeceu.

— Ela não me parecia doente.

— Era apenas um alarme falso. Acho que o problema dela era que queria nós aqui. Não está sendo fácil para ela... bem, deixa para lá. É melhor sairmos daqui.

Eu não retuquei. Ele deu partida e seguimos. Não fazia ideia para onde, mas não me importava.

— Qual o nome dela?

— Riley.

Nós paramos em frente a um prédio de apartamentos.

— Que lugar é esse?

Ele pegava minha mão e me levava para dentro de um elevador elegante.

— Não estou em condições de te levar para os Hamptons agora.

— E nem acho que quero voltar — murmurei.

Nós seguimos por um corredor e ele abriu a porta de um apartamento.

— Aqui é nossa casa?

Ele apenas sacudiu a cabeça afirmativamente.

Ali sim eu sentia que havia minha presença em todos os cantos. Meus livros estavam na estante que eu reconhecia. Eu realmente morava ali. E me senti bem de repente. Como se tivesse em casa depois de uma longa viagem.

— Você precisa descansar — Luke disse atrás de mim e eu o fitei.

— Acho que nós precisamos conversar.

— Talvez mais tarde.

— Não.

— Ella, você está exausta. Dirigiui por horas e depois de tudo...

Suspirei, me sentindo mesmo um pouco cansada agora. Fora coisas demais para um dia só. E talvez eu ainda não tivesse preparada para a conversa que tínhamos que ter.

— Tudo bem.

Eu caminhei, sem ele precisar me dizer onde era o quarto. Que estranho. Luke me seguiu e cerrou as cortinas quando me deitei, fechando meus olhos cansados.

— Durma, Ella.

Eu pude sentir seus dedos no meu rosto, me lembrando de outros dedos, mais delicados e pequenos fazendo a mesma coisa. E joguei para longe a lembrança.

Foi um sono sem sonhos.

Eu acordei e por um momento achei que tivesse de novo em Hampton. Mas não havia barulho das ondas do mar, e sim de carros e buzinas. Estávamos em Nova York. Abri os olhos e a claridade do dia entrava através das cortinas.

E então eu me lembrei. Riley. Seu nome veio rápido e dolorido dentro de mim. A criança desconhecida. Minha filha.

Pela primeira vez, deixei aquela constatação vazar pela minha mente. Ainda era difícil aceitar. Muito difícil. Mas como tudo o que vinha acontecendo desde que eu acordara daquele acidente, eu teria que me acostumar com a ideia, não é? Como me acostumara com Luke.

Eu me levantei e saí do quarto. Segui pelo corredor até a cozinha,

ouvindo sua voz. Luke estava ao telefone, mas desta vez eu fazia ideia com quem estava falando.

Ele me viu e sorriu cauteloso.

— Ok, baby, eu te vejo mais tarde. Também te amo.

Eu mordi os lábios me sentindo... estranha?

— Você está bem?

Eu dei de ombros.

— Tanto quanto é possível estar... — eu me sentei —, me arranja um pouco deste café.

Ele colocou uma xícara na minha frente. Nós tomamos em silêncio por um tempo.

— Por que não me contou? — perguntei baixinho.

— Como acha que seria se no dia que acordou no hospital já soubesse de tudo isso?

Eu recuei. Talvez tivesse razão.

— Mas você teve todo o tempo lá em Hampton para me contar!

— Eu queria que você se acostumasse comigo primeiro, e depois as coisas viriam naturalmente.

Eu respirei fundo. Do que adiantava discutir agora?

Eu já sabia de tudo, não é? Agora era tentar me adaptar a nova realidade. Estremeci ao me lembrar de Riley.

— Eu... estou com medo — murmurei depois de um tempo.

— Do quê?

— Eu não faço ideia de como ser uma mãe. Droga, eu ainda ajo como se tivesse dezoito, como posso ter uma filha de cinco? É tão... bizarro!

Ele sorriu.

— Está achando engraçado? Eu estou apavorada!

— Estou rindo que você disse umas palavras parecidas quando ficou

grávida.

— Ah é? E o que eu disse?

— Que tinha só vinte anos, como poderia ser uma boa mãe? Mas estava errada.

— Eu sou uma boa mãe? — Eu o encarei, incrédula.

— Sim, você é.

— É difícil acreditar.

Eu nunca pensei em ter filhos. Nunca. Não com Toby pelo menos. Mas alguma coisa me fez querer ter com Luke. Mesmo tendo só dezenove anos. De repente um pensamento me ocorreu.

— Eu disse que não ia conseguir ser mãe? Isso quer dizer que... devo deduzir que... não foi algo planejado?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Não.

— Oh... Nós já estávamos... casados?

— Não ainda.

— Nós nos casamos porque eu engravidei, não foi? — indaguei, mas já sabia a resposta. Algumas coisas estavam começando a fazer sentido.

— Sim.

— Certo. — Eu não sabia por que me sentia mal com aquilo. Será que estaríamos casados se eu não tivesse engravidado? Isso eu nunca saberia.

Ficamos em silêncio por um tempo.

— E o que vamos fazer agora?

— Eu ainda não sei. Deixo em suas mãos. Podemos voltar a Hampton se quiser.

— Não me parece... certo.

Antes eu não sabia que tinha uma filha. E mesmo ainda não me sentindo mãe dela, não podia simplesmente virar as costas e fingir que ela

não existia.

— Você não precisa encarar isso agora.

— Eu preciso sim. Eu não sei... quando vou lembrar, ou se vou lembrar, não posso fugir para sempre. Eu tenho que... tentar entender e aceitar e... tentar ser uma mãe, que seja!

— Você não precisa tentar. Você é mãe dela. Só não se lembra.

De repente me ocorreu algo aterrador.

— Meu Deus, como ela... ela sabe disso? Que eu não me lembro dela?

— Mais ou menos.

— Como assim?

— Eu tentei explicar, falei que você estava doente, que sua mente estava confusa e que podia não se lembrar de algumas coisas em relação a ela.

— Bem, menos mal... talvez devêssemos trazê-la para cá? Você disse que ela ficou doente...

— Se for muito para você...

— Tudo é muito para mim! Mas acho que temos que tentar... fazer tudo voltar ao normal.

— Tudo bem. Ela vai para a escola agora.

— Certo.

— Podemos pegá-la à tarde.

— Tudo bem. — Tentei conter a onda de pânico dentro de mim. — Oh, Deus, eu não faço ideia de como lidar com uma criança!

— É um instinto, Ella. Nós também não sabíamos o que fazer quando ela nasceu e nos saímos muito bem.

— Se você diz, eu vou ter que acreditar.

Ele olhou o relógio.

— Eu vou tomar um banho.

— Ok.

Ele se afastou e eu fui até a janela. Nova York era linda e fria lá embaixo. Eu estremei, não só de frio, mas de medo. Medo do desconhecido. Daqui a poucas horas iria encarar o maior desafio da minha vida e não fazia ideia de como. Caminhei pela sala, olhando as coisas conhecidas e desconhecidas por ali. Havia vários porta-retratos do lado. Muitas fotos de um bebê em diferente estágio que só podia ser Riley. Eu peguei uma que eu estava junto numa praia. Eu reconhecia a casa atrás como a de Hampton. Ela deveria ter uns dois anos e eu a girava. Nós duas ríamos. Em outra, tirada no mesmo momento, Luke estava junto e nós três fazíamos careta para a câmera. Eu mordi os lábios, para conter o nó na minha garganta.

Será que um dia me lembraria daquele momento? Coloquei o retrato no lugar, sentindo-me mal por dentro. Só o tempo diria. Eu me lembrava de algumas coisas. Podia me lembrar dela também. Mas antes eu teria que encará-la sem a ajuda das lembranças.

Respirando fundo, caminhei de volta para o quarto. Era melhor eu fazer como Luke, tomar um banho e me arrumar para esperá-la. Talvez isso me fizesse sentir melhor. Ao entrar no quarto, ouvi o barulho do chuveiro. Eu poderia voltar e esperá-lo. Mas algo me fez parar. De repente a minha mente foi invadida por lembranças do que acontecera em Hampton. De como eu sentira que tudo tinha mudado irreversivelmente.

Aquilo parecia há anos-luz de distância agora. Como umas das minhas lembranças antigas, mas eu ainda podia sentir aquela necessidade fremente dentro de mim.

Minha mão tremeu um pouco quando retirei minhas roupas e caminhei devagar para dentro do banheiro esfumaçado e abri a porta do box. Luke me fitou surpreso por um momento. Eu dei de ombros, sorrindo enquanto mordia os lábios, meio nervosa.

— Posso?

Ele sorriu de volta e me puxou para perto, nossos corpos molhados se tocando, enquanto me beijava, o jato quente do chuveiro em cima de nossas cabeças. Eu me arrepiei inteira o beijando de volta, as mãos enterradas em seus ombros. A língua traçou o contorno dos meus lábios, para invadir e explorar.

Eu derreti e certamente teria caído se não me segurasse firme, as mãos passeando por meu corpo molhado. Não havia necessidade de palavras, tudo era dito por nossos corpos roçando juntos sob a água quente. As mãos passeavam por meu corpo úmido, despertando meus sentidos. Seus lábios descolaram do meu para seguir uma trilha por meu rosto, meu pescoço, minha orelha. E eu o beijava de volta, saboreando seus ombros molhados, seu queixo de barba por fazer e mordisquei sua orelha, roçando meus seios sensíveis contra seu peito. Luke gemeu roucamente, o corpo estremecendo junto ao meu e ofeguei ao sentir sua excitação contra mim, o sangue pulsando rápido em minhas veias e um calor incandescente me dominou por inteiro.

Ele voltou a me beijar profundamente me empurrando em direção ao vidro embaçado do box e pressionando o corpo contra o meu, e prendendo meus pulsos acima da cabeça, os lábios seguindo as gotas de água por minha pele até meus seios, meu umbigo e eu tremi ao senti-lo abaixar-se ainda mais, tocando a junção entre minhas pernas, a língua invadindo, explorando, excitando, até que eu gemesse perdida num mar de sensações quentes e delirantes.

— Por favor — implorei sem nem saber bem pelo que, minha mente girando.

Ele se ergueu e me levantou do chão se posicionando no meio das minhas pernas e me penetrando profundamente, nossos corpos molhados e escorregadios se unindo facilmente e movendo-se juntos.

— Sempre foi tão bom assim? — murmurei entre arquejos, sentindo meu corpo tremendo de prazer.

— Com você, sempre é perfeito.

Ele aumentou o ritmo e eu o acompanhei até tudo explodir num orgasmo doce e intenso.

Depois do que pareceu uma eternidade, abri os olhos para encontrar os dele me fitando com aquele sorriso de lado irresistível e o beijei enquanto ele me deixava escorregar de novo para o chão e me levava de volta para debaixo do chuveiro. E deixei que me lavasse e o lavei também, como se sempre tivéssemos feito isso. Talvez fizéssemos mesmo e eu apenas não me lembrasse.

Foi quando acabei de me vestir que a realidade voltou como um raio e eu me senti nervosa de novo. Comecei a roer as unhas, enquanto ouvia Luke ao telefone em outro cômodo.

— Era Megan. Estava preocupada com seu sumiço — ele disse quando entrou no quarto.

— Coitada. Eu fugi sem avisar.

— Não se preocupe com Megan.

Eu respirei fundo e comecei a passar os dedos nervosamente por meus cabelos embaraçados.

Luke se aproximou e segurou minhas mãos.

— Não fique nervosa.

— Impossível. Que horas vamos encontrar Riley?

— Daqui a pouco.

— E se ela não gostar de mim?

— Ella, você é mãe dela. E Riley sentiu muito a sua falta desde que sofreu o acidente.

Ok, se era para me acalmar, isso não ajudou.

— Pronta para ir?

Eu assenti e o segui.

Pronta era algo muito distante do meu estado atual. Mas eu deixei que Luke segurasse minha mão enquanto íamos encontrar nossa filha.

Treze

Eu torcia as mãos nervosamente e mordia os lábios com mais força do que deveria quando Luke parou o carro. Suas mãos cobriam as minhas.

— Pare com isso — ele me advertiu.

— Eu não consigo.

Estava simplesmente apavorada. A vontade que eu tinha era de sair correndo sem olhar para trás.

— É apenas uma criança, Ella.

— Ah sim. Uma criança que espera que eu seja mãe dela. Algo que eu não me lembro como ser.

— Apenas aja naturalmente. Se ficar nervosa, ela ficará também, e será muito mais difícil.

Sim, ele tinha razão. Ter uma crise histérica na frente da menina ia ser bem pior.

Eu respirei fundo várias vezes, tentando me acalmar. Olhei para frente, do outro lado da rua um portão grande foi aberto e várias crianças saíram para encontrar seus pais. Pais que não tinham crise de pânico só porque iam buscar seus filhos na escola. Eu engoli em seco e Luke apertou minha mão.

— Se não estiver pronta para isso, podemos voltar e...

— Não. Eu preciso encarar. — E abri a porta do carro.

Luke deu a volta e segurou minha mão enquanto atravessamos a rua. Ao ver aquele mar de crianças, sabendo que a qualquer momento aquela que eu temia ia aparecer, me deixou nervosa de novo. Senti o pânico me dominar e estaquei, empalidecendo de medo.

— Ella?... — Luke me chamou preocupado.

— Talvez devêssemos... — Não consegui terminar, pois alguém deu um gritinho.

— Mamãe!

Oh Deus. Para onde eu fugia agora? Podia ouvir seus pequenos pés correndo para nos alcançar, mas não conseguia me mover. Luke apertou minhas mãos.

— Ella... — Sua voz era uma suave advertência e me obriguei a pensar com racionalidade.

“Sem pânico. Apenas respire e tente agir normalmente.”, eu dizia a meu cérebro entorpecido.

Ela nos alcançou e eu esperei, não menos apavorada, que, como da outra vez, pulasse em cima de mim. Mas ao chegar perto, ela hesitou. Os olhos temerosos foram de mim para Luke.

Ok, eu a estava assustando.

Talvez agora ela pudesse correr de volta para a escola e dizer a seus amiguinhos que tinha uma mãe maluca.

— Está tudo bem, Riley — Luke falou se agachando para abraçá-la.

A menina cochichou algo em seu ouvido e Luke riu ao se afastar.

— Não, ela não vai desmaiar de novo se você a abraçar. — E ele me fitou. — Não é, Ella? — Sua voz era uma mistura de advertência e encorajamento.

Limpei minha garganta e forcei um sorriso. O mais tranquilo que consegui.

— Claro que não — respondi rápido e bastou para que a criança estendesse os braços para mim.

Hesitei apenas um momento, antes de me abaixar e abraçá-la. Ela era macia, quente e frágil e tão... viva.

E me perguntei como é que ela tinha saído de dentro de mim. Aquele ser completo.

Eu me afastei, aliviada por ter passado naquele primeiro teste. Ao menos não tinha desmaiado de novo. E nem saído correndo apavorada. E o mais importante: Riley parecia aliviada também.

— Vamos? — Luke falou e a menina segurou na minha mão, me puxando em direção ao carro.

— Aonde vamos? — indagou quando entramos no carro.

— Para casa — Luke respondeu.

— Para nossa casa?

— Sim, nossa casa. — Luke sorriu enquanto dava partida e Riley pulava no banco de trás.

E quando eu digo pulando, é pulando mesmo no sentido literal da palavra. Eu olhei para Luke, meio assustada, e ele riu.

— Ela está feliz porque desde que sofreu o acidente não fica em casa.

— Quem cuidou dela todo esse tempo?

— Ela estava na casa de minha irmã, Laurel, mas minha mãe está na cidade para ajudar.

— Entendi — murmurei me dando conta que nem sabia que ele tinha uma irmã chamada Laurel.

Eu olhei o movimento pela janela. Uma parte minha tinha curiosidade de conhecer a família dele, mas a outra achava aquilo bem assustador também.

— O que sua família acha... — fiz um movimento com a cabeça, não ia falar “minha amnésia” na frente de Riley — do meu problema?

— Eles sentem muito.

— Eles... gostam de mim?

Luke sorriu.

— Por que não gostariam?

— Não sei... talvez pelo motivo que nos casamos. — Fiz de novo um movimento em direção a Riley.

— Eles amam a Riley.

— Que bom — suspirei, sem querer continuar o assunto.

Nós chegamos ao prédio, e Riley corria a nossa frente, toda animada. Eu ainda estava bem receosa de fazer qualquer coisa errada.

Eu estava receosa de fazer qualquer coisa, na verdade.

Quando entramos no apartamento, Riley correu para seu quarto, gritando algo sobre verificar se estava tudo no lugar, seja lá o que ela queria dizer com isso.

— Não foi difícil, foi? — Luke sorriu.

— Não estou nem há uma hora com ela, não posso dizer muita coisa.

— Você vai ver que é fácil.

— Se você diz...

De repente o telefone celular dele tocou. Ele atendeu e falou algumas palavras rápidas, ficando tenso. O que seria agora?

— O que foi?

— Eu preciso sair.

— O quê? Sair para onde?

— Tem uma emergência na empresa.

Eu lhe lancei um olhar cético me lembrando de sua mentira.

— É sério desta vez, Ella.

— Mas não pode me deixar sozinha com a Riley!

— Eu não iria se não fosse realmente importante.

— Outra pessoa não pode resolver?

— Infelizmente não.

— Não pode fazer isso — choraminguei.

— Ella, pare de se apavorar.

— Eu não faço ideia de como cuidar de uma criança e ainda mais uma que espera que eu seja mãe dela! Você não pode ir.

— Eu volto rápido.

— Por favor, não faz isso.

— Vai dar tudo certo. Meu telefone está na agenda. E a Riley sabe de cor. Se precisar me liga. Ou liga para minha mãe. — Ele beijou minha testa e saiu.

— Traidor! — resmunguei, Riley entrou na sala.

— Mamãe, posso tirar esta roupa horrível?

Eu me virei para ela.

— Essa roupa não é horrível — falei a primeira coisa que me veio à mente ao ver o típico uniforme escolar.

Ela revirou os olhos.

— Claro que é!

— Bem... Não precisa mais dele hoje, não é? Quer dizer, a escola acabou por hoje?

— Claro que sim.

— Então acho que você pode tirar...

Mas ela ficou parada no mesmo lugar.

— Você sabe se vestir sozinha? — indaguei incerta. Eu não fazia ideia. Tentei me lembrar de mim mesma aos cinco anos. Do que eu já era capaz de fazer, mas não consegui me lembrar. — Ou talvez precise que eu te ajude? — falei como que para mim mesma.

A menina me fitava mais confusa do que eu.

— Quer dizer... Eu não me lembro bem... mas sabe de uma coisa? Você pode fazer como quiser hoje! Ganhou o dia! — Riley riu e se aproximou puxando minha mão em direção ao quarto.

— Mamãe! Você está engraçada hoje.

Eu meio ri, meio choraminguei. Ao menos eu a fazia rir! Vamos ver quando ela ia se cansar disso. Riley me puxou pelo corredor até um quarto claro e infantil. Soltando minha mão, começou a abrir umas gavetas e retirar várias roupas de dentro.

— Eu posso escolher! Eu posso escolher! — cantarolava.

Curiosa, comecei a olhar em volta. Riley ia abrindo todas as portas e eu ri ao ver as roupas. Nada de babados e rosa. Havia muitas camisetas que pareciam com as minhas, mas em versão menor. Muitos tênis e roupa de frio. Claro, estávamos em Nova York. Havia alguns vestidos também. A moda não havia mudado muito. Ou talvez nós que não seguíamos a moda.

— Gosto das suas roupas — comentei e ela riu.

— Claro que gosta, mamãe, você que escolheu tudo pra mim!

Eu franzi o cenho.

— Eu não deixo você escolher?

— Eu gosto do que você escolhe. Minhas amigas não gostam muito — falou pensativa.

— Mas o importante é você gostar. Não precisa ser igual aos outros.

Ela riu.

— Isso você sempre diz.

Eu ri também olhando em volta. Havia algumas bonecas. O cabelo de algumas estava bem esquisito e me recordei que quando era criança gostava de cortar os cabelos das bonecas. Talvez Riley tivesse a mesma mania. Meu olhar recaiu para um violão no canto do quarto.

— Você tem um violão? — indaguei espantada. — Mas ele não é muito grande para você?

— Papai está me ensinando.

— Ah, entendi.

Eu a fitei e ela tentava tirar a roupa, sem muito sucesso.

Eu me aproximei, meio cautelosa.

— Deixa eu te ajudar.

Eu podia ajudá-la, não podia? Minhas mãos tremeram um pouco ao ajudá-la a tirar a roupa e colocar o que tinha escolhido.

— Pronto! — Fiquei aliviada ao vê-la finalmente vestida.

Parecia uma miniatura de mim mesma. Era assustadoramente familiar.

— Estou com fome.

— Fome? — E agora? Bem, era hora do almoço, não é?

— Certo. Então vamos comer.

Fomos para a cozinha e eu parei, confusa. O que é que eu podia fazer? Não fazia ideia do que ela comia.

— O que você quer comer? — Tentei aparentar normalidade enquanto abria a geladeira.

— Eu posso escolher também? — questionou animada, atrás de mim.

Porém, desanimei ao ver a geladeira vazia.

Claro. Fazia semanas que eu não estava ali, era normal a geladeira estar vazia.

— Hum, não tem nada aqui mesmo... — E agora? E agora? Eu tentava pensar numa saída. Mas meu cérebro parecia ter virado gelatina.

Eu peguei o telefone e disquei o número do Luke.

— Alô?

— Oi, sou eu.

— *Está tudo bem?*

— Está... Quer dizer, mais ou menos. Riley disse que está com fome e não tem nada na geladeira!

Luke riu.

— *Eu me esqueci disso. Por que não sai para comer alguma coisa?*

— Acho que é mais fácil mesmo.

— *Olha, tem uma chave em cima do aparador. É do carro da Megan.*

— Ai que droga. Esqueci que roubei o carro dela!

— *Não se preocupe. Eu falei que você ia devolver. Pegue o carro e leve a Riley para comer.*

— Mas eu não sei aonde ir!

— *Pergunte a ela.*

— Certo. Acho que hoje é o dia de sorte dela mesmo — falei irônica.

— *Eu vou demorar aqui. Qualquer coisa me liga.*

— Tudo bem.

Desliguei e Riley estava olhando para mim, ansiosa.

— Então, pronta para sair?

— Sim! — Ela segurou minha mão.

Eu dirigia cautelosamente pelas ruas de Nova York, tentando demonstrar que sabia o que estava fazendo.

— Onde você quer comer?

Riley falou o nome de uma lanchonete, que eu não fazia ideia de onde ficava. “*O Luke vai me pagar muito caro por isso.*”, pensei.

— Sabe como chegar lá? — indaguei e ela riu.

— Não!

— Certo. Nós vamos descobrir!

Liguei o GPS. E segui, tentando me lembrar de todas as coordenadas.

— Vai demorar? — Riley já não estava tão animada, quando errei o caminho algumas vezes, mais por nervoso do que outra coisa.

— Se eu soubesse — resmunguei —, quer dizer, já estamos chegando.

— Minha barriga está doendo...

Oh Deus. Eu era péssima e a menina ia morrer de fome por minha causa! Finalmente, avistei o nome do lugar que ela tinha falado e respirei aliviada.

— Olha, chegamos!

Riley sorriu novamente animada.

Nós entramos e mantendo a ordem do dia “A Riley escolhe”, eu a deixei pedir tudo o que queria.

— Tem certeza que consegue comer tudo isso? — perguntei preocupada ao vê-la pedir praticamente todos os itens do cardápio.

— Você disse que eu podia escolher, mamãe!

— Claro que sim. Coma o que quiser.

E ela comeu. Tanto que estava vomitando antes mesmo de sairmos dali.

E eu me perguntava o que tinha feito de errado. Ela disse que conseguia comer, não disse?

— Riley, você está bem? — indaguei preocupada, limpando seu rosto no banheiro e ela me fitou muito pálida.

— Eu quero ir embora, mamãe.

— Eu sei.

Eu a peguei no colo e a levei para o carro, me sentindo muito culpada. Mas o que eu podia fazer agora? Levá-la ao médico? O que se fazia nesses casos? E eu nem tinha um celular para ligar para o Luke.

Melhor seria ir para casa. Claro que eu me perdi de novo e checava Riley toda hora, me perguntando se iria passar mal de novo. Mas ela me surpreendeu com suas palavras meia hora depois.

— Estou com fome.

— Fome? Você acabou de comer tudo aquilo e ainda passou mal!

— Minha barriguinha está vazia agora!

Sim, fazia sentido. Eu avistei um supermercado e parei.

— Vamos comprar alguma coisa então.

Riley nem parecia que estava doente há alguns minutos enquanto empurrava um carrinho maior que ela dentro do supermercado.

— Posso escolher aqui também?

— Sim, mas só vai comer o que eu deixar. — Ok, agora eu tinha aprendido, pelo menos.

Ela começou a pegar várias coisas e por um momento me distraí olhando uma prateleira e quando olhei em volta não a vi mais. Cadê a Riley?

— Riley? — Segui pelos corredores e nada. — Riley! — gritei, mas não a encontrava.

Comecei a ir a todos os corredores, mas a criança tinha desaparecido feito fumaça.

— Ei, viu uma menina de uns cinco anos por aqui? Ela estava empurrando um carrinho — perguntei a uma funcionária que sacudiu a cabeça negativamente.

— Droga!

Continuei procurando começando a me apavorar e então avistei o carrinho perto da saída, mas nada de Riley. Será que ela tinha saído dali? Parei, começando a entrar em pânico.

Eu tinha perdido a minha filha.

Saí do supermercado e fui até o carro. Nada. Voltei, tentando não me desesperar.

— Escuta — falei a um segurança —, eu preciso achar uma criança... Minha filha. Não consigo encontrá-la... — E passei a descrição para ele.

— Não se preocupe, nós vamos ajudá-la.

Eu vi um telefone público e corri para lá.

Felizmente, me lembrava do número da empresa de Luke. Pedi para

falar com ele rezando para que estivesse mesmo lá.

— *Ella, o que foi?* — ele perguntou preocupado.

— Eu a perdi. Eu não sei o que aconteceu... Ela sumiu! — Eu atropelava as palavras.

— *Ella, acalma-se e fale devagar. Cadê a Riley?*

— Eu a perdi! — gritei. — Você não me ouviu?

— *Como assim a perdeu?*

— Ela estava do meu lado uma hora e no minuto seguinte... sumiu!

— *Onde você está?*

— Num supermercado. — Passei o nome do lugar.

— *Avisou à segurança?*

— Sim, eles estão procurando... Luke, eu sinto muito... eu me distraí... não sei o que aconteceu...

— *Fique calma. Estou indo para aí.*

Eu desliguei e o segurança apareceu.

— Vocês a acharam? — indaguei.

— Não, mas já avisamos à polícia.

— Polícia?

— Não se preocupe. Ela não deve ter ido longe.

— Ela é só uma criança... e eu a perdi.

Eu comecei a tremer.

O homem colocou a mão nas minhas costas tentando me acalmar. A polícia apareceu minutos depois me enchendo de pergunta e não demorou muito para Luke também aparecer.

E estava com Riley.

— Riley!

— Eu a encontrei — Luke falou.

— Encontrou? Onde?

— Tem um parque aqui perto, onde ela gosta de ir.

— E ela simplesmente saiu e foi para lá?! — Eu estava à beira de um ataque de nervos e encarei a menina, furiosa. — Você sabe o que fez? Eu quase morri de preocupação! Ate a polícia foi chamada!

A menina se encolheu toda e começou a chorar.

— Ei, Ella... — Luke segurou meus ombros —, chega. Acabou.

Eu respirei fundo, tentando me acalmar.

— Me desculpe... eu perdi o controle. — Eu me virei para Riley. — Me desculpe, eu...

Mas ela se encolheu em direção a Luke. Meu coração se apertou. Que tipo de mãe eu era? Primeiro a perdia e depois a culpava por isso, a deixando assustada. Eu era péssima.

— Vamos embora — Luke disse por fim e nós seguimos em silêncio até em casa.

Riley estava sonolenta, depois de chorar o tempo inteiro e Luke a levou para o quarto.

Eu peguei o telefone sem fio e entrei no banheiro, discando o número da única pessoa que podia me ajudar naquele momento. E quando eu ouvi a voz conhecida, desabei.

— Mãe...

— *Ella, o que foi, você está bem?*

— Não... — Comecei a soluçar, deixando-me escorregar para o chão.

— *Ella, o que foi?*

— Por que não me disse? Como pode ter escondido de mim que eu tenho uma filha?

— *Oh, Ella. Estávamos apenas tentando protegê-la. Há quanto tempo sabe?*

— Desde ontem...

— *Você lembrou?*

— Não... Eu não me lembro de nada. Eu não sei como ser uma mãe... eu estou fazendo tudo errado... acho que ela me odeia...

— *Ella... claro que a Riley não te odeia.*

— Eu a perdi hoje... foi horrível... eu não sei como cuidar dela, como... droga, como posso ser uma mãe? Eu não me lembro dela, não me lembro de estar grávida, de nada dos cinco anos de sua existência... eu não sei como fazer isso...

— *Você sabe sim. Apenas não se lembra.*

— Eu não sei o que fazer.

— *Eu sinto muito, querida. Queria estar aí com você.*

— Eu queria voltar no tempo. Queria...

— *Não fale isso. Você sabe que no fundo não quer nada disso. Você não se lembra, Ella, mas essa é a vida que escolheu para você. É a vida que tem agora.*

— Quantas coisas mais estão escondendo de mim? Quantas coisas mais eu irei descobrir? Estou tão cansada disso... — Eu pude sentir sua hesitação do outro lado da linha e parei de respirar.

— *Ella, olhe...*

De repente a porta se abriu e Luke apareceu.

— *Ella?* — minha mãe me chamou.

— Depois nos falamos.

Desliguei e Luke se aproximou, retirando o telefone das minhas mãos e me puxou do chão.

Eu esperava por uma bronca. Ou uma briga. Talvez até merecesse. Mas em vez disso, ele me abraçou. Eu deixei que seus braços tão familiares agora me envolvessem e encostei a cabeça em seu ombro.

— Eu sinto muito — murmurei.

— Eu sinto mais, acredite.

Eu o fitei.

— Riley me odeia, não é?

Luke secou as lágrimas do meu rosto.

— Claro que não. Neste momento ela está te esperando.

— Me esperando?

— Sim, quer que você a ponha para dormir. E acho que quer pedir desculpas também.

— A culpa não foi dela... eu não devia ter me distraído.

— Ela sabe que não pode fazer o que fez. E não se sinta tão culpada. Crianças fazem isso o tempo inteiro.

— Eu queria saber dessas coisas...

— Você vai descobrir.

Eu respirei fundo quando seguia pelo corredor até seu quarto. Riley estava sentada na cama e parecia meio receosa quando me viu.

— Oi — eu falei, mais receosa do que ela.

— Me desculpe por ter sumido hoje, mamãe — ela murmurou.

Eu sentei ao seu lado.

— Apenas se me desculpar por ter gritado com você.

— Eu perdoo você também.

Eu ri e ela me abraçou, indo para meu colo.

— Eu senti tantas saudades de você, mamãe — ela falou de repente, contra meus cabelos, e eu senti vontade de chorar.

A culpa me oprimia.

Ela sentira minha falta quando eu nem sabia de sua existência.

— Não vai mais precisar sentir minha falta. Porque eu estou aqui e não vou mais me afastar.

— Você estava doente. — Ela me encarou com seus olhinhos

curiosos.

— Sim, eu estava.

— O papai me disse... que não se lembra de algumas coisas.

— Sim, é verdade.

— Mas não se preocupe. Eu vou ajudar você a lembrar — disse solenemente e eu sorri.

— Claro que sim. Agora acho que é hora de dormir.

— A gente pode brincar antes?

Eu mordi os lábios sem saber o que fazer, mas acabei concordando e passamos a próxima hora com Riley fazendo penteados exóticos no meu cabelo até que começou a bocejar sonolenta.

Ela concordou em ir dormir e eu a ajudei a colocar o pijama e a se deitar. Seus braços me envolveram mais uma vez, antes de ela se virar e dormir quase imediatamente. Eu saí do quarto e segui pelo corredor até meu próprio quarto. Luke estava ao telefone, mas desligou ao me ver.

— Quem era?

— Sua mãe.

— Oh... vocês têm segredos.

Ele sorriu.

— Não. Ela ligou de novo para saber se você estava bem. Está? — ele indagou se aproximando.

— Ela poderia estar aqui se realmente se preocupa!

— Seus pais se preocupam. Fui eu quem disse que não precisavam vir.

— Como assim?

— Eles estão em meio a um caos em Moçambique. Milhares de pessoas morreram, Ella. Você estava fora de perigo e eles seriam mais úteis lá do que aqui.

— Não sei se concordo... — Não queria parecer egoísta, mas eles eram meus pais.

— Ninguém imaginou que ia acordar sem se lembrar de nada.

— Me sinto tão perdida... Tenho medo de nunca ficar bem de novo.

Suas mãos enquadraram meu rosto.

— Vai dar tudo certo, Ella.

— E se eu não me lembrar... de Riley? — murmurei receosa.

— Ela vai esperar, como eu.

Eu sorri, ficando na ponta dos pés para beijá-lo.

— Acho que eu amo você... — E então eu parei, assustada com o que havia acabado de falar.

Ele pareceu surpreso também e o ar se encheu de uma doce tensão. Eu tinha mesmo dito aquilo? Ou melhor, eu sentia mesmo aquilo? Ao fitar seus olhos, não precisei pensar muito. Era a mais pura verdade. Meu coração disparou no peito. De medo. E de algo mais. Que eu nem sabia definir. Então ele sorriu, seus dedos afagando meu rosto.

— Você acha?

Eu mordi meus lábios, num arremedo de sorriso.

— Bem, eu não estou certa das minhas prioridades no momento. Há tanta coisa me rodeando, tanta loucura, mas quando estou assim com você... eu sinto que tudo é real. Mesmo não me lembrando... eu sinto que nós somos real. — Encostei a testa em seu queixo. — E sim, eu não tenho certeza do que sinto na maior parte do tempo, mas acho que eu amo mesmo você...

E então ele me beijou.

E fez tudo de ruim ir embora. Todo o mais ser esquecido, a não ser a pressão de seus lábios sobre os meus e as mãos, que tiravam minhas roupas enquanto me levava para cama. O calor se espalhava sobre minha pele, onde ele tocava, onde beijava, causando um curto-circuito em meus sentidos.

Enterrei os dedos em seus cabelos, o trazendo de volta para mim. Seus olhos verdes me fitaram, tão intensos, tão perfeitos. E senti meus ossos derretendo. E mesmo não me lembrando de quase nada, eu sabia que nunca quisera tanto alguém antes. A necessidade que eu tinha dele era mais que física. Era quase dolorida. Seus dedos percorreram a lateral do meu corpo, me arrepiando e pousando entre minhas coxas. Eu fechei os olhos por um momento, gemendo e então os abri novamente, para vê-lo me preencher lentamente a princípio e depois aumentar os movimentos, até que eu perdesse qualquer controle, me agarrando a seus ombros, sem fôlego içando meu corpo em direção a ele e deslizando numa bem-vinda inconsciência de tudo o mais que não fosse seu peso sobre o meu e as sensações explodindo dentro de mim.

Eu ainda respirava rapidamente ao sentir seus dedos retirando gentilmente os fios de cabelo do meu rosto e abri os olhos para fitá-lo.

— Você me ama? — perguntei sem me conter.

Ele sorriu, daquele jeito só dele.

— Eu amo você desde o dia que te conheci.

Eu sorri o abraçando. E pela primeira vez, senti que tudo realmente daria certo.

Quatorze

Acordei devagar e a primeira coisa que notei foi que estava sozinha.

Olhei o relógio perto da mesa de cabeceira e ainda era muito cedo. Onde Luke tinha se metido? Sentei na cama e vi sua camisa ainda jogada no chão e ri sozinha. Levantando eu a peguei do chão e a vesti, indo procurá-lo pelo apartamento.

Caminhei com meus pés descalços pelo apartamento silencioso até que ouvi vozes abafadas vindas da cozinha. Quem estaria ali com ele? Curiosa, eu fui até lá e estaquei ao vê-lo de costas com uma mulher de cabelos escuros e curtos. Os dois estavam muito perto e cochichavam.

— Está exagerando — ele dizia, nervoso.

— Você sabe que eu estou certa! Tem que fazer alguma coisa quanto a isso!

— Eu sei o que estou fazendo!

— Eu simplesmente não acho certo que...

Então ela parou ao me ver. Luke também virou.

— Ella!

Os dois pareciam bem tensos e no meio de uma discussão sobre algo que eu não tinha entendido. Mas a expressão de surpresa deles durou apenas alguns segundos e então a mulher sorriu, vindo em minha direção.

— Olá, Ella. — Ela me abraçou e eu fiquei sem saber o que fazer. Quem era ela? — Oh, me desculpe. — A mulher riu meio sem graça se afastando. — Esqueci que não deve fazer ideia de quem eu sou. Meu nome é Laurel. Sou irmã do Luke.

— Muito prazer... — Eu comecei a cumprimentá-la e parei. — Que ridículo, eu já te conheço, embora não lembre.

— Não se preocupe, eu entendo. Todos nós sentimos muito por isso.

— Não mais do que eu.

— Você vai lembrar. — Ela apertou minha mão, os olhos eram calorosos e senti que realmente gostava de mim. — Se ao menos... — então parou — deixa para lá.

— O que está fazendo aqui... tão cedo? — indaguei curiosa.

— Ela veio trazer isto — Luke falou, parecendo agora menos tenso, mas ainda não tão relaxado. Então reparei no monte de sacola em cima da mesa. — Ontem você acabou nem comprando nada, com o problema da Riley.

— Ah, é verdade. Tinha me esquecido. Obrigada, Laurel — agradecei e ela sorriu pegando sua bolsa.

— Não precisa agradecer. Se precisar de alguma coisa e só chamar. Eu já vou. Deixe um beijo para a Riley.

Ela saiu e eu fitei Luke.

— Por que estavam discutindo? — Ele riu, passando a mão pelos cabelos.

— Não estávamos discutindo.

— Estavam sim — insisti.

Ele se aproximou, as mãos tocando minha cintura.

— Coisa boba de irmãos. Ela é bem chata às vezes.

Ok, não me pareceu coisa boba, mas esqueci minha implicância, assim que senti seus lábios tocando meu queixo, as mãos subindo para minhas costas e me levando para mais perto dele.

— Minha camisa fica bem em você.

Eu ri, infiltrando a mão nos seus cabelos e ficando na ponta dos pés para beijá-lo. Ele me sentou sobre a mesa e eu passei as pernas em volta de sua cintura.

— Você tem alguma coisa muito importante para fazer agora? —
indaguei contra seus lábios e ele riu.

— Na verdade eu tenho.

Ele se afastou e eu já ia reclamar, mas ouvi os passos no corredor e pulei para o chão a tempo de ver Riley entrando na cozinha com cara de sono.

— Posso não ir para escola hoje?

Luke aproximou-se e a pegou no colo.

— Não adianta inventar nenhuma história.

— Mas eu...

— Nem comece.

Ela continuou reclamando, mas Luke a levou de volta para o quarto.

Eu fiquei ali por um instante, agora que ele não estava mais me distraindo, me lembrei de novo do estranho diálogo entre ele e Laurel. Havia alguma coisa ali. E eu não sabia o que era.

Talvez eu devesse parar com aquilo. Parar de procurar problemas justo agora que parecia que tudo ia dar certo. Que eu descobri que era terrivelmente apaixonada por Luke, embora não me lembrasse de quase nada de nossa vida anterior. E eu sentia que podia tentar ser uma mãe para Riley. Embora não fizesse ideia de como ia fazer aquilo ainda.

Suspirando, voltei para o quarto e abri o guarda-roupa procurando algo para vestir. Então uma caixa caiu no chão, aos meus pés.

Eu me abaixei para pegá-la e curiosa a abri. Havia vários anéis ali dentro e eu sorri, animada, me sentando na cama e jogando tudo sobre o colchão para ver todos. Então algo me chamou a atenção, porque não parecia um anel, e sim uma aliança. Eu a peguei e olhei dentro. Havia uma inscrição L&E. Era mesmo uma aliança. Minha aliança? Mas Luke não dissera que tinha se estragado no acidente?

— Ella? — Luke entrou no quarto tirando a camisa, distraído. — A Riley já está arrumada para ir à escola. Eu vou tomar um banho para levá-la, depois vou trabalhar... — Ele parou e me fitou. — O que foi?

Eu mostrei a aliança.

— É minha aliança?

Ele franziu o olhar.

— Parece que sim.

— Você não me disse que tinham tirado do meu dedo no acidente?

— Parece que não, já que ela está aí inteira.

— Como é possível?

Ele deu de ombros, distraído, tirando o resto das roupas.

— Então você não estava usando quando sofreu o acidente.

— Você não se lembra?

Ele caminhou para o banheiro.

— Não.

Eu suspirei, colocando a aliança no dedo. Servia perfeitamente. Por que eu não estava com ela no acidente?

— Mamãe, estou com fome — Riley entrou no quarto.

Eu a fitei, esquecida das minhas preocupações, sentindo de novo aquele princípio de pânico. Mas me obriguei a ficar calma. Lembrei do jeito natural com que Luke a tratava e me levantei a pegando no colo e a levando para a cozinha.

— E o que você quer comer?

— Cereal.

Eu ri aliviada.

— Acho que isso eu posso fazer — respondi a colocando numa cadeira.

Ela riu também.

— Estou feliz por você estar aqui de novo, mamãe.

Eu pisquei para ela, enquanto colocava o cereal na mesa.

— Eu também.

Nós comemos juntas enquanto ela me contava o que tinha feito no tempo que eu estive ausente. Coisas simples de criança, como o que ela fazia na escola, como tinha gostado de ficar na casa da tia Laurel com a vovó Eleanor e de todas as conversas que tivera com Luke no telefone.

— Eu pedia para falar com você, mas ele não deixava. Eu falei para o papai que você ia ficar muito brava com ele por isso.

Eu ria quando Luke entrou na cozinha.

— Pronto, Riley?

— Sim, estou. — Ela se levantou e me abraçou. — Vai estar aqui quando eu voltar, não é? — indagou insegura e senti algo se apertar no meu peito.

— Claro que sim — eu a tranquilizei. — Eu não vou mais a lugar nenhum.

Ela sorriu satisfeita e se afastou.

Eu encarei Luke, pesarosa.

— Ela não merecia estar passando por isso.

Ele me puxou para perto.

— Tudo vai ficar bem agora.

Sorri, crispando os dedos em sua camisa. Ele me beijou e então me fitou muito sério.

— Eu amo você, Ella.

— Eu sei — sussurrei e Luke me fitou por alguns instantes como se fosse dizer algo mais e eu esperei, sem saber se queria ouvir. Algo dentro de mim não queria ouvir. Mas o momento passou e ele riu me beijando novamente bem rápido.

— Eu vou apenas passar no escritório e depois eu volto.

— Papai! — Riley gritou da porta e nós rimos.

Eu os vi indo embora e senti um vazio por dentro, como podia eles já serem tão essenciais para mim, sendo que quando acordei do acidente nem lembrava de sua existência? Sacudindo a cabeça, eu voltei para o quarto.

Os anéis ainda estavam em cima da cama. Eu escolhi dois e coloquei nos dedos e guardei o resto no armário.

Curiosa, eu resolvi fuçar em tudo e abri a outra parte do guarda-roupa e então estaquei.

Estava vazio.

Vazio? Eu abri as outras portas. Vazio. A não ser a parte com as minhas coisas.

Onde diabos estavam as roupas do Luke?

Antes que eu pudesse pensar, a campainha tocou, me assustando. Eu dei um pulo e soltei um palavrão.

— Que droga! Quem seria?

Corri para abrir a porta e quase caí para trás ao ver quem estava ali.

— Ramona?

— Surpresa!

Ela sorria quando me abraçou e eu nem consegui me mexer de tão estupefata.

— O que faz aqui? — Consegui falar.

— Como assim “o que faço aqui?” — Ela revirou os olhos passando por mim e entrando no apartamento. — Você sofreu este acidente horrível! Estava louca de preocupação! Assim que soube que estava em Nova York eu tive que vir te ver!

Eu fechei a porta, caminhando até ela, ainda sem saber que diabos Ramona estava fazendo ali. Era exatamente do jeito que eu me lembrava. Do

pouco que tinha me lembrado daquele dia em Seattle.

— E então me conta, como você está?

Eu dei de ombros.

— Agora estou bem.

Ela me mediu.

— Parece bem, ao menos fisicamente. Mas o Luke me contou do probleminha de sua memória! — E ela soltou uma risada espalhafatosa. — Muito engraçado.

— Ramona, não é engraçado — eu a cortei.

— Ops! — Ela parou de rir. — Desculpa. Só quis descontrair. E aí, se voltou para Nova York, está se lembrando de tudo já? — perguntou se sentando.

Eu sentei também.

— Não, quase nada.

— Oh... isso deve ser mesmo horrível, mas olha só, você lembra de mim, já é alguma coisa! O Luke disse que você não se lembrava de nada desde sua mudança para Seattle!

— Ele disse a verdade. Mas eu tenho alguns *flashes* isolados...

— Que ótimo! E cadê a Riley? Deve estar enorme, parece que faz séculos que eu não a vejo!

Ela conhecia a Riley? Então queria dizer que ainda éramos amigas? O quão próximas ainda éramos? A impressão que tive pelas palavras de Luke e daquele *flash* de lembrança de Seattle era que as coisas tinham ficado feias entre nós.

— Está na escola. Luke a levou.

Ramona fez cara de espanto.

— Luke?

— Claro, por que essa cara?

Ela deu de ombros.

— Eu estou mesmo curiosa para saber como estão as coisas... Quando eu liguei para Luke, depois que soube do acidente, e ele me contou que estavam juntos em Hampton, eu achei bem estranho... mas devido às circunstâncias...

— Espera, o que quer dizer com achou estranho? — Ouvia suas palavras sem entender nada, algo zunindo no meu ouvido.

— Ora, era estranho ele estar com você depois de tudo...

— Tudo o quê? — Consegui murmurar, minha mente girando em indagações.

— Ella, vocês estão separados faz mais de seis meses!

O zunido do meu ouvido aumentou de forma alarmante.

As palavras de Ramona dançaram em minha mente “Vocês estão separados há mais de seis meses.”.

Oh Deus. Oh Deus. Oh Deus.

Eu não queria acreditar. Não podia.

Mas as peças se encaixaram terrivelmente na minha cabeça. “Ela se lembrou?”, ele dissera naquela tarde na praia, com o semblante cheio de medo. Seu rosto tenso quando eu disse que estava começando a me lembrar. O garçom do restaurante dizendo que não me via há muito tempo. A discussão com Laurel de manhã. A aliança guardada. E as roupas que não estavam no armário. Todas as vezes que eu tivera certeza que estavam escondendo algo de mim. Tudo fazia sentido.

Era isso. A última peça.

Eu senti uma vertigem e teria caído se já não tivesse sentada. Era tudo uma mentira. Uma fraude. O casamento feliz não existia.

“Nós” não existíamos. Não mais. Há mais de seis meses.

Senti o sangue fugindo do meu rosto e uma raiva crua se instalando

junto com uma dolorida decepção. E um vazio dilacerante.

Porque eu acreditara. Porque eu realmente queria que estivéssemos juntos. Enquanto tudo não passava de uma farsa.

— Ella, você está bem?

As palavras de Ramona fizeram com que eu reagisse e respirei fundo. A vontade que eu tinha era de tacar a cabeça na parede por ter sido tão idiota.

— Sim... eu...

— Oh... você não sabia, não é? — Ramona falou, um sorriso irônico se formando em seu rosto. — Mas que filho da puta! Luke não te contou que estavam separados?

— Não — confessei.

Do que adiantava mentir? Estava tudo perdido mesmo.

— Ella, eu sinto muito. Eu pensei que... Não achei que o Luke ia ser tão cretino de mentir para você, mas parece que me enganei... Os homens são todos uns filhos da puta! Eu também estou me separando, não sei se sabe disso. Cansei do Félix. Ele nunca me fez feliz mesmo. Achava que dinheiro resolvia tudo. Mas eu tomei coragem! Quando você chutou o Luke, eu resolvi fazer o mesmo. Tudo bem que agora ele quer me deixar sem nada, mas eu já contratei os melhores advogados! Pena que também não tive um filho, aí seria tão mais fácil...

Eu passei os dedos na testa, que suava frio, as palavras sem cabimento de Ramona me deixando ainda mais enjoada.

— Ramona, olha, eu agradeço sua visita, mas acho melhor ir embora...

— Acho que devo ficar...

— Não! — Eu me levantei e fui até a porta, a abrindo. — Por favor, vá embora.

Ela pareceu que ia insistir, mas deu de ombros.

— Se precisar me liga. Eu sinto mesmo por tudo isso. Não esquece que sou sua amiga.

E me deu um abraço rápido, indo embora. Bati a porta e voltei para o quarto. Joguei-me na cama e deixei que as lágrimas viessem. Eram lágrimas de decepção. De raiva. De tristeza. Eu nem sei quanto tempo eu fiquei chorando. Até que ouvi a porta bater. Eu me levantei limpando o rosto e fui confrontá-lo.

Luke sorria quando me viu. Mas seu sorriso morreu no rosto assim que viu minha expressão.

— Ella? Você está bem?

Eu me aproximei e bati em seu rosto.

— Por que mentiu para mim? Quanto tempo mais achou que ia continuar com essa palhaçada? Quando é que pretendia me contar que estamos separados?

Ele passou a mão pelos cabelos, o rosto tenso.

— Você lembrou...

— Não, eu não lembrei. Antes tivesse! Assim eu já ficava sabendo de uma vez quantas coisas mais você esconde de mim! — Eu estava gritando completamente descontrolada e não estava nem aí.

— Ella, acalme-se, vamos conversar.

— Conversar?! Sabe como eu me senti quando ela me contou?

— Ela quem? — Luke indagou com desconfiança.

— A Ramona.

Ele riu nervosamente.

— Mas tinha que ser!

— Ela pelo menos fala a verdade e não me trata como retardada!

— Você não sabe quem é ela! A Ramona deve estar rindo neste momento por ter feito isso.

— Não me interessa! Não mude o foco! Não foi a Ramona que me enganou esse tempo todo e sim você! Como pôde fazer isso? Fingir que éramos ainda casados que... — Solucei, sem me conter, minha mente enfiada de lembranças de tudo que tínhamos vivido desde que eu acordara no hospital — Você me fez acreditar... Oh Deus, eu fui tão cega!

— Ella, por favor, você tem que me ouvir antes de tirar conclusões...

— Não preciso tirar conclusão nenhuma! Está tudo claro como água! Como consegui fazer meus pais mentirem para mim? Todo mundo sabia e estava me enganando! Meu Deus!

— Eu pedi que não contassem.

— Claro! Não queria que eu soubesse que não tínhamos mais nada a ver! Agora eu só não entendo para quê!

— Porque eu queria outra chance com você! — ele gritou.

Eu engoli em seco.

— Por que não me contou a verdade? Acha que eu não tinha o direito de saber e de escolher se eu queria te dar uma chance?

— Você nem ao menos sabia quem eu era, como podia escolher alguma coisa?

— E você não tinha o direito de esconder isso de mim! Como se não bastasse esconder sobre a Riley! E agora isso? Eu merecia saber!

— Eu fiz para te proteger!

— Ah! Queria proteger você mesmo e não a mim!

— Ella, por favor, me escuta...

Estendeu os braços para mim, mas dei um passo atrás.

— Não, não ponha a mão em mim! Nunca mais toque em mim! Eu nem sei quem é você! Eu devia ter confiado nos meus instintos iniciais! Talvez por isso eu tenha essa maldita amnésia! Para não ter que lembrar que você existe! — gritei, praticamente cuspiando as palavras.

Luke reagiu as minhas palavras como se tivesse levado um tapa na cara e eu queria mesmo que doesse. Ele me encarava com a mesma raiva, a mesma tensão e certo... pesar.

Respirei fundo.

— Por que nos separamos? — perguntei finalmente.

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Ella...

— Por quê?

Ele me fitou com os olhos também vermelhos e por um momento eu vacilei. Havia dor ali. Havia uma raiva... que não era de hoje. De alguma maneira eu sabia que aquele amargor era antigo.

— Me diz por que nos separamos, Luke — insisti.

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Não.

— Eu tenho o direito de saber.

— Não.

— Vai embora.

— Ella...

— Vai embora, Luke! Não tem o direito de ficar aqui. Você nem mora mais aqui mesmo! Não vai fazer diferença para você!

— Você não sabe o que está dizendo...

— Claro que não sei! Eu queria saber, mas eu não sei! A única coisa que eu sei é que eu não suporto mais você com suas mentiras!

Ele respirou fundo, os dedos castigando os cabelos, por um momento eu achei que ele ia recomeçar a briga, mas então pareceu desistir.

— Tudo bem. Eu pegarei a Riley...

— Não. Ela é minha filha. Eu mesma buscarei.

— Ella, Riley é apenas uma criança e não tem nada a ver com essa

briga...

— Eu sei. Justamente por isso. Ela é a única coisa real aqui. E vai ficar perto de mim. E nem ouse dizer que eu não posso cuidar dela se ainda quiser sair vivo daqui.

Ele respirou fundo e se foi. Eu vi a porta bater atrás dele e tive vontade de correr atrás.

Vontade de bater nele e exigir que me dissesse por que não fazia mais parte da minha vida.

Mas eu não fiz nada disso. Eu voltei para o quarto e retirei a aliança, colocando-a na mesma caixa. Será que foi isso que eu tinha feito da outra vez? Eu queria desesperadamente lembrar.

Entrei no chuveiro e tentei ao menos amortecer a dor, já que eu sabia que ela não iria embora tão cedo e me perguntei se fora a mesma dor que eu sentira quando ele fora embora da primeira vez.

Depois de muito tempo, eu finalmente saí e me vesti. Havia um motivo para eu não desmoronar totalmente. Havia Riley. Eu peguei o carro de Megan e fui buscá-la. Forcei um sorriso ao vê-la e realmente senti algo diferente da dor que me tomava quando ela correu e pulou em cima de mim. Ela era real. E era minha. E devia ser a única coisa que me interessava no momento.

Eu a levei para comer, ouvindo suas histórias infantis e depois voltamos para o apartamento. Ela disse que queria ver um filme comigo e nos deitamos no sofá, sua cabeça em meu ombro, assistindo o desenho da Bela e a Fera.

Eu consegui não chorar, enquanto seus dedos brincavam com meus cabelos e nem quando no final, sonolenta, ela me perguntou.

— Mamãe, o papai vai voltar a morar com a gente?

Eu mordi os lábios.

— Não, Riley.

— Eu queria que ele voltasse... mas tudo bem. Vai ser como da outra vez, não é?

— É — respondi simplesmente.

O que é que eu tinha dito para ela da outra vez? Ela me abraçou e dormiu. Eu a coloquei na cama e voltei para a sala. Peguei o telefone e disquei o número da minha mãe.

— Mãe... Por que concordou com o Luke em mentir para mim sobre estarmos separados?

Ela respirou fundo do outro lado da linha.

— *Porque eu achei que mereciam uma segunda chance.*

— Como se eu não fosse descobrir um dia!

— *Está lembrando?*

— Não. Essas malditas lembranças ainda estão enterradas.

— *O que aconteceu, Ella?*

— Eu o mandei embora, depois que discutimos.

— *Não devia ter feito isso.*

— Eu sou adulta. Posso fazer o que eu quiser.

— *Está estragando sua vida.*

— Eu queria que você me apoiasse a fazer o que é certo.

— *Eu apoio quando concordo com você.*

— Concordou da outra vez?

— *Não.*

— Por que nos separamos, mãe?

— *Ele não te disse?*

— Ele se recusou.

— *Ella...*

— Mãe, o que há de tão terrível? Ele me traiu? É isso? — eu

perguntei sobre minha principal suspeita, porque não conseguia achar outro motivo.

— *Não, Ella, não foi o Luke quem traiu.*

— O que quer dizer? Por que ele foi embora?

— *Porque você pediu.*

— Por que eu fiz isso?

— *Parece que teve a ver com o fato de ainda ter sentimentos por Toby. Você estaria cogitando voltar com ele.*

Parte III

Lembranças

Quinze

Eu não consegui dormir naquela noite. As palavras da minha mãe ressoavam na minha mente e oprimiam meu peito.

Eu insisti para que ela me explicasse sua afirmação, mas ela se recusou, como se tivesse arrependida de ter me contado aquilo.

Se, há algumas semanas, quando acordei naquele hospital, alguém me dissesse isso eu entenderia perfeitamente. Naquele momento, no meu coração, Toby ainda era o meu namorado e eu nem conhecia o estranho que dizia ser meu marido.

Mas agora, eu já não conseguia entender como poderia ser verdade que eu deixaria Luke para voltar com Toby. Eu tinha apenas pequenos *flashes* da nossa vida, e só ficamos juntos por poucas semanas, mas era o suficiente para eu sentir que era apaixonada por Luke.

E mesmo agora, me sentindo magoada e traída por suas mentiras e omissões, eu sentia meu coração despedaçado. E uma pergunta me atormentava: *“Se eu pedira para ele ir embora, se eu lhe dissera que ia voltar para meu ex-namorado, porque agora, seis meses depois, ele quisera ficar comigo?”*.

“Ele não devia me odiar?”

“E o que acontecera naqueles seis meses?”

Porque quando eu estive na empresa de Luke, onde Toby trabalhava, o que era no mínimo bizarro, já que eu e ele ainda poderíamos ser íntimos, Toby não agira como se estivéssemos juntos ou algo parecido. Ele pediu que eu fosse embora, porque Luke não ia gostar de me ver ali. E ele dissera claramente *“Seu marido parece não gostar muito que converse comigo.”*.

Cansada de tentar achar um sentido, joguei as cobertas para o lado e

fui à procura do telefone da única pessoa que acho que não se negaria a responder minhas perguntas.

Não foi difícil achar o telefone de Ramona numa agenda na sala e eu disquei rapidamente, sem me importar com a hora avançada da noite.

— *Alô?* — a voz aborrecida de Ramona atendeu.

— Ramona, é Ella.

— *Ah...*

Eu podia ver claramente que ela estava rolando os olhos.

— Olha, eu sei que está tarde, mas eu preciso falar com você...

Ela riu secamente.

— *Agora tem permissão para me ligar? Luke não te proibiu de falar comigo?*

— Do que está falando?

— *Ah, Luke sempre me odiou, todo mundo sabe disso. Ele acha que sou uma péssima influência para você! E sinceramente acho ridículo que ele tenha vindo aqui brigar comigo hoje...*

— Espera... Luke foi brigar com você?

— *Por que o espanto? Ele ficou puto porque eu contei para você que se separaram!*

— Ele disse que você fez por maldade.

— *Eu sou a bruxa da história agora? Se você lembrasse direito ia saber que não sou bem eu a ameaça... Por que não pergunta para ele quem é Blake Albert?*

— Quem é Blake Albert? — perguntei sentindo um estranho embrulho no estômago.

— *Não vou dizer mais nada! Estou de saco cheio de tentar ajudar e ser taxada da vilã da história! Por que não descobre por si só? Aposto que vai ter várias surpresinhas, amiga!*

Ramona desligou na minha cara sem me dar chance de indagar sobre Toby, que era o que eu queria saber quando liguei.

Mas agora outra dúvida rondava minha mente.

“Quem era Blake Albert?”

“E por que eu sentia aquele frio no estômago apenas com a menção de seu nome?”

Minha cabeça começou a doer e me sentei sobre o chão, em frente à lareira e as chamas dançaram na minha mente dolorida.

E de repente, era como se as chamas estivessem dentro de mim, da minha cabeça, queimando por onde passava, derretendo o muro invisível que tinha criado para conter as lembranças, que agora, invadiam minha mente, sem que eu conseguisse contê-las...

Setembro de 2012

Eu respirei aliviada quando finalmente saí do carro em frente ao prédio da St. James Corporation, que era tão imponente e intimidador como eu imaginara.

Mas meu alívio durou pouco, quando olhei a hora no meu relógio e me dei conta que estava cinco minutos atrasada.

— Droga! — murmurei batendo a porta do carro e correndo para dentro do prédio.

E estava tão apressada e distraída que não vi o homem vindo em minha direção até que eu topasse com ele e fosse ao chão, me estatelando no mármore do elegante *hall* da recepção.

— Ah meu Deus! — Tentei pegar minha bolsa e me levantar ao mesmo tempo, mas mãos firmes me puxaram para cima e então estava olhando para os olhos verdes mais incríveis que eu já vi.

— Tudo bem? — o homem perguntou com um sorriso divertido e fiquei vermelha de vergonha.

— Ah, me desculpe... — Tentei recuperar minha dignidade junto com a bolsa que ele pegou do chão. Tinha certeza que estava muito vermelha, enquanto relanceava o olhar pela recepção e sentia que todo mundo estava olhando para mim.

“Ótima maneira de começar, Ella!”

— Se machucou? — o estranho de olhos incríveis perguntou e eu voltei a encará-lo.

Jesus, ele era mesmo bem bonito. E alto.

Eu pisquei, ao perceber que estava olhando para ele toda embasbacada.

— Ah, não, estou bem... Obrigada.

Rapidamente passei por ele em direção às mesas da recepção, não querendo estender a minha vergonha.

Algum tempo depois, eu estava finalizando a entrevista na sala de uma senhora chamada Sienna Michaels, a recrutadora, que olhou meu currículo e me fez perguntas que me esforcei em responder o mais seriamente possível. Ela se despediu de mim, prometendo um retorno em breve e torci para tê-la impressionado. Eu não tinha quase nenhuma experiência, a não ser meu trabalho de verão em uma loja local em Aberdeen, então eu precisava impressioná-la e conseguir aquele emprego.

E qual não foi a minha surpresa alguns dias depois ao receber um telefone do departamento de recrutamento dizendo que eu não tinha conseguido o cargo de recepcionista, mas sim um cargo como auxiliar da secretária de um dos diretores.

— Mas não foi para esse cargo que eu fiz a entrevista... — balbuciei confusa.

— Se não estiver interessada tudo bem, mas foi para esse cargo que foi selecionada, e o salário é melhor...

Claro que eu não podia dizer não.

E uma semana depois eu estava entrando de novo na elegante recepção da St. James Corporation e sendo recepcionada por uma moça bonita chamada Ramona, que era a secretária a quem eu iria auxiliar.

— Eu realmente estou surpresa por terem me designado uma assistente, é tão estranho... — ela dizia enquanto me levava em um *tour* pelo prédio.

— Como assim? — Eu me senti curiosa.

— Eu nunca tive uma assistente, nem a secretária do presidente tem uma!

— Eu não entendo, então por que eu estou aqui?

Ela deu de ombros, entrando numa sala que parecia ser de café.

— Parece que o Luke solicitou, o que não faz sentido também. Não é como se eu não tivesse dando conta do meu trabalho!

— Quem é Luke?

— Nosso chefe, Luke St. James.

— St. James?

— Sim, ele é filho do presidente, se está curiosa.

— Ah, entendo. — Comecei a me sentir meio nervosa em estar trabalhando diretamente com um St. James.

— Mas enfim, se está aqui para ajudar, quem sou eu para reclamar?

— Ela piscou mexendo numa complicada máquina de café. — Até me perguntei se não quer dizer que eu serei promovida sabe? Só pode ser! Querem que você aprenda meu trabalho e então eu consigo outro cargo. Vai ser fantástico!

Fiquei ainda mais nervosa com os devaneios de Ramona. Eu mal começara a trabalhar ali e ela já me falava em ter novas atribuições. Era demais para minha cabeça.

— Prontinho, o Luke já deve ter chegado, então a partir de agora você está encarregada de levar o café para ele. Eu sempre odiei isso mesmo. — Ela deu uma risadinha me passando a xícara.

— Eu?

— Sim, vamos lá!

Eu engoli em seco e tentei me equilibrar nos ridículos saltos que minhas amigas Lisa e Kelly tinham me forçado a comprar, numa expedição ao shopping no fim de semana para que eu comprasse algumas roupas de trabalho, afinal até aquele momento eu só me vestia de jeans, camisetas e tênis.

Seguia Ramona para a sala, olhando para baixo e prestando atenção ao chão e ao café, enquanto ela me apresentava.

— Luke, esta é a Ella Brooke.

Eu levantei a cabeça e lá estava ele.

O estranho de olhos incríveis e cabelos escuros.

Ele era Luke St. James. O meu chefe.

— Olá, Senhorita Brooke. — Ele sorriu de sua mesa.

— Me chame de Ella, por favor. — Não consegui me conter e corrigi.

Ele levantou uma sobrancelha e eu me perguntei se estava sendo muito impertinente, afinal era meu chefe e podia querer ser formal.

— Quer dizer, pode me chamar do que quiser.

Andei rapidamente e coloquei o café sobre a mesa e só depois que as palavras saíram da minha boca que eu percebi que poderiam soar estranhas. Mas era tarde demais.

— Certo, Ella — ele disse suavemente, os dedos longos puxando a xícara.

Ele tinha mãos bonitas.

Bom, Luke St. James era bem bonito de ser ver.

“*Mas era meu chefe.*”, eu me estapeei mentalmente várias vezes, dando alguns passos atrás e tropeçando em mim mesma no processo.

— Cuidado para não cair. — Ele sorriu divertido e eu corei. De novo.

Ramona segurou meu braço do meu lado rolando os olhos.

— Vamos, Ella, ainda tenho muito trabalho para te mostrar.

Eu a segui para fora da sala, me sentindo aliviada de sair do escrutínio do meu novo chefe.

— Por favor, não fique impressionada com o Luke. É uma furada — ela disse sentando em sua mesa e fiquei mais vermelha ainda.

— Eu não fiquei!

Ela rolou os olhos de novo.

— Claro que ficou, todas nós ficamos. Desde que ele assumiu esse cargo há alguns meses já deve ter partido o coração de mais mulheres do que Don Juan!

— Como assim? — De repente estava muito curiosa sobre a vida amorosa do meu chefe bonito.

— Claro que ele se tornou o principal alvo de todas as solteiras desde que começou aqui na St. James. E de algumas comprometidas também. — Ela soltou um riso malicioso. — E obviamente Luke é só um cara e está aproveitando a oferta.

— Ele é tipo um conquistador?

— Ele nem precisa conquistar nada! A mulherada praticamente se estapeia para ter a chance de sair com ele!

— Então ele namora muitas mulheres.

— Namorar não é bem a palavra. Ele não tem compromisso com ninguém. Apenas transa e depois descarta. Lembra o que eu te falei sobre partir corações. Você certamente percebeu que ele é bonito como um modelo, não?

— Bem, eu não sou cega — confessei —, mas ele é meu chefe, não vou ficar babando atrás dele como uma fã alucinada, fique tranquila. Além disso, eu tenho namorado — esclareci. — Agora fiquei curiosa, você já saiu com ele?

— Eu? Claro que não! Ele é meu chefe também! Seria estranho.

— Ele é bem jovem, não?

— Sim, ele tem apenas vinte e cinco anos. Sei que muitos fofocam que ele só tem um cargo importante aqui por ser filho do dono, mas Luke é um bom profissional, vai gostar de trabalhar com ele.

Eu sorri esperançosa.

— Eu espero que sim.

— Você é de onde mesmo?

— Aberdeen.

— E já tem onde morar aqui?

— Ainda não. Estou em um hotel, mas preciso achar algum apartamento para mim.

— Por que não vem morar comigo? Eu dividia o apartamento com meu namorado, Félix, mas o peguei com uma vadia na nossa cama e o coloquei para fora há alguns meses.

— Oh meu Deus, eu sinto muito!

— Não sinta. Félix é um cafajeste! E eu perdi meu tempo com ele, esperando que colocasse uma aliança em meu dedo. Enfim, vai ser bom ter alguém para dividir as despesas se estiver interessada.

— Acho que seria legal...

Uma semana depois eu tinha me mudado para o apartamento de Ramona. Toby me ajudou a fazer a mudança, mesmo estando com uma carranca.

Ele não estava nada feliz com a minha mudança. Afinal, ainda faltava um ano para ele se formar.

— Não fique assim. Eu irei para Aberdeen sempre e você pode vir me visitar — eu o consolei.

Toby demonstrara preocupação com o nosso relacionamento desde que eu dissera que queria me mudar para Seattle. Mas tinha certeza que minha mudança não iria abalar nosso namoro de quase dois anos. Íamos ficar juntos para sempre. Eu não dizia a ninguém que estava protelando minha entrada na faculdade para poder estudar com Toby no próximo ano. Seria perfeito.

— Qual o problema com seu namorado? — Ramona perguntou depois que Toby foi embora e eu me sentia também um pouco deprimida.

— Ele está preocupado com a distância.

— E você não?

— Não. É temporário. É só um ano até ele se formar e poder vir para cá também.

Eu estava animada com as novas perspectivas na minha frente.

Eu tinha um emprego que era melhor do que esperara. Uma nova amiga que além de me ensinar tudo no trabalho, também dividia o apartamento comigo e um chefe legal.

Sim, Luke St. James era um cara muito legal.

No começo eu me sentia totalmente intimidada por ele. Não só por ele ser o meu primeiro chefe e ser o filho do dono da empresa, mas por ele ter aquela beleza quase mítica que me deixava meio deslumbrada.

Sim, eu não podia ser hipócrita comigo mesma e dizer que não me sentia nada afetada pela beleza dele.

Eu era só uma garota, afinal.

Mas me forçara a agir racionalmente. Eu tinha um namorado. E Luke era só o meu chefe. E eu tinha que me forçar a ser profissional. Queria realmente fazer bem meu trabalho e quem sabe ter uma carreira naquela empresa.

Então, me comportava seriamente e me centrava no trabalho, aprendendo avidamente tudo o que Ramona me ensinava. Eu a seguia por todo lado, conheci outras pessoas na empresa e devo dizer que comprovei que o fã-clube de Luke era realmente grande. Algumas garotas tinham claramente muita inveja de mim e de Ramona por trabalharmos com ele e outras queriam ser nossas amigas para que pudéssemos facilitar o caminho. Era quase cômico.

Eu tentava apenas vê-lo como chefe e nada mais.

E Luke era muito legal comigo. Sempre me tratava gentilmente, com aquele sorriso que eu preferia evitar, porque me deixava inquieta, mas que, conforme os dias iam passando, começavam a me deixar tranquila.

Acho que no fundo eu tinha certo medo no começo. Todo aquele papo da Ramona de ele ser um mulherengo aliado a toda aquela beleza... Eu simplesmente morria de medo de virar mais um membro do seu fã-clube. Ou pior, membro do clube do coração partido por Luke St. James.

Todavia, depois de estar trabalhando com ele todos aqueles dias, eu percebia que o meu medo era infundado. Eu era como Ramona. Éramos apenas suas funcionárias e nada mais.

Outubro de 2012

— Ella, você pode passar na lavanderia e pegar minha roupa? — Ramona pediu enquanto passava batom, olhando sua imagem no monitor do computador.

— Claro que sim. Está se arrumando para ir embora ou é impressão minha? — Franzi a testa. Nós estávamos atoladas de trabalho e teríamos que ficar até mais tarde para terminar.

— Olha, eu vou ter que ir fazer a unha para meu encontro.

— Mas, Ramona, a gente tem um monte de coisa para fazer!

— Vai ter que se virar sozinha. — Pegou a bolsa ignorando minha careta. — Ah, não faz essa cara, tenho certeza que consegue! Te vejo amanhã!

Ela saiu pela porta, e eu soltei um palavrão, irritada. Era a segunda vez naquela semana que ela me deixava na mão.

— Terei que lavar sua boca com sabão?

Levantei o olhar e vi Luke parado em frente a sua porta e desfiz a cara feia, respirando fundo.

— Ah me desculpe.

— Acho que nunca vi você nervosa e falando palavrão. Foi realmente... encantador — ele disse divertido.

Eu ri começando a arrumar os papéis na minha mesa para continuar o trabalho.

— Só estou um pouco atarefada no momento.

— Cadê a Ramona?

— Foi embora, ela tinha... um compromisso. — Eu esperava não estar deixando Ramona em maus lençóis.

— Hoje é sexta-feira, você também não tem nenhum compromisso?

— Eu tenho que terminar esses relatórios.

Ele ficou olhando para mim, pensativo, as mãos passando pelos cabelos, como se várias coisas estivessem passando por sua mente. Era meio perturbador.

— Precisa de algo?

— Na verdade eu também tenho que fazer alguns trabalhos. Então se precisar de alguma coisa estou na minha sala. — Ele deu meia-volta e me senti confusa.

Luke nunca ficava na empresa em uma sexta à noite.

Voltei a atenção para meu trabalho, querendo terminar o mais rápido possível e só parei quando vi um entregar entrando pela minha porta.

— Acho que errou de sala — disse ao ver o rapaz colocar vários pacotes de comida chinesa na minha frente.

— Tenho uma entrega para Luke St. James — respondeu mal-humorado.

— Ah, claro.

Finalmente entendi que Luke deve ter pedido aquela comida. Então assinei o recibo. Não precisei pagar, porque a empresa tinha conta naquele restaurante e levei tudo para a sala de Luke.

— Ei, chegou sua comida.

Ele levantou o olhar de seu notebook e sorriu.

— Nossa comida.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Não, eu...

— Não faça essa cara, Ella. — Ele retirou os pacotes de minha mão e sentou sem a menor cerimônia no chão acarpetado da sala. — Já são quase oito da noite e deve estar com fome.

— Na verdade, eu já estou terminando meu trabalho, eu posso...

— Pode se sentar e comer comigo. É uma ordem.

Sem saída, me sentei no chão, maldizendo minha saia justa.

— Temos mesmo que nos sentar no chão?

Luke riu, abrindo um pacote que tinha yakissoba e meu estômago roncou.

— É mais confortável.

— Para você que não está de saia...

Ele relanceou os olhos para minha saia que subiu um pouco por minhas coxas e me senti muito inapropriada naquele momento, enquanto tentava puxar o tecido para baixo.

— Não se preocupe com isso. — Ele me entregou um prato que eu aceitei de bom grado, percebendo que estava realmente com fome.

— Hum, está muito bom — apreciei, fechando os olhos ao mastigar a comida.

— Muito bom mesmo — Luke murmurou.

Abri os olhos, achando algo diferente em sua voz.

— Não sabia que gostava de comida chinesa.

— Eu adoro. Estudei em Nova York e lá eu comia muito.

— Você morou sozinho em Nova York?

— Eu dividi apartamento com alguns amigos.

— Deve ser divertido.

— Sim, foi uma época divertida.

E ele começou a me contar sobre sua época de faculdade em Nova York, com seus amigos Greg e Ross.

— Você não pensou em ficar lá? Parece gostar tanto da cidade.

— Meu pai sempre esperou que eu voltasse para cá — ele respondeu, parecendo meio contrariado. — E você, não vai para a faculdade?

— Eu não sei ainda o que estudar, então resolvi dar um tempo, arranjar um emprego e ver o que quero para minha vida. — Coloquei o prato vazio no chão e olhei o relógio. — Nossa, demorei aqui. — Eu me levantei, me dando conta que me distraí conversando com Luke e nem terminei todo o trabalho. — Eu tenho que voltar ao trabalho.

— Mas agora já passa das nove, deixe para segunda-feira, deve faltar pouco e a Ramona te ajuda.

Luke se levantou também, e nós pegamos todas as embalagens vazias do chão.

— É, acho que é melhor mesmo.

— A gente poderia sair — disse casualmente enquanto jogamos tudo no lixo e o encarei sem entender.

— O quê?

Ele deu de ombros, a sombra de um sorriso no rosto.

— Sair, tem um bar aqui perto que toca um *jazz* incrível. Podemos beber alguma coisa e continuar conversando...

Eu engoli em seco, meu coração disparando no peito.

Um alerta começando a soar na minha mente.

— É, não acho que seria... — gaguejei.

— Ei, Ella, só um drink. — Ele continuou sorrindo e de repente o sorriso voltou a ser aquele que me perturbava antes.

Perturbadoramente bonito.

O alarme soou mais forte na minha cabeça.

Eu sabia que devia dizer adeus e ir embora, mas minhas pernas viraram gelatina.

— Eu tenho que ir embora. — Minha voz saiu quase mecânica.

O sorriso continuava lá.

Perturbadoramente sexy.

Eu disse sexy?

Minha barriga se contraiu.

Como em câmera lenta, fiquei olhando seus dedos mornos varrerem uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

Um arrepio deslizou por minha espinha e de repente eu estava ofegante como se tivesse corrido uma maratona.

— Luke, eu... — Minha voz saiu como se pertencesse a outra pessoa. Na verdade tudo estava acontecendo como se não fosse comigo.

Como se eu fosse espectadora de uma comédia de erros.

Naquele momento, eu já previa que tudo era um erro.

E também como em câmera lenta, eu vi seu sorriso se desfazer e uma expressão séria se instalar em seu rosto perfeito, enquanto os olhos incrivelmente verdes pousaram nos meus e desceram para meus lábios.

Os dedos se fecharam em minha nuca.

A boca se fechou sobre a minha.

E assim, sem aviso, Luke St. James estava me beijando.

E tudo mudou.

Dezesseis

— Luke, não! — Eu me desvencilhei cheia de horror, minhas mãos empurrando seu peito até que ele me soltasse.

Eu o encarei assustada, ainda ofegante, e com meu coração disparado no peito.

— Que diabos foi isso? — perguntei em tom de acusação, como se Luke fosse dar um de seus sorrisos descompromissados e dizer que era apenas uma brincadeira. Mas ele continuava me encarando intensamente.

— Eu quero te beijar desde que caiu na minha frente, Ella.

Oh. Meu. Deus.

— Não! Isso está errado, você não pode querer me beijar!

Ele sorriu. Aquele sorriso bonito e perturbador. E completamente irritante.

— Por que não?

— Eu tenho um namorado!

Ele deu de ombros.

— Fiquei sabendo, mas não me importo com ele neste momento.

Ah, aquilo foi a gota d'água. Se antes estava assustada e confusa, agora estava completamente furiosa.

E Luke deve ter percebido que disse a coisa errada, pois seu sorriso desapareceu e ele tentou me tocar.

— Ella, hei, me desculpe...

— Ah, você é um idiota! Sai da minha frente! — Eu o empurrei e saí da sala ignorando sua voz me chamando.

Peguei minha bolsa e voei para fora do escritório.

— O que está acontecendo com você? — Ramona perguntou quando voltou para casa naquele sábado à tarde.

Eu estava totalmente convencida que teria que pedir demissão depois do que acontecera com Luke. Como é que eu ia continuar trabalhando naquele escritório agora?

Eu ainda temia contar a Ramona o que tinha acontecido. Eu tinha medo que ela achasse que encorajara Luke àquele comportamento.

Mas eu não tinha feito isso, tinha?

Ok, eu o achava bonito, mas quem não achava? Porém, nunca imaginei que ele iria querer me beijar!

— Hum, não vai me dizer? — Ramona sentou ao meu lado insistindo. Respirei fundo e decidi contar meia verdade.

— Eu vou ter que pedir demissão.

— O quê? Por quê?

Mordi os lábios, totalmente envergonhada.

— O Luke deu em cima de mim — murmurei baixinho e Ramona arregalou os olhos.

— Sério? Quando?

— Ontem, quando fiquei até mais tarde. Eu fiquei tão assustada, e furiosa e... — *“Excitada.”*, completei mentalmente. Era um inferno que eu não pudesse negar isso. O beijo durara um segundo, mas fora o suficiente para perceber que naquele momento, eu me sentira muito atraída por Luke. Mas Ramona não precisava saber disso.

— E aí? O que você fez?

— Eu saí praticamente correndo! Disse que tinha namorado e ele ainda riu e respondeu que não se importava!

Ramona riu da minha consternação.

— Não é engraçado, Ramona!

— É sim, Luke é tão babaca!

— Isso você tem razão! Que grande babaca! Fiquei tão brava. E agora terei que sair da empresa!

— Não acho que deva fazer isso.

— Mas vai ficar um clima horrível!

— Só se você permitir! Olha, se te faz sentir melhor, o Luke já deu em cima de mim também.

— O quê? Você disse que não tinha ficado com ele!

— E não fiquei! Não vou negar que me senti tentada, claro, olha para ele! Mas gosto do meu emprego, obrigada. E eu tinha Félix também. Embora aquele idiota não merecesse minha fidelidade.

— E como é que você ainda consegue trabalhar com ele como se nada tivesse acontecido?

— Porque não aconteceu! Eu disse a ele que não estava interessada e viramos a página! Ella, Luke nem deve lembrar mais que deu em cima de você, acredite em mim. Não vai ficar insistindo, não é desses! Ele tem qualquer mulher que quiser, se você disse não, ele vai para a próxima!

— Ele é um cretino! — Estava mais furiosa agora do que nunca. Luke era mais cafajeste do que eu imaginava.

Só de pensar que eu era mais uma de uma longa lista de mulheres na sua vida eu tinha vontade de vomitar!

— Sim, em se tratando de mulher, ele é sim um cretino, mas qual homem não é? Luke é só como a maioria deles, um mulherengo que quer comer o maior número de mulheres possíveis. Então, minha amiga, não sofra. Apenas volte ao trabalho e finja que nada aconteceu. Aposto que é o que Luke vai fazer também. Neste momento ele já deve estar se divertindo com alguma recepcionista bonitinha.

Eu passei o fim de semana pensando nisso, mas ainda não tinha

certeza do que fazer quando a segunda-feira chegou.

Preparei seu café com minhas mãos trêmulas e levei até sua sala. Estava me sentindo muito mortificada quando pedi licença e coloquei o café em sua mesa.

— Ella, olhe para mim — Luke pediu depois que eu me neguei a fazer contato visual.

Eu olhei.

Ele continuava lindo como eu me lembrava. Infelizmente.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu sexta.

— Eu não sei se devo continuar trabalhando aqui...

— Claro que deve.

— Depois do que aconteceu...

— Não vai mais se repetir. Eu confundi tudo e fui um babaca.

— É, foi sim.

— Mas não vai acontecer de novo. Eu prometo. Por favor, não peça demissão. Você está muito bem aqui.

— Eu vou tentar.

Saí da sala quase correndo e Ramona me esperava com um olhar especulativo.

— E aí?

— Ele pediu desculpas e disse que foi um babaca.

Ela riu.

— Ainda bem que ele admite.

— E prometeu que nunca mais irá se repetir e disse que eu devo continuar trabalhando aqui.

— Eu não te disse? Ele não está nem aí!

— Ainda tenho minhas dúvidas...

— Ella, pare com isso! Somos todos adultos aqui! Luke foi apenas o

primeiro babaca que cruzou seu caminho. Não se deixe esmorecer por isso!

Comecei a achar que Ramona tinha razão e eu estava fazendo uma grande tempestade num copo d'água.

Então continuei na St. James. Como Ramona dissera e Luke me prometera, nada mais aconteceu.

E realmente, a fofoca de que ele estava saindo com uma nova recepcionista chamada Carmem, não demorou a surgir.

Eu disse a mim mesma que estava aliviada por manter meu emprego e minha dignidade. Mas eu evitava ao máximo ficar sozinha com Luke e quando isso acontecia, mantinha a postura mais profissional possível. Nada de ficar encantada com seu sorriso ou deslumbrada com sua beleza.

A recepcionista Carmem foi descartada alguns dias depois e foi substituída por uma tal de Kate, do financeiro. Ou pelo menos era essa a fofoca que corria solta pelos corredores da St. James.

Luke St. James era só mais um babaca. E infelizmente meu chefe.

Novembro de 2012

— Cadê a Ramona? — Toby perguntou quando entramos na sala naquela tarde.

Fazia mais de um mês que não nos víamos e eu estava imensamente feliz que ele viera passar o fim de semana comigo em Seattle. Eu o tinha encontrado de manhã e passamos o dia pelos pontos turísticos da cidade.

— Ela está viajando. Volta apenas amanhã à noite — expliquei tirando meu casaco e soltei um grito ao sentir os braços de Toby me agarrando.

— Acho que estamos sozinhos? — sussurrou no meu ouvido e eu sorri me virando para ele.

— Ah sim...

Então estávamos nos beijando com saudade e eu quase nem vi enquanto era levada para meu quarto até sentir a cama atrás de mim e minha camiseta desaparecendo.

Fechei os olhos e relaxei, sentindo seus beijos sobre meu peito me excitar.

Ah, ah era tão bom.

Abri os olhos e Luke sorria para mim.

E eu sorri de volta.

— Nossa, Ella, estava morrendo de saudades de você.

Espera... Eu fechei os olhos com força e abri de novo e Toby estava acima de mim, tirando sua própria blusa.

Mas que diabos fora aquilo?

Eu o empurrei, assustada.

— Pare, Toby...

— O que foi?

Ele me soltou e eu me sentei sobre a cama, tentando me acalmar.

Eu tinha mesmo fantasiado que Toby era Luke?

Estava enlouquecendo?

— Ella?

Encarei Toby totalmente culpada.

— Me desculpe, acho que não estou no clima.

Ele riu nervosamente.

— Não está no clima? Faz mais de dois meses que não transamos e você diz que não está no clima?

Eu me senti muito culpada.

Eu e Toby éramos como qualquer casal de adolescente. Namorávamos desde que ele tinha quinze e eu dezesseis. Perdemos a virgindade juntos três meses depois de começarmos a namorar e como qualquer casal inexperiente, era péssimo no começo, mas fomos melhorando com o tempo. Todavia, era difícil arranjar um lugar para transar sendo meu pai superprotetor. Eu tinha uma fantasia de que depois que mudasse para a cidade, Toby e eu poderíamos começar a ter uma vida sexual de adulto finalmente.

Mas isso seria difícil se eu comesse a fantasiar com meu chefe!

— Eu sinto muito. Ando muito cansada, o trabalho e tudo mais... E a gente não se vê há um tempo...

— Eu sabia que isso ia acontecer!

— Ei, não fala assim. — Eu o abracei.

— Eu temo que a gente se afaste, Ella.

— Isso não vai acontecer, eu prometo.

Toby acreditou em mim, mas nós não transamos naquele fim de semana.

Ele foi embora no domingo à noite e eu não lhe disse que estava com mais medo do que ele.

Dezembro de 2012

A festa de fim de ano da St. James Corporation foi um acontecimento e tanto. Aconteceu na cobertura de um luxuoso hotel da cidade e contou com a presença de todos os funcionários, até o presidente, Anthony St. James, que era mais bonito e impressionante de perto.

Nós não podíamos levar acompanhante, mas Eleanor St. James estava lá.

E eu fiquei realmente surpresa quando Luke se aproximou de mim e de Ramona e disse que queria nos apresentar a mãe dele.

Eu na verdade não conhecia nem seu pai, mas Ramona sorriu animada, segurando minha mão, enquanto seguíamos Luke.

— Mãe, quero lhe apresentar Ella Brooke e Ramona Fuentes, minhas secretárias.

— Ah, muito prazer. — A senhora distinta sorriu nos abraçando.

Ela era muito bonita e educada.

“Como é que criara um filho babaca daquele?”, perguntei-me ironicamente.

Acho que a champanhe estava começando a subir na minha cabeça.

— Acho que ainda não conhecia a Ella. — Anthony St. James sorriu.

— A Ella trabalha conosco há três meses apenas — Luke explicou —, mas ela é ótima, acho que vai longe.

— Sério? Luke não é de fazer muitos elogios, Ella.

Eu fiquei vermelha ao olhar para Luke e pegá-lo sorrindo para mim.

Daquele jeito insuportável.

Que deixava meu rosto quente. E me fazia lembrar a noite em que ele me beijara.

Algo que eu tentava esquecer a todo custo.

— Espero que Luke seja um bom chefe.

— Ah, ele é sim — respondi tomando um grande gole da minha taça e não me incomodando de parecer irônica.

— Luke é o melhor! — Ramona acrescentou toda animada.

Acho que ela já estava bêbada.

E eu resolvi tirá-la dali antes que ela dissesse alguma asneira.

E não demorou para que ela sumisse da minha vista e eu a achasse um tempo depois perto do corredor dos banheiros com a língua enfiada na garganta de Santiago, do Marketing.

E eu estava voltando à festa me perguntando se teria que ir embora sozinha quando Luke apareceu na minha frente.

Engoli em seco, olhando a minha volta, procurando rotas de fuga.

— Você parece estar me evitando.

Ah sim, direto ao ponto.

— Não diria isso.

— E diria o quê? Acho que ainda está chateada comigo.

— Eu só estou tentando esquecer.

— E esqueceu?

Eu o encarei, sem entender seu olhar.

Ele parecia tão intenso, e tão próximo...

Deixava-me meio sufocada.

— Você certamente esqueceu bem rápido, afinal, como era mesmo o nome dela? Carmem? Ou seria a Kate, nem me lembro quem veio primeiro, se bem que acho que também ouvi algo sobre uma tal de Chelsea...

— Você parece bem informada.

— Deve saber que sua vida amorosa diverte muito a sala de café dos funcionários.

— E você se diverte também?

Ele estava de brincadeira?

— Eu não me importo nem um pouco — cortei. — Não me interessa com quem você fica ou deixa de ficar.

— Então por que estamos falando sobre isso?

— Você começou!

— Não, foi você que começou, na verdade.

— Por que você tem que ser tão mal comigo?

— Acha que sou mal com você?

— É sim! Por que não me deixa em paz e vai agarrar alguma garota do seu fã-clubes?

— Eu tenho um fã-clubes?

— Aposto que sabe que tem!

Ele riu.

— E você faz parte dele?

— Não! Eu te disse, eu tenho um namorado!

— Ah claro, o namorado ainda existe.

— Claro que sim. Estamos juntos há dois anos e muito bem, obrigada. Mas obviamente você não entende nada sobre relacionamentos duradouros!

— Wow, por que está me atacando?

Respirei fundo, percebendo que meu tom de voz tinha aumentado vários decibéis.

— Porque você me deixa nervosa!

— Me desculpe — ele pediu de repente —, acho que sempre faço tudo errado com você, não é?

Eu não sei o que dizer.

— Não gosto de pensar que você me odeia.

— Eu não te odeio, Luke — respondi cansada. Por que eu estava

discutindo com ele? De repente eu só queria ir embora. — Eu preciso ir embora. Viajo amanhã cedo para minha cidade.

Eu ia passar os feriados de fim de ano em Aberdeen.

— Boa viagem, então, Ella.

Ele sorriu e eu falhei miseravelmente em não sorrir de volta, antes de me afastar.

Se ao menos eu não sentisse aquela atração totalmente sem sentido algum...

Felizmente, eu estava indo para Aberdeen e iria ver Toby e Luke estaria esquecido rapidinho.

No entanto, alguns dias depois do Natal, eu recebi uma ligação de Moira, a secretária da presidência, dizendo que eu precisaria voltar ao trabalho mais cedo.

— Como assim? Eu só voltaria depois do Ano Novo!

— É uma emergência. Luke está fechando alguns negócios em Nova York e precisa de ajuda.

— Você disse em Nova York?

— Sim, já estamos providenciando sua viagem. O seu voo sai amanhã no fim da manhã, dá tempo de voltar à cidade.

— E Ramona? Ela é a secretária!

— Ela está em Santa Barbara, por isso optamos por você, está mais próxima.

Eu queria dizer não, mas como? Era meu trabalho, afinal.

— Ok, estarei no aeroporto amanhã.

Toby não gostou nada e eu tentei não ficar triste. Nós mal tivemos tempo de ficar sozinhos, com todas as festas familiares a nossa volta e fizemos planos para termos alguns momentos acampando no Réveillon. Agora isso não ia mais acontecer.

— Eu sinto muito, mas é trabalho.

— Tudo bem, eu entendo.

Assim, eu estava desembarcando em Nova York na tarde seguinte e só me dei conta de um detalhe perturbador quando vi Luke me esperando no desembarque com seu sorriso a tiracolo.

Eu estaria sozinha com ele em Nova York por dias.

— Oi, Ella. — Ele parecia feliz em me ver.

— Oi — respondi meio acanhada. — Isso é realmente inesperado.

— Me desculpe, eu devo ter atrapalhado seu feriado, mas realmente preciso de ajuda. — Ele pegou minha pequena mala e nos encaminhamos para fora do aeroporto onde um motorista nos esperava.

— Eu nem sabia que estava em Nova York.

— Alguns negócios de última hora.

— Uau, é tão bonito aqui. — Eu olhava a paisagem do fim de tarde pela janela.

— Nunca estive em Nova York?

— Nunca.

— Aqui é incrível.

— Você estudou aqui, não?

— Você se lembra. — Ele sorriu e eu desviei o olhar, vermelha.

Porque fora naquela noite do beijo que ele me contou sobre sua vida ali.

Nós chegamos num hotel muito fino e Luke me guiou para um elevador até uma suíte elegante.

— Eu vou ficar aqui? — perguntei abismada.

— Sim, é uma suíte com dois quartos, não se preocupe.

Preocupada? Eu?

Eu estava apavorada. Mas não precisava demonstrar isso.

Eu estava ali a trabalho e nada mais.

— Tudo bem, claro.

Seu celular começou a tocar e ele apontou meu quarto.

— Vá descansar e fique à vontade. Nós só começaremos o trabalho amanhã.

Fui para o quarto e entrei fechando a porta.

A vista era incrível e eu me forcei a relaxar.

Estava tudo sob controle.

Se eu repetisse isso para mim muitas vezes, talvez me convencesse.

Tomei um banho no banheiro maravilhoso e estava pensando no que vestir, quando Luke bateu na porta.

— Droga! — murmurei pensando que não poderia abrir a porta vestindo apenas um roupão.

— Sim? — respondi com a porta fechada.

— Você quer sair para jantar?

Eu hesitei. Sair para jantar com ele?

— Eu jantarei no restaurante do hotel com alguns amigos de faculdade. Mas se quiser, pode pedir algo aqui.

— Não, tudo bem. Eu vou apenas me arrumar.

Se tivesse mais gente, acho que não haveria problema, não?

E eu estava até mesmo um pouco curiosa para conhecer os amigos de Luke de quem ele me falara.

Vesti um jeans e suéter grosso e me perguntei se estava adequada quando saí do quarto.

— Não sei se estou muito simples para este lugar — murmurei incerta e Luke sorriu.

— Está ótima, não se preocupe — Luke respondeu me medindo e eu tentei não corar.

Ele também estava vestido casualmente.

Seus cabelos pareciam fabulosamente bagunçados e me deu vontade de arrumá-lo com meus dedos.

— O que foi? — ele perguntou curioso e eu percebi que estava o encarando como uma maldita fã.

Mil vezes inferno!

— Seus cabelos estão uma bagunça — respondi em tom de crítica, indo para a porta e ele riu, passando os dedos pelos fios rebeldes.

Nós descemos para o restaurante e ele me guiou até uma mesa perto da janela, onde dois rapazes estavam sentados na companhia de uma moça loira bonita.

— Finalmente! — o mais alto com cabelos castanhos disse. — E quem é essa linda?

— Ella Brooke, minha secretária, Greg, então tenha modos — Luke respondeu. — Ella este é Greg e aquele é Ross — ele aponta para o moço loiro de barba que sorri agradavelmente e então aponta para a mulher à mesa —, e esta é Blake Albert.

Eu voltei ao presente com uma respiração profunda ao me lembrar *dela*.

Agora eu sabia quem era Blake Albert. Era a bonita amiga de faculdade de Luke.

Naquele dia, enquanto a moça loira, que usava um corte curto e moderno, me media com um olhar investigador de quem avalia uma concorrente, eu já fazia uma boa ideia de que ela não podia nem a pau ser só uma “amiga” de Luke.

Mas eu não fazia ideia naquele momento de que ela iria se transformar um dia em um dos motivos da minha separação.

Fechei os olhos novamente e deixei minha mente vagar para quase sete anos atrás.

Dezessete

Dezembro de 2012

— Quem é Blake para você? — Eu não consegui conter a minha curiosidade quando voltamos para a suíte naquela noite depois de jantar e tomar alguns drinks com os amigos de Luke.

— Ela é minha amiga de faculdade, eu te disse.

— Amiga com quem você transa. — Era uma afirmação e não uma pergunta.

Ele não negou. Mas sentou no sofá a minha frente me encarando um com olhar especulativo.

Pode ser que fosse os drinks que eu tinha bebido, mas me sentia corajosa naquela noite.

— Por que você me olha com essa cara de repreensão? Qual o problema de eu ir para cama com uma mulher bonita?

Eu dei de ombros.

— Nenhum. Mas você nunca vai ser levado a sério por nenhuma mulher se continuar agindo assim.

Foi a vez de ele dar de ombros e sorrir.

— Talvez eu não queira ser levado a sério.

— Mas um dia você pode querer, aí pode ser tarde.

— Quer dizer que você não me leva a sério? Quer dizer, hipoteticamente, se fosse solteira e eu desse em cima de você, não ia querer nada comigo por causa disso?

— Não, não ia.

— Por quê?

— Olhe para você! Fica com uma mulher diferente a cada noite! Parte o coração delas sem nem se importar! Só porque é bonito...

— Me acha bonito? — Ele sorriu e eu revirei os olhos.

— Você sabe que é!

— Eu não faço promessas a ninguém. É apenas diversão.

— Você nunca sabe de verdade a impressão que está deixando quando olha para alguém, Luke — eu disse suavemente.

— Qual a impressão que eu deixei em você? — ele perguntou baixinho e eu desviei o olhar.

Aquela conversa já estava indo longe demais.

Eu me levantei sem responder e disse boa noite.

Eu o acompanhei por três dias em reuniões de negócios e era incrível como Luke era realmente bom no que fazia. Eu sabia que algumas pessoas na St. James diziam que ele só tinha conseguido um cargo de diretor sendo tão jovem, porque era filho do dono. E certamente fora mesmo assim, mas Luke estava provando que era muito capaz de estar naquela posição.

Isso fazia com que eu o admirasse ainda mais. Pelo menos profissionalmente.

Nós saímos toda noite com seus amigos, incluindo Blake Albert e eu tinha a impressão que a loira platinada não ia muito com a minha cara. Eu até disse a ela uma noite, quando fomos ao banheiro juntas, que eu tinha um namorado.

Ela me encarou desconfiada.

— Mas você e Luke não...

— Não! — Eu ri passando meu batom. — Ele é só meu chefe!

— Eu sei como o Luke pode ser persuasivo quando ele quer...

— E quem disse que ele me quer? — Eu a encarei.

— Eu conheço o Luke.

— É, eu sei disso — murmurei voltando a olhar o espelho.

— Sim, nós temos o que se pode chamar de amizade colorida. — Ela sorriu com presunção.

— E está tudo bem assim para você? — indaguei curiosa. Eu nunca ia conseguir ser tão desprendida.

Se Luke fosse meu...

Meu? De onde surgiu aquele pensamento?

— Luke não quer compromisso com ninguém nessa fase da vida dele. E nem eu, na verdade. Mas quem sabe um dia?

Sim, eu percebi que Blake tinha muitos planos em sua mente e me perguntei se Luke compartilhava dessas mesmas ideias.

E não estava preparada para o ciúme que senti.

Quando voltamos à mesa, aleguei uma dor de cabeça e voltei à suíte.

Aproveitei para trabalhar, enviando alguns e-mails que Luke pedira e quando ele voltou, já bem tarde, ainda estava com o laptop aberto sobre a mesa de centro.

— Ainda acordada? Achei que estivesse com dor de cabeça e iria dormir.

— Estava, mas tomei um comprimido.

— Já está tarde, vá dormir. Não quero ser acusado de ser um chefe abusivo.

Eu ri e me levantei, indo para meu quarto.

— Blake me chamou para ir para a casa dela — ele disse de repente e eu parei.

— E por que não foi?

— Acho que eu quero começar a ser levado a sério.

Eu tentei não sorrir, enquanto fechava a porta do quarto atrás de mim.

Ele não estava fazendo isso por mim, era ridículo me sentir

empolgada.

Eu tinha namorado, não me interessava o que Luke fazia com sua vida amorosa.

Ele era meu chefe, por Deus!

Ainda bem que amanhã seria o nosso último dia na cidade e então aquela proximidade perigosa iria acabar e eu esperava que também acabassem aqueles pensamentos insanos.

— Eu achei que tínhamos trabalho ainda hoje! — estranhei quando Luke disse depois de tomarmos café que iríamos sair para passear na cidade.

— Não, não temos mais.

— Então por que ainda estamos aqui?

— Porque eu quero levar você para conhecer Nova York.

Eu quis dizer que não. Que não iria a lugar algum com ele, mas que mal tinha?

Íamos apenas andar pela cidade e nada mais. Era perfeitamente aceitável.

E eu queria mesmo conhecer Nova York.

Luke me levou há vários lugares, entre pontos turísticos e seus lugares preferidos na cidade, e foi incrível, embora estivesse muito frio e eu reclamei disso em certo momento, fazendo Luke rir e me levar ao museu natural.

— Também é um dos seus lugares preferidos? — indaguei curiosa.

— Quero te levar no conservatório, está rolando uma exposição de borboletas tropicais.

— Neste frio?

Ele riu.

— A sala que as mantém, conserva uma temperatura de 26 graus, para simular o habitat natural delas — ele explicou e quando adentramos no

conservatório, notei que ele tinha razão olhando admirada o pequeno refúgio de vegetação tropical.

— Uau, é lindo — deixei meus olhos vagarem pelo espetáculo de cores brilhantes e luzes, as lindas borboletas de todas as cores voando sobre a vegetação — e está quentinho aqui! — Sorri para Luke, tirando meu casaco e colocando minha mão sobre o vidro, onde uma linda borboleta azul pousou.

— As borboletas precisam de calor para voar, elas nunca voariam no frio de Nova York no inverno, por exemplo.

— Eu entendo elas. Também prefiro o calor.

— Gostaria de ser como uma borboleta então? — ele me provocou.

— Talvez... Uma vez quis fazer uma tatuagem de borboleta. Meu pai não deixou. — Eu me recordei. — Ele disse que eu era muito nova e podia me arrepender.

Ele riu com vontade.

— Isso é incrível.

— O que é incrível? — Eu o encarei sem entender.

— Eu tenho essa tatuagem.

— Sério?

— Sim, uma borboleta azul no meu peito. Eu fiz há alguns anos, em uma viagem a Bali... Acho que temos as borboletas em comum. Acha que quer dizer alguma coisa?

— Eu duvido! Eu não tenho uma tatoo de borboleta!

— Acho que ficaria linda em você. — Ele tocou meu braço, os dedos deslizando lentamente até meu ombro. — Podia ficar aqui...

Arrepiei-me e desviei o olhar, me afastando e lendo o que estava escrito sobre as borboletas no painel explicativo.

— Esquece o que disse sobre querer ser uma borboleta. Elas morrem em duas semanas ou três semanas!

— Isso seria um desperdício. — Luke riu e eu tive que rir também.

E no fim do dia, eu simplesmente não queria que nossa estadia na cidade terminasse ainda. Não agora que eu estava apreciando demais a companhia de Luke. Ele era divertido, charmoso e tão inteligente! Podia passar horas ouvindo-o falar, enquanto andávamos de metrô como qualquer mortal comum e ele me contava o que fazia enquanto morava ali com Greg e Ross.

E Blake.

Eu queria perguntar a Luke se ele gostava dela, se ele achava que um dia iam mesmo ficar juntos, como tenho certeza que a Blake achava, mas não tinha coragem.

O dia estava perfeito demais para eu estragar com assuntos desagradáveis. E Blake Albert estava definitivamente se tornando um assunto desagradável para mim.

Nós saímos para jantar naquela noite para nos despedirmos de seus amigos e eu estranhei que Blake não estava presente.

— Cadê a Blake? — indaguei curiosa.

— Ela teve um compromisso, acho — Ross deu de ombros e eu não consegui deixar de sorrir muito satisfeita.

Eu me despedi de Ross e Greg sentindo que já os considerava meus amigos também.

E eu me sentia um pouco triste quando voltamos à suíte, por ser nossa última noite na cidade.

Minha última noite com Luke.

E assim que a porta se fechou atrás de nós, eu sentia que havia uma tensão no ar. Como se algo fosse acontecer.

Eu senti excitação. Senti medo.

— Estou cansada, vou tomar um banho e dormir — disse sem olhar para Luke e indo para meu quarto.

Sei que estava fugindo, havia uma parte de mim que queria ficar mais com ele, apreciando sua companhia naquela última noite, mas sabia que a probabilidade de acontecer algo que eu viria a me arrepender depois era grande.

E eu não queria me arriscar a quebrar aquela frágil relação de amizade que eu tinha construído com Luke naqueles dias.

Entrei no chuveiro e fechei os olhos, tentando limpar a minha mente e tirar o peso que começava a se instalar no meu coração.

Era como um pesar... Como sentir falta de algo que eu nem tinha...

— Ella...

Eu abri os olhos assustada ao ouvir a voz de Luke.

E eu não estava sonhando. Ele realmente estava li na minha frente. Nu e molhado.

Excitado. Eu arfei entre assustada e atraída, meus olhos percorrendo seu corpo, seu peito largo onde uma borboleta azul descansava.

Arfei, sem ar.

— Luke... O que...

Mas meu protesto morreu esmagado por sua boca na minha.

E eu deixei de pensar. Deixei de respirar.

Devorando seu lábios assim como ele me prensava contra o box.

Derretendo com suas mãos apertando minha pele molhada, assim como eu deixava meus dedos puxarem seus cabelos.

Em algum lugar da minha mente enevoada, eu sabia que precisava parar antes que fosse tarde demais, mas apenas conseguia gemer e me contorcer com a força do desejo enquanto ele descia com beijos afoitos por meu pescoço, sua língua contornando meu mamilo e sugando, e puxando, e

descendo por minha barriga, e...

— Oh... — Eu tremi quando sua boca encontrou a junção entre minhas pernas e ficou ali.

E ficou, e ficou, ficou e...

Eu gozei forte contra sua boca.

Oh Deus...

Parei de respirar horrorizada quando a realidade me tomou.

Oh. Meu. Deus!

Luke estava agora me abraçando e beijando meu rosto quando eu abri os olhos e comecei a empurrá-lo.

— Luke, pare...

— Ei, o que foi? Eu mal comecei com você, baby. — Ele sorriu e tentou me beijar de novo, mas eu me desvencilhei com força.

— Me solta, Luke!

Ele me soltou, surpreso com meu ataque.

— Ella, eu achei que nós...

— Isso não devia ter acontecido — murmurei começando a chorar e saí do chuveiro.

Parei apenas para pegar uma toalha e voltei para o quarto.

Que diabos eu tinha deixado acontecer?

Luke apareceu alguns minutos depois, vestindo um roupão do hotel.

— Luke, por favor, me deixa sozinha... — pedi com medo, porque apesar de sentir culpa, eu ainda sentia vontade de continuar de onde paramos.

Eu era uma pessoa horrível!

— Eu quero você, Ella, não consigo mais mentir. Ou ficar longe — Luke disse parando na minha frente. — E eu acho que você me quer também.

— Não! Eu tenho um namorado!

— Largue ele.

— Oh Deus! — Eu me afastei segurando minha cabeça em desespero.

— Você está maluco!

— Não, você está negando a realidade.

Respirei fundo tentando sair daquela loucura.

— Olha, Luke, eu sinto muito que eu tenha... Dado uma impressão errada, mas você é meu chefe e eu não vou ter um caso com você!

— Talvez eu queira que você seja minha namorada.

— Quer que eu acredite em você? O cara que pega uma garota por semana?

— Eu quero que me leve a sério! Eu... Estou apaixonado por você.

A lembrança era tão vívida como se tivesse acontecido agora.

Eu me lembro de como queria desesperadamente acreditar.

Mas aquele era Luke St. James. O cara que até pouco tempo dizia que não se importava em ser levado a sério.

Como eu podia acreditar que ele estava apaixonado por mim?

Principalmente quando eu já tinha um cara apaixonado por mim há dois anos. Um cara que eu também amava.

E que acabara de trair com Luke.

Naquele momento eu nunca tinha me sentido tão mal na minha vida. E eu me perguntava o que teria acontecido se eu tivesse deixado todos os medos e dúvidas de lado e acreditado...

Dezoito

Dezembro de 2012

— Eu não posso... — murmurei, sentindo vontade de chorar. — Não posso acreditar em você, Luke.

— Mas é verdade! — Ele tentou segurar minhas mãos, mas o afastei. Eu não podia deixar que Luke me tocasse de novo.

— Por favor, me deixa sozinha...

— Ella...

— Por favor... — Comecei a chorar de verdade, e Luke pareceu entender que estava me deixando perturbada.

Ele passou a mão pelo cabelo com uma expressão frustrada e se afastou, fechando a porta atrás de si.

Naquela noite, eu mal dormi.

Eu revivia todos aqueles dias com Luke. Eu revivia o que tinha acontecido no banheiro.

Como fora fácil me deixar levar finalmente pela atração que eu tinha por Luke e esquecer que eu tinha um namorado que ficaria extremamente magoado se descobrisse o que eu fiz.

E Luke dizendo que estava apaixonado por mim.

Ele parecia desolado quando eu dissera que não acreditava.

“Será que eu estava sendo injusta? Será que ele realmente se apaixonou por mim?”

Adormeci quando já era quase de manhã e acordei tarde.

Arrumei-me e coloquei minhas roupas na mala e fui para a sala da suíte. Não sabia como ia lidar com Luke. Se eu deveria ter uma conversa com

ele sobre o que acontecera, ou se devia deixar para lá.

Mas quando eu cheguei à sala, parei surpresa ao ver Blake Albert ali.

Ela me viu primeiro e sorriu.

— Oi, Ella.

Luke se virou e pareceu reticente ao me ver.

“Mas que diabos Blake estava fazendo ali?”

“Será que foi apenas eu dizer não a Luke, e ele chamara Blake para consolá-lo?”

“E quão idiota eu era por estar em dúvida sobre sua sinceridade quando ele era notavelmente um cretino?”

— Me desculpe — eu consegui dizer —, não quero atrapalhar. Vou descer e tomar café no restaurante do hotel.

E saí quase correndo da suíte.

O café da manhã foi uma lástima. Os alimentos tinham sabor de isopor para mim e eu estava com tanta raiva que minha vontade era subir lá e socar Luke na sua cara bonita. E talvez sobrassem alguns socos para Blake Albert e seu nariz perfeito também.

Os dois que fossem para o inferno!

Depois de um tempo que eu julguei necessário para não ter que ver Blake de novo, subi para o quarto e para meu alívio, ela não estava mais lá.

Luke estava ao telefone e sua mala já estava na porta.

Eu passei por ele, sem falar nada, e peguei minha mala passando por ele de novo na sala e saí da suíte. O carro já estava nos esperando para nos levar ao aeroporto e eu entrei. Luke entrou usando óculos escuros alguns minutos depois.

O trânsito estava caótico e demorou para que o silêncio tenso fosse quebrado por Luke.

— Não era o que você estava pensando.

— Não me deve satisfação.

— Eu não transei com a Blake.

— Não me interessa. — Coloquei também meus óculos escuros e fingi estar muito interessada na paisagem urbana. Mas remoía sua afirmação de que não tinha transado com Blake.

E o que foi que eu vi? Apenas Blake, vestida, aliás, conversando com ele na sala da suíte.

Luke não tentou mais falar comigo enquanto embarcamos até que o avião estivesse a caminho de Seattle e desta vez eu sentisse necessidade de quebrar o silêncio.

— O que a Blake estava fazendo na nossa suíte, então?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Ela deseja que eu seja sócio em uma empresa que ela está abrindo com um colega.

Eu fiquei surpresa.

— Teria coragem de sair da St. James?

— Às vezes é difícil provar que eu sou algo além do filho do presidente da empresa na St. James.

— Você está provando, Luke. Você é muito competente.

Ele sorriu tristemente.

— Você está me fazendo um elogio?

Eu fiquei vermelha e desviei o olhar.

— Só porque eu acho que você é péssimo em se tratando de mulheres não quer dizer que não acredite em você profissionalmente.

— Quer dizer que vai continuar trabalhando comigo depois de tudo?

— Ele parecia inseguro e ansioso por minha resposta.

Não soube o que responder.

Fiquei em casa alguns dias, sozinha, remoendo minhas dúvidas, sem

chegar a nenhuma conclusão. Eu deveria sim sair da St. James, mas eu não queria.

Essa era a verdade.

Quando Ramona voltou, eu não tive coragem de contar a ela o que acontecera em Nova York.

Nós voltamos ao trabalho e para nossa surpresa Ramona foi chamada à sala da Anthony e informada que foi promovida a secretária da presidência.

— Não é o máximo, Ella? — Ramona estava em êxtase ao me contar. — Luke me indicou! Disse que eu era uma ótima secretária! Ah, eu estou tão feliz!

— Mas quem vai ficar aqui agora?

Ela rolou os olhos.

— Oras, claro que é você!

— Será? Eu estou aqui há tão pouco tempo...

— Não fique encanada. Tenho certeza que o Luke vai colocá-la no meu lugar como a secretária dele!

E como Ramona previu, Luke me chamou na sua sala naquele dia para dizer que eu seria promovida a vaga de Ramona.

Eu tentei não dizer nada sobre minhas desconfianças quanto àquelas mudanças de cargos, mas Luke percebeu o meu desconforto.

— Algum problema quanto a isso? Achei que iria ficar satisfeita de ser promovida.

— Eu acho que você fez isso... Todas essas mudanças, para me obrigar a ficar aqui.

Ele riu.

— Ella, isso aqui não é um episódio de Melrose Place, nem tudo gira em torno da minha paixão por você.

Eu arregalei os olhos e Luke percebeu que tinha falado demais.

— Me desculpe, eu não...

— Se vai continuar com isso, eu não posso ficar trabalhando aqui, com promoção ou não.

— Eu sei, eu sei... eu peço desculpas. Não quero que se sintam mal. Serei profissional se você continuar, eu prometo.

Devia acreditar nele? Depois de ele ter invadido o banheiro em que eu tomava banho e...

— Por favor, Ella, acredite em mim. Você faz um bom trabalho e eu quero que continue na empresa.

— Tudo bem — concordei por fim.

Mas disse a mim mesma que qualquer deslize de Luke, eu estaria fora da empresa antes que ele tivesse chance de pedir desculpas.

O que eu não imaginava era que o deslize podia não vir de Luke e sim de mim mesma.

Janeiro de 2013

Agora que só era eu e Luke naquele escritório, a situação se tornou mais tensa do que eu podia prever.

Por que agora estávamos constantemente em contato e a todo o momento eu me pegava pensando em como ele me derreteria naquele banheiro tão facilmente...

Eu tentava esquecer. Mas simplesmente cada vez que Luke sorria, cada vez que nossas mãos se tocavam acidentalmente, ou ele me fazia algum elogio, ou simplesmente olhava para mim com aqueles olhos intensos, eu me perdia um pouco mais.

Eu estava enlouquecendo e facilmente perdendo a batalha para minha atração por Luke.

Mas o que eu podia fazer?

Eu amava Toby. Sempre amei. Não conseguia imaginar meu futuro sem ele. E o que Luke era além do meu chefe mulherengo por quem eu sentia uma inexplicável atração?

Fevereiro de 2013

— Nossa, que casa incrível. — Ramona olhava embasbacada para a decoração da casa dos St. James. Ela tinha sido convidada para a festa de aniversário de Anthony St. James que agora era seu chefe e insistira que eu fosse junto.

— Sim, é muito bonito. — Eu olhava em volta procurando Luke e então o localizei há alguns metros conversando com uma moça alta e linda.

— Quem é aquela com Luke?

No último mês eu não tinha ouvido nenhuma fofoca sobre seus casos. Pelo menos dentro da empresa.

Mas quem garantia que ele não estivesse namorando alguém de fora?

— Aquela é a Laurel St. James, a irmã do Luke.

— Por que nunca ouvi falar dela?

— Ela está estudando na Europa. Acho que só veio para o aniversário de Anthony.

Luke se aproximou de nós e apresentou Laurel, que parecia ser insuportável para dizer a verdade e nos olhava de cima a baixo, com desinteresse.

Respirei aliviada quando ela se afastou.

— Sua irmã é linda, Luke — Ramona comentou e eu rolei os olhos e não disse nada. — E estou adorando a festa, tanta gente bonita e elegante. E uns caras interessantes também. Você poderia me apresentar a alguns, hein? — Ela piscou e Luke riu e os dois se afastaram.

Eu me sentia meio deslocada sozinha, até que Luke voltou.

— Cadê a Ramona?

— Acho que ela está ocupada. — Apontou para onde Ramona ria e flertava com um rapaz alto e bem vestido.

— Que bom para ela. — Eu dei de ombros. — Mas eu quero ir embora.

— Qual o problema?

— Nada, eu só... Eu nem deveria estar aqui. Ramona que foi convidada, não eu.

— Não seja absurda.

— Não sou absurda. Eu só estou cansada e quero ir para casa.

— Você só está querendo ir embora, porque não se sente à vontade para estar aqui, na casa da minha família.

— Sim, é esse motivo, e você sabe por quê.

— Por que isso te perturba se você não se importa?

— Seria mais fácil se eu não me importasse — confessei.

Eu estava tão cansada de fingir.

Tão farta de ficar sob aquela tensão o tempo inteiro...

— Eu vou embora. — Coloquei minha taça numa mesa e me afastei.

Mas ao chegar ao jardim, eu me lembrei que tinha vindo com o carro de Ramona.

— Eu te levo para casa. — Ouvi a voz de Luke atrás de mim e o encarei.

Eu já sabia que suas intenções não eram as melhores quando ele me fez aquela oferta?

Sabia sim.

Eu já sabia que as minhas intenções também não eram nada louváveis?

Claro que sim. Eu simplesmente não queria me importar naquela noite.

— Me leva para sua casa — murmurei depois que entramos no carro.

Eu não olhei para Luke quando disse isso. Mas podia imaginar seu

olhar surpreso.

Por um momento eu tive medo que contestasse, mas ele apenas deu partida no carro.

Eu relanceei um olhar curioso para sua sala, enquanto ele fechava a porta atrás de nós e antes que perdesse a coragem eu me virei e o beijei.

Luke gemeu roucamente contra meus lábios, mas me afastou.

— Ella, espera... Acho que precisamos conversar.

— Conversar?

— Isso é... Inesperado. — Ele parecia confuso e muito controlado para quem passara os últimos meses querendo me levar para cama.

— Eu achei que você quisesse...

— Eu quero mais que tudo, mas... Por que agora? O que mudou?

— Eu não consigo mais. Essa tensão está me matando! Acho que cheguei à conclusão que preciso deixar acontecer.

— E Toby?

Eu senti como um balde de água fria na minha cabeça.

— Você deixou o Toby? — Luke insistiu.

— Não. Eu não vou deixá-lo, Luke.

— Mas está aqui para transar comigo.

— Sim. Não era isso que você queria?

Ele me soltou e eu me senti tonta e confusa.

— Eu não quero você assim, Ella.

— Por quê? Você está... Me rejeitando? — Sentia vontade de chorar.

— Eu não quero você para uma transa.

— Você quer todas as mulheres para uma transa!

— Não você. Você é diferente. Será que não escutou o que eu te disse em Nova York? Eu estou apaixonado por você!

— E eu acho que eu sou um desafio para você! Eu fui apenas mais

difícil que as outras! Assim que eu for para cama com você, vai me deixar e eu se eu tiver largado o Toby ficarei sozinha!

— Isso não vai acontecer. Você tinha que ter um pouco mais de fé em mim.

— Como? Eu tenho medo de me deixar levar por suas promessas e descobrir que você não mudou nada.

— E você quer? Se deixar levar? — Luke tocou meu rosto e eu fechei os olhos.

— Você sabe que sim... — confessei querendo que aquilo bastasse. Que ele pegasse o que eu estava oferecendo e fosse o suficiente.

Mas Luke apenas beijou minha testa e me soltou.

— Vou te levar para casa.

— Luke...

— Eu te amo, Ella. Eu vou esperar. Vou esperar você perceber que não vou te deixar nunca. Mas eu não vou dividir você com seu namorado.

Ele pegou a chave da sua casa e colocou na minha mão.

— E quando você se decidir, eu estarei te esperando.

Março de 2013

As coisas voltaram ao normal nas semanas seguintes, mas agora eu e Luke convivíamos com uma doce expectativa.

Eu sabia que era só eu querer, e ele seria meu.

Mas para isso eu teria que deixar Toby.

Sentindo-me confusa e sabendo que eu precisava tomar uma decisão, chamei Toby para vir passar o fim de semana comigo em Seattle.

Era estranho estar com ele agora. Eu sentia sua falta. Mas era como se nosso tempo juntos pertencesse a outro mundo, outro tempo. Eu sentia falta do que tínhamos antes. Da nossa vida em Aberdeen, quando tudo era tão mais fácil.

Mas agora, enquanto ele me beijava dizendo que sentia minha falta, eu apenas comparava aos beijos de Luke.

Eu queria que fosse Luke.

E me sentia culpada.

— Vai sair? — eu perguntei a Ramona quando ela apareceu na sala toda arrumada.

Eu estava fazendo um jantar para mim e Toby.

— Vou sim. Vou numa festa com o Luke.

Eu deixei a colher cair no chão.

— O quê?

— Nossa, por que a surpresa?

— Você disse que ia sair com o Luke, foi o que ouvi?

— Sim, ouviu direito.

— Quem é Luke? — Toby perguntou.

— É o chefe da Ella — Ramona respondeu.

Eu estava sentindo vontade de vomitar. Que conversa era aquela?

Luke e Ramona?

— Eu ainda não entendo...

— Ah, qual o problema? Nós somos amigos. E é só uma festa daquele cara que eu conheci na festa na casa dos St. James, Danny.

— Então vai sair com o tal Danny?

— Eu vou com o Luke, eu te disse.

— Mas não é um encontro, não é?

— Hum, não sei. Ele apenas me convidou, sabendo que eu conhecia o Danny.

— Então por que deu a entender que era um encontro?

— Ei, Ella, por que está brava?

Eu dei de ombros, tentando disfarçar.

— Não estou brava, só fico preocupada. Você sabe a fama do Luke.

— Mas ele está mudando não percebeu? Eu não o vejo com ninguém há uns três meses! Talvez agora seja até interessante investir nele! Já pensou, eu casada com um St. James?

Antes que eu pudesse responder aquele absurdo, a campainha tocou e Ramona abriu a porta para Luke.

— Chegou bem na hora. Vem conhecer o namorado da Ella.

Aquilo só podia ser um pesadelo.

Luke olhou para Toby com um olhar avaliador, mas o cumprimentou.

Toby passou os braços por meu ombro.

— Então você que escraviza minha garota.

— Toby, não fala merda! — Eu me desvencilhei, sentindo os olhos de Luke me perfurando. — Vocês não iam sair?

— Sim, já vamos. — Ramona pegou sua bolsa. — Vem, Luke, vamos deixar o caszinho a sós! Não façam muita bagunça, hein crianças! Divirtam-se. — Ela piscou e eu ainda vi a carranca de Luke enquanto saía.

— Ele parece bem sério — Toby comentou — ou talvez não tenha ido com a minha cara, não sei... Parecia tenso.

— Impressão sua...

— Hum, e já que estamos sozinhos... — Ele tentou me abraçar, mas eu o repeli.

— Não, Toby, vamos comer, a comida vai esfriar.

A verdade era que eu só conseguia ficar pensando no que Luke e Ramona estariam fazendo juntos.

Toby não gostou muito quando eu não quis transar com ele naquela noite. Mas eu não estava no clima mesmo. Fiquei acordada, esperando Ramona chegar e já passava das três quando ouvi a porta se abrindo e fui verificar se ela estava sozinha.

— E aí? — indaguei fingindo que tinha ido beber água.

— A festa foi ótima! Você e Toby poderiam ter ido com a gente, mas não quis chamar, já que acho que preferiam ficar sozinhos, e aí aproveitaram?

— E você e Luke?

Ela riu.

— Eu e Luke nada! Na verdade eu fiquei com o Danny, mas não quis transar com ele, porque eu fui com o Luke, né? Embora a gente seja amigos, eu ainda não sei se ele não tem nenhum interesse por mim, já que me convidou e tal. E sabe que ele me chamou para ir velejar com ele e a irmã?

— Sério? — Sentia meu coração afundar.

— E ele disse que você podia ir também. Não é legal?

— Não sei se Toby vai querer ir...

— Enfim, o convite está feito. Eu vou dormir!

Quando acordamos, Toby estava de mau humor e disse que ia embora antes do almoço.

— Toby, por quê?

— Ainda pergunta? Você está estranha comigo...

— É impressão sua...

— Eu prefiro ir embora.

Eu não insisti, porque não queria que ele ficasse comigo de mau humor.

Eu sentia uma mistura de culpa e alívio quando ele se foi e Ramona insistiu que eu fosse com ela velejar com os St. James, e já que eu estava sozinha acabei a acompanhando.

A verdade era que eu estava morrendo de ciúmes ao imaginar ela indo sozinha.

Luke e Laurel estavam na Marina, e ele sorriu ao nos ver.

— Ella, cadê o namorado? — Será que só eu percebi a tensão em sua voz?

— Ele teve que ir — respondi simplesmente.

— Estou tão animada! Nunca velejei. — Ramona dava pulos e Laurel lhe lançava um olhar indulgente.

Eu imaginei que aquele seria um longo dia.

Ramona estava mesmo entusiasmada e seria engraçado vê-la tentando aprender a velejar se eu não estivesse morrendo de ciúmes da atenção que Luke dava a ela enquanto a ensinava com toda paciência, mesmo rindo de sua falta de jeito.

Eu me perguntava quais eram as intenções de Luke. Será que ele tinha ficado tão bravo comigo que agora ia investir na Ramona?

— Está com ciúmes? — Laurel perguntou ao meu lado e eu fiquei vermelha.

— Não!

— Mas parece que está.

— Luke é apenas meu chefe.

— Eu vi vocês indo embora juntos da festa dos meus pais.

Eu fiquei mais vermelha ainda.

— Foi apenas uma carona. Não que você tenha algo a ver com isso, claro — cortei e Laurel riu.

— É, não tenho nada a ver com isso mesmo. Mas sua amiga parece que está bem animada. Ela é uma interesseira, consigo ver de longe uma!

— Ramona não é uma interesseira!

— Ela é sim! Está óbvio que ela adoraria fisgar um cara rico, e tenho certeza que o cara rico que ela tem em mente é o meu irmão!

— Você está muito enganada. — Eu tentava defender Ramona.

— Tudo bem você a defender, ela é sua amiga, mas eu só digo o que estou vendo!

Naquela semana eu tive que aguentar a presença de Luke quando ele apareceu no bar que eu e Ramona estávamos com alguns amigos dela. E ainda os dois saindo juntos para almoçar por dias seguidos.

E um dia eu cheguei em casa à tarde e Luke estava lá, ensinando Ramona a tocar violão.

Que diabos?

— Ei, Ella, olha pra mim, sou uma *rock star*! — Ramona riu fazendo graça com o violão ao me ver.

Luke revirou os olhos, sério, tirando o violão dela.

— Faça direito, Ramona, não é brincadeira...

Engoli a vontade de vomitar ao vê-los juntos de novo e me aproximei.

— Nem sabia que tocava violão, Luke — comentei sentindo engulhos de vê-lo se colocar atrás de Ramona, a ensinando a tocar certo as notas.

— É algo que eu faço desde adolescente.

— E ele está sendo muito legal de me ensinar! Eu sempre quis aprender. — Ramona piscou pra mim e eu tentei não revirar os olhos porque

seu olhar era de pura malícia. Ela não queria aprender coisa nenhuma!

— Ah que ótimo. Divirtam-se então. — E me afastei querendo não ouvir mais seus risos e músicas na sala.

A vontade que eu tinha era perguntar que diabos ele estava pretendendo, mas sabia que seria pior. Porque no fundo eu não tinha direito algum.

Eu tinha um namorado e ele e Ramona eram solteiros.

No sábado, eu cheguei em casa depois de uma corrida, e Luke estava muito bem instalado no meu sofá assistindo TV.

— Oi, Ella.

— Posso saber o que está fazendo aqui?

— Ramona teve que sair para fazer a unha ou algo assim. Estou esperando ela para mais uma aula de música.

Eu cruzei os braços em frente ao peito e resolvi dar um basta.

— É assim que quer provar para mim que está mudando? Transando com minha amiga?

— Não estou transando com ela. Estamos saindo como amigos.

— Quer que eu acredite?

— Pergunte para ela.

— Ramona acha que você está interessado nela.

— Mas não estou.

— Então por que não desgrudou dela em todos estes dias? O que quer que ela pense?

— Somos amigos, apenas isso. Você sabe com quem eu quero ficar, não é, Ella? — Ele parou na minha frente.

E eu me esqueci de respirar.

— Eu não saí com mais ninguém desde Nova York. A Ramona é só uma boa companhia e ficar perto dela é só uma desculpa para ficar perto de

você. — Ele tocou meu rosto.

— Luke, não faz isso...

— Estou cansado de te dar tempo e espaço, Ella... Tão cansado.

Eu não consegui me afastar quando ele me beijou. E não o impedi de me colocar no sofá e deitar em cima de mim.

— Eu não consigo mais ficar longe de você, Ella.

— Então não fica... — Eu sabia que estava assinando minha sentença, mas não conseguia evitar.

Só queria que ele me beijasse cada vez mais forte, que não soltasse nunca mais.

— O que está acontecendo aqui?

Empurrei Luke ao ouvir a voz de Ramona na porta da sala, e ela nos encarava chocada.

Dezenove

Eu me levantei, seguida de Luke totalmente vermelha e constrangida. Ramona também estava vermelha, mas era de raiva.

— Vocês dois! Vocês dois... — Sua voz estava cheia de espanto e incredulidade.

Eu tinha vontade de dizer o famoso “não é isso que você está pensando”, mas seria ridículo.

Provavelmente era muito mais que ela deduzia.

— Ella, como pôde? — Ramona encontrou a voz novamente. — E você, Luke? Que diabos está pensando? Eu ainda não estou acreditando que vocês... Como isso aconteceu... Vocês simplesmente acharam que seria legal dar uns amassos no sofá enquanto eu fazia minhas unhas?

— Ramona, não faça drama como se alguém aqui estivesse te traindo — Luke falou e ela o fuzilou com o olhar.

— E era o quê? Eu vi você em cima dela!

— Sim, você viu. E era exatamente o que viu. Eu estava beijando a Ella sim e você não tem nada com isso.

— Ah! — Ramona perdeu o fôlego em indignação.

— Luke, pare, por favor — pedi e ele me encarou.

— Ela não pode agir como se fosse da conta dela. É entre nós, Ella...

— Mas você é muito cara de pau! Seu... filho da puta! — Ramona gritou e eu me coloquei entre os dois.

— Chega! Luke, por favor, vai embora.

— Ella...

— Por favor...

Ele finalmente me escutou e saiu fechando a porta atrás de si e eu me

voltei para uma furiosa Ramona.

— Ella, como pôde fazer isso?

— Me desculpe, eu...

— O Luke é um safado! Eu achei que ele tinha tomado jeito, mas acho que me enganei! Ele não perdeu tempo de dar em cima de você! E enquanto estava saindo comigo...

— Vocês são amigos...

— Uma ova!

— Aconteceu alguma coisa entre vocês? — indaguei com medo. — Você transou com o Luke, ao menos o beijou?

Ramona hesitou na resposta.

— Não minta, por favor, Ramona. Porque o Luke diz que não rolou nada.

— Não rolou nada ainda! Mas a gente estava saindo! Claro que estávamos flertando! Oras, é Luke St. James, ele não sai com nenhuma mulher se não for para levá-la para cama! E com certeza acho que é onde estariam se eu não tivesse chegado, eu esperava mais de você, Ella!

— Eu sinto muito, mas as coisas fugiram do controle... Eu tentei resistir todo este tempo, mas...

— Espera... Desde quando isso vem acontecendo?

— Eu te disse que ele deu em cima de mim, mas o que eu não quis contar foi que ele me beijou — confessei. — Eu disse não, claro.

— E hoje resolveu dizer sim?

— Nós ficamos juntos quando estávamos em Nova York — murmurei sem entrar em detalhes.

— Meu Deus, você traiu o Toby?

— Eu não transei com o Luke! — Tentei me defender. — Mas sim, acho que pode ser considerado traição...

— E o que tudo isso significa? Você sabe que o Luke não vale nada, não é? Ele é um safado da pior espécie! Vai largar o Toby por ele?

— Eu não disse isso...

— Você está tão ferrada, Ella!

— Eu sei... Acha que eu não sei? Estou confusa...

— Eu acho que deveria pensar muito bem no que está fazendo! O Luke não vale nada e vai te largar assim que conseguir o que quer, que é te levar para cama! Só estou avisando!

Ramona quase não falou comigo por todo o fim de semana e Luke ficou ligando no meu celular e deixando recados cada vez mais preocupados que eu evitei responder, mas quando cheguei à empresa segunda-feira, me surpreendi ao ouvir a gritaria do corredor.

Meu coração se apertou para depois disparar no peito enquanto eu prosseguia pelo caminho até a sala. Reconhecia aquelas vozes. Eu tinha previsto que algo assim estava prestes a acontecer. Que a tensão que vinha se formando uma hora explodiria.

Não conseguia distinguir o que eles falavam. Ou melhor, gritavam, até chegar à porta da sala.

— Você me usou para chegar nela o tempo inteiro!

— Pense o que quiser, você é louca!

Eu entrei e olhei para Ramona e Luke se encarando como dois cães de briga.

— O que está acontecendo aqui, estão malucos? Dá para ouvir a gritaria do corredor!

Luke soltou uma imprecisão e passou a mão pelos cabelos, nervoso. Ramona respirou fundo e forçou um sorriso.

— Estávamos apenas tendo uma conversinha!

— Conversinha? Vocês estavam gritando!

Luke voltou-se para Ramona.

— Vá embora daqui. Suma da minha frente, porque se continuar aqui eu nem respondo por mim!

— Luke! — exclamei meio chocada. Nunca tinha visto ele tão nervoso.

— Eu vou sim — Ramona respondeu —, já percebi que estou sobrando. Aliás, vou embora desta empresa! Não tenho mais nada para fazer aqui!

— Demorou para você se mandar mesmo...

— Parem com isso! — Tentei intervir.

— Não, Ella. Deixa! Agora ele me trata assim, porque já conseguiu o que queria! — Ela encarou Luke com raiva. — Pois saiba que também não faço a menor questão de manter qualquer contato com você! Graças a Deus estou indo embora desse lugar. O melhor para mim é ficar longe de você! — Ramona virou-se para mim e estendeu a mão.

— Você deveria vir comigo, Ella.

Eu a encarei e por um instante, não soube o que fazer. Mas a dúvida durou apenas alguns segundos.

— Não.

Ramona pareceu não acreditar na minha recusa por um momento.

— Vai continuar com isso?

Sacudi a cabeça afirmativamente.

— Certo. Fique! Estrague a sua vida! E depois não diga que não avisei. Ah, e o Toby vai adorar saber o que você anda fazendo por aqui...

— Ramona! — exclamei chocada.

— Não. Não vou correr e contar para ele. Porque eu tenho pena! Acho que você mesma devia tomar vergonha na cara e contar! — E com estas palavras ela saiu da sala batendo a porta atrás de si.

Um silêncio tenso se abateu sobre nós com sua saída tempestuosa.

Luke se sentou passando os dedos pelo cabelo nervosamente.

— Devia ter ido — falou tenso.

— Eu não quero ir — sussurrei.

Luke não falou nada. Eu me sentia andando numa corda bamba, como sempre me sentia quando estava com ele. Era assustador.

Talvez Ramona tivesse razão e eu precisava sair dali. Ficar longe dele. Sem pensar muito, eu me virei para sair, mas Luke segurou minha mão.

Nossos olhos se encontraram e ele sussurrou:

— Fica.

Eu me sentei ao seu lado e ele segurou minha mão, se acalmando lentamente.

— Por que está tão bravo com a Ramona?

— Ela não é sua amiga, Ella.

— Ela está magoada comigo por sua causa...

— Ela não tem direito nenhum.

— Mas ela achava que você ia ficar com ela...

— Eu nunca disse isso.

— Mas você deu em cima dela quando ela começou a trabalhar para você.

Ele me encarou surpreso.

— A Ramona me contou.

— Claro que ela te contou — ele disse com ironia.

— É mentira?

— Não, não é. Mas não fui eu que comecei. Eu não ia dar em cima dela porque ela era minha secretária direta. Sabia que isso seria um problema. Mas ela se insinuou para mim o tempo inteiro e quando eu disse que podíamos sair, ela disse que não.

— Isso não faz sentido, Luke. Como é que ela ia se insinuar para você e depois dizer não?

— Você ainda não entendeu? Na mente dela, eu ia considerá-la um desafio. Ela iria ser a garota legal e eficiente e eu iria me apaixonar por ela e deixar todas as outras. A Ramona quer uma aliança. É o grande objetivo dela. Tenho certeza que ela trabalha aqui apenas com esse objetivo.

— Mas ela tinha um namorado...

— Sim, Félix. Meu amigo.

— O ex dela é seu amigo? E você deu em cima dela?

Ele passou a mão pelos cabelos.

— Eu nunca disse que era um santo, Ella. E Félix traía a Ramona, você sabe disso.

— Sim, ela me disse que o deixou porque o pegou com outra.

— Mentira. Ela sabia que o Félix traía e o aguentava, porque ele tinha dinheiro. Ela terminou com ele para mostrar para mim que estava disponível.

— Então por que não ficou com ela?

— Eu sabia que ela era encrenca e sabia o que ela queria. E isso nunca ia acontecer.

— Você quer dizer que nunca vai ter nenhum compromisso com ninguém — eu atestei baixinho me lembrando de nossa conversa em Nova York em que ele dissera que eu não queria ser levado a sério.

E senti vontade de chorar.

— Ei. — Ele segurou meu rosto. — Olha para mim, Ella. Eu amo você. Eu nunca disse isso para ninguém. Acho que te conhecer, me apaixonar e você simplesmente ser de outro cara e não me levar a sério é uma espécie de castigo pelo cretino que eu fui até hoje.

— Luke, eu... — Eu nem sabia o que dizer. Minha mente era um poço de confusão.

— Eu sei que você não acredita em mim, mas eu quero você de verdade.

— Eu quero você também — confessei — mas tem o Toby... Eu não quero magoá-lo...

Ele me soltou e se afastou.

— Luke, por favor, entenda. Tudo é muito difícil para mim. Sentir isso por você é tão inesperado, eu não sei o que fazer.

— Tudo bem, tudo bem — ele respirou fundo —, eu não vou te pressionar mais.

Eu me levantei.

— Eu não me sinto bem.

— Eu vou levar você para casa.

— Mas o trabalho...

— Não se preocupe com isso.

Ele parou o carro em frente ao meu prédio.

— Eu estou indo para Nova York esta tarde.

— Por quê?

— Alguns negócios.

— Tem a ver com a Blake?

Ele sorriu.

— Não. Nada de Blake.

Eu respirei aliviada.

— Quando você volta?

— No domingo.

Hoje era sexta. Tive a impressão que eu tinha dois dias para resolver aquela situação.

— Me leva com você — pedi.

— Acho melhor não.

Ele sabia o que meu pedido significava. Nós dois sabíamos.

— Por favor...

— Não posso mais ficar nessa situação, Ella. Não quero dividir você com seu namorado.

O que eu podia dizer quanto aquilo? Ele tinha razão. Eu já passara tempo demais em cima do muro.

— Eu vou... — respirei fundo — terminar tudo.

Sim. Eu não podia mais negar a mim mesma que aquela situação estava insustentável.

Eu não podia continuar com Toby quando eu não conseguia ficar longe de Luke.

— Então quando você fizer isso me avisa.

E ele abriu a porta do carro para mim. Senti meus olhos marejados, mas saí, o deixando ir embora.

Eu o vi partir sentindo como se uma parte de mim também estivesse indo.

Eu disse a Ramona naquela noite que iria procurar outro lugar para morar.

Eu tinha vontade de confrontá-la com as coisas que Luke tinha me dito, mas para quê? Ela estava brava comigo e talvez até tivesse razão. Eu ainda não tinha certeza se seus sentimentos por Luke não eram de verdade.

E como eu podia culpá-la por querê-lo?

Se eu mesma estava irreversivelmente apaixonada por ele?

Eu olhava o dia nublado pela janela. Toby se aproximou por trás de mim e fiquei tensa me virando.

— A gente podia dar uma volta? — pedi e ele apenas assentiu.

Eu havia lhe telefonado e pedido que viesse me encontrar naquele domingo. Será que ele já sabia o que ia dizer? Talvez já soubesse, já esperasse. Acho que Toby tinha mais ideia do que eu do que estava acontecendo.

Porque eu não sabia direito. Apenas seguia a força compulsória que me arrastava para o outro lado. Um lado totalmente contrário de Toby. E neste momento, enquanto caminhávamos pelas ruas de Seattle, eu só pensava que não era com ele que eu queria estar.

Meu coração estava em outro lugar.

— Você está diferente. — Toby me encarou quando sentamos num banco do parque.

— Toby, eu tenho uma coisa para dizer...

E eu disse.

Disse tudo. Confessei toda minha história com Luke.

Eu devia isso a Toby.

Ele ficou chocado, com raiva e depois magoado. Mas não tinha como ser de outro jeito. Ele foi embora naquela tarde e o que eu mais senti era que tinha perdido um amigo.

Eu avancei pelo corredor e abri a porta com a chave que Luke tinha me dado.

O apartamento estava frio e fuzei no meio da bagunça dele para achar uma blusa de frio e a vesti. Ainda tinha o cheiro dele e eu sorri, me enroscando no sofá. E esperei. Ele chegou horas depois, o semblante cansado de quem tinha ficado cinco horas num voo desde Nova York.

Levantei-me ao vê-lo.

Luke me encarou surpreso.

— Ella?

— Eu terminei com o Toby — falei atropelando as palavras como sempre fazia quando ficava nervosa.

Por um momento, Luke não falou nada. Ficou ali me encarando e o som das batidas do meu coração era o único som que eu ouvia.

E então ele sorriu. E eu sorri de volta. Com poucos passos, ele estava na minha frente, os dedos no meu rosto, a boca sobre a minha no melhor beijo que já tinha me dado. Não havia mais nada entre nós. Nada que nos detivesse.

Eu tinha finalmente decidido. A gente ria e se beijava, enquanto nossas mãos retiravam as roupas no caminho e Luke me deitou no tapete, nus, nossas peles se tocando e se arrepiando. Por um momento não fizemos nada. Apenas nos olhamos e eu levantei a mão e toquei seus cabelos eternamente bagunçados.

— Eu amo você. — Eu me sentia ridiculamente com vontade de chorar.

Porque eu estivera a um passo de perder aquilo que eu mais queria sem nem me dar conta.

Ele sorriu. Não precisava dizer o mesmo.

Porque ele já tinha dito há muito tempo. Eu senti meu coração disparando e um desejo quente percorrer meu sangue. A mão dele deslizou por toda a lateral do meu corpo, arrepiando até minha alma e eu quis mais do que tudo que ele estivesse dentro de mim e afastei meus joelhos num convite mudo, sentindo meu corpo derretendo de uma excitação pulsante. E ele me beijou de novo e não parou...

As coisas aconteceram tão rápidas a partir daquele momento, o momento em que eu me rendi, finalmente, aos meus sentimentos por Luke, que agora eu sentia como se estivesse num trem em disparada apenas vendo minha vida passar em capítulos através da janela.

Eu estava tão feliz...

Eu achava que ia ser feliz para sempre...

Mas eu devia ter previsto que nada seria tão fácil e simples...

Vinte

Março de 2013

— Quero te pedir desculpas.

Encarei Ramona quando cheguei em casa no fim daquele dia.

Eu tinha ido trabalhar direto da casa de Luke hoje de manhã e lá fiquei sabendo que Ramona tinha mesmo pedido demissão.

E agora eu me perguntava como é que ia conseguir continuar morando na casa dela.

Eu dissera isso a Luke quando ele me dera uma carona para casa, me surpreendendo com um convite.

— Vem morar comigo.

— Luke, não!

— Por que não? Não pode continuar morando com Ramona.

— Mas eu não posso ir morar com você! Isso é...

— Perfeito. — Ele sorriu.

— Eu ia dizer absurdo — corriji, mas não conseguia não corresponder ao seu sorriso.

Eu estava tão, tão, apaixonada e aquele convite era tão, tão tentador...

Mas eu estava tentando manter um resquício de sanidade e algum instinto de preservação.

— Isso tudo é muito... rápido — murmurei.

— Não quero que fique com a Ramona, Ella. Se estiver achando rápido se mudar para minha casa, pode ser apenas temporário.

Eu mordi os lábios, ponderando.

— Até eu arranjar meu próprio apartamento?

Ele riu e me beijou e nós combinamos que eu me mudaria o mais breve possível.

Mas antes eu ainda teria que enfrentar minha última conversa com Ramona. E ela estava me pedindo desculpas, para meu espanto.

— Eu não queria parecer uma intrometida. Sei que não tenho nada a ver com suas escolhas. Eu só fiquei preocupada com você...

— Comigo? Ou com suas intenções com Luke?

— Eu não sei o que o Luke te disse, mas eu não sou essa vilã que ele pinta! Eu achei que ele gostasse de mim, eu que fui usada por ele, sabe disso!

— Ramona, se vamos voltar de novo a esse assunto...

— Eu só quero que você entenda a minha posição. Eu nunca quis seu mal. Eu não sabia que estava tendo um caso com Luke, então quem tem que estar chateada aqui sou eu! Eu que fui enganada por você...

Eu respirei fundo, cansada daquela discussão.

— Olha, chega desse assunto. Acabou. Eu e Luke estamos juntos agora e queremos deixar tudo isso para trás.

— Estão juntos? E Toby?

— Eu terminei com ele.

— Uau! Mas tem mesmo certeza disso? Sabe como o Luke é...

— Ele me pediu para ir morar com ele.

Desta vez Ramona arregalou os olhos, pasma.

— Eu não acredito!

— Eu estarei me mudando assim que arrumar minhas coisas.

— Mas, não precisa ir! Pense bem, Ella, se é pela nossa briga, já está tudo bem. A gente está fazendo as pazes, não é? Ainda somos amigas...

— Não acho que ainda temos clima para morar juntas depois de toda essa confusão...

— Mas se mudar para a casa do Luke? E se não der certo? Sei que ele

está te convidando agora, mas deve ser para me afrontar...

— Ramona, sério, não tem nada a ver com você. E eu já decidi. Então se me der licença, eu preciso ir arrumar minhas coisas.

— Certo, tudo bem, se está decidida... Eu vou te ajudar.

— Obrigada.

Eu realmente não queria brigar mais com Ramona. Ela errara, mas eu também tinha errado muito e escondido meu envolvimento com Luke.

Então talvez com o tempo, pudéssemos voltar a ser amigas...

Abril de 2013

— Ella, que diabos é isso? — Luke me olhava incrédulo depois de ler o documento que eu acabava de lhe entregar.

— É minha carta de demissão.

— Demissão? Por quê? Está maluca?

Eu respirei fundo.

A verdade é que desde que eu e Luke começamos a namorar, a fofoca tinha crescido a níveis faraônicos pelos corredores da empresa.

Primeiro, eu era apenas a “mais nova componente do clube das garotas que Luke comia no escritório” e todos se perguntaram em quantos dias eu seria dispensada.

Mas o tempo passara e logo o fato de eu ter me mudado para o apartamento de Luke se tornara público e eu virei alvo dos mais absurdos adjetivos que ia de “piranha interesseira” a “caçadora de fortuna”.

E claro, agora todas as garotas da empresa me odiavam.

Estava óbvio que eu não podia mais ficar ali. Como é que alguém ia acreditar no meu trabalho? Eu seria sempre a garota do chefe.

E eu não queria isso para mim.

E expliquei tudo a Luke que me escutou num silêncio tenso.

— Então é isso. Eu não posso mais ficar aqui...

— Quem está falando mal de você? Me dê nomes que eu demito, é simples.

— Não funciona assim, Luke. Só tornaria as coisas piores.

— Não quero que vá embora.

Eu sorri indulgentemente.

— Está falando isso porque eu sou uma ótima funcionária, ou por que você pode me foder contra sua mesa sempre que tem vontade?

Ah, aquela mesa tinha muita história para contar. E o tapete. E o sofá...

Ele riu e estendeu a mão para mim. E claro que eu fui.

Quando eu não ia?

Ele me puxou para seu colo.

— Pelos dois motivos.

Eu suspirei, segurando seu rosto.

— Eu queria ficar pelos dois motivos também. Mas eu quero mais para mim, Luke. Eu vim para Seattle para ter uma carreira. Eu quero crescer num trabalho sabendo que é por mim mesma e não porque sou a amante do chefe.

— Você não é minha amante. — Ele beijou meus lábios. — Você é minha vida.

Eu suspirei e o beijei com força.

— Então, por favor, me deixa ir e fazer do meu jeito...

Ele me encarou sério.

— Não vou conseguir convencê-la, não é?

Eu sacudi a cabeça em negativa.

— Não mesmo? — Ele sorriu e imiscuiu a mão por baixo da minha saia e eu gemi contra seus lábios.

— Eu não me importo se tentar, mas já vou avisando que minha decisão já está tomada...

Junho de 2013

Eu e Luke estávamos no jardim dos meus pais. Havia flores por todos os lados e o sol impingia um brilho quase dourado nos cabelos naturalmente escuros de Luke. Sua camisa estava aberta e meus olhos correram famintos por seu peito perfeito, onde uma tatuagem de borboleta descansava. Eu me senti esquentar e não era de calor. Passei a língua pelos lábios subitamente ressequidos quando ele me fitou e sorriu. Joguei de lado o livro que tinha em mãos e me levantei, indo em sua direção, como se tivesse obedecendo a um chamado silencioso. Parei na sua frente e me sentei em seu colo, lançando os braços em volta do seu pescoço e atraindo sua boca para minha. Num segundo, suas mãos estavam sobre mim. Em meu rosto, meus cabelos, minhas costas, meus quadris, me atraindo para mais perto e gemi mordendo seus lábios. Ele riu baixinho, separando a boca da minha, para morder minha garganta.

— Au — gemi de dor, mas ele já estava beijando o local mordido e agora eu gemi de prazer, meu corpo derretendo devagar contra o dele.

Beijando seus ombros, deslizei as mãos pelo peito forte enquanto movia meus quadris contra os dele e ele soltou um grunhido, me apertando mais. Ele estava excitado. E isso me excitou ainda mais.

Pousei meus lábios na sua tatuagem.

— Quero uma igual.

Luke riu.

— O quê?

— Quero fazer uma como a sua. Uma borboleta. — Eu o encarei.

Suas mãos retiraram minha blusa.

— Onde?

Ele beijou meu ombro.

— Aqui ficaria bom...

— Acho que deveria fazer na minha barriga.

Luke riu me encarando.

— Por quê?

— Por que é onde eu as sinto sobrevoando quando me olha assim.

Com um gemido, ele me beijou de novo.

— Eu quero você agora mesmo — murmurei.

— Aqui? — Seus dedos se embaraçavam em meus cabelos.

— Que seja... — E ataquei sua boca novamente.

Eu pouco me importava com a hora ou lugar. Dentro de mim existia apenas aquele sentimento sublime que era estar com ele. Aquela necessidade maravilhosa e ao mesmo tempo assustadora. De novo eu estava perdendo todo o senso. Mas acho que Luke ainda tinha algum, pois se levantou comigo no colo, ainda me beijando e caminhou comigo em direção a casa. Eu senti um arrepio de antecipação.

Graças a Deus meus pais não estavam em casa. E adorei quando Luke me levou para meu antigo quarto e me depositou no chão, se apressando em tirar minhas roupas e mapear meu corpo com seus lábios, me fazendo tremer e gemer seu nome, ansiosa por mais. Ele me encostou à parede, seu corpo ainda de jeans atrás de mim, enquanto a mão deslizava pela minha barriga e mais abaixo. Caramba, ele era bom nisso, em me fazer perder todo o senso e apenas desejar que aquele pulsar úmido entre minhas pernas fosse preenchido não só por seus dedos.

— Adoro seus gemidos — ele mordeu meus ombros e puxou meus cabelos com a mão livre enquanto eu não conseguia parar de me contorcer, meu ventre sendo sugado pelas sensações.

— Por favor...

— Por favor o quê? — ele rosnou dentro do meu ouvido.

Eu podia sentir sua ereção através do seu jeans enquanto se esfregava em mim.

— Para de me provocar... e faça logo. — Levantei a mão e puxei seus cabelos também o fazendo rir mais.

Um riso de pura satisfação masculina de quem sabia o que estava fazendo.

E se tinha uma coisa que Luke fazia bem, era *isso*.

Impaciente agora também, Luke me levou para a cama e tirou sua roupa, vindo lindo e nu para cima de mim.

— Seus pais não vão mesmo aparecer por aqui agora, não é?

Eu ri, o puxando para perto, para que se encaixasse perfeitamente dentro de mim.

— Eu espero que não! — sussurrei.

— Por via das dúvidas é melhor apressarmos isso...

E ele se apressou para dentro de mim, e por mais que eu quisesse tudo devagar apreciando cada momento, Luke tinha razão e meus pais podiam mesmo aparecer.

E como Luke previu, foi rápido, mas não menos satisfatório.

E estávamos rindo e nos vestindo não muito tempo depois, com medo de sermos pegos em flagrante.

Era começo de verão e finalmente eu tinha trazido Luke a Aberdeen para conhecer meus pais. E obviamente se estávamos há três dias na casa do meu antiquado pai, isso queria dizer que há três dias Luke estava dormindo no sofá. E nem adiantava eu dizer ao meu pai que eu e Luke estávamos morando juntos há mais de três meses.

Então eu estava adorando aquele momento roubado, onde Luke fodia escondido comigo como se fôssemos dois adolescentes cheios de hormônios.

E por um momento, isso me fez lembrar os primeiros tempos de

namoro com Toby, quando nós fugíamos para algum lugar a ermo com meu carro para poder transar, ou quando ele entrou escondido no meu quarto um dia, exatamente como Luke estava fazendo agora.

Subitamente me senti mal por estar pensando nisso e joguei essas memórias para o fundo da mente. Eu estava com Luke agora e não havia dúvida alguma em meu coração que eu o amava, como nunca amei Toby.

Com Toby, era um amor de adolescente. Com Luke eu me sentia finalmente uma mulher.

Estar em Aberdeen, me deixava apreensiva também justamente por causa de Toby. Ali na cidade, todos nos viam como um casal, daqueles que ficariam juntos para sempre. Oras, eu mesma achava que a gente ficaria junto para sempre. Mas Luke surgira no meu caminho e virara tudo de cabeça para baixo.

E agora eu sentia que era estranho para alguns quando eu apresentava Luke como meu namorado. Gente como Lisa e Kelly, que andavam direto comigo e Toby, por exemplo. E Lisa não era a mais discreta das pessoas e ficava a toda hora citando o nome de Toby na conversa, tanto que eu depois me senti compelida a pedir desculpas a Luke, mas ele sorria e dissera que não se importava. Mas eu sabia que no fundo, ele se importava sim.

E obviamente, um dia o mais temido aconteceu, e eu e Luke acabamos trombando com Toby.

Ele estava chegando para trazer a mãe dele, Alba, que era amiga da minha mãe e eu e Luke estávamos saindo de casa para dar um volta.

Um silêncio constrangedor se formou, a qual nossas mães logo fugiram, com a desculpa que iriam perder a hora do jogo de pôquer, um clube

bizarro da qual elas faziam parte, me deixando sozinha com Luke e Toby.

— Bom te ver, Ella — Toby disse por fim e eu tentei sorrir.

— É bom te ver também. Lembra do Luke, não é?

— Sim, lembro.

Os dois homens trocaram cumprimentos de cabeça e eu mordi os lábios sem saber o que fazer.

Eu me sentia mal por Toby. Sabia que aquela situação o estava magoando. E eu me sentia mal por Luke, porque aquilo também não deveria ser fácil para ele.

— Será que posso falar com você...

— Ella, precisamos ir...

Toby e Luke falaram ao mesmo tempo e eu quase gemi desalentada.

Eu deveria ir embora com Luke. Mas eu não me sentia bem de ir embora sem falar com Toby. Acho que devia isso a ele.

— Luke, pode me esperar no carro? — pedi suavemente.

Obvio que ele não gostou.

— Por favor — pedi apertando sua mão até que ele cedeu e se afastou.

Eu encarei Toby.

— Me desculpe, não queria te deixar numa situação ruim.

— Não, tudo bem.

— Eu só queria te dizer que eu estou feliz por você.

Eu me surpreendi.

— É difícil de acreditar? — Ele sorriu tristemente.

— Não, é que... eu sei que te magoei.

— Sim, eu fiquei meio sem chão quando terminou comigo, mas eu seria um idiota de não ver que está realmente apaixonada por esse cara.

— Sim, eu estou.

— E ele ama você também.

— Toby, não precisamos...

— Eu só quero que você saiba que sinto sua falta. E queria saber se podemos ser amigos.

Eu sorri, com vontade de chorar. E acho que se Luke não tivesse nos encarando pelo vidro do carro eu teria abraçado Toby, mas não ia fazer isso na frente dele.

— Eu também sinto sua falta. Claro que podemos ser amigos — sussurrei sentindo um alívio correr por dentro.

Eu me sentia tão culpada por Toby e saber que ele ainda queria ser meu amigo, apesar de tudo, era importante para mim.

— Certo. Então vá. Seu namorado parece que vai me bater a qualquer momento.

Nós rimos.

— Sim, eu vou. Eu queria ter mais tempo aqui para a gente poder conversar, queria saber dos seus planos...

— Eu estou indo para a universidade de Seattle depois do verão.

— Sério? Eu também!

Depois que eu saíra da St. James, Luke havia me convencido a ir à faculdade.

— *Eu não tenho dinheiro para ir à universidade, Luke! — eu dissera e ele rira.*

— *Mas eu tenho.*

— *Não vai pagar nada para mim! Isso é ridículo, eu já moro aqui...*

— *Por isso mesmo, qual o problema?*

— *Todos! Não estou com você para que pague coisas para mim!*

— *Eu sei disso. Mas eu não me importo.*

— *Eu me importo!*

— *Entenda como um investimento, então. Você pode me pagar depois.*

E assim, eu havia ficado reticente sobre isso, afinal precisava trabalhar, mas deveria saber que apresentar Luke a minha mãe faria com que eles formassem um complô para me convencer.

E agora eu ficava sabendo que Toby também ia à universidade em Seattle.

Isto seria perfeito, afinal!

E quando finalmente terminei nossa pequena conversa e entrei no carro, me deparando com a carranca de Luke, achei melhor não contar a ele por enquanto este pequeno detalhe.

Outubro de 2013

— Quando ia me contar?

Nós estávamos no carro de Luke e ele resolvera me fazer uma surpresa indo me buscar na aula e para seu assombro, eu estava com Toby no campus.

— Eu ia te contar.

Luke bateu no volante.

— Quando se formassem? Ou quando eu descobrisse que você estaria voltando para ele, toda arrependida...

— Ei, do que está falando? Eu não vou voltar com o Toby!

— Então por que não me contou que estava estudando com ele?

— Porque eu sabia que ia ficar assim!

— E eu não tenho motivos?

— Não! — Eu comecei a sentir meu estômago embrulhar.

— Ella, ele foi seu namorado por dois anos!

— Eu sei, mas acabou. Há meses! Eu estou com você agora. — Eu suavizei minha voz. — Por favor, entenda que o Toby é só meu amigo.

— Não sei se consigo aceitar isso.

A dor no meu estômago se intensificou.

— Não me faça escolher, porque é ridículo! Se eu quisesse estar com o Toby, eu estaria. É simples assim!

Ele parou o carro com um solavanco.

— Eu não consigo deixar de pensar que ainda pode gostar dele...

— Luke — segurei seu rosto, obrigando a me olhar nos olhos —, olhe para mim. Eu estou aqui. Toby é meu passado, isso não pode ser mudado. Mas eu sou sua agora. Eu te amo.

— Inferno, Ella. — Ele me beijou com força e este gesto me acalmou

um pouco, mas eu continuava sentindo meu estômago rodando cada vez mais.

— Luke, espera — pedi me afastando enquanto minha cabeça girava.

— Me desculpa, eu sei que sou um cretino ciumento, mas...

— Oh... Oh...

— O que foi? — Luke indagou preocupado enquanto eu empalidecia.

— Eu não estou bem...

— O que você tem?

— Acho que eu vou vomitar...

Eu não consegui terminar de falar, antes que todo o conteúdo que guardava no estômago fosse parar no chão do carro.

Eu não sei bem como tinha ido parar na sala de emergência de um hospital. Mas quando dei por mim, eu estava sentada numa cama, com uma agulha no meu braço e um médico me fazendo várias perguntas.

— Olha, eu já posso ir embora?

— Seus exames saíram.

O médico olhava vários papéis com uma cara nada boa e eu encarei Luke que estava do meu lado.

— O que foi? — perguntamos juntos.

— Você está grávida.

— Grávida?

Nós repetimos juntos, como dois retardados, e o médico rolou os olhos, impaciente.

— Sim, não há dúvidas. De três meses.

Eu encarei Luke. Ele estava tão branco quanto eu.

Grávida?

Grávida!

Comecei a sentir tontura de novo.

— Preciso ver outros pacientes.

Ele se afastou fechando a porta atrás de si.

Acho que não tinha nenhum paciente, e sim queria nos dar privacidade. Por um momento nem um de nós falou nada.

— Como isso aconteceu? — eu indaguei num fio de voz, mais para mim mesma. O que era uma pergunta idiota. Claro que eu sabia como tinha acontecido! Mas era uma dessas coisas que se achava que nunca ia acontecer com a gente até que acontecesse. Mordi os lábios, nervosa. Eu nem sabia o que pensar.

— Acho que a pergunta não é essa — Luke falou por fim, passando a mão pelos cabelos.

Eu o fitei, apavorada.

— O que vamos fazer? — indaguei como se ele tivesse a resposta para tudo.

Ok, eu não sei o que esperava ouvir naquele momento. Mas acho que com certeza não esperava o que veio em seguida.

Ele sorriu e se ajoelhou aos meus pés, segurando minhas mãos perfuradas por agulhas de soro firmemente contra as suas.

— Casa comigo?

E eu não pude resistir. Eu estava terrivelmente apaixonada. Não importava que bem lá no fundo da minha mente uma dúvida martelasse. Será que Luke estaria me pedindo apenas pela gravidez? Acho que eu nunca iria saber.

Vinte e um

Abril de 2014

Encostei minha testa no frio azulejo do banheiro e lutei contra a onda de náusea que me acometia pela segunda vez naquela noite. Respirei fundo várias vezes até que passasse e finalmente conseguisse me levantar do chão. Não sem alguma dificuldade.

Olhei-me no grande espelho, vestida com uma camisa de Luke. Uma das minhas preferidas. Também era a única que me servia. Estava meio apertada e eu lamentaria quando não pudesse mais vesti-la. Passei a mão pelo meu abdome dilatado e sorri, apesar de me sentir meio mal ainda.

Não tinham falado que eram só os primeiros três meses? E que os enjoos eram de manhã? Eu não deveria ainda estar tão mal. Mas estava. Eu tinha certeza que era só porque estava sozinha. Luke estava em Nova York trabalhando há uma semana. Eu queria ir com ele, mas claro que não pude ir. Grávidas de oitos meses não eram bem-vindas em aviões. E lá estava eu. De castigo. E morrendo de saudade.

Peguei o telefone e disquei seu número. Como da outra vez que eu liguei, só chamou. Caí na cama, irritada. “*Onde Luke havia se metido?*”. Eu não ia ficar pensando naquela tal de Blake Albert que certamente estaria o seguindo a todo lugar. Mas era difícil manter a mente alerta quando se está tão ociosa e sozinha.

Eu havia trancado o curso na faculdade porque passava muito mal e me sentia permanentemente cansada e todos meus planos de arranjar um estágio ou algum trabalho teria que ficar para depois que o bebê nascesse.

Acabei adormecendo, tentando não pensar onde Luke estaria e

acordei com o telefone tocando.

— Alô? — atendi, sonolenta.

— *Ella, é o Luke.*

— Luke! Onde se meteu? Eu te liguei a mais de uma hora.

— *Eu vi agora. Estava jantando com uns amigos.*

— Arg. Nem me fale em comida acho que vomitaria de novo.

— *Ainda mal?*

— Sim.

— *Queria estar aí com você. Está acabando, Ella. Só mais um mês.*

Eu me sobressaltei ao sentir uma cutucada.

— Oh.

— *O que foi?* — ele indagou alarmado.

— O bebê está mexendo.

— *Por que fala ele? Pode ser ela.*

— Eu não quero saber, até que nasça.

— *Facilitaria para escolhermos um nome.*

— Ah não. É muito difícil escolhermos.

Ele riu.

— *Eu vou desligar para deixar você dormir.*

— Não, fica falando comigo.

— *Tudo bem.*

E eu dormi ouvindo sua voz.

Maio de 2014

Eu sentia uma dor dilacerante e gritei muito alto, apertando sem dó a mão de Luke.

— Respira! — ele pediu.

— Para de me mandar respirar! Tá doendo muito... — gemi.

— Vamos, Ella, já está acabando — o médico pediu.

Forcei de novo, gritando mais um pouco.

E lá vinha mais dor. Porém, continuei forçando, até que a senti sendo retirada de mim e caí exausta sobre os travesseiros.

Desta vez foi Luke quem apertou minha mão e beijou minha testa, com aquele sorriso lindo no rosto.

— É uma menina, Ella.

Eu ri também e alguém a trouxe para mim.

Nós olhamos entre assustados e emocionados para aquele pequeno ser todo sujinho, berrando a plenos pulmões.

Sabíamos que nossa vida girava em torno dela agora.

Agosto 2014

Nossa primeira briga feia aconteceu quando decidi que ia voltar para a faculdade.

— Ella, você não vai voltar. Riley só tem três meses!

— Eu não quero perder mais um ano de faculdade! Já fiquei meses trancada em casa, sem poder fazer nada!

— Você tem que cuidar da Riley agora.

— Óbvio que eu tenho que cuidar dela, é minha filha, mas tenho só vinte anos, Luke, e não quero passar anos em casa e acordar um dia e perceber que eu não fiz nada para mim!

Eu vinha conversando com Luke sobre voltar à faculdade há algumas semanas e a conversa sempre terminava em discussão. Ele não entendia o meu desejo de tentar continuar a minha vida como planejei antes de engravidar.

Eu amava Riley, mas eu era jovem demais para ficar presa em casa sendo simplesmente uma mãe e esposa. Eu queria mais. Por isso que eu insistia em voltar à faculdade.

— Luke, por favor, entenda. — Segurei suas mãos nas minhas. — A gente pode contratar uma babá...

— Apenas me diga que não tem nada a ver com o fato de que vai voltar a estudar com Toby.

— Ah meu Deus, então é disso que se trata? De ciúmes? Não acredito! Ainda isso?

— Eu não quis...

— Quis dizer e disse! Achei que já tínhamos superado esse assunto, mas pelo jeito você continua pensando o pior de mim!

— Me desculpa, não penso o pior de você, apenas tenho ciúmes de

ver a minha mulher passando os dias com o cara com quem transou durante dois anos!

— E você vive indo para Nova York para se encontrar com a Blake, sua amiguinha colorida!

— Ei, eu não vou para Nova York para me encontrar com a Blake, de onde tirou isso?

— Ah, do fato que você passa cada vez mais tempo por lá e eu acho bem estranho!

— Quem está sendo ridícula agora?

Respirei fundo. Colocar a Blake no meio da nossa discussão não ia adiantar nada.

— Olha, eu vou voltar para a faculdade, independentemente do que você pensa. Não pode me impedir!

Eu lhe dei as costas e fui ver Riley.

Rezando para que Luke mudasse sua forma de pensar e me apoiasse.

Passamos alguns dias praticamente sem nos falar. Eu estava irritada. Ele estava irritado.

E eu começava a me questionar se voltar à faculdade e colocar meu relacionamento com Luke em risco valia a pena.

No final de alguns dias naquela guerra fria, acordei e ouvi vozes vindas da cozinha.

Eu fui até lá, curiosa e vi Laurel segurando Riley.

— Bom dia, Ella.

Olhei para Luke em busca de uma explicação para aquela cena inusitada.

— Laurel se ofereceu para ficar com Riley enquanto está na faculdade.

Arregalei os olhos, estupefata.

A mimada e fresca Laurel St. James queria cuidar de um bebê?

— Não faz essa cara, Ella, eu adoro a Riley, nós nos damos bem, não é? — ela brincou com Riley que parecia satisfeita em seu colo.

Então voltei minha atenção a Luke.

— Isso quer dizer que... — indaguei devagar e ele sorriu de lado.

— Quer dizer que você venceu. Eu vou apoiar sua volta à faculdade se é o que quer.

Soltei um grito e pulei em seu pescoço, o beijando com força.

— Ei, achem um quarto! — Laurel resmungou e nós nos separamos rindo.

— Obrigada — murmurei agradecida e aliviada.

Luke acariciou meu braço.

— Só não quero mais brigar com você.

— Nem eu... Nem eu...

Eu o beijei de novo e desta vez nós resolvemos aceitar a sugestão de Laurel e achar mesmo um quarto.

E ela teve seu primeiro teste sozinha com a Riley.

Vinte e dois

Caminhei devagar até o quarto onde Riley dormia e a observei dormir, sentindo um grande peso ser retirado de meu peito por estar finalmente sendo capaz de me lembrar de seu nascimento.

Ajoelhei-me ao seu lado, passando os dedos por seus cabelos. Era estranho a mim agora, pensar que eu quisera me afastar dela quando tinha apenas três meses.

Mas naquela época eu era apenas quase uma adolescente ainda. Eu não estava preparada para seu nascimento e para toda a grandiosidade que ser mãe significava.

Eu lutava contra o instinto mais profundo de me agarrar a ela e protegê-la todas as horas do dia e da noite, porque eu tinha medo.

E agora eu sabia que o medo era fruto da incerteza que eu tinha em minha vida com Luke. Eu estava insegura e morrendo de medo de que Luke um dia fosse se cansar de mim e da nossa vida juntos e voltar a ser aquele Luke de antes.

Mas o que eu não percebia naquela época é que o perigo de eu querer ser a Ella de antes também me rondava...

Novembro de 2014

— Você não está fazendo certo! — Luke reclamou se aproximando e se colocando atrás de mim, posicionando meus dedos sobre o violão de forma correta.

Eu ri de seu mau humor. Luke era um professor bem chato quando se tratava de ensinar alguém a tocar seu precioso violão. Eu vinha pedindo para ele me ensinar há algum tempo, e não tinha nada a ver com eu ter ficado com ciúmes quando o vi ensinando Ramona.

Quer dizer, talvez tivesse. Eu realmente ficara com bastante inveja naquele dia.

Mas agora eu estava gostando de aprender a tocar com ele. Era algo que podíamos fazer juntos.

— Faça direito, baby.

Ele beijou meu ombro onde agora a minha nova tatuagem de borboleta brilhava e pegou Riley do carrinho, a jogando para cima e eu ri divertida.

Era sábado de manhã e trazer Riley para nossa cama, e ficarmos ali sem ter hora para levantar enquanto tentava tocar, e Luke brincando com ela era quase uma rotina preciosa. Porque durante a semana, eu saía cedo para a faculdade e Luke ia trabalhar.

Então eu simplesmente adorava aqueles momentos em que podíamos ficar juntos.

Riley gargalhou das palhaçadas de Luke e ele olhou para mim surpreso.

— Isso que estou vendo na gengiva dela é um dente?

— Sim é.

Luke enfiou o dedo na boca dela, que o segurou e o mordeu, fazendo

Luke rir mais ainda.

Escutei meu celular tocar e me levantei, olhando a mensagem.

— Ah, droga! — Corri para procurar uma roupa.

— O que foi? Aonde vai? — Luke indagou curioso.

— Tenho um trabalho da faculdade para fazer.

— Ella, hoje é sábado.

— Eu sei, mas tenho que ir, sinto muito.

— Com quem vai fazer este trabalho? — indagou desconfiado levantando da cama com Riley no colo e me acompanhando até a porta.

Rolei os olhos. Sabia bem o que aquela pergunta significava “vai sair com Toby?”.

— Com algumas amigas, oras.

Eu ainda estudava na mesma universidade que Toby, mas ele estava mais adiantado do que eu e não fazíamos nenhuma aula juntos.

Beijei Riley e depois beijei Luke.

— Eu prometo que volto o mais cedo que eu puder.

Maio de 2015

— Uau! — exclamei ao chegar nos jardins dos St. James e ver uma decoração de festa infantil que mais parecia algo saído do Cirque du Soleil.

Luke riu do meu lado, empurrando o carrinho de Riley.

— Eu disse a você que elas iam exagerar.

— Eu devia ter imaginado mesmo.

Laurel e Eleanor tinham se oferecido para darem uma festa para comemorar o primeiro ano de Riley na mansão dos St. James.

Eu não sabia nada sobre organizar festas e estava toda atarefada com as provas de fim de semestre, então não me opus.

— Finalmente chegaram! — Laurel nos viu e correu em nossa direção pegando Riley do carrinho. — Vou levá-la para tirar umas fotos, vocês se divirtam!

— Hum, então acabou nossa participação? — Luke brincou e eu dei de ombros.

— Está parecendo que sim. — Olhei em volta, bastante gente já tinha chegado e eu não conhecia a maioria daquelas pessoas. — Eu não conheço quase ninguém ou é impressão minha?

— Acho que nem eu conheço — ele concordou.

— Estou mesmo sentindo que se fosse embora não ia fazer diferença alguma.

Luke riu e me puxou para perto, beijando meu rosto.

— Talvez devêssemos aproveitar e subir para meu antigo quarto e treparmos até a festa acabar — sussurrou em meu ouvido e eu ri, me arrepiando.

Realmente não era uma má ideia.

— Ei, Luke! — Uma voz masculina nos interrompeu e fiquei surpresa

ao olhar na direção da voz e ver Félix. Eu havia conhecido o antigo amigo de Luke em nosso casamento, mas o que me surpreendeu era que ele estava se aproximando com ninguém menos que Ramona.

— Que diabos essa cretina está fazendo aqui? — Luke resmungou e eu apertei suas mãos em advertência.

— Não faz cena, por favor...

— Olá, Félix. — Luke cumprimentou o amigo com um aperto de mão e Ramona soltou um gritinho exagerado e me abraçou.

— Ella, que saudade!

— Oi, Ramona.

— Conhecem minha noiva, não? — Félix sorriu apertando os ombros de Ramona.

— Noiva? — indaguei curiosa.

— Sim, não é lindo? — Ela esticou a mão mostrando um grande anel de diamante.

Parece que Ramona finalmente fisgara seu noivo rico.

— É... Meus parabéns. — Arrisquei um olhar para Luke, que apenas se limitou a rir para mim com sarcasmo.

— Nós estamos morando juntos e queremos nos casar na Grécia! Vai ser lindo e estão convidados, claro! Acho que poderia ser até minha dama de honra, Ella, vai ser fantástico...

— É, eu... — Eu tive vontade de rir.

A verdade era que eu não sentia o menor ressentimento de Ramona.

Se fosse sincera, sentia até um pouco de falta de sua futilidade despreocupada. Ela era uma pessoa divertida a maior parte do tempo.

Mas parecia que Luke não pensava assim.

— Ella, vamos procurar Riley.

— Ah, eu vi sua filha com Laurel. Ela é tão linda! — Ramona disse,

mas Luke já me puxava pela mão. — Ella, depois vamos nos encontrar para conversar...

— Claro... — gritei por cima do ombro e encarei Luke. — Não precisa ser assim tão grosso, Luke!

— Eu não suporto essa garota, Ella.

— Eu sei! Mas já faz tanto tempo e para ser sincera ela que deveria ter algum ressentimento de você e não o contrário.

Ele parou e me encarou.

— Não é uma questão de ressentimento. É de preservação.

— Ramona não é tão ruim assim!

— Ela é mesquinha e interesseira. E Félix não sabe onde está se enfiando.

— Não acho que Félix é este santo também!

— Ok, talvez eles se mereçam.

— Ella! — Eu me virei ao ouvir meu pai se aproximando e ele levava Riley no colo.

A discussão sobre Ramona e Félix foi esquecida.

Junho de 2015

— Você não vai.

Eu mordi os lábios, meio irritada com a negação de Luke e olhei o convite na minha frente.

Ele havia chegado a pouco do trabalho, e eu lhe contei sobre o convite para o casamento de Ramona que chegara hoje cedo.

— Mas o Félix é seu amigo...

— Ele sabe que eu não gosto da Ramona.

Eu queria dizer que Ramona era minha amiga e que talvez eu quisesse mesmo ir ao seu casamento, mas parei a tempo de ver o exagero desta colocação.

Ramona foi minha amiga um dia e justamente por causa de Luke havíamos brigado. Eu nem tinha a convidado para meu próprio casamento!

Então talvez fosse bobagem começar uma briga com Luke por causa disso.

Resignada, fechei o envelope.

— Ok, eu vou apenas mandar um presente.

— Não deve ficar chateada por não ir ao casamento daquela...

De repente ele parou ao olhar em direção a Riley que brincava no tapete.

— Ela está andando!

Eu segui seu olhar e lá estava Riley.

Caminhando em passos trôpegos pelo chão da sala.

Seus primeiros passos.

Nós a fitamos totalmente embasbacados por um momento e então soltamos um grito, correndo para ela, como dois pais mais orgulhosos do mundo.

A discussão anterior estava esquecida.

Dezembro de 2015

— É impressão minha ou está ainda mais frio este ano do que no ano passado? — reclamei ao sair do carro.

Estávamos na casa dos meus pais para o almoço de Natal e Luke segurava Riley bem protegida da neve até que entramos na casa.

— Aí estão vocês! — Papai sorriu todo feliz e eu o abracei.

— Aposto que está feliz porque eu vou fazer o almoço.

Minha mãe era péssima cozinheira.

— Eu ouvi isso! — Minha mãe aproximou-se pegando Riley. — Na verdade não vai ser preciso. Este ano, resolvemos fazer um grande almoço entre amigos e cada um está trazendo um prato. Ah, olhe lá Susy e o marido chegaram, minha mãe foi em direção a um casal de meia-idade se aproximando com uma bandeja no colo.

— Bem, já que não vou ter que fazer o almoço, posso ajudar em alguma coisa? — perguntei ao meu pai.

— Poderiam buscar sua tia Tonya? Ela detesta dirigir na neve.

Tia Tonya era a irmã mais velha do meu pai, viúva há alguns anos e sem filhos.

— Eu posso ir — Luke se prontifica —, fique com Riley, Ella.

— Tudo bem.

Eu fui até a cozinha e cumprimentei Susy, que ajeitava a mesa com a minha mãe e peguei Riley que corria pela cozinha as atrapalhando, e a levei para a sala.

Foi então que eu me surpreendi ao chegar mais três visitantes. Toby, sua mãe Alba e seu pai, Jerry.

— Oi, Ella — Toby acenou meio ressabiado e eu sabia por que. Ele tinha total ciência que Luke não gostava dele.

— Oi, Toby, não sabia que viria. — Tentei ficar despreocupada, mas sabia que Luke ficaria bravo com a presença de Toby ali.

— Eu falei para minha mãe que não seria muito legal, mas ela disse que sua mãe insistiu que todos viéssemos.

— Tudo bem. Luke não está. Foi buscar tia Tonya.

— Então essa é a famosa Riley. — Toby olhou além de mim, para minha filha que se distraía destruindo os enfeites da árvore de Natal.

— Riley, não faz isso! — Corri para impedi-la de depenar a árvore inteira e Toby riu.

Sua risada chamou a atenção de Riley, que se aproximou dele, mostrando a bola colorida que tirou da árvore em sua mão.

— Bola.

— Sim, uma bola. — Toby sentou para ficar mais baixo e Riley começou a pegar mais bolas do chão e colocar no colo de Toby.

— Eu desisto.

Joguei meus braços para cima e deixei que ela brincasse à vontade e Toby parecia muito paciente com seu tagarelar infantil sem sentido algum.

E nós estávamos rindo algum tempo depois, quando eu levantei a cabeça e vi Luke furioso surgindo na porta da sala.

Eu me levantei, indo em sua direção, tentando evitar uma tragédia.

— Luke!

— O que ele está fazendo aqui? — Apontou o dedo para Toby, que colocou Riley, que estava no seu colo, no chão.

— Luke, não começa...

— Colo... — Riley choramingou estendendo os bracinhos para Toby e isso pareceu deixar Luke mais irritado ainda.

Ele passou por mim e pegou Riley.

— Eu já estou indo — Toby falou simplesmente se afastando e fuzilei

Luke com o olhar.

— Que diabos foi isso?

— Que diabos foi isso pergunto eu! — Luke retrucou.

— A família dele está aqui também. A mãe dele se tornou amiga da minha depois que começamos a namorar. Não posso impedir isso!

— Ele estava com a minha filha.

— Sim, qual o problema? Riley gostou dele...

— Riley não gostou desse cara!

Eu tive que rir.

— Luke, está com ciúmes por causa da Riley agora?

— Sabe que eu fico puto com esse cara perto de você e agora tenho que aguentar ele rondando minha filha também?

— Meu Deus, que exagero! Nada demais estava rolando aqui. Você é maluco.

E eu me afastei rindo, indo ajudar minha mãe.

Luke continuou de mau humor e eu decidi que não ia brigar com ele naquele momento e estragar o Natal. Mesmo assim, mais tarde teria que ter uma conversa séria com ele sobre este ciúme descabido. Toby era só meu amigo agora. Eu sentia calafrios de medo só de pensar em voltar àquela discussão, e me perguntava se teríamos outra briga séria que me deixaria decepcionada e triste.

Porém, não foi Luke quem me deixou triste naquele dia, e sim meus pais, com a notícia que nos presentearam no fim do almoço natalino, depois que todas as visitas tinham partido e restou só eu e Luke.

— Nós estamos indo para a África — meu pai anunciara todo feliz enquanto abraçava os ombros de minha mãe que também estava sorridente.

— Como é que é? — indaguei sem acreditar.

— Querida, sabe que sempre foi nosso sonho trabalhar com os

Médicos sem Fronteiras! — mamãe disse. — Nós adiamos este sonho, porque tivemos você, mas já não temos mais que nos preocupar com você. É adulta e tem sua própria vida.

— E acham que podem me abandonar e ir para o outro lado do país! — gritei, alarmada por pensar que meus pais em breve não estariam mais a duas horas de distância.

Luke tocou meus ombros.

— Ella, se acalme.

— Isso é absurdo! Como podem ir para tão longe?

— É o que sempre sonhamos fazer, querida. — Papai tocou minha mão. — Achamos que chegou nosso momento de sermos felizes.

— Ah, e não eram felizes antes por minha culpa, é isso?

— Não seja ridícula, Ella — Luke me cortou.

— Deveria me apoiar aqui!

— Eu acho que seus pais têm razão. Devem seguir os sonhos deles. Mesmo que seja do outro lado do mundo.

Comecei a chorar.

— Não acredito que vão partir pra tão longe...

Papai e mamãe me abraçaram.

— Não fique assim, filha. Vamos voltar sempre que for possível e hoje com Internet e telefone, vamos estar sempre em contato.

Eu sabia que não podia fazer nada para dissuadi-los. Porque eu sempre estive a par deste sonho deles. Só que sempre achei que era um daqueles sonhos malucos que as pessoas nunca realizavam.

Agora eu teria que me conformar de vê-los apenas de vez em quando e mesmo sendo uma pessoa adulta e com minha própria família, isso doía.

Luke colocou Riley adormecida no carro e eu abracei minha mãe na

varanda.

— Vou sentir tanta falta...

— Tudo vai ficar bem, filha.

— Fico me sentindo culpada por quererem isso há tanto tempo e nunca puderam realizar porque tinham que cuidar de mim... — externei o que vinha me incomodando.

— Querida, nós fomos felizes com você, entendeu? Mas fizemos o que tinha que ser feito. A criamos. E agora você deve seguir sua própria vida e nós seguiremos a nossa.

— Mas podiam ter seguido sem mim e realizado seu sonho há mais tempo. Nunca imaginou que podia ser diferente?

— Quer saber se eu pensei que se não fosse mãe minha vida seria mais fácil? Acho que pensei todos os dias — ela sorriu —, mas acho que já deve saber que às vezes a vida toma um rumo tão assustador quanto maravilhoso e a nós só resta vivê-la da melhor maneira possível, não? Olhe pra você, está criando uma linda menina e tenho certeza que vai ser capaz de tomar as melhores decisões quando a vida lhe cobrar.

Ela me abraçou uma última vez e eu me perguntei, quando entrei no carro e Luke deu partida, se ela tinha razão.

Eu seria capaz de tomar as melhores decisões?

— Ainda triste? — Luke segurou minha mão enquanto a estrada se abria a nossa frente.

— Apenas pensando...

— Vai ficar tudo bem. Ella.

Naquele momento. Eu quis acreditar.

Julho de 2016

— Toby, eu não posso fazer isso...

— Tem certeza? — Seu olhar era incisivo.

E eu mordi os lábios demonstrando minha hesitação.

— Eu sinto que você também quer, Ella.

— Tem razão. Eu acho que quero tanto quanto você, mas Luke...

— Então o problema é o Luke?

— Tem Riley também...

Suspirei, parando em frente ao meu carro e encarei Toby.

— Então sua resposta é não?

— É, eu não posso aceitar essa oferta de trabalho. Eu não posso negar que queria muito, que seria uma ótima oportunidade, mas eu não posso. Tenho que considerar Luke e Riley. Eu já passo muito tempo longe dela e Luke certamente vai ficar furioso se eu ficar mais.

— Tudo bem, eu te entendo.

Eu sorri para ele.

— Mas eu fico feliz por você.

— É uma pena que não vai trabalhar comigo. Seríamos uma ótima dupla.

Eu me despedi e entrei no carro, jogando minhas coisas no banco do passageiro e o observando se afastar.

Nós havíamos recebido uma proposta de estágio muito promissora numa das melhores empresas de Seattle e eu fiquei muito feliz com a oportunidade e realmente animada em poder voltar a trabalhar.

Mas minha empolgação durou pouco. Eu não podia simplesmente aceitar aquele emprego. Afinal, eu tinha uma filha pequena. Sem contar que meu marido não ia ficar nada feliz que eu estivesse indo trabalhar com meu

ex-namorado.

De repente, comecei a entender que a vida era feita de escolhas nada fáceis.

Com um suspiro resignado, dei partida e voltei para casa.

Dezembro de 2016

Caminhei com minha taça de champanhe na mão sorrindo para os convidados na grandiosa festa de Natal dos St. James, mas meu sorriso escondia preocupação.

Onde Luke tinha se metido?

Riley estava no colo de Laurel, que a exibia para os convidados e eu continuei pelo corredor, buscando Luke. Ele não parecia de bom humor nessa última semana e eu desconfiava que isso tivesse a ver com seu pai.

E minhas desconfianças foram confirmadas quando escutei as vozes exaltadas dos dois pela porta do escritório aberta.

— Estou de saco cheio desse seu comportamento, Luke!

— E eu desse seu controle! Eu quero poder fazer as coisas do meu jeito!

— Mas a empresa é minha!

— Você faz questão de me lembrar disso a toda hora, como posso esquecer? — O amargor na voz de Luke era visível.

— Você é apenas um garoto ainda, Luke, não entende que há um jeito certo de fazer as coisas, que tudo tem seu tempo. Eu administro essa empresa há mais de vinte anos...

— Eu não sou um garoto, pai. Eu tenho uma família. E parece que você não percebeu isso ainda!

— Só porque engravidou uma garota não quer dizer que tenha experiência de negociador...

As palavras de Anthony me pegaram desprevenida e eu soltei um som abafado, chamando a atenção deles para mim.

Anthony se calou na hora e Luke percebeu que eu tinha escutado.

— Me desculpe, eu estava passando, eu... — Tentei me afastar, mas

Luke veio em minha direção e me segurou.

— Está tudo bem. Me desculpe por ter ouvido isso...

— Quem tem que pedir desculpas sou eu. Não quis ofendê-la de maneira alguma, Ella — Anthony parecia genuinamente arrependido e eu entendia mesmo que a discussão deles não tinha nada a ver comigo.

— Eu vou voltar para a festa antes que sua mãe me procure. — Anthony se afastou e encarei Luke, preocupada.

— O que está acontecendo, Luke?

Ele passou a mão pelos cabelos, frustrado.

— Estou cansado de trabalhar com meu pai, é isso.

— Não fique assim. — Apertei suas mãos nas minhas. — Aposto que essas brigas acontecem nas melhores famílias ricas de Seattle. — Tentei brincar e Luke riu.

— Tem razão.

— Eu devo ficar preocupada? — insisti.

Ele sorriu e afagou meu rosto.

— Vamos voltar à festa. Tudo vai ficar bem.

Tentei acreditar nele. Mas de alguma maneira eu sentia que aquela briga era o começo de uma ruptura entre Luke e seu trabalho com os St. James.

Eu só não podia imaginar que isso iria nos afetar de maneira tão drástica.

Vinte e três

Maio de 2017

Era aniversário de três anos de Riley. Até meus pais tinham tirado uma licença especial para estarem ali e eu estava irritada. Porque Luke estava longe.

Embora tivesse prometido estar ali para a festa dela.

— Luke, você prometeu a ela que estaria aqui — eu falava baixo ao telefone.

— *Eu sei. Acha que também não queria estar aí? Mas tivemos problemas, está tudo uma bagunça.*

Eu suspirei.

— Certo. Vou tentar explicar isso a uma criança de três anos!

— *Eu já falei com ela.*

— Que ótimo! — ironizei.

A campainha tocou.

— Eu tenho que desligar. — Bati o telefone sem me despedir e fui atender a porta. A vontade que eu tinha era de mandar todo mundo embora. Apesar de estar praticamente só a família ali.

Eu arregalei os olhos ao ver o rosto sorridente de Ramona aparecer por trás de um grande urso.

— Surpresa!

— Ramona?!

— Nossa, para que essa cara de quem viu fantasma?

— Talvez por que eu não te veja há muito tempo?

— Eu encontrei com a Laurel no cabeleireiro por esses dias e ela me

disse que você estava organizando uma festa para sua filha e eu queria te ver.

— Entra — pedi. O que é que eu podia fazer? Mandá-la embora?

— Cadê a aniversariante? Estou louca para vê-la! Chloe, querida! — Ramona correu e abraçou minha mãe. — Que lindo, todos aqui, parece os velhos tempos.

Eu rolei os olhos. Ramona não mudara nada. Mas até que eu estava gostando de tê-la ali. Fazia-me esquecer de como estava irritada por Luke ter ido para Nova York e faltado no aniversário da própria filha.

Na hora de se despedir, Ramona me abraçou.

— Que tal a gente sair para almoçar amanhã e colocar o papo em dia? — sugeri e eu aceitei.

Depois que ela saiu, eu pensei que Luke não ia gostar muito de minha reaproximação com Ramona. Mas que mal havia?

E ele nem estava ali para poder reclamar...

Setembro de 2017

— Riley, você cortou o cabelo de sua boneca? — Laurel riu enquanto Riley mostrava a boneca que Laurel lhe dera de aniversário.

— Cortei sim, tia, não ficou bonito?

— É...

Eu deixei as duas conversando e me afastei, quando meu celular tocou e me surpreendi ao ver que era Luke.

Eu achava que ele já estivesse chegando de Nova York, onde estava há duas semanas. Hoje era meu aniversário, e nós íamos sair sozinhos para jantar, por isso Laurel estava ali, para cuidar de Riley.

— Luke, cadê você? Já era para ter chegado!

— *Me desculpe, eu não vou conseguir ir.*

— O quê? Como assim?

— *Eu sinto muito, mas surgiram alguns contratemplos...*

— Eu não acredito, está brincando comigo? Hoje é meu aniversário e você prometeu!

— *Eu sei. Eu prometo que vou te recompensar por isso, eu...*

— Quer saber, estou de saco cheio dessas suas desculpas!

— *Eu estou trabalhando, Ella...*

— Você passa cada vez mais tempo aí, isso não está certo!

— *Por favor, entenda, eu estou...*

— Trabalhando, sei! Já entendi esta parte!

— *Eu sinto muito.*

— Eu também. — Pisquei para afugentar as lágrimas e conter a vontade de chorar, porque não ia adiantar nada. Luke estava longe e não ia voltar. Não hoje. — Tudo bem, boa noite, Luke...

Eu desliguei e fechei os olhos, respirando fundo várias vezes.

— Está tudo bem? — Laurel me encarava curiosa quando eu abri os olhos e forcei um sorriso.

— Claro, está tudo ótimo. — Peguei meu celular, começando a digitar furiosamente.

— Mas já vai? Cadê o Luke?

— Ele não vem.

— Oh, e aonde você vai?

— Vou comemorar meu aniversário, é isso que vou fazer. — Apanhei minha bolsa.

— Sozinha?

— Vou sair com uma amiga.

— Hum, tem certeza disso?...

— Tenho sim. Se precisar de mim, só ligar.

Eu saí batendo a porta sem olhar para trás.

E com uma vontade imensa de fazer Luke se arrepender.

Eu não me lembrava de como cheguei em casa.

Mas acordei com uma dor de cabeça terrível e a luz do dia machucando meus olhos.

Levantei-me e saí me arrastando porta afora e encontrei Laurel na cozinha.

— Meu Deus, está horrível.

— Eu imagino — murmurei sentando à mesa e enterrando a cabeça em minhas mãos.

Laurel colocou uma xícara de café na minha frente e seu celular.

— Eu aceito o café, mas por que ia querer ver seu celular? — resmunguei.

— Acho bom dar uma olhada...

Forcei meus olhos a abrirem e peguei o celular. E arregalei os olhos diante da foto.

Eu estava numa mesa de bar rindo com Toby e Ramona.

— Ai meu Deus — murmurei meio sem entender. Minha mente começou a clarear e me lembrei de estar num bar com Ramona e de dizer a ela que eu estava tão puta com Luke que queria deixar ele puto também. E então tive a brilhante ideia de ligar para Toby e pedir que ele fosse nos encontrar. Mas absolutamente eu não me lembrava daquela foto!

— Como... O que isso está fazendo no seu celular?

— Luke mandou para mim, há algumas horas, muito puto contigo.

— Como o Luke... Oh inferno! — Eu me recordei que no auge da minha embriaguez eu tinha mandado a foto para Luke.

Ah, eu estava muito, muito, encrocada.

De repente o telefone tocou e eu gemi ao ver que era Luke.

Laurel esboçou um risinho irônico.

— Aposto que é para você. Ele está ligando e me atormentando desde muito cedo. Parece que seu celular está sem bateria, ou desligado, sei lá.

— Eu desliguei — murmurei e peguei o celular, atendendo.

— Oi, Luke...

— *Que diabos está pensando?* — Seu grito fez minha cabeça doer.

— Não grita, por favor, minha cabeça está explodindo.

— *E a minha cabeça, Ella, acha que está como? Eu sou acordado de madrugada para receber uma foto da minha esposa bêbada ao lado da amiga piranha e do ex-namorado!*

— Ei, não aconteceu nada...

— *Não aconteceu? Quer que eu acredite?*

— Olha, Luke, acredite no que você quiser, eu não me importo! — Desliguei na cara dele e Laurel me encarava.

— Isso foi forte.

— Estou de saco cheio do ciúme dele com o Toby. Somos amigos e é só isso!

— Ele é seu ex, normal que o Luke tenha ciúme e claro que ele ia ficar bravo com o fato de você ter saído com o Toby.

— Ele me deixou sozinha no dia do meu aniversário! E você sabe que ele tem passado mais tempo em Nova York do que aqui! Estou cansada!

— Devia conversar e dizer como se sente e não fazer bobagens como a que fez ontem à noite. Foi imaturo, Ella.

Eu mordi os lábios com força. Claro que eu sabia que tinha feito besteira. E eu fiz de propósito. Eu queria magoar Luke. Queria deixá-lo com tanta raiva como eu estava sentindo naquele momento.

Mas Laurel tinha razão. Já estava mais do que na hora de termos uma conversa séria e deixar de criancice.

Naquela tarde, levei Riley para a casa dos avós.

— Ella, que surpresa. — Eleanor sorriu enquanto Riley pulava no sofá, sem a menor cerimônia. — Não esperava que aparecesse por aqui hoje.

— Eu sei... Riley desce do sofá, vai estragar... — chamei a atenção da minha filha que pulava em cima do estofado chique dos St. James.

— Ah, deixa ela. — Eleanor sorriu condescendente. — Mas está tudo bem? Você parece abatida.

— Eu preciso falar com Anthony, ele está em casa?

— Anthony? Sim, está no escritório.

Eu me dirigi ao escritório do pai de Luke e ele também pareceu surpreso ao me ver.

— Ella, como vai?

Eu me sentei a sua frente.

— Eu preciso conversar com você.

— Claro, algum problema?

— Eu queria te pedir para parar de mandar o Luke para Nova York.

Anthony franziu a testa.

— Como é?

— Eu sei que é um pouco de abuso pedir algo assim, mas eu não pediria se não fosse realmente importante. Acho que meu casamento depende disso...

— Ella. — Ele fez um gesto com a mão para eu parar. — Espere, não estou entendendo. Não sou eu que estou pedindo para o Luke ir para Nova York.

— Não? Mas ele está lá! Tem estado lá várias vezes, ele me disse que era a trabalho...

— Olha, eu não faço ideia do que o Luke está fazendo em Nova York. Sim, algumas vezes ele tem que ir para lá para tratar de negócios da St. James, mas já faz meses que eu não peço mais nada a ele nesse sentido.

Eu engoli em seco, pensativa. Minha cabeça começando a rodar de uma desconfiança fria.

“Que diabos Luke estava fazendo todo esse tempo em Nova York?”

Vinte e quatro

Lembrar de como eu fui tola naquela época faz um sorriso irônico se formar em minha boca.

Tanta coisa havia se passado pela minha mente naquele momento, mas eu certamente estava longe de desconfiar da verdade.

E muito menos de saber que aquele comportamento suspeito de Luke era apenas o começo do fim...

Setembro de 2017

Desembarquei em Nova York com meu sangue fervendo de raiva e a cabeça doendo de tanto fazer conjecturas. Deveria ter ligado para Luke e perguntado por que ele estava mentindo para mim há meses, mas preferi ir atrás dele e ver com meus próprios olhos.

Eu sabia em que hotel ele estava hospedado, porque era o mesmo que se hospedava sempre quando estava em Nova York, então rumei para lá.

Não foi difícil, com um pouco de persuasão, conseguir que me informassem o quarto e me deixarem subir. O nome St. James abria muitas portas, afinal.

E enquanto eu caminhava até a porta do quarto e batia, minhas mãos tremiam de raiva e medo. Por que não importava o que Luke estava aprontando: ele tinha mentido.

Mas existiam muitos tipos de mentiras. Umas eram piores que as outras.

E existia uma delas que era a que eu mais temia. Tanto que tinha até me abstinido de pensar nessa possibilidade.

— Ella? — Ele abriu a porta me encarando muito chocado.

Eu passei por ele sem pedir licença.

E como eu temia, Luke não estava sozinho.

Eu conhecia muito bem a moça loira e bonita na sala.

Blake Albert me encarou também surpresa.

— Olá, Ella.

— Ella, que diabos está fazendo aqui? — Luke indagou fechando a porta e me encarando.

— Então é isso que está fazendo aqui em Nova York esse tempo

inteiro? — consegui indagar com a voz bem clara e até controlada.

Por dentro eu estava fervendo.

Então Luke finalmente entendeu. Eu vi pelo seu olhar.

Ele sabia exatamente que suas mentiras tinham sido descobertas.

— Blake, você pode ir embora, por favor? — ele pediu calmamente.

A calma de todo mundo ali era inacreditável, dada às circunstâncias.

Eu não queria que Blake Albert fosse embora. Eu queria voar no cabelo dela e lhe dar uns bons tapas em seu rosto maquiado até deixá-la irreconhecível e depois jogá-la pela janela para que um carro passasse por cima dela.

E então, seria a vez de Luke.

Blake pegou sua bolsa no sofá e eu a medi de cima a baixo. Ela usava um vestido de inverno azul-marinho muito elegante e saltos muito altos.

“Bom, pelo menos ela não estava nua.”, pensei ironicamente.

Ela passou por mim e ainda sorriu.

— Foi um prazer revê-la, Ella.

Ah mas que cara de pau!

Quando ela finalmente saiu, Luke me encarou.

Nós nos fitamos cheios de tensão por alguns instantes. Eu não sabia o que estava esperando. Talvez que começasse a balbuciar explicações, talvez mais algumas mentiras, ou algum pedido de desculpa esfarrapado.

— Vamos, diga o que está fazendo aqui, Ella. Pergunte o que está louca para perguntar — ele disse por fim.

— Está tendo um caso com a Blake? — perguntei na lata.

Meu coração falhou enquanto eu esperava a resposta fatídica.

— Não, eu não estou tendo um caso.

— E o que diabos está fazendo aqui em Nova York? Com ela? O que quer que eu pense?

— Foi para isso que viajou até aqui? Por que achou que eu estivesse tendo um caso?

— Você estava mentindo para mim. O tempo inteiro. Seu pai me disse que não está aqui por causa dos negócios da St. James! Eu não sabia o que pensar! E eu ainda não sei! Por que mentiu, Luke? É por causa dela, é Blake?

— Não, não é por causa da Blake. Eu não tenho um caso com ela, pelo amor de Deus, Ella!

Ele está exasperado agora?

— Então por que está aqui? Por que está mentindo para mim?

Ele respirou fundo, passando a mão pelos cabelos.

— Me desculpe. Eu achei que conseguiria resolver tudo isso antes de precisar te envolver...

— Envolver em quê?

— Eu estou abrindo uma nova empresa.

— O quê?

— Por isso que estou aqui. Eu tenho uma herança, do meu avô. Estou investindo nessa empresa.

— Por que não me disse?

— Eu não sabia se ia dar certo, na verdade eu nem sabia se eu queria que desse certo... No começo era só quase uma brincadeira. Um passatempo, algo que eu estava fazendo fora a St. James...

— E o que a Blake tem a ver com isso?

— Blake é minha sócia.

— Ah, entendo. — Eu mal podia acreditar que Luke estava mentindo para mim todo aquele tempo para abrir um novo negócio e ainda com Blake Albert.

Ele não estava tendo um caso, afinal, mas mesmo assim tinha mentido

para mim.

E isso doía.

— Eu achei que ia apenas ajudá-la no começo. Ia apenas investir um capital, mas as coisas fugiram do controle. Isso começou cada vez mais a tomar meu tempo.

— E você começou a mentir para mim — murmurei cheia de amargor. — Seu pai sabe?

— Não. Ninguém da minha família sabe. Eles nunca iam aceitar que eu deixasse a St. James.

— Vai deixar a St. James?

— Eu não sei...

— Não acredito que não contou nada disso para mim...

— Eu sinto muito, eu ia te contar...

— Quando? Luke, eu não entendo! Nós somos casados! Deveríamos contar tudo um ao outro!

— Eu não tive a intenção...

— Teve sim! — gritei. — Você podia ter me dito. Podia ter confiado em mim, podia ter até perguntado para mim se eu concordava com isso, mas preferiu fazer tudo sozinho, mentindo. Deixando-me sozinha com Riley em Seattle!

— Me desculpe — ele se aproximou —, eu achei que de alguma forma eu estava te protegendo, acredite em mim. Isso poderia não dar em nada. Eu nem sabia que ia ficar aqui mesmo...

— O que isso quer dizer? Que vai mesmo trocar a St. James por essa sua empresa?

— Está se tornando grande demais, Ella, e eu terei que tomar uma decisão.

— E a minha opinião, você em algum momento ia querer saber? —

Eu só percebi que estava chorando quando ele estendeu o dedo e tocou meu rosto.

— Eu percebo agora que errei escondendo tudo de você.

— O que achou que ia acontecer, Luke?

— Eu não sei. Eu sabia que teria que tomar uma decisão, que teria que contar para você... — Ele parecia verdadeiramente confuso.

— Luke — segurei sua mão a retirando do meu rosto —, você foi um grande cretino. Não só comigo, mas com toda sua família. Você não sabe o quanto estou desapontada com você agora e quão pouco valor você dá ao nosso casamento. — Minha voz se alquebrou. — Eu vou embora. Eu vou voltar para Seattle e você precisa decidir o que quer fazer da sua vida. E parar de mentir e se esconder para brincar de empresário com sua amiga de escola! E quando decidir ser adulto e responsável, e não um moleque, você vai dizer ao seu pai o que pretende, vai ser maduro para enfrentá-lo e dizer a ele suas escolhas. — Eu respirei fundo e larguei sua mão. — E quando decidir se ainda quer ser meu marido de verdade... ou não. Eu estarei esperando a resposta.

— Você ainda está brava comigo?

Nós estávamos em nossa sala de estar e Luke tinha acabado de colocar Riley para dormir.

Os últimos dias tinham sido críticos. Eu voltara para casa furiosa e desapontada com o comportamento de Luke e temerosa sobre o rumo que nossa vida iria tomar.

Luke voltara um dia depois e a minha raiva estava maior ainda, tanto que eu pedi que ele não falasse comigo e fosse para a casa dos pais dele por

um tempo, até que eu pudesse lidar com o que tinha feito.

Ele obedecera e por Laurel, eu ficara sabendo que a situação na casa dos St. James tinha pegado fogo. Anthony tinha ficado furioso com Luke e exigira que ele escolhesse entre a St. James e seus novos negócios.

Hoje Luke tinha me ligado mais cedo e pedido para conversar. Eu disse que ele podia vir jantar, e nós tivemos uma refeição em família com Riley muito animada e alheia a nossa tensão, mas agora chegou a hora da verdade.

Eu encarei Luke.

— Eu estou triste, Luke. E estou... desapontada. E... magoada.

— Eu nunca quis te magoar. Eu fui realmente um cretino com tudo.

— Por quê?

— Eu me fiz esta mesma pergunta muitas vezes esses dias. Acho que eu sempre me senti meio inútil na St. James. Lá eu sempre seria o filho do chefe, acho que ninguém nunca iria me levar a sério de verdade. E quando surgiu essa oportunidade com a Blake, achei uma boa ideia. Como eu disse, no começo eu não pretendia que fosse nada demais.

— Por que mentiu? Por que não me disse que estava investindo nesta empresa com ela, por que...

— Porque eu achei que seria apenas isso, um investimento inicial. Não achei que havia necessidade de te contar...

— Você percebe como foi errado?

— Eram negócios, Ella.

— Não interessa! Somos casados e você deveria se sentir à vontade de falar qualquer coisa comigo!

— Assim como me disse quando resolveu estudar com Toby Nelson?

— Ah, por favor, o que isso tem a ver? — Eu me levantei, irritada. — Está me dizendo que não me contou sobre seu negócio porque eu menti para

você sobre algo que aconteceu há três anos com meu ex-namorado?

— Não, eu não quis dizer isso! — Ele também se levantou e agora nos encarávamos como num ringue. — O que quero dizer é que você tem sua vida aqui. Faz questão de estudar, deixando Riley em casa. Sai com seu ex para beber e me manda fotos bêbada, para me deixar irritado! Talvez eu também me pergunte qual seu grau de comprometimento com nosso casamento, Ella!

— Ah, Deus! — Cobri minha boca com a mão para não gritar.

Como foi que tínhamos chegado naquele ponto?

Luke se afastou e deu um soco na parede.

Eu enxuguei meu rosto com as mãos trêmulas.

— O que estamos fazendo? — sussurrei com um nó fechando minha garganta. — Acha que somos um erro?... Acha que nós devemos nos...

Antes que eu conseguisse terminar minha sentença, Luke atravessou a sala e segurou meu rosto.

— Não, não! Não somos um erro... — Suas mãos passaram por meus cabelos, aflitas, assim como seus olhos. — Eu sinto muito, fui eu que errei. Eu deveria estar aqui, eu deveria ter sido mais sincero, deveria ter dividido tudo com você. Não deveria ter deixado você sozinha para que tivesse dúvidas...

— Eu não tenho dúvidas! Eu te amo, Luke. Eu te escolhi. Eu quero estar com você, mas dói saber que a gente não consegue concordar em tudo.

Ele riu.

— Que casal concorda em tudo, Ella?

Eu funguei, tocando seu rosto.

— O que vai acontecer agora?

Ele beijou meus lábios de leve e se afastou um pouco. Fiquei com medo.

— Eu tomei minha decisão.

— Vai deixar a St. James, não é? — Eu já intuía que essa seria sua decisão e Luke concordou.

— Sim.

— E o que significa?

— Significa que eu tenho que ir para Nova York. Teremos que nos mudar para lá.

— Eu não posso... Ainda tenho quase um ano de faculdade...

— Você pode deixar a faculdade — ele disse devagar.

Eu abri a boca para discordar, mas ele continuou.

— Ou pode se transferir para algum curso em Nova York.

— Mas estou começando o último ano! Não seria justo! Você tem mesmo que ir de vez?

— É preciso. Eu tenho que mergulhar de cabeça nisso. Preciso que esse negócio dê certo. Preciso mostrar ao meu pai que eu sou capaz, entende?

— Eu entendo, mas... Quer que eu deixe tudo para ir com você...

— Eu sei que não é justo o que estou pedindo. Sei que deveria ter falado com você antes, mas nós temos que chegar a um acordo. Eu conversei com meu pai e ele me pediu três meses para que eu deixe as coisas na St. James em ordem antes de ir. Estarei indo para Nova York de vez depois disso, Ella. E eu quero que você e Riley venham comigo também.

Dezembro de 2017

O dia estava frio e chuvoso. O que combinava com meu estado de espírito. Eu mordi os lábios para não chorar, quando Luke abraçou Riley e a colocou no chão.

— Por que não posso ir com você, papai? — perguntou toda chorosa.

Ela era criança demais para entender o que estava acontecendo. Luke não estava indo embora para sempre. Era apenas uma separação temporária. Eu tinha explicado isso a ela, mas me cortava o coração ver seu rostinho decepcionado.

— Em breve, meu amor — Luke respondeu e me fitou.

Eu não iria chorar. E nem iria voltar atrás. Não sei o que me impulsionava, talvez um desejo idiota de ser independente. O mesmo desejo idiota que tinha impulsionado Luke a ir para Nova York e abrir uma empresa sem me consultar? Talvez.

Mas eu não queria simplesmente deixar tudo e ir atrás dele. E seriam apenas seis meses até o fim do curso, e então eu me mudaria para Nova York com Riley.

E tudo ficaria bem. Era o que eu tinha que acreditar.

Ou estava cometendo o maior erro da minha vida.

Luke tocou meus cabelos e sorriu tristemente.

— Eu voltarei em duas semanas, tudo bem?

Sacudi a cabeça afirmativamente.

Senti seus lábios mornos em minha testa.

E deixei que ele se fosse.

Fevereiro de 2018

— *Quero que venha passar um fim de semana comigo em Nova York em breve* — Luke pediu ao telefone.

Hesitei, incerta.

Luke tinha vindo para Seattle duas vezes em dois meses. Nos falávamos sempre por telefone e fingíamos que tudo estava bem, mas a verdade é que aquela separação estava sendo mais dura do que imaginávamos.

Eu sentia falta dele. Sentia falta de quando conversávamos facilmente.

Agora eu vivia me perguntando o que ele estava fazendo por lá, sozinho.

Ou melhor, na companhia da bela e disponível ex-amiga de foda Blake Albert.

Eu morria de vontade de perguntar, mas me calava.

Eu sabia que confessar meus medos seria apenas começar uma discussão. E eu tinha que confiar nele, não é?

No entanto, era impossível ser segura o tempo inteiro.

Só mais quatros meses, eu dizia a mim mesma. Só mais quatro meses.

— *Eu quero que veja um apartamento* — Luke continuou.

— Apartamento?

— *Sim, para nós. Teremos que achar uma casa aqui para quando vier morar comigo.*

— Ah, claro. Eu nem tinha pensado nisso.

— *Eu falei com um corretor e ele está vendo alguns apartamentos disponíveis, tudo bem?*

— Certo, acho que posso ver.

— *Então está combinado. Estou ansioso para tê-las aqui.*

— Eu também.

— *Querida, eu preciso desligar, tenho uma reunião agora.*

— Tudo bem.

Eu desliguei e vi que tinha uma mensagem à espera. Era Ramona.

Ela sempre me ligava e me convidava para sair, dizia que o marido dela viajava muito a negócios também e que ficava sozinha.

E eu acabava aceitando.

Mas agora eu tomava cuidado para não beber além da conta e nem mandar fotos suspeitas a Luke. E nem convidara mais Toby para ir junto, claro.

Eu respondi que aceitava o convite para sair naquela noite e fui avisar Riley que brincava em seu quarto que iríamos viajar para Nova York em breve.

Março de 2018

Luke nos esperava no Aeroporto de Nova York.

— Papai — Riley pulou do meu colo e correu em sua direção.

Luke sorriu e a abraçou forte. Senti meu coração se apertar em um milhão de sentimentos conflitantes quando nossos olhares se encontraram.

— Oi. — Sorri com as mãos ocupadas em segurar as coisas que Riley tinha me feito comprar no aeroporto.

Riley estava agarrada no seu pescoço como se nunca mais fosse soltar e ele sorriu para mim por cima de sua cabeça.

Nós não conversamos no caminho, pois Riley monopolizou sua atenção.

Ela sentia muita falta de Luke e eu deixei que ela aproveitasse.

— Onde estamos? — indaguei quando o carro parou em frente a um enorme prédio de vidro.

— Na AJ Investments — Luke disse orgulhoso. — Quero que conheçam o escritório.

— AJ?

— Albert-James — ele explicou e eu disfarcei uma careta. Ah, que lindo!

Riley pulou animada e entramos no elegante prédio. Luke me apresentava a todo mundo e eu sorri, me sentindo orgulhosa também de suas conquistas.

Até que chegamos aos escritórios da diretoria e uma figura conhecida apareceu sorrindo.

— Olá, Ella, quanto tempo. — Ah, estava demorando para Blake aparecer. — E aquela é Riley? — Ela apontou para Riley que agora estava sentada na mesa da secretária de Luke, uma moça chamada Constance, que

respondia suas perguntas com muita paciência.

— Sua filha é linda, Luke — ela disse com suas longas unhas tocando seu braço.

Eu tive vontade de bater na mão dela para tirá-la dali, o que era ridículo.

— Me desculpem, mas tenho que voltar ao trabalho. Foi bom te ver, Ella. — Ela sorriu para Luke. — A reunião das 17h ainda está marcada?

— Sim, eu te encontro lá daqui a pouco.

— Ok. — Com um sorriso forçado ela se afastou.

— Como vão as coisas por aqui? — questionei quando ela desapareceu.

— Um tanto difíceis, mas é normal para um começo ambicioso.

— Mas está tudo dando certo, não é? Isso aqui parece enorme.

— Sim — Ele sorriu quase tristemente. — Eu queria que você e Riley pudessem estar aqui...

Um nó se formou na minha garganta. Eu também queria ficar, me dava conta agora. A falta que eu sentia dele era absurda. Queria que não brigássemos nunca mais e que tudo fosse como antes. Mas sabia que era impossível.

— Eu também — murmurei —, mas são só mais quatro meses, Luke.

— Luke, desculpa interromper, mas a reunião irá começar — Constance o alertou.

— Obrigado. — Ele se voltou para mim — Ella, eu...

— Vai trabalhar. Eu vou para o hotel com a Riley, ela está cansada.

— Tudo bem, nos falamos depois.

Eu queria que ele se aproximasse e me beijasse, que rompesse aquela horrível formalidade entre nós. Mas ele não fez isso. Seria porque estávamos em seu escritório, ou tinha algo mais ali?

Enquanto segurava Riley sonolenta em meu colo, me afastando pelo corredor, eu me lembrava da época que era sua assistente e que nos pegávamos sem pudor em sua sala.

Ah, os bons tempos.

Naquela noite, Riley dormia no outro quarto da suíte e eu ri ao entrar no quarto de Luke e ver tudo bagunçado, as roupas jogadas de qualquer jeito pelos cantos. A presença dele ali era tão forte que eu senti um aperto no peito. Até aquele momento, eu não tinha noção da falta horrível que eu sentira dele. Deitei e senti seu cheiro no travesseiro, fechando os olhos. Sentindo uma falta dolorida da época que tudo era tão fácil entre nós. Tão simples. Quando a distância não nos fazia tanto mal. E o pior nem era a distância física. E sim aquela distância emocional que se instalara entre nós. Será que conseguiríamos fazer as coisas ser como antes?

Eu acordei com sua voz no meu ouvido e me virei, suspirando.

— Ella...

Eu sabia que tínhamos muito para falar. Mas não me importei, enterrei os dedos em seus cabelos e o puxei para mim. Eu podia sentir a mesma necessidade vinda dele e gemi baixinho quando sua boca desceu sobre a minha. As mãos se infiltraram embaixo de minhas roupas e me aconcheguei mais contra ele, não pensando em nada a não ser na saudade que eu sentira de tê-lo dentro de mim.

Sexo não resolvia nada, mas eu deixaria para me preocupar com o resto depois.

— Ella — Luke chamou meu nome no quarto escuro tempos depois.

Seus braços ainda estavam a minha volta e eu enterrei minha cabeça em seu pescoço.

— Não, não fala nada agora. Vamos brigar amanhã.

Ele riu contra meus cabelos.

— Por que temos que brigar?

— Eu não sei... Só não quero fazer isso agora.

Ele me abraçou e não falou mais nada.

No dia seguinte, achei que a briga ia acontecer mais rápido do que eu esperava, quando ele me comunicou muito apressado de manhã que tinha que ir para o escritório resolver alguns problemas urgentes.

— Mas é sábado!

— Eu sei, os problemas não têm dia para acontecer, Ella.

— A gente ia ver os apartamentos...

— Vá com Riley, eu te encontro assim que possível.

— Eu gostei daqui — falei para a corretora enquanto caminhava pelo apartamento amplo e claro em Nova York. A todo o momento olhava o celular. Mas nenhuma ligação.

— Você me dá licença? — pedi e me afastei, discando o número de Luke. — Cadê você? — Já era fim de tarde e eu tinha visto um monte de apartamento e nada de Luke aparecer. — Achei que íamos ver o apartamento!

— *Ainda estou preso aqui. Na verdade acho que terei que ir para Chicago para reunião com um cliente de urgência.*

— O quê? Quando?

— *Hoje à noite.*

Eu soltei um palavrão.

— Mas que inferno, Luke!

— *Me desculpe, mas é realmente importante...*

— Por que a Blake não vai e você fica?

— *Sou eu que tenho que resolver isso, Ella. Olha, eu realmente lamento, ok? Eu vou compensá-la por isso.*

Soltei um suspiro, desanimada.

— Gostei muito de um apartamento. Queria que visse.

— *Posso ver depois.*

— Mas não estaremos juntos.

— *Então fica mais uns dias aqui, eu voltarei em dois dias no máximo.*

— Eu tenho um exame importante na segunda, não posso ficar.

Desta vez foi ele que soltou um suspiro desanimado.

— *Tudo bem. Eu vou passar no hotel para fazer minha mala e vejo vocês antes de ir.*

— Certo.

Eu desliguei. Por que as coisas nunca saiam como queríamos?

Quando Luke chegou para arrumar suas coisas, as nossas também já estavam arrumadas. Se ele não estaria na cidade, não tinha por que nós ficarmos também.

— Você já vai mesmo? — ele indagou meio contrariado.

— Sim, eu já vi os apartamentos e você está indo viajar, então não tem motivo para ficarmos.

— Tudo bem, tem razão. Acho que podemos ir juntos para o aeroporto.

No aeroporto, Luke ficou conosco enquanto esperava nosso voo.

Riley brincava distraída a uns bancos de distância.

— Como está a faculdade? — Luke perguntou.

— Tudo bem, entrando na reta final. — Eu sorri para ele, porque significava que em breve estaríamos juntos de novo.

Mas Luke permaneceu sério.

— E Toby? Tem visto ele?

— Estava demorando para entrar neste assunto. Não tem motivo para você ficar com essas perguntas cheias de desconfiança. Eu e Toby ainda

somos amigos e você sabe disso.

Ele passou a mão pelos cabelos, tenso.

— Ella, eu não queria mesmo brigar com você...

— Já está brigando.

Nós nos encaramos tensos.

— Mamãe, nós já vamos? — Riley puxou minha blusa.

Eu respirei fundo para me acalmar.

— Sim, querida. Já estão chamando nosso voo.

Luke nos acompanhou até o embarque.

— Eu queria mesmo que você pudesse ficar.

— Não posso. Eu sinto muito... Por tudo isso.

Eu o abracei e enterrei o rosto em seu peito, sentindo seus braços a minha volta e seus lábios em meus cabelos.

— Acha que vamos conseguir ser como antes ainda? — murmurei meus medos e ele segurou meu rosto.

— Nada mudou, Ella. Só estamos distantes agora, mas vamos conseguir ser como antes, eu prometo. Vamos viajar quando tudo isso acabar. Qualquer lugar que quiser. Só eu, você e Riley.

— Mas e a empresa?

— Eu darei um jeito de que até lá tudo esteja melhor. Vamos passar o verão juntos. E tudo vai ser como antes, acredita em mim.

— Sim, eu acredito — murmurei.

Eu sorri para ele tentando acreditar naquela promessa. Eu tinha que acreditar.

Julho de 2018

Eu acompanhava Riley pela areia da praia com uma câmera fotográfica a fazendo rir enquanto as ondas tocavam seus pequenos pés.

— Ainda não entendi por que trouxe esse monte de coisas para cá — Luke falou ao se aproximar e eu ri.

Ele tinha passado a manhã carregando caixas.

— Porque aqui é nossa casa agora também — respondi com os olhos ainda fixos em Riley.

— Olha, mamãe. — Ela veio na minha direção com uma concha nas mãos e eu sorri.

— Que lindo, filha.

Passei a máquina para Luke e girei Riley no meu colo. E Luke bateu a foto.

Ao fundo nossa nova casa nos Hamptons, que tínhamos adquirido assim como um apartamento em Manhattan.

Como Luke prometeu, estávamos de férias, só nós três.

Minha faculdade tinha terminado e eu e Riley estaríamos nos mudando definitivamente para Nova York depois do verão. E eu estava cheia de esperança que finalmente nossa vida iria voltar a dar certo.

Agosto de 2018

Eu estava sentada em frente ao mar naquela tarde. Luke se aproximou e sentou ao meu lado.

— Ela dormiu?

— Sim.

Luke passou os braços a minha volta.

— Deu trabalho?

— O de sempre. Mas amanhã é sua vez.

Riley estava cada vez mais relutante em tirar uma soneca à tarde. Ela estava crescendo rápido.

— Vamos ter outro filho — eu falei de repente.

— Você quer mesmo?

— Quero sim.

— Achei que Riley já te deixasse apavorada.

— Não mais.

Seus dedos tocaram meu rosto e ele me beijou.

Eu senti aquele familiar calor se espalhar por meu corpo.

— Vamos fazer agora? — falei rindo quando ele me deitou na areia, as mãos ocupadas em tirar minha roupa.

— Foi sua melhor ideia do dia.

E eu parei de rir e me ocupei em beijá-lo.

Vinte e cinco

Novembro de 2018

Contemplei ansiosa o teste na minha frente.

— Positivo. Positivo — murmurava torcendo.

Mas deu negativo. Eu saí do banheiro tentando disfarçar meu desapontamento.

Luke estava ao telefone.

— O que foi? — indagou ao desligar.

Mostrei a caixa. Ele tocou meu cabelo.

— Isso pode levar tempo.

— Eu sei. Quem era ao telefone?

— Laurel. Ela está se mudando para Manhattan.

— Sério?

— Sim, parece que está levando as coisas com Greg a sério.

Laurel viera três vezes passar o fim de semana com a gente e conhecera Greg, o amigo de Luke e se apaixonara.

— Hum, isso é legal. — Tentei soar animada, mas animação era a última coisa que eu sentia.

Eu e Luke ficamos dois meses nos Hampton e tinha sido incrível.

Mas eventualmente tivemos que voltar para Manhattan e Luke para seu trabalho corrido. E eu ficava o tempo inteiro em casa. Riley ia para a escola de manhã e eu me perguntava que diabos iria fazer com a minha vida.

Primeiro eu me senti animada com a perspectiva de ter outro bebê. Eu me sentia mais adulta agora. Sentia que eu e Luke estávamos começando a nos reconectar e apesar de todos os problemas que tivemos no nosso

relacionamento, estávamos fazendo um bom trabalho com Riley.

Mas os meses estavam passando e eu não engravidava. E isso me fazia questionar se o fato de eu não engravidar não era um sinal de que ter um bebê não era o certo a fazer agora.

Porque eu não podia negar que existia uma parte de mim que ainda queria mais. Eu queria estar com Luke. Queria poder amá-lo. Queria criar bem a minha filha. Mas eu também queria ser alguém além da mãe e de a esposa de alguém.

Eu ficara quatro anos na faculdade, quase vi meu casamento indo para o ralo e para que, se eu não ia fazer nada depois disso? Tentar seguir nenhuma carreira?

O tempo inteiro eu pensava nos meus próprios pais esperando eu ficar adulta para realizar seus sonhos.

Luke estava realizando os dele agora.

E eu?

— Está mesmo bem? — Luke questionou antes de sair para o trabalho e garanti que sim.

Riley me deu um beijo melado e seguiu Luke, que a levaria à escola antes de ir para o trabalho e eu fiquei sozinha, olhando para o apartamento vazio.

Eu deveria falar com Luke sobre isso, certamente.

Nós estávamos tentando não cometer os mesmos erros de antes, então eu teria que driblar meu medo de sua reação e dizer que queria voltar a trabalhar.

E que talvez o projeto de um segundo filho tivesse que ficar para depois.

Dezembro de 2018

— Está mesmo falando sério?

Respirei fundo, pronta para a briga.

Devia saber que Luke ficaria bravo, mas eu não ia deixá-lo me convencer do contrário.

— Ainda não entendo por que está tão contra! É só um trabalho!

Eu vinha jogando para Luke no último mês minhas ideias sobre voltar ao trabalho e ele parecia sempre muito indulgente, dizendo que não queria que eu me sentisse inútil, mas que eu deveria pensar bem antes de tomar qualquer decisão.

— Mas você vai me apoiar, não é? — eu perguntava e ele sorria.

— Claro que sim. Só não quero que deixe Riley de lado.

— Nunca faria isso.

— Mas e se engravidar de novo?

— Não aconteceu até agora. Talvez não seja o momento certo.

Mas então duas semanas atrás Toby me ligou e disse que estava fazendo uma entrevista para trabalhar numa empresa financeira ali em Nova York e eu aproveitei e disse a ele que eu também estava procurando um emprego e Toby me indicara.

Eu fiz a entrevista e tanto eu quanto Toby havíamos passado.

Deliberadamente eu não contei a Luke sobre isso até agora. Porque eu sabia que ele iria ficar furioso por causa de Toby.

— Um trabalho com seu ex!

— Ah, Luke, supere pelo amor de Deus! Que saco!

— Eu tento superar, mas é difícil quando ele nunca sai da sua vida de verdade!

— Quantas vezes eu terei que dizer que somos amigos?

— É o que você diz!

— Está insinuando o quê?

— Não estou insinuando nada! O que eu estou dizendo é que talvez ele ainda queira você, já que não sai do seu pé!

— Ah é? Eu poderia dizer a mesma coisa de sua ex-amiga de foda e agora sócia Blake.

— É uma comparação ridícula!

— Não acho não! Se vai ficar fazendo insinuações de mim e Toby, pense em você e Blake, pois é a mesma coisa. Ou vai dizer que eu também devo desconfiar dos sentimentos dela por você?

— Está sendo absurda, Ella!

— Você também! Trabalha todo dia com sua ex e eu não fico fazendo cenas de ciúmes por causa disso! — “*Não mais.*”, me corriji mentalmente. Claro que eu ainda não ia com a cara de Blake, mas tentava confiar em Luke. E tirando o fato de que eles trabalhavam juntos, não havia nenhum indício que pudesse ser algo como antes. Então eu me esforçava para ser racional nesse assunto. E queria que Luke fizesse o mesmo em relação ao Toby.

— Blake não é minha ex, eu nunca fui apaixonado por ela, como você foi pelo Toby.

— Disse certo. Eu fui. Isso faz parte do meu passado e tem que superar. Assim como todo dia eu me esforço para superar a Blake e não enlouquecer de ciúmes do tempo que ela passa com você! — Eu me aproximei o encarando forte. — Porque se você insistir para eu não aceitar esse trabalho com o Toby, eu posso muito bem querer que não trabalhe mais com a Blake! Está disposto a isso?

Ele não respondeu.

— Sabemos a resposta. E você sabe a minha.

Janeiro de 2019

— Laurel, tem certeza que não será um problema para você? —
perguntei a minha cunhada quando deixei Riley na sua casa naquela manhã.

— Eu disse que não. Adoro cuidar de Riley e ela já adora o Greg.

Eu sorri.

— Hum, estamos ficando sérios, hein?

— Sim, estamos. — Ela sorriu de volta, mas seu sorriso se tornou cuidadoso de repente. — E você e Luke? Como ele está lidando com essa sua viagem?

Eu suspirei pesadamente.

— Ele ficou furioso, não é novidade. Mas eu cansei de brigar com o Luke por causa disso, sabe?

— Ele tem ciúmes do Toby.

— Ele tem que superar!

— Ai, ai, ai. Quando penso que vocês vão parar com as brigas, elas recomeçam.

— Ninguém sente mais do que eu, Laurel.

— Bem, eu torço para vocês se acertarem, seja como for.

— Obrigada. Eu volto em quatro dias.

Abracei Riley.

— Se comporte e obedeça a tia Laurel!

— Pode deixar, mamãe. Traz um presente para mim?

Eu sorri beijando seu rostinho.

— Claro que sim.

Eu encontrei Toby no aeroporto.

— Não está com uma cara boa — ele comentou com cuidado, enquanto embarcávamos.

— Eu briguei com o Luke.

Ele pareceu incomodado.

— Seu marido me odeia, não é?

— Ele não entende que somos apenas amigos.

— Eu entendo ele. Se fosse ao contrário, acho que teria os mesmos sentimentos.

Eu o encarei, confusa.

— O que quer dizer?

— Que eu já estive no lugar dele.

— O que... Oh. — Eu finalmente entendi.

— Você era minha namorada e foi trabalhar com ele e se apaixonou.

— É diferente agora — murmurei.

— Eu sei que é — Toby disse simplesmente, fechando os olhos, mas eu fiquei pensativa.

Eu sabia que o que eu tinha feito com Toby não era certo.

Eu o traí com Luke. Mas era diferente. Eu me apaixonei por Luke.

Tanto que estávamos casados agora.

Luke não poderia achar que eu o trairia com Toby, não é?

Eu relanceei meu olhar para Toby.

Eu gostava dele. Muito mesmo.

Ele tinha sido um ótimo namorado. E eu achava que estaríamos sempre juntos. Mas então surgiu Luke e eu me apaixonei loucamente, além da sensatez. Relutei em deixar Toby, porque sabia que não ia só perder um namorado e sim um amigo. Ele não ia me perdoar.

Mas ele perdoou e voltou para mim. Quis ser meu amigo.

E eu tinha ficado feliz com este fato. Na verdade achava que nós éramos melhores como amigos do que como namorados.

Eu queria que Luke entendesse isso.

Mas as coisas estavam ruins agora de novo. Justamente por causa de Toby. Desde que eu comecei a trabalhar com meu ex-namorado, Luke estava seco comigo.

Eu tentava de tudo. Tentava ser mais dócil, mais carinhosa, relevava seus acessos de mau humor para evitar briga. Mesmo isso apenas nos afastávamos mais.

Então comecei a ter que viajar a trabalho e foi impossível evitar a discussão. Eu e Toby éramos de uma equipe e esperava-se que fôssemos juntos. Luke tivera um acesso de fúria quando eu contara, há uma semana, que teria que viajar com Toby.

A briga foi tão feia que eu tive vontade de cancelar tudo. Mas me recusava a deixar Luke vencer, porque seus argumentos eram inúteis.

Eu não ia traí-lo com Toby e ele tinha que confiar em mim. A sua desconfiança me deixava possessa!

Agora eu me perguntava até onde isso iria nos levar.

Eu queria acreditar que Luke uma hora iria perceber que Toby não era uma ameaça e iria parar de ser ciumento. Mas quando?

Março de 2019

Eu estava morta de cansada quando cheguei de viagem naquela noite. Tudo o que eu queria era chegar em casa e poder descansar, mas eu precisava buscar Riley na casa de Laurel.

O táxi parou em frente a sua casa e desci, tocando a campainha, mas Laurel ficou surpresa ao me ver.

— Ella!

— Oi, vim pegar a Riley.

— Hum, a Riley não está aqui.

— Como não? Luke a levou? — estranhei.

— Sim ele a levou hoje à tarde.

— À tarde?

— É, eu também estranhei, mas ele disse que ia ficar em casa com ela.

— Ah, certo, então.

Eu fui para casa me perguntando o que tinha feito Luke sair do trabalho à tarde e levar Riley.

Sentia-me levemente apreensiva ao entrar no nosso apartamento. Não havia mais brigas agora quando eu dizia que ia viajar, mas também não havia muita coisa mais, já que estávamos cada vez mais distantes.

Eu viajava muito, Luke trabalhava cada vez mais e quando estávamos juntos, nós nos concentrávamos em Riley.

Eu me perguntava se ela percebia a tensão entre nós.

Joguei minha bolsa no sofá e ouvi a risada infantil vindo da cozinha. Fui para lá, sorrindo com a perspectiva de vê-la, mas congelei na porta da cozinha ao ver Blake sentada em volta da mesa da minha cozinha, jantando com meu marido e minha família.

Eu simplesmente não conseguia me mexer. Por um momento, nem um deles me viu e eu fiquei ali, parada e estática, meu estômago dando voltas.

Riley estava rindo. Não era novidade, ela era uma criança alegre e se dava bem com todos, até com uma bruxa falsa como Blake.

Mas Luke me deixou chocada. Há quanto tempo que ele não sorria assim para mim?

Há quanto tempo não sentávamos à mesa para uma simples refeição em família e ríamos de verdade um com o outro?

Ele sempre estava disposto com Riley. Mas comigo, era sempre distante ultimamente. Ou polido na frente de Riley. Ou mal-humorado quando estávamos sozinhos e eu dizia que teria que viajar de novo. Eu deixava os dias passarem, sempre dizendo a mim mesma que no dia seguinte seria diferente. Que ele iria deixar de se importar com meu trabalho com Toby. Até sonhava que ele e Toby poderiam ser amigos um dia.

Eu tentava dizer a mim mesma que o fato de fazermos amor cada vez mais raramente era só uma fase.

Todo casal passava por isso, não passava?

A vida de ninguém era perfeita.

Mas agora eu sentia como se tivesse levado um soco no estômago ao ver Blake no meu lugar.

A mulher com quem ele passava seus dias. A mesma que fora sua amante. Que agora ria com ele, passando as unhas em seu braço numa intimidade aviltante.

— Mamãe! — Riley levantou a cabeça ao perceber minha presença e correu em minha direção.

Eu a peguei no ar, abraçando seu corpinho e tentando respirar normalmente.

Se Riley não estivesse ali eu não sei o que teria feito.

— Que saudade, meu amor.

— Mamãe, a tia Blake fez macarrão com queijo para mim.

— Ah é?

Eu olhei por cima de seus cabelos.

Luke agora estava ocupado tirando os pratos da mesa e Blake sorria vindo em minha direção.

— Como vai, Ella?

Eu não consegui sorrir de volta.

— Que surpresa te ver aqui, Blake.

— Ah, eu e Luke tínhamos que resolver algumas questões e como ele precisou sair mais cedo hoje para ficar com Riley eu dei um pulo aqui.

— E fez o jantar — completei com ironia, mas isso não abalou o sorriso de plástico dela.

— Riley reclamou de fome e eu resolvi ajudar. Não foi nada.

— Eu adorei! — Riley comemorou.

— Eu posso fazer sempre que quiser, querida!

Eu olhei para Luke o fuzilando com o olhar.

Ele também estava sério.

— Blake, precisamos terminar — ele cortou nossa conversa.

— Ah sim, fiquem à vontade. Vou levar Riley para o quarto.

Eu me virei sem olhar para trás.

— Estou tão feliz que voltou, mamãe!

— Eu também, meu amor! — Eu a ajudei a tomar banho e a colocar um pijama e deitamos para que lhe contasse uma história.

— A tia Blake conta história para mim também.

— O quê? — Eu a encarei sem entender. — O que quer dizer?
Quando a Blake contou histórias para você?

— Às vezes ela vem jantar com a gente quando você não está.

Eu senti meu estômago revirando. Blake vinha até minha casa na minha ausência?

— Ela vem trabalhar com o papai. Mas ela às vezes traz o jantar ou então ela cozinha. Ela é muito legal!

— Ah é? Ela vem muito aqui em casa?

— Às vezes... Eu gosto quando ela vem, porque o papai fica triste quando você não está, mas quando ela está aqui, acho que ele fica melhor.

Ah Deus.

— Melhor como?

— Não sei — ela murmurou com sua vozinha infantil. — A Tia Blake está sempre falando muito, acho. E ela está sempre sorrindo.

— Você acha que o papai fica triste quando eu não estou aqui? — indago com um nó na garganta.

— Eu também fico, mamãe. Queria que não fosse mais viajar.

Ela me abraçou e eu pisquei para não chorar.

Assim que Riley dormiu, eu saí do quarto e caminhei silenciosamente até o escritório de Luke. Pela fresta da porta meio aberta eu vi que eles ainda estavam ali.

Luke de um lado da mesa e Blake de outro.

Eles falavam de negócios e eu apenas fiquei ali, esperando.

Só não sabia o quê.

Até que de repente escuto meu nome na boca de Blake.

— A Ella pareceu muito tensa hoje.

Luke não respondeu.

— Vocês ainda estão com problemas?

O quê?

— Não quero ser enxerida, mas é obvio que você ainda não superou o

fato de ela trabalhar com o ex-namorado...

— Blake, eu realmente não quero falar sobre isso — Luke a cortou.

— Tudo bem, mas se quiser conversar, sabe que estou sempre a sua disposição. Fico chateada por você ficar mal, Luke. E você anda insuportável ultimamente.

— Eu sei, me desculpe.

— Eu tento vir aqui, te animar. Fico com dó da sua filha sozinha. E de você também. Pode sempre contar comigo. Se quiser que eu converse com a Ella...

— Não, não se intrometa, Blake. Você já está sendo legal o suficiente.

— Eu gosto de você, Luke, somos amigos de longa data, pode sempre contar comigo para qualquer coisa. Sempre estarei aqui por você.

Ah, já era demais.

Eu entrei na sala.

— Já acabaram? — indaguei friamente.

— Sim, eu já estava indo embora. — Blake se levantou sorrindo.

Eu a acompanhei até a porta junto com Luke e assim que ela saiu, eu o encarei.

— Vai explicar por que basta eu ir viajar que a Blake Albert aparece aqui?

— Ela é minha sócia.

— Claro. Mas ela não vem aqui quando eu estou. Não acha isso estranho?

— Eu fico sozinho com Riley aqui justamente porque você não está. Por isso ela vem, é isso que quer saber?

— E tem coragem de dizer na minha cara?

— Não é como se eu tivesse pulando na cama com a Blake e com a Riley no outro quarto, Ella.

— Ah, mas certamente é isso que ela quer!

— Então é isso? Terei que aturar seu ciúme com a Blake, mas eu tenho que aguentar você e Toby juntos viajando toda semana?

— Está se vingando de mim? É disso que se trata?

— Não, Ella. Não é um ato de vingança.

— Então o que é? Ou quer que eu acredite que não percebeu as intenções da Blake? Não pode ser tão idiota!

— Não, eu não sou idiota. E como bem sabe, a Blake já me seduziu uma vez, eu conheço muito bem o jeito dela.

— Então você admite que ela vem aqui porque quer você de volta?

— Eu estou cansado, Ella. Estou furioso, estou frustrado, estou farto de toda esta situação que você criou!

— Eu?

— Sim, você! Você que insistiu em voltar a trabalhar mesmo sem precisar! Você que insistiu em trabalhar com seu ex-namorado. Um trabalho que mais fica fora do que em casa, com a sua filha que sente sua falta! Você não se importa com o que eu sinto, o quanto isso me magoa e me deixa inseguro. E sim, a Blake está se mostrando mais do que disponível. A Blake estava comigo e você estava lá, com o Toby. Nem a nossa filha prende você aqui. E quer saber, Ella, sim, às vezes, quando estou sozinho, me perguntando onde você está e o que está fazendo com um cara que já foi seu namorado, eu me questiono se eu escolhi errado. Se eu tivesse me apaixonado pela Blake em vez de você.

— Ah meu Deus. — Eu comecei a chorar, em pânico com suas palavras.

— Às vezes eu me pergunto se você me ama do mesmo jeito que eu te amo. Se eu não errei em praticamente forçá-la a ficar comigo, engravidando você quando ainda era tão jovem.

— O quê? — Eu empalideci.

— Sim, eu engravidei você de propósito. Nunca desconfiou? — A angústia em sua voz ecoava em minha mente, causando um redemoinho de dor.

— Ah meu Deus. Você não podia ter feito isso!

— Não, não deveria. Mas eu fiz. Eu queria você. Eu tinha medo que me escapasse pelos dedos. Eu sempre sentia que um dia eu ia acordar e você veria que foi um erro ficar comigo. Acho que até minha decisão de construir meu negócio em Nova York foi com o intuito de afastar você dele. Mas eu não consigo! — ele gritou. Seus olhos estavam cheios de tormenta e dor. — Ele vem atrás de você, ele te leva embora de novo e como é que eu posso lutar contra isso? Eu estou cansado, Ella. Eu não sei se você quer que eu lute por você ou te deixe ir com ele.

— Como pode se sentir assim, Luke? Como pode confiar tão pouco no que eu sinto? Eu escolhi você! Eu estou aqui com você!

— Está mesmo, Ella? Sente mesmo que estamos juntos?

— Foi seu ciúme que nos afastou!

— Não foi o meu ciúme! Foi o seu amor por outro cara. Um amor que eu não entendo, que eu não queria que existisse.

— É um amor de amigo! Como pode não entender isso?

— Eu estou há sete anos tentando entender. Há sete anos eu vivo com medo de que o nosso amor não seja suficiente para você.

A sala se encheu de um angustiante silêncio.

Eu pensava em toda aquela discussão. Pensava nas confissões de Luke.

Revia toda a nossa história e agora minha mente se enchia de dúvida.

Por que eu simplesmente não virava as costas para Toby?

Será que Luke tinha um tanto de razão em seu medo e ciúme? Eu me

mantinha presa a Toby de alguma maneira? Por que eu não me afastava dele de vez? Será que eu podia?

Por fim, eu respirei fundo.

— Eu sinto como se toda a nossa vida fizesse parte de uma grande armação... Eu preciso de tempo para pensar... — Coloquei a mão na minha cabeça que parecia que ia explodir.

— Então acho que está acontecendo o que eu sempre tive medo, não é?

— Eu não posso mais conviver com o seu medo, Luke. — Eu o encarei, ainda chorando. — Talvez tenha mesmo sido um erro, talvez eu realmente deva voltar com o Toby, eu não sei! Eu sempre tive certeza sobre nós, mas é você que está colocando as dúvidas na minha cabeça! Talvez você também tenha estas mesmas dúvidas, já que bastou poucos meses para você achar que eu seria facilmente substituída pela Blake, e de certa forma substituiu. Parou para pensar nisso?

— Eu não tenho dúvidas. — Ele me encarou intensamente.

— Pois agora sou eu que as tenho — murmurei — Acho que deve ir embora.

— Está me mandando embora?

— A gente precisa de um tempo. Não dá mais para viver assim. Precisamos... reavaliar tudo.

— Tudo bem, acho que tem razão. Também não quero mais viver assim, Ella. — Ele enxuga o próprio rosto. — O que diremos a Riley?

— Eu conversei com ela.

Eu o vi se afastar para o quarto. Escutei o barulho dele fazendo sua mala. Até que voltou para a sala.

Eu não consegui encará-lo quando passou por mim e fechou a porta atrás de si.

Seria este o fim?

Vinte e seis

A dor que eu sentia agora ao relembrar aquele momento era a mesma que eu sentira quando acontecera. Não era à toa que minha mente escolhera esquecer.

Eu me sentia perdida com o fim. Eu só queria sobreviver àquela tempestade.

De dia eu trabalhava sem parar. A noite cuidava de Riley e tentava me mostrar feliz por ela.

Mas quando eu me deitava em minha cama sozinha, vinha a dor. E eu me perguntava em que ponto do caminho eu tinha errado. Será que fora quando eu aceitara aquele emprego na St. James e conhecera Luke? Ou quando não fora capaz de parar sua sedução e o colocara no lugar de Toby?

Ou quando engravidara sem perceber que no final tudo não passara de um ardil de Luke em nome de sua insegurança?

Lembrava-me de como eu insistira em continuar na faculdade, continuar mantendo minha individualidade, sem querer assumir totalmente meu papel de mãe e esposa. Será que tinha errado ali? Será que se eu tivesse ficado em casa, sido uma mãe melhor para Riley, uma esposa mais atenta ao fato de meu marido se corroer de ciúmes de um ex-namorado, que eu não conseguia deixar para trás, teria feito a diferença?

Será que Luke seria seguro do meu comprometimento e não veria necessidade de se aliar a sua ex-amante e ir para Nova York sem me consultar?

Será que meu erro fora não perceber que estávamos caminhando lentamente para um fim iminente?

O que eu poderia ter feito de diferente naquela jornada?

Eu não conseguia achar uma resposta.

Porque os erros não eram só meus.

Eu só não sabia quem tinha errado mais. Eu ou Luke.

Era um páreo-duro.

Julho de 2019

Talvez eu tivesse em depressão profunda se não fosse minha responsabilidade com Riley. Eu tinha que me manter bem por ela. E pensar que tinha feito a coisa certa mandando Luke embora. Era só eu me acostumar com aquilo. Nós nos encontrávamos eventualmente quando ele pegava Riley. Ela ficava uma semana comigo e outra com ele, e eu não sei até quando aquele arranjo ia dar certo.

De todos os lados vinham perguntas que eu não queria responder. Não ainda.

Meu pai não quis omitir opinião quando liguei para contar da separação.

Minha mãe ficara furiosa, já que ela era uma grande fã de Luke e ao que parecia, ele mesmo já tinha ligado para ela para dar a sua versão dos fatos.

— *Luke me disse que acha que você quer voltar com o Toby, como isso é possível, Ella? Está louca?*

— O Luke disse?... — Eu me indignei. — O que mais ele disse? Ele está pintando de mocinho da história quando tem aquela tal de Blake esperando por ele!

— *Luke me garantiu que nunca te traiu!*

— Claro, acredite nele e me coloque como vilã da história!

— *Mas o que o Toby tem a ver com tudo isso?*

— Olha, mãe, estou confusa. Talvez eu realmente tenha cometido um grande erro o trocando por Luke. Veja como tudo acabou!

Minha mãe ainda insistiu em querer saber mais como eu me sentia, mas eu a interrompi e desliguei.

Como explicar a ela o que eu nem mesma entendia?

Laurel dizia não ter ficado surpresa.

— Eu acho que vocês eram muito jovens e não tinham maturidade para lidar com o comprometimento que um casamento e filho exigem. Tudo aconteceu muito cedo e muito rápido.

Talvez ela tivesse razão.

Eu continuava a trabalhar, mas não via mais graça em nada. O trabalho se transformara apenas num local onde eu podia me distrair e esquecer em como minha vida ia se transformado numa sucessão de dias vazios.

Eu sentia falta de Luke.

Essa era a única verdade que eu sabia.

Mas eu ainda sentia raiva por pensar que ele tivera tão pouca confiança no meu amor por ele, a ponto de me engravidar de propósito. Não que eu me arrependesse de Riley, mas não tinha como negar que nosso casamento acontecera por causa disso.

Será que teríamos ficado juntos tanto tempo se não fosse por ela?

Será que, seguindo o rumo normal, nosso amor teria durado? Ou teria se esfacelado com o tempo muito antes deste fatídico fim?

Mas nós tínhamos ficado juntos todos estes anos, aos trancos e barrancos, mas tínhamos. E estar sem ele, sabendo que agora era para sempre, doía demais. E eu me perguntava se aquela dor ia passar. Se um dia eu acordaria e perceberia que minha separação fora para o meu bem. Para o

nosso bem.

E me indagava o que estaria acontecendo com Luke.

Ele se mudara para um apartamento não muito longe em Manhattan e era só o que eu sabia. Me matava a curiosidade para saber se ele estava aproveitando que estava livre para ficar com outras mulheres. Se Blake teria se aproximado. Mas eu tinha medo da resposta.

E também havia Toby.

Eu havia contado a ele que me separara de Luke e Toby perguntara se eu queria conversar sobre aquilo, eu declinara. Não parecia certo falar de Luke com Toby.

Mas às vezes eu me pegava pensando nas acusações de Luke, na raiz de sua insegurança. Eu nunca traíra Luke com Toby. Não do jeito que Luke tinha medo. E nunca me passara pela cabeça largar Luke e voltar para Toby.

Não até Luke jogar na minha cara essa possibilidade.

Será que eu tinha mesmo algum tipo de sentimento mal resolvido com meu ex-namorado?

— Ella, está tudo bem? — Toby olhou para mim no elevador onde estávamos. Eu não tinha percebido que estava o encarando fixamente até ele me flagrar.

Fiquei vermelha e sacudi a cabeça.

— Me desculpe, estava com o pensamento longe.

— Você está estranha. — Ele ficou sério. — Desde que se separou não parece bem. Eu me preocupo com você.

Eu sorri tristemente.

— Não vou mentir que estou bem, Toby.

— Eu estou aqui se quiser conversar.

Nós saímos para a rua movimentada. A tarde caía em Nova York.

Eu o encarei. Era tentador. Poder desabafar.

Mas eu não estava preparada.

— Eu vou ficar bem — olhei a hora —, preciso ir.

— Claro. Nos vemos amanhã.

Eu fui para minha casa vazia, porque Riley estava com Luke ainda.

Tomei um banho e quando voltei para o quarto, meu celular estava tocando. Vi o número de Ramona.

Ela me ligava muito e eu a ignorava.

Mas hoje estava me sentindo sozinha e resolvi atender.

— Oi, Ramona.

— *Oi, Ella, finalmente consigo falar com você!*

— Eu ando ocupada... — desconversei.

— *Querida, é verdade que está se separando do Luke? Ouvi boatos e não pude acreditar!*

— Sim, é.

— *Ah, eu podia dizer que é uma pena, mas acho que fez o certo!*

— Ramona...

— *Me desculpa, Ella, mas é verdade! Sabe que nunca acreditei que essa sua história com o Luke fosse dar certo! Ele não vale um centavo!*

— Ramona, não fale do que não entende... — Tentei cortá-la, mas ela continuou.

— *Sabe que eu o conheço antes de você! Luke sempre foi um safado mentiroso! Todos os homens são! Sabe que o Félix me trai, né? Eu só aguento, porque não quero sair desse casamento sem nada! Espero que você esteja arrancando tudo do Luke e não deixe nada para aquela vadia platinada, a tal Blake.*

— O que sabe de Blake? — Senti um calafrio.

— *Ah, quem não sabe? Félix a conhece. Uma vaca! Todo mundo sabe aí em Nova York que ela é louca por Luke. Certeza que devem estar*

dormindo juntos agora que você o mandou embora! Aposto que estava dormindo antes de se separarem...

— Você está fazendo intriga, Ramona. — Minha voz tremeu.

— *Não estou não! Há duas semanas Félix estava aí em Nova York e viu Luke acompanhado dessa loira num baile beneficente. Ela com o braço enganchado nele, toda com ares de dona!*

— Está mentindo... — Comecei a tremer.

— *Não quer acreditar em mim, não acredita, mas no fundo você sabe que eu estou falando a verdade. Luke nunca foi um santinho e essa Blake não dá ponto sem nó pelo que eu percebi...*

— Você não sabe de nada...

— *Ah, querida, eu sei que está sofrendo, eu sinto muito, mas devia ter seguido meus conselhos e nunca deixado o Toby. Acredite, está melhor agora sem o Luke. Pode consertar o erro, nunca é tarde. Olha, se quiser, eu posso ir para Nova York, podemos ficar juntas, você me conta tudo, eu vou te ajudar...*

— Não, Ramona.

— *Por favor, Ella.*

— Eu preciso desligar.

Terminei a ligação e respirei fundo, engolindo o nó na minha garganta.

Então Luke não perdera tempo em desfilar com Blake por aí?

E onde mais ele a estava levando? Para sua cama?

E até quando eu ia continuar sofrendo?

De repente me senti tão sozinha e perdida...

Peguei o telefone e disquei um número.

— Obrigada por ter vindo, Toby — murmurei o encarando no outro

sofá.

Ele sorriu.

— Fiquei surpreso com sua ligação.

— Eu pensei no que disse, sobre conversarmos.

— Sim, eu fico triste de vê-la assim. A conheço há tanto tempo, Ella, é difícil vê-la sofrendo e não poder fazer nada.

Eu respirei fundo e comecei a contar meus problemas com Luke.

— Eu relutei em contar tudo isso a você — eu disse por fim — porque não achava certo...

— Eu entendo.

— Eu fiquei muito confusa. As acusações de Luke... Não pareciam fazer sentido, mas fiquei pensando que talvez eu tenha errado em manter você por perto. Que de alguma maneira eu não consegui me livrar de vez do que tínhamos — confessei de olhos baixos.

Toby se aproximou e tocou minhas mãos e me fez encará-lo.

— Ella, eu sempre vou te amar.

Mordi os lábios para não chorar.

— Mas o amor tem várias formas. Eu estaria mentindo se dissesse que não quis que fosse minha para sempre quando nos apaixonamos na adolescência. Talvez tivéssemos ficado juntos mesmo, se não tivesse conhecido o Luke.

— Acha que estaríamos juntos? — murmurei e a pergunta que pairava no ar era “Será que ainda devemos ficar?”.

— Quem sabe?

— Eu me sinto horrível por pensar que tenha errado tanto.

— No que você acha que errou tanto? Comigo? Com Luke?

— Com tudo. Eu me apaixonei por Luke e fiz você sofrer. Eu... simplesmente não pude resistir... Eu tentei tanto, mas era como uma força da

natureza que me levava para ele.

— E você foi.

— Sim. Eu fui. E pareceu tão certo... Mas eu sentia sua falta também. Não digo como um namorado, mas como uma pessoa importante. E então você voltou e podíamos ser amigos e pareceu perfeito. Eu podia ter... tudo. Mas eu não tinha percebido o quanto isso estava envenenando Luke... Ele tinha medo o tempo inteiro... Ele achava que eu iria abandoná-lo por você.

— Não acho que você pensou nisso. — Era uma afirmação.

— Não, não pensei.

— Disse isso a ele?

— Claro que sim, mas não foi suficiente.

— Talvez não tenha dito com convicção. — Ele me encarou atentamente. — Por que estou aqui, Ella?

Por um momento eu não soube o que dizer.

Então eu entendi.

Eu estava testando.

Eu trouxe Toby ali para saber o que ele sentia em relação a tudo isso.

Para saber o que eu sentia.

E todas as possibilidades estavam no ar.

O passado, o presente e o futuro estavam na minha frente.

E a decisão era minha.

Antes que eu pudesse falar o que fosse a porta se abriu e Luke entrou com Riley no colo, adormecida.

Primeiro ele olhou para mim. E depois seu olhar recaiu em Toby, sentado em outro sofá. E seu rosto fechou.

— Luke. — Levantei me perguntando por que diabos eu sentia aquele rubor de culpa no meu rosto. Não estava fazendo nada demais. Mas claro que para Luke a presença de Toby ali significava outra coisa.

— Eu vou colocá-la no quarto... — Ele passou por nós pisando duro e eu encarei Toby.

— Acho melhor eu ir embora... — Toby se levantou. — Acho que Luke não gostou muito de me ver aqui.

— Não precisa...

— Eu preciso sim.

— Tudo bem. Nos vemos amanhã.

Toby se foi e eu recolhi os copos e levei para a cozinha, lavando-os. Precisava me manter ocupada para esquecer que Luke estava ali. Provavelmente ele iria embora sem nem falar comigo.

Mas eu estava errada. Ouvi seus passos atrás de mim, mas não me virei.

— Só vim dizer que amanhã à noite eu pegarei a Riley para sairmos.

— Não.

— O quê?

Eu suspirei, ensaboando o mesmo copo pela enésima vez.

— Ela vai dormir na casa de uma amiguinha. Quero que ela tenha uma vida normal, como qualquer criança.

— Para você ficar sozinha com seu namoradinho de adolescência?

— Não estou ouvindo essa idiotice! — Eu me virei irada.

— Por que, não é verdade? Não aproveitou que ela não estava aqui hoje para trazê-lo? Pena que eu estraguei o plano de vocês...

Eu me irritei.

— Você não sabe o que está dizendo!

— Você o leva para nossa cama, Ella?

— Cala a boca! — gritei. — É melhor você parar agora com isso! Eu não sou obrigada a ficar ouvindo este monte de...

— E eu não sou abrigado a aguentar calado você trazer ele para

dentro da nossa casa!

— Não devo mais satisfação a você! Não é meu dono, não é nada meu!

— Não? — E ele me puxou pelos cabelos, esmagando a boca na minha.

O copo caiu e se espatifou no chão entre nós e eu bati meus punhos fechados em seu peito, molhando sua camisa, mas Luke não me soltou. Apenas seu braço livre me prensou ainda mais contra ele e contra a pia atrás de mim. A língua invadindo minha boca. Era um beijo punitivo, agressivo. Mas não importava. Era um beijo de Luke e ainda tinha o melhor gosto do mundo. Eu gemi sentindo minha raiva se transformar em desejo. E meus punhos se abriram para grudarem em sua camisa.

E nada mais importou quando suas mãos urgentes começaram a tirar minhas roupas e eu fiz a mesma coisa com as dele. Nem sei como chegamos ao quarto. Apenas senti os lençóis frios contra minhas costas e seu bem-vindo peso sobre mim. A boca devorando a minha em beijos molhados, as mãos acariciando meu corpo, queimando minha pele, excitando a nós dois. E eu só pensava em como sentira falta de ele estar exatamente assim, dentro de mim. Movendo-se rápido e urgente e me arrastando com ele para um clímax tão intenso quanto efêmero.

Depois veio o vazio. E o pior de tudo eu nem estava arrependida. Havia uma parte de mim que queria que ele me abraçasse e dissesse que tudo ia ficar bem.

Eu queria dizer tantas coisas, tantas. Mas o abismo entre nós era imenso e inevitável. Algumas atitudes eram impossíveis de voltar atrás. Eu fiquei com uma vontade imensa de chorar, quando ele se afastou de mim.

E agora o quê? Íamos continuar a briga? A falar de Toby? Eu só queria achar uma saída para aquela confusão. Era para tudo ficar melhor que

eu tomara aquela decisão, não era? Então por que tudo parecia pior agora?

— Me desculpe — ele quebrou o silêncio.

Talvez houvesse alguma... chance de uma conversa civilizada? Mas suas palavras depois desfizeram minhas expectativas acabarem.

— Isso não devia ter acontecido.

Fechei os punhos com força. Ele estava arrependido e eu queria bater nele por isso. Mas apenas puxei um lençol sobre mim.

— Acho melhor ir embora. Não quero que a Riley te veja aqui e fique confusa — falei com frieza.

— Você tem razão — respondeu se levantando e vestindo as roupas.

E sem olhar para mim, ele se foi. E só então eu me permiti chorar.

— Me desculpe por ontem — falei para Toby quando me juntei a ele no escritório no dia seguinte.

Ele me estudou atentamente.

— Não se desculpe. Você não parece bem.

Sabia que minha aparência era péssima e que nem a maquiagem conseguia esconder uma noite mal dormida.

— Eu não sei mais o que fazer — murmurei tristemente.

— Vá para casa, Ella.

— Não posso, temos trabalho a fazer.

— Você sabe bem que sou eu que ando mantendo essa equipe em pé. Você está absorta e triste o tempo inteiro.

— Eu sinto muito, eu vou melhorar, eu...

— Não, Ella, precisa dar um tempo aqui e cuidar da sua vida.

— Isso aqui é minha vida!

— Não. Isso é seu trabalho. E está se mantendo aqui apenas para não tomar decisões em relação a sua vida de verdade.

Eu não tinha como refutar aquela afirmação.

Mas se eu fosse para casa, o que me aguardava lá?

Do que teria adiantado tudo o que eu fiz se desistisse?

— Você está perdida, Ella. E está procurando respostas no lugar errado.

Eu o encarei fixamente.

— Por que acho que quer dizer muito mais do que disse?

Ele sorriu e tocou meu rosto.

— Porque é verdade. Você está tentando acreditar que ainda temos uma chance. Que talvez você tenha errado em me trocar pelo Luke. Não posso negar que houve um tempo que eu acreditei nisso também. Que eu até torci para você fazer exatamente isso que está fazendo agora: largando ele e olhando para mim. Mas o tempo passa, Ella. Até para mim. Eu não podia continuar amando você daquele jeito. Eu tive que aprender a amar você como um amigo. E é porque eu te amo deste jeito, que eu acho que talvez nós precisemos nos afastar.

— Nos afastar?

— Sim. Você precisa estar sozinha para se achar. Para saber quem quer ser. E o que você realmente quer.

Vinte e sete

Setembro de 2019

Fazia um mês que eu tinha saído do meu trabalho.

Eu tinha relutado em deixar meu emprego e conseqüentemente me afastar de Toby, mas estava tão angustiada e sem saber o que fazer que acabei acatando seus conselhos. Eu voltei para casa e passei a dedicar meu tempo a Riley e a tentar achar um rumo para minha vida.

Desde que Luke tinha ido embora depois de brigarmos e transarmos, eu não o vira mais.

Queria acreditar que era melhor assim, mas só sofria mais.

Perguntava-me o que ele estava pensando. Certamente, ele devia saber que eu saí do trabalho. Eu contei para Laurel e ela deve ter contado a ele. Não entrei em detalhes dos meus motivos ou sobre o fato de eu ter também parado de ver Toby, mas acho que ele devia chegar às suas próprias conclusões e eu me perguntava a que conclusão Luke chegara.

Numa manhã quente de fim de verão, decidi que já estava na hora de parar de evitá-lo. Não poderíamos ficar assim para sempre.

Luke costumava levar Riley na casa de Laurel quando ela voltava dos dias que passava com ele, então eu me certifiquei de estar lá quando aparecesse.

Laurel levantara a sobrancelha quando eu disse que não iria embora e sorria ironicamente quando a campainha tocou.

— Acho que deve abrir a porta então.

Ela subiu as escadas e eu fui abrir a porta.

Luke me encarou surpreso quando me viu e Riley passou correndo

por mim.

— Oi, mamãe, cadê a tia Laurel? Quero mostrar minha boneca nova para ela!

— Ela está lá em cima — respondi e Riley subiu as escadas correndo.

Voltei minha atenção para Luke e cruzei os braços em frente ao peito, esboçando um pequeno sorriso de encorajamento.

— Oi, Luke, como vai?

— Não sabia que a veria... Aqui.

— Bem, eu tenho tempo livre agora... Deve saber — pesquei.

— Sim, Laurel me contou que não está mais trabalhando.

— É, eu dei um tempo.

Ele assentiu.

“Fale alguma coisa. Por favor.”

— Eu queria mesmo... Conversar algo com você — ele disse passando os dedos nervosos sobre os cabelos.

— Mas achei que depois da última vez que nos vimos... deveria querer distância.

— Eu sei, eu só queria... Pedir desculpas... Pelas coisas que eu disse naquela noite... Sobre você e o Toby.

Isso era inesperado.

— Eu disse coisas... — ele continuou — horríveis e você tem razão. Não sou seu dono.

— Luke, eu... — Deus, o que eu podia dizer? — Tudo bem. Isso não tem mais importância.

— Eu não quero que nós... Que fique esse clima de briga... Não faria bem para Riley.

— Eu sei. Eu quero a mesma coisa.

Ele deu um pequeno sorriso.

E pronto. Bastou para eu sentir meu mundo cinza e escuro ganhar cores novamente.

De novo eu era como aquela menina de dezoito anos que entrava na sala dele e sentia o coração batendo mais forte com um simples sorriso.

— Bem, eu preciso ir. Tchau, Ella. — Luke se afastou e eu fiquei olhando, sentindo as cores indo embora com ele.

— Não entendo como pode ficar aí sem fazer nada se ainda olha para ele desse jeito — Laurel disse ao meu lado e eu fiquei vermelha.

— O que eu posso fazer, Laurel?

Ela subiu os ombros.

— Você que tem que saber.

Eu dirigia para casa pensativa naquela tarde, lembrando das palavras de Laurel.

Talvez já tivesse na hora de eu parar de adiar o inevitável.

Eu e Luke precisávamos conversar.

Afinal, nada de oficial fora dito ainda.

A palavra feia “divórcio” não fora citada uma única vez nem da parte dele e nem da minha. E eu sabia que talvez a razão de eu fugir de uma conversa definitiva fosse esta. Mas também não podia fugir para sempre.

Então, eu dirigi até a AJ e a recepcionista sorriu ao me ver.

— Olá, Senhora St. James, como vai?

Eu me perguntei se os funcionários faziam alguma ideia de que eu e Luke estávamos separados.

— Olá, eu vou subir, ok?

— Claro, fique à vontade. — A moça sorriu.

Eu entrei no elevador e estava saindo no andar da diretoria quando parei ao ver nada menos do que Toby com alguns executivos.

— Toby?

— Oi, Ella. — Ele se aproximou e os homens se afastaram.

— O que diabos está fazendo aqui?

— Eu trabalho aqui agora.

— Como é?

— A AJ Investments comprou a firma em que trabalhamos, Ella.

Eu arregalei os olhos em choque.

— O quê? Quando? Como assim?

— Sim, eu também achei bem estranho, mas sou apenas um funcionário e este é meu trabalho. Então, aqui estou.

— Quando isso aconteceu?

— Havia rumores há algumas semanas e a fusão foi há três dias. Estamos começando aqui hoje.

Eu simplesmente não conseguia acreditar. Por que Luke fizera aquilo?

Não fazia sentido!

— Ella?

Eu congelei ao ouvir a voz de Luke atrás de mim e me virei.

— O que está fazendo aqui?

— Eu... eu... Me desculpe, estou chocada ainda por ver o Toby!

— Sim, ele trabalha aqui agora.

— Que ironia, não é? — Eu estava sentindo certa raiva por não estar entendendo nada. — Posso saber que diabos está acontecendo?

— Ella... — Toby tocou meu braço e os olhos de Luke queimaram.

— Toby, não abuse da minha paciência — Luke rosnou e Toby deu um passo atrás. — Acho que você deve ter trabalho a fazer, não?

— Claro — Toby respondeu simplesmente e se afastou pelo corredor.

Eu encarei Luke, irritada.

— O que foi isso? É algum tipo de brincadeira? O que o Toby está fazendo trabalhando aqui? Você o odeia!

— Acho que precisamos conversar, Ella, mas aqui não é o lugar e nem agora é o momento — disse seriamente.

— Eu vim mesmo para conversarmos e me deparo com isso! Eu só quero entender o que está havendo!

— Sim. Tem razão. Nós precisamos conversar, mas eu tenho uma reunião agora.

— Luke, já estamos prontos.

Eu me virei ao ouvir a voz de Blake Albert.

Ah claro, aquela bruxa ainda existia.

Isso fez minha raiva piorar.

— Oh, olá, Ella. — Ela sorriu.

Eu continuei séria.

— Blake, me espere na sala, eu já vou — Luke pediu.

— Claro.

A loira se afastou e eu fitei Luke com raiva.

— Tem razão. Eu não deveria estar aqui — exclamei —, quando estiver pronto para me dizer que diabos está pretendendo, me avise!

— Ella... — ele me chamou, mas eu já me afastava pelo corredor pisando firme.

Naquela noite, Luke me ligou.

Tive vontade de não atender, mas aquilo seria infantil.

— Oi, Ella.

— Luke — respondi seca.

— *Eu queria saber se podemos conversar amanhã.*

— Amanhã? Que horas? — comecei a sentir uma comichão de antecipação.

Medo e ansiedade valsando dentro de mim.

— *À noite. Eu tenho que ir para Hampton amanhã.*

— Ah — eu me senti decepcionada. Hampton era aonde íamos juntos. E agora ele estava indo para lá sozinho. Era triste.

— Certo. Eu te espero amanhã à noite.

Desliguei e fiquei olhando para o nada.

Então amanhã seria a hora da verdade. Mas e se fosse apenas o fim de verdade agora? Senti meu coração afundando no peito e dificuldade para respirar.

Mas por que teria que ser o fim?

Será que eu poderia fazer alguma coisa para mudar aquele final inevitável?

Como se fazia para apagar todos os erros?

Será que seria possível passar por cima de tudo e começar de novo?

Zerar nossa história.

Eu fui dormir rezando para um sinal.

Na manhã seguinte eu acordei enjoada.

Algo se insinuou na minha mente. Meu coração falhou.

Fiz as contas.

Sim, era possível.

Deixei Riley dormindo e fui até uma farmácia e comprei um teste.

Enquanto esperava a maldita cor mudar, eu roía as unhas. Ia ser negativo. Como em todas aquelas vezes que eu ansiara que fosse diferente. Era apenas mais um teste. Mas meu coração parou quando desta vez foi diferente.

Tinha dado positivo.

Tantas coisas passaram pela minha cabeça naquele momento. Tanta confusão de sentimento. Eu estava grávida. Eu e Luke íamos ter outro bebê.

Será que aquele era o sinal que eu estava esperando?

Um novo bebê seria um motivo para continuarmos juntos, apesar de tudo?

Poderíamos perdoar um ao outro e começar de novo?

Ah, Deus, eu queria tanto, tanto!

Eu precisava contar a Luke. E então tudo poderia ser como antes, não poderia? Eu senti um sopro de esperança. Tinha dado certo uma vez não tinha? Podia dar certo de novo. Talvez esta fosse a forma de consertar as coisas.

Sem pensar muito, fui para o quarto de Riley e a peguei no colo. Ela resmungou um pouco, mas continuou dormindo. Eu a coloquei no carro e dirigi até a casa de Laurel. Ela ficou muito surpresa ao me ver.

— Ella, algum problema?

— Não, quer dizer, eu preciso fazer uma viagem é e urgente. Será que Riley pode ficar aqui?

— Claro que sim.

Coloquei Riley no sofá e ela acordou.

— Mamãe?

— Querida, eu tenho que fazer uma viagem, mas volto logo. Você vai ficar aqui com a tia Laurel, ok?

— Eu quero ir também.

— Não, não pode. Mas eu voltarei logo. — Beijeí sua testa. — Amo você.

Entrei no carro e dirigi até Hampton para encontrar Luke.

Estacionei em frente à imensa casa branca e saí do carro.

Respirei fundo e entrei na casa silenciosa.

Caminhei pelos cômodos do andar de baixo à procura de Luke, mas não o encontrei.

— Luke? — chamei subindo as escadas.

Entrei em nosso antigo quarto, mas também estava vazio. Não havia sinal dele naquele quarto. Rumei para os outros quartos, abrindo as portas, mas todos estavam arrumados. Desci e disquei o número do celular de Luke. Era óbvio que ele não estava na casa. Mas apenas chamou e caiu na caixa postal. Não deixei recado. O que eu tinha para falar só podia ser dito pessoalmente.

Comecei a sentir um aperto de inquietação.

No caminho até ali, eu me sentia mais ansiosa do que qualquer coisa. Queria chegar logo e dizer tudo a Luke. Queria poder olhar em seus olhos e... o quê? Pedir para voltar? Meu estômago doeu. Comecei a me sentir sufocada e saí da casa. Ignorando o vento frio, caminhei pela areia, sentei em frente o mar e esperei.

Horas se passaram acho. O céu fechou.

Nuvens negras se aproximavam no céu da tarde.

Ouvi o barulho do carro se aproximando e parando em frente a casa e senti meu coração disparar. Levantei-me e me virei no exato momento em que Luke me viu. Seu semblante era indecifrável, quando caminhou até mim.

— Ella? O que faz aqui? — indagou tenso.

Eu me senti subitamente nervosa. Um vento mais forte varreu meu cabelo, me cegando e tentei tirá-lo do rosto.

— Preciso falar com você — falei por sobre o vento.

— A Riley está bem?

— Sim, está na casa da Laurel. Eu... Acho que não podemos mais adiar nossa conversa, preciso falar com você agora...

— Agora? — Ele olhou em direção a casa e foi então que eu a vi.

Blake Albert.

Senti o chão sendo tirado dos meus pés.

— Ah, agora entendo — murmurei — Você está aqui com ela... Ah

Meu Deus...

— Ella, não...

A chuva começou a cair, mas a tormenta que se formava dentro de mim era mais perigosa do que a tempestade que começava a cair em cima de nós.

— Então era sobre ela que queria falar comigo? Ia fazer o quê? Ia pedir o divórcio?

— Ella, por favor, está entendendo tudo errado...

— Errado? Você que fez tudo errado. E eu ainda acreditando que podíamos dar certo — murmurei com amargor. — Eu vou embora. Pode fazer bom proveito dessa casa com sua namoradinha! Bem que Ramona tentou me alertar... Pois quem quer o divórcio sou eu!

— O quê? Ella, para com isso, vem, vamos entrar.

Segurou meu braço, mas eu o soltei com um safanão.

— Não ponha a mão em mim! Não tem mais sentido continuar adiando. Acabou!

Acabou.

Comecei a tremer.

O mundo desaparecendo a minha volta.

Lutei para respirar. Eu estava cega. E vazia. Onde antes havia esperança, agora havia só a dor profunda.

Eu me virei, ignorando os pingos grossos que caíam sobre mim.

— Ella! — Ouvi sua voz atrás de mim.

Por um momento, tive vontade de me virar e dizer a ele o que tinha ido fazer ali, mas desisti. Não havia mais nada dentro de mim.

Desejei por um momento nem estar grávida. Estava tudo perdido. Irreversivelmente.

— Ella, não pode dirigir neste tempo.

Ainda o ouvi me chamando através da tempestade, mas ignorei, entrando no carro e dando partida. Eu mal via a estrada, tamanha era a chuva, mas prossegui. Pisei fundo no acelerador, querendo manter a maior distância possível entre mim e o que ficara para trás.

Minha vida.

As lágrimas me cegaram e solucei enquanto as horas prosseguiram e o dia virava noite. E então eu não sei bem quando perdi o controle.

Se foi a luz do outro carro com o farol alto em minha direção.

Se foi a estrada escorregadia.

O carro já não estava sob meu comando e a última coisa que eu ouvi foi a buzina alta de outro veículo, quando saí da estrada.

E depois a escuridão.

Vinte e oito

Voltei ao presente.

Estava deitada sobre o tapete frio em posição fetal. As mãos sobre meu ventre vazio, o meu último pedido fora concretizado ao final.

Eu perdi o bebê.

As lágrimas vieram amargas.

Chorava por tudo. Pelo passado que não podia ser mudado. Pelo presente que eu tinha estragado. Pelo bebê que eu quis mais que tudo e que não existia mais.

Por tudo o que eu e Luke tínhamos estragado.

Eu me lembrava da dor de vê-lo com Blake na nossa casa antes do acidente. Da dor de saber que Ramona tinha razão...

Mas onde estava Blake agora? Onde estava Blake em todos aquelas semanas depois do meu acidente? Por que Luke quis ficar comigo, mentir que ainda éramos casados e felizes?

Nada fazia sentido.

— Ella.

Ouvi sua voz na minha mente. Não, não era na minha mente. Abri os olhos e ele estava ali. A poucos metros de distância.

Eu me sentei, o fitando através dos olhos inchados.

— Eu o perdi — murmurei num fio de voz.

— Você lembrou...

Sacudi a cabeça afirmativamente.

Seus olhos sobre mim estavam marejados de pesar. E eu senti de novo o nó na minha garganta.

— Eu desejei não estar grávida... quando eu o vi com Blake, eu quis...

— Um soluço se formou dentro de mim e cobri o rosto com as mãos.

— Ella... — Sua voz chegou até mim cheia de angústia.

— Por que não me disse? — Eu o encarei.

— Eu não queria que você sofresse... eu... — Passou a mão pelos cabelos num gesto nervoso. — Eu me sentia culpado por tudo o que tinha acontecido, por ter deixado você ir...

— Eu fui te contar que estava grávida — dei de ombros —, eu achava... que podíamos começar de novo... que haveria uma segunda chance...

— Foi você quem me mandou embora — acusou.

— Por isso ficou com a Blake?

— Eu nunca fiquei com a Blake!

— Eu o vi com ela, Luke.

— O que você viu?

— Estava com ela na nossa casa...

— Sim, ela estava lá e se não tivesse fugido veria que mais algumas pessoas também estavam.

— Não, eu não vi ninguém... — murmurei confusa.

— Eu estava numa reunião com Ross. Lembra dele?

Sim, eu me lembrava do amigo de faculdade de Luke.

— Sua esposa Liv também estava presente. Ele estava negociando a compra da parte da Blake na AJ Investments.

— O quê? — indaguei surpresa.

Luke deu alguns passos em minha direção.

— Eu passei todos estes meses avaliando meu erros, Ella. E havia muitos deles. Alguns eu sabia que podiam ser consertados. Então, eu disse a Blake que não podíamos mais ser sócios.

— Não são mais sócios?

— Não. Ross é meu sócio desde então.

— Por quê?

— Porque eu percebi que tinha razão. Eu e Blake tínhamos uma história e isso sempre ficaria entre nós. Talvez ela realmente tivesse uma ideia errônea que as coisas poderiam ser como antes.

— Ramona disse que Félix os viu juntos em uma festa...

— Claro, Ramona e seu veneno, como pode acreditar nela ainda? Quantas vezes eu te disse que ela apenas tem inveja de você? Félix pediu o divórcio e ela é uma mulher infeliz e quer que você seja infeliz também.

— Mas você estava com a Blake.

— Sim. Com Blake e outros funcionários da empresa.

— Mas você pensou nela como uma possibilidade. Pensou que seria melhor ter ficado com ela em vez de ficar comigo...

— Eu queria te magoar. Eu estava com raiva e inseguro achando que você tinha dúvidas sobre mim! Mas nada estava acontecendo com a Blake, acredite em mim.

— Quer que eu acredite em você, mas não acredita em mim sobre Toby...

— Eu estou tentando, inferno, eu até o coloquei para trabalhar comigo para provar a você que eu o aceitava em sua vida!

— Foi isso o que fez? — indaguei incrédula.

— Sim. Eu comecei a entender que grande parte da culpa de nosso fracasso foi minha insegurança e meu ciúme. Eu errei em não confiar em nós dois. E isso se tornou tóxico para nós dois. Fez com que eu abusasse de você. Que tomasse decisões que deveria caber a você primeiro, como a gravidez.

— Eu também errei tanto, Luke... Eu continuei perto de Toby sem perceber que isso o afetava tanto... Mesmo quando colocou as dúvidas na minha cabeça, mesmo quando percebi que eu estava errada... Mas eu juro que

nunca aconteceu nada entre nós...

— Eu sei.

— Sabe?

— O Toby me falou. Ele me procurou e disse que nunca houve nada entre vocês e que eu era um tolo por não tentar reconquistá-la.

— Apenas fiquei confusa depois que você me deixou... Mas eu nunca quis o Toby de verdade depois de você... Eu sentia tanto a sua falta... Quando eu descobri que estava grávida, eu fiquei feliz. Eu queria que voltássemos a ficar juntos. Tínhamos feito isso uma vez, podíamos fazer de novo... Mas aí eu vi a Blake e achei... Sabe como eu me senti? Eu estava destruída quando entrei naquele carro... e eu matei o nosso bebê...

Luke se ajoelhou na minha frente e me segurou.

— Não diz isso... Não foi sua culpa...

— Mas eu quis que ele morresse... a culpa é minha se eu o perdi...

Eu chorava e Luke também chorava.

— Eu fui atrás de você. Mas era tarde. Eu não sabia... do bebê. Quando o médico me disse... a culpa foi minha, devia tê-la impedido de entrar no carro.

Sacudi a cabeça em negativa.

— Não... Não teve culpa... Foi tudo uma grande confusão. E acho que isso foi o resumo de nossa vida nesses últimos anos, não é?

Ele me soltou, nós parecíamos cansados como se tivéssemos corrido uma maratona. Era um cansaço emocional. Ficamos sentados lado a lado, nossas cabeças encostadas na parede.

— Tudo o que eu queria era voltar no tempo — ele murmurou — e ter uma chance de consertar tudo. De achar um jeito de ter você de volta. Quando você acordou e não lembrou... eu me senti dilacerado, mas ao mesmo tempo, era uma segunda chance. Eu teria uma chance de conquistar você de

novo. De ter seu amor de volta. Sem toda aquela tonelada de erros que tínhamos acumulado.

— Acho que a amnésia foi o jeito que minha mente achou para escapar de todos os problemas.

— Problemas que não existiam antes de você me conhecer.

Fitamo-nos com um rio de lembranças entre nós... Tanta coisa perdida...

— O que vai acontecer agora? Acha que ainda... há uma chance para nós? — indaguei num fio de voz.

Sua mão encontrou a minha.

— Desde que eu te conheci, eu não penso em ninguém mais. Não tem mais ninguém para mim. Eu esperei durante meses que visse isso e aceitasse o que era inevitável. Esperei você se lembrar de mim depois do acidente... Eu sempre espero por você. — E ele sorriu aquele sorriso mais lindo do mundo. Mesmo sendo um sorriso triste. — Mas acho que não devemos ficar juntos agora.

— Eu amo você, Luke. Acho que sempre amei, mesmo quando devia ter raiva... Mesmo sem me lembrar de você... — Eu sorri de volta. O mesmo sorriso triste. — Tem razão, não podemos ficar juntos. Não tem como passar por cima de tudo. Como você mesmo disse, nós abusamos demais de nós mesmos. Nos tornamos tóxicos um para o outro. Minha mente escolheu esquecer tudo isso, mesmo meu amor por você permanecendo no meu coração. Mesmo meu corpo reconhecendo que era seu. Mas agora eu sei. Agora eu me lembrei que só amor não é suficiente.

Luke levou minha mão a seus lábios. Fechei meus olhos marejados, sentindo seu toque tão precioso. Desejando, talvez pela última vez, com aquela inocência que eu tive um dia, que isso fosse suficiente.

Não era.

Luke errou demais.

Eu errei demais.

E isso era impossível de esquecer agora.

Vinte e nove

Em algum momento depois de nossa epifania, eu devia ter adormecido, pois acordei sozinha em minha cama na manhã seguinte. Não me lembrava que Luke tinha me levado para lá, mas não importava. Por um momento, permaneci deitada, olhando o teto, ainda sentia dor de cabeça, provavelmente ainda resquício de ter todas as lembranças invadindo minha mente como um mar em ressaca invadindo a areia.

Agora não havia mais espaços vazios.

Estava tudo ali.

O bom e o ruim. O feio e o bonito.

O amor e a raiva.

Tudo misturado, esperando que eu tomasse algumas decisões e seguisse em frente.

Eu só não sabia como faria isso ainda.

Havia um lado meu, aquele que passara os últimos dias com Luke em Hampton, me apaixonando por ele de novo, por todos as coisas incríveis que poderiam vir dele, que queria esquecer — desta vez conscientemente — nosso passado obscuro. Que queria reviver aqueles dias idílicos na praia.

Mas havia aquele lado calejado. Aquele que ficou sete anos correndo em círculo em um relacionamento tóxico, que sabia que o tempo do esquecimento tinha passado.

Agora era hora de seguir em frente, com os olhos e a mente bem abertos.

— Mamãe... — Riley entrou no quarto arrastando os pezinhos no chão, os cabelos bagunçados e o rostinho sonolento.

Jogou-se ao meu lado e eu a abracei. Lembrando-me que eu não

estava sozinha. Que havia alguém que precisava de mim. E precisava de uma mãe. Eu precisava achar o caminho. Por mim. E pela minha filha.

Como minha mãe disse naquele Natal, às vezes a vida toma um rumo tão assustador quanto maravilhoso e a nós só resta vivê-la da melhor maneira possível.

Luke nunca deveria ter tomado a decisão da concepção de Riley sozinho, muito menos moldado por sua insegurança. Mas eu nunca poderia me arrepender de Riley. E era minha filha. Eu sei que fora meu medo daquela responsabilidade que me fizera tomar algumas decisões não tão certas. No fundo, eu tinha medo de ficar como minha mãe, tolhida pela maternidade, incapaz de realizar seu sonho até que a filha fosse adulta.

Mas qual era meu sonho?

De repente me dou conta que, diferentemente da minha mãe, eu não tinha um grande sonho. Talvez eu nunca tivesse. Ou talvez eu ainda tivesse que descobrir.

— Estou com fome, mamãe — Riley murmurou e beijei seus cabelos.

— Então vamos comer, meu amor. Você precisa se arrumar para ir à escola.

Ela reclamou, mas consegui que se arrumasse.

E estava lhe dando café da manhã quando a porta se abriu e me surpreendi ao ver Laurel entrando.

— Oi tia! — Riley sorriu com a boca cheia de cereal e sem me conter, me aproximei de Laurel e a abracei, como se não a visse havia muito tempo.

— Ei, o que foi isso? — Laurel questionou meu súbito arroubo de afeto.

— Nada, apenas feliz de te ver de novo... como antes.

— Ah, Luke me disse que lembrou. — Ela sorriu. — Também estou feliz.

— Ele disse?

— Sim, ele me ligou e pediu que viesse buscar a Riley para levá-la à escola. Disse que tinham algumas coisas para resolver e que viria falar com você.

Ah, o que será que Luke estava pensando que tínhamos que resolver?

Bem, certamente que tínhamos muitas pontas soltas ainda sobre tudo.

Sentia-me um pouco apreensiva, mas não era nada angustiante, o que era um alívio.

Na verdade, me sentia limpa. Aberta.

Como um grande quadro em branco.

Pronta para o que viria a seguir.

Riley terminou de comer e com um beijo, a deixei ir com Laurel.

Tomei um banho e ao sair do chuveiro, deixei meu olhar descansar na tatuagem no meu ombro.

Um sorriso brincou nos meus lábios ao me recordar do dia em que ela fora colocada ali. Parecia há tanto tempo. Parecia ontem.

Assim eram as lembranças.

Quando Luke chegou, ele não entrou, como sempre fazia. Ele tocou a campainha. Isso deu um tempo para eu analisar brevemente as batidas do meu coração. Ainda eram as de uma garota apaixonada.

Um coração apaixonado em um peito machucado.

Abri a porta e lá estava Luke. Tão lindo. Recordei-me da sensação de acordar sem me lembrar dele. De ser um estranho. E mesmo assim eu me sentia deslumbrada e atraída.

Mesmo agora. Quando nada mais era certo.

— Ei, por que não entrou?

— Eu não moro mais aqui.

— É, não mora.

Lembrar de nossas resoluções de ontem me deixaram triste. Era inevitável. Sabia que machucavam Luke também. Mas nós dois sabíamos que era preciso.

— Laurel veio buscar Riley. Disse que você ia passar aqui e que tinha algo para me falar.

— Acho que temos muitas coisas pra falar, mas a primeira é que queria te perguntar algo.

— Pergunte — sussurrei.

Ele sorriu, coçou os cabelos, daquele jeito tão dele.

— Você quer... sair comigo?

Arregalei os olhos, confusa.

— Sair? Tipo assim, um encontro?

Ele deu de ombros.

— Não achou mesmo que eu fosse te deixar ir sem tentar mais uma vez, não é, Ella?

Ah merda.

Meu coração disparou alarmanamente.

Suspirar era quase inevitável.

— Eu devia falar não, mas...

— Mas?

— O que faria se eu dissesse não?

— Eu iria embora.

— Oh... — Tentei não me sentir ridiculamente decepcionada.

— E acho que voltaria amanhã — ele completou.

— Tinha me esquecido que gosta de insistir.

Nós rimos.

Foi bom.

Foi reconfortante.

Deixou-me com a sensação de que tínhamos coisas boas a retirar um do outro ainda, afinal.

— Onde vamos? — questionei quando entrei no carro com Luke.

— Você vai ver.

— Achei que encontros fossem jantares finos e essas coisas.

Ele riu e não respondeu. E só saquei onde estávamos quando chegamos a um prédio e ao saltarmos eu vi a placa na porta.

O sorriso morreu no meu rosto.

— Não fique nervosa, precisaremos de ajuda se quisermos seguir em frente.

— Seguir em frente juntos ou sozinhos?

Luke apertou minha mão.

— Isso nós vamos descobrir. Não vai ser fácil, Ella, mas eu quero tentar. Devemos isso a nós mesmos. Devemos isso a Riley.

Sacudi a cabeça afirmativamente enquanto Luke me levava até a sala de espera e finalmente alguns minutos depois, estávamos sentados no sofá do terapeuta, um homem de meia-idade com olhar compreensivo. E despejávamos toda nossa confusão.

Eu me sentia um pouco mais leve quando Luke me levou para casa depois da nossa primeira sessão.

Ainda era cedo para saber no que ia dar. Mas falar com alguém imparcial sobre tudo, alguém que podia nos ajudar, era um alento.

E o que eu podia dizer?

Assim como Luke, eu também queria tentar.

Paramos em frente à porta do nosso apartamento, ou a que foi nosso um dia.

— E então, o que achou?

— Eu gostei — Sorri. — Talvez eu ainda preferisse o jantar fino e tudo o mais...

— Tudo o mais?

Eu dei de ombros.

— Você sabe, encontros com jantares costumam terminar em beijos...

— E antes que eu terminasse, Luke estava me beijando.

Foi breve, porém intenso.

Fez borboletas dançarem em meu estômago.

— Podemos nos beijar a cada encontro deste também, se preferir.

Ele sorriu me soltando e dando um passo atrás. E com uma última piscadela, deu meia-volta e se foi.

Caramba.

Quis chamá-lo de volta.

Mas sabia que ainda não era hora.

Ainda tínhamos um longo caminho para percorrer. Para que fôssemos capazes de perdoar os erros passados.

E quem sabe ter um futuro.

E era o que bastava por ora.

Eu não sabia se daria certo daquela vez.

Nós ainda éramos as mesmas pessoas. Confusas e problemáticas. Ainda tínhamos muitas coisas para entender e perdoar.

Não havia garantias que seria fácil.

Mas de uma coisa eu tinha certeza. Eu era louca por ele e sabia que ele sempre estaria ali por mim. Não importa o que acontecesse.

Luke sempre esperaria por mim.

Fim?

Nota da autora

Vocês devem estar se perguntando, cadê o epílogo?

Então, eu conheço os leitores de romance e sei que o coraçãozinho de vocês sempre carece de mais um tiquinho da estória dos personagens.

E como calejada escritora de romance que sou, estava aqui pronta para escrever, mas Ella e Luke não permitiram. Eles foram embora. Provavelmente devem estar agora em alguma sessão de terapia tentando resolver suas paranoias e seguir em frente e quem sabe, conseguirem ter, finalmente, um casamento sólido e cheio de amor.

Como shipper deste casal, e como boa romântica, eu acredito em finais felizes, mas às vezes ele não vem facilmente.

Você deve ter se perguntando em alguns momentos deste livro também, que tipo de segredo escabroso eu estava escondendo de vocês (é, eu sei que tenho um histórico), mas eu só queria contar a estória de duas pessoas que se apaixonaram e tiveram uma longa jornada cheia de erros e tropeços e que tiveram uma segunda chance para recomeçar. Porque é assim que a vida é.

Então, meus queridos, por ora, *O que escolhemos esquecer* fica por aqui.

Se um dia Ella e Luke baterem aqui na porta do meu escritório dispostos a contar mais de seu romance, eu estarei a postos para escrever e mostrar pra vocês.

Obrigada mais uma vez por embarcar em mais um livro comigo!

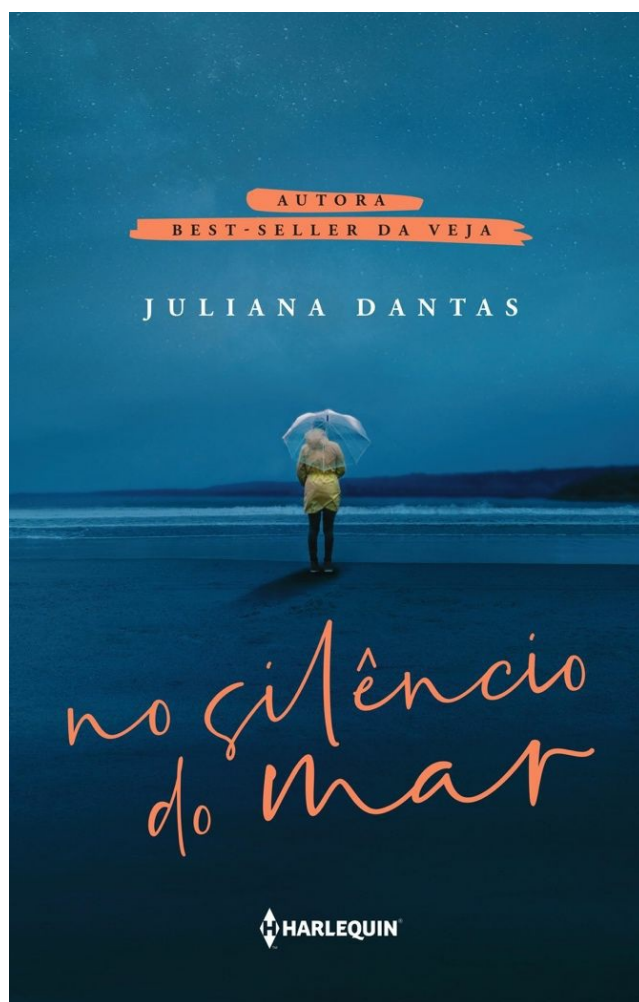
E não esqueçam de deixar sua avaliação! Quero muito saber o que acharam!

Se preferirem, podem me contatar em uma das minhas redes sociais ou pelo meu e-mail.

Um grande abraço,

Ju

Conheça outras obras da autora



Vista de fora, a vida de Ana e Gael parecia muito próxima da ideal: a casa perfeita, em frente à praia, planejada com esmero por ele; os dias sossegados de uma família um tanto introspectiva, mas íntima. A antiga atração irresistível que sentiam um pelo outro havia se transformado em algo muito diferente. Tão imprevisíveis quanto os humores do mar, as circunstâncias haviam lhe exigido a maior das intimidades. Juntos, compartilhavam um grave segredo.

Toda essa suposta tranquilidade foi imediatamente abalada com a chegada de misteriosos vizinhos. Desde que Ana avistara aquela mulher desconhecida aos prantos na praia, o castelo de areia que havia construído para si começou a desmoronar. O mar revoltado e impetuoso de que tinha tanto medo desde criança agora lhe cobrava que verdades assustadoras fossem reveladas. Não

havia mais como fugir.

Até onde o amor nos faz ser cúmplices das coisas mais terríveis?

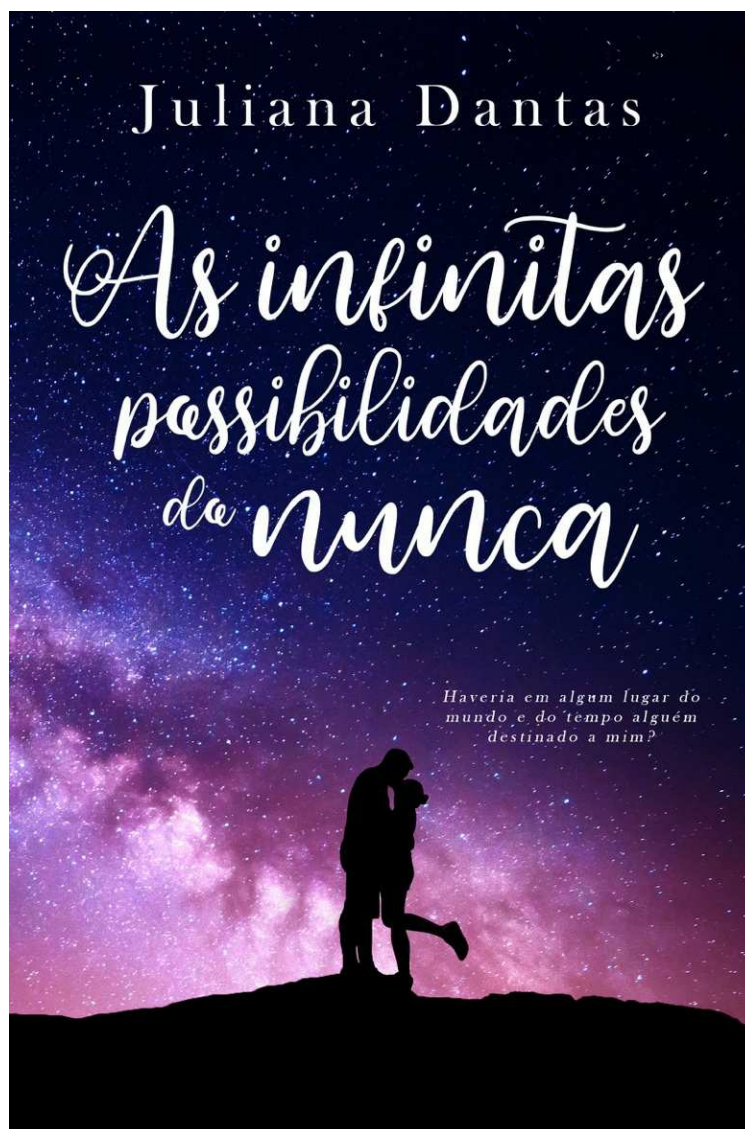


A escritora Melissa Blake, passou a infância e adolescência como filha única. Porém, às vezes, a vida toma um rumo totalmente extraordinário sem que possamos prever ou evitar. Sua mãe é acometida por uma grave doença e com a proximidade da morte, confessa a Mel algo que mudará tudo para sempre: A existência de sua irmã gêmea, Melanie.

Surpreendida, Mel se encontra com a irmã descobrindo que, apesar de idênticas na aparência, não poderiam ter histórias mais diferentes.

Vivendo uma existência simples em uma pequena cidade com seu marido e filhos, Melanie vê o chamado de Melissa como uma oportunidade para fugir de uma situação na qual se sente presa e infeliz. E se surpreende quando descobre que sua irmã é rica e famosa, tudo o que sempre sonhou para si. E mais: sua vida simples e bucólica é algo tão almejado por Mel.

Seduzidas, uma pelo glamour e a outra pela simplicidade, as gêmeas entrarão num jogo de troca de identidade tão perigoso quanto tentador.



Sarah é uma garota inteligente que nunca se envolveu com ninguém. Antes de ir para a faculdade, ela fez um acordo com seu melhor amigo Leo: se em um ano nada mudasse, eles perderiam a virgindade um com o outro quando ela voltasse para casa.

Com a aproximação das férias, Sarah percebe que Leo está muito ansioso esperando sua volta, a fazendo desconfiar que o amigo pode ter mais sentimentos por ela do que seria permitido. Com medo de estragar a amizade, Sarah decide perder a virgindade antes de reencontrar Leo.

O estudante de astronomia Nathan Cole é rico, bonito e de uma família importante. Porém, é um total mistério porque ele nunca se envolve com

ninguém. Até Sarah James entrar em seu caminho, lhe pedindo que tire sua virgindade.

E para a surpresa de Sarah, Nathan não só aceita, como lhe propõe que fiquem juntos por dois meses em um acordo de sexo sem compromisso.

Porém, a vida é feita de infinitas possibilidades, mesmo quando o acordo é nunca se apaixonar.

Sobre a autora

Juliana Dantas



Apaixonada por livros, séries e viagens, a paulista Juliana Dantas envolveu-se com a escrita em 2006, produzindo fanfics dos seus seriados e livros preferidos enquanto trabalhava em uma grande rede de livrarias. Estreou como autora independente na Amazon em 2016 e hoje possui 30 títulos na plataforma Kindle. Com mais de 60 milhões de páginas lidas e com dois títulos na lista de mais vendidos da *Veja*, sua escrita transita livremente entre dramas surpreendentes e romances leves e divertidos.

E-books Publicados na Amazon:

O Leão de Wall Street

Vendetta – Livro 1

Vendetta – Livro 2

Vendetta – Livro 3

Vendetta – Livro 4

A Verdade Oculta
Segredos que ferem
Linha da Vida
Longe do Paraíso
Espinhos no Paraíso
Juntos no Paraíso
Espera – Um conto de O Leão de Wall Street
Cinzas do Passado
Trilogia Dark Paradise (Box)
A Outra
Segredos e Mentiras
Uma vida extraordinária
Por um sonho
O Highlander nas sombras
Quando você chegou
O segurança de Wall Street
Box Vendetta
Uma noiva de natal
Um noivado nada discreto
O dia dos namorados de Julie e Simon
Um sonho de Princesa
As infinitas possibilidades do nunca
Desastres sexuais (Conto Amor, amizade e outros desastres)
Box Romances Inesquecíveis
No silêncio do mar

Livros físicos

A verdade oculta – Editora Pandorga
Segredos e Mentiras – Editora Volúpia
Quando você chegou – Editora Volúpia
Uma noiva de natal – Independente
Um noivado nada discreto – Independente
No silêncio do Mar – Harper Collins - Harlequin

Contatos

E-mail julianadantas.autora@gmail.com

Fanpage fb.com/@JulianaDantasAutora

Instagram [@julianadantas_autora](https://www.instagram.com/julianadantas_autora)

WebSite: www.julianadantasromances.com

Caixa Postal: 76964 CEP 05412-972 São Paulo SP